UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ALEXANDRE MENDONÇA DA SILVA

A SANTA CEIA E O IMAGINÁRIO CRISTÃO PROTESTANTE: RITO, SÍMBOLO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS.

JOÃO PESSOA
2015

ALEXANDRE MENDONÇA DA SILVA

A SANTA CEIA E O IMAGINÁRIO CRISTÃO PROTESTANTE: RITO, SÍMBOLO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS.

Dissertação com vistas à obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, na área de concentração Religião, Cultura e Produções Simbólicas.

Orientadora: Profª. Drª. Eunice Simões Lins Gomes

JOÃO PESSOA
2015

S586s Silva, Alexandre Mendonça da.
A Santa Ceia e o imaginário cristão protestante: rito, símbolo e produção de sentidos / Alexandre Mendonça da Silva.- João Pessoa, 2015.
207f. : il.
Orientadora: Eunice Simões Lins Gomes
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE
1. Ciências das religiões. 2. Santa Ceia. 3. Rito. 4. Narrativa simbólica. 5. Cultura e produções simbólicas. 6. Estruturas de sensibilidade.

UFPB/BC CDU: 279.224(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

"A SANTA CEIA E O IMAGINÁRIO CRISTÃO PROTESTANTE: RITO, SÍMBOLO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS"

Alexandre Mendonça da Silva

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Eunice Simões Lins Gomes
(Orientadora/PPGCR/UFPB)

Edvaldo Carvalho Alves
(membro-externo PPGCI/UFPB)

Pedro Farias Francelino
(membro-externo PROLING/UFPB)

Aos que comigo tem degustado o pão da convivência a cada dia incentivando-me na carreira acadêmica;

A memória do sorriso da pequena 'Alice Soares Torres' a quem o Eterno chamou para si no dia da entrega de nosso projeto de pesquisa;

A minha esposa Erika Roberta, pelo apoio, compreensão, participação, no processo de construção dessa obra;

Aos meus filhos, Gabriela, Daniel Antônio e Isabela de Araújo Mendonça, que diariamente me motivam a lutar por eles;

Ao senhor Antônio Mendonça da Silva, (in memorian), de quem a saudade é tão grande quanto o lamento de não tê-lo presente para participar a alegria dessa conquista em face do chamado superior do Eterno;

Ao meu Senhor Jesus Cristo, minha inspiração, a Ele que instituiu meu objeto de estudo, o rito da Santa Ceia;

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Aos familiares e agregados; minha mãe, Maria de Lourdes; minha sogra, Ilka Lima; meus irmãos, Andrea e Igor; meus queridos (as) sobrinhos (as), Iguinho, Duda, Livinha, Pedrinho, Davi e João Pedro; cunhado (as), Rômulo, Angela, Flávia e Karla; concunhados José Roberto e Marco, e a tia Zilkinha pelo suporte a meus filhos em minhas ausências;

Aos jovens Herminegildo Neto, Maximiliano Brito e Thayane Lima cuja contribuição faz parte do processo de produção desta dissertação;

A todos os irmãos e amigos do redil das comunidades que tive e tenho a honra de pastorear e ministrar, 'especialmente', aos jovens e adolescentes da Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa;

Aos conselhos das Igrejas Presbiteriana do Bairro dos Estados e Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa, que viabilizaram, e não se opuseram ou obstaculizaram, a realização de minha carreira acadêmica;

Aos amigos de curso Profª Karla Oton, e Profº Egivanildo Tavares, pelo encorajamento e instrução essenciais nos momentos de desânimo, dúvidas e encorajamento;

Aos colegas integrantes do GEPAI, pela valiosa troca de experiências, e agradável convivência durante esse processo de construção do conhecimento científico;

A equipe das secretarias do PPGCR e da 1ªIPJP, Sergio Lira, Deivid, Marcia Enéas e Avany, que durante esses três anos de curso e convivência, (2013-2015), me assistiram com seus préstimos, orientações e pronta atenção, em todas as necessidades e processo de construção dessa dissertação;

Aos funcionários (as) das bibliotecas que tive a oportunidade de frequentar, durante a construção dessa dissertação, (Bibliotecas setoriais dos cursos de Psicologia e Ciências das Religiões – UFPB; Faculdade Mauricio de Nassau e Biblioteca da FUNESC);

Aos Mestres e Doutores do PPGCR/UFPB, e outros programas e centros acadêmicos que ministraram seus conhecimentos durante nosso período de curso, através de aulas presenciais, palestras, encontros, colóquios e congressos transmitindo seu legado conceitual;

E como não poderia deixar de ser, 'especialmente a minha orientadora e mentora', a Profª. Pós Drª. Eunice Simões Lins Gomes; voz branda, 'paciente', encorajadora e de obstinação criativa, que tem me animado a refletir sobre a dádiva da imaginação;

A Ele, ao Eterno; pelo amor e doação de seu filho Jesus Cristo, o autor e consumador de minha fé; devoto, pelo auxílio de seu Espírito Santo, toda minha gratidão e esperança de que em breve Ele voltará! Apocalipse 22.20.

“[...] sabendo Jesus que havia chegado o tempo em que deixaria este mundo e iria para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim”.

Evangelho de João 13.1
Bíblia Sagrada

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 01 – A Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand (1997).....104

Esquema 02 – Regimes das Imagens na Teoria Geral do Imaginário – TGI.....106

Esquema 03 – O estado geral da pesquisa.....107

Esquema 04 – O Ministro e sua rede semântica.....125

Esquema 05 – O Ministro e a relação com os conceitos rito e sacramento.....128

Esquema 06 – O Ministro e a produção de sentidos na Santa Ceia.....157

Esquema 07 – O Congregado e as implicações de participar do rito da Santa Ceia.....167

Esquema 08 – O Congregado e a relação com os conceitos rito e sacramento.....173

Esquema 09 – Os Congregados e a produção de sentidos na Santa Ceia.....179

LISTA DE FIGURAS

Introdução:

Figura 01 – Teseu e o Minotauro de Creta – Tulherias – Paris.....17

Capítulo 1:

Figura 02 - Venda de indulgências na Saxônia por Johannes Tetzel.....44

Figura 03 – A religião na Europa por volta de 1648, e cidades importantes da reforma.....52

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Introdução:

Fotografia 01 – Mesa da Santa Ceia – Igreja Presbiteriana de Tambaú.....18

Fotografia 02 – Distribuição dos elementos - Igreja Presbiteriana de Tambaú.....20

Fotografia 03 – Recebimento do pão e do vinho – Igreja Presbiteriana de Tambaú.....23

Fotografia 04 – Culto com Santa Ceia – 1ª Igreja Presbiteriana de João Pessoa.....25

Capítulo 1:

Fotografia 05 – Distribuição do vinho – Igreja Evangélica Luterana do Brasil.....35

Fotografia 06 – Distribuição da hóstia – Igreja Evangélica Luterana do Brasil.....45

Fotografia 07 – Distribuição da Obréia – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Ressurreição.....47

Fotografia 08 – Presbíteros servidos pelo ministro – 1ª Igreja Presbiteriana de João Pessoa.....49

Fotografia 09 – Santa Ceia Anglicana – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Ressureição.....51

Fotografia 10 – Ministro Luterano celebrando a Santa Ceia – Igreja Evangélica Luterana do Brasil.....53

Fotografia 11 – Ministro Presbiteriano entregando os cálices – 1ª Igreja Presbiteriana de João Pessoa.....55

Fotografia 12 – A Santa Ceia na Igreja Presbiteriana – 1ª Igreja Presbiteriana de João Pessoa.....58

Capítulo 2:

Fotografia 13 – Distribuição dos elementos da Santa Ceia Anglicana – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Comunhão.....63

Fotografia 14 – Elementos da Santa Ceia sobre a mesa – Igreja Presbiteriana de Tambaú.....65

Fotografia 15 – Congregados recebendo sacramento – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Ressureição.....67

Fotografia 16 – Consagração do cálice – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Comunhão.....70

Fotografia 17 – Consagração do cálice – Igreja Presbiteriana de Tambaú.....73

Fotografia 18 – Benção na Santa Ceia – Igreja Evangélica Luterana do Brasil.....76

Fotografia 19 – Ministro servindo-se na Santa Ceia – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Ressurreição.....78

Fotografia 20 – Congregado servindo-se da Santa Ceia – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Ressureição.....79

Fotografia 21 – Obréias sobre a mesa da Santa Ceia – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Comunhão.....81

Capítulo 3:

Fotografia 22 – Distribuição dos elementos – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Comunhão.....84

Fotografia 23 – Culto com Santa Ceia – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Comunhão.....85

Fotografia 24 – Ministração do pão Santa Ceia – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Comunhão.....87

Fotografia 25 – Distribuição do pão Santa Ceia – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Ressureição.....88

Fotografia 26 – Santa Ceia em Igreja Protestante Histórica.....90

Fotografia 27 – Ministração do Pão – Igreja Presbiteriana de Tambaú.....91

Fotografia 28 – Ministração do Vinho – Igreja Presbiteriana de Tambaú.....98

Fotografia 29 – Ministração do Vinho – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Ressureição.....99

Fotografia 30 – Distribuição do Vinho – 1ª IPJP – João Pessoa.....100

Fotografia 31 – Presbítero servindo a Santa Ceia – Igreja Presbiteriana de Tambaú.....101

Capítulo 4:

Fotografia 32 – Memorial simbólico da Santa Ceia – Igreja Presbiteriana de Tambaú.....129

Fotografia 33 – Mesa com símbolos da Santa Ceia – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Ressureição.....135

Fotografia 34 – Altar com símbolos da Santa Ceia – Igreja Evangélica Luterana do Brasil.....139

Fotografia 35 – Mesa da Santa Ceia – Igreja Episcopal Anglicana Paróquia da Comunhão.....142

Fotografia 36 – Culto com Santa Ceia – 1ª Igreja Presbiteriana de João Pessoa.....152

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a.C.	Antes de Cristo
ATD	Análise Textual Discursiva
CFW	Confissão de Fé de Westminster
CR	Ciências das Religiões
EBD	Escola Bíblica Dominical
Foto	Fotografia
GEPAI	Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia do Imaginário
IEA	Igreja Episcopal Anglicana
IEAPC	Igreja Episcopal Anglicana Paróquia Comunhão
IEAPR	Igreja Episcopal Anglicana Paróquia Ressureição
IELB	Igreja Evangélica Luterana do Brasil
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
1ª IPJP	Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa
IPT	Igreja Presbiteriana de Tambaú
LOC	Livro de Oração Comum
PPGCR/UFPB	Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba
SCICP	Santa Ceia e Imaginário Cristão Protestante
TGI	Teoria Geral do Imaginário
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UPM	Universidade Presbiteriana Mackenzie

RESUMO

A forma como o homem relaciona-se com o sagrado é objeto de estudo de campos diferenciados nas ciências humanas. A compreensão acerca de como o intelecto processa as manifestações do fenômeno religioso na *práxis* dos adeptos das religiões se dá pela orquestração dos ritos, que desempenham a função de preservação e renovação do mito. A relação entre o *homo religiosus* e o binômio sagrado/profano ocorre quanto a ambientes, objetos ou estados psicológicos, e varia em certo nível de abstração nos ritos. Com o objetivo de ampliar o conhecimento quanto ao fenômeno religioso, objeto das Ciências das Religiões, propusemos observar o rito da Santa Ceia, celebrado pelos Protestantes Históricas, através de uma pesquisa qualitativa com procedimento de campo, utilizando a observação participante e entrevistas a ministros e adeptos do protestantismo histórico, buscando responder a seguinte questão problema: *Qual o sentido que os adeptos do protestantismo histórico conferem a simbologia dos elementos essenciais pão e vinho no rito da Santa Ceia?* Nossa pesquisa contribuiu para compreensão dos sentidos atribuídos a este rito nos adeptos das denominações Luterana, Anglicana, e Presbiteriana, comunidades do protestantismo histórico oriundas do movimento da Reforma Religiosa do século XVI na cidade de João Pessoa - PB. O método utilizado para análise dos sentidos observados e relatados foi o da Análise Textual Discursiva, através de entrevistas onde as perguntas tiveram por objetivo a descrição dos sentidos atribuídos pelos sujeitos ao participar do rito da Santa Ceia, e onde os dados coletados das entrevistas com os participantes do rito foram aplicados segundo o referencial do paradigma durandiano (1997). Nossa pesquisa justificou-se no campo das Ciências das Religiões através da identificação do fenômeno religioso entre os adeptos do segmento 'Protestante Histórico'. O processo hermenêutico aplicado ao *corpus*, pela Análise Textual Discursiva, nos permitiu constatar a relação entre a *práxis* religiosa dos sujeitos participantes do rito com seus elementos, pão e vinho, instituídos por Jesus Cristo como memorial de seu sacrifício, narrado simbolicamente através da Santa Ceia. Nos discursos dos sujeitos entrevistados, verificamos a presença das estruturas de sensibilidade heroica, mística e dramática, postuladas na Teoria Geral do Imaginário, através da evidência das imagens organizadas pelo Regime Noturno, gerando a eufemização da finitude, e ocasionando que uma narrativa simbólica que remete a morte, alimente nos Protestantes Históricos a esperança da vida eterna. Sistemas simbólicos, associações, decodificação, tradição, memória e transformação perpassam pela imaginação simbólica dos adeptos do protestantismo histórico. A análise da prática do rito da Santa Ceia, associando suas implicações teológicas, em diálogo com as Estruturas de Sensibilidade, contribuiu para avançar o conhecimento geral do homem e de sua religiosidade.

Palavras chave: Santa Ceia, Rito, Narrativa Simbólica, Símbolo, Estruturas de Sensibilidade.

ABSTRACT

The way man relates with the sacrate is the object study of many different humanity sciences. The understanding of how the mind process the manifestations of the religious phenomenon in the practice of religous people occurs by the rites orchestration, as they function as the myth preservation and renovation. The relationship between *homo religious* and the binomial sacred/unholy happenening depens on environment, objects or the psycological states that will vary the level of abstraction in the practice of the rites. Aiming to increase the knowledge about religious phenomenon, the object of study in the Religions Science, it is proposed the observation the rite of the Holy Communion celebrated by the Historic Protestants, through an interview with ministers and those of historical Protestantism doing a qualitative research with ethnographic outlining in order to answer the question: What meaning the followers of historical Protestantism give the symbolism of the essential elements of bread and wine in the rite of Holy Communion? The research will contribute on the understanding of the meaning given to this rite on the followers of the Lutheran, Anglican, and Presbyterian churches, which are within the historiacal Protestantism derived from the Religious Reformation of the Sixteenth century. The method we will use to analyze the reported and observed senses is the Discursive Textual Analysis, through interviews where the questions were aimed at the description of the meanings attributed by the subjects to participate in the rite of Holy Communion, and where the data collected from interviews with social texts participants of the rite will be applied according to the durandiano paradigm (1997). The research is justified in the field of Sciences of Religions considering that seeks to identify the religious phenomenon among followers of a significant segment of Christianity. Symbolic systems, associations, decoding, tradition, memory and transformation underlie the symbolic imagination of the historical Protestantism through the meaning of the elements bread and wine, instituted by Jesus Christ as a memorial to his sacrifice symbolically narrated through the Communion rite. Looking at ancient practice of this rite searching to understand its theological implications through Sensitivity Structures will contribute to advance the general knowledge of the man and his religiosity, through anthropological approach Imaginary Gerald Theory by Gilbert Durand.

Keywords: Holy Communion, Rite, Symbol, Sensitivity Structures.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....17

1 O PROTESTANTISMO HISTÓRICO.....27

1.1 A REFORMA RELIGIOSA DO SÉCULO XVI.....28

1.2 PRINCIPAIS PERSONALIDADES PRÉ-REFORMADORAS.....38

1.3 PRINCIPAIS PERSONALIDADES REFORMADORAS.....42

1.4 PRINCIPAIS NAÇÕES QUE ADERIRAM A UMA IGREJA REFORMADA.....49

2 O RITO PASCAL E SUA RESSIGNIFICAÇÃO NO SACRAMENTO DA SANTA CEIA.....58

2.1 A ORIGEM DO RITO PASCAL.....59

2.2 A RELAÇÃO SIMBÓLICA ENTRE A PÁSCOA E A SANTA CEIA.....65

2.3 A SANTA CEIA COMO SISTEMA SIMBÓLICO.....73

3 ANÁLISE MÍSTICA DOS SÍMBOLOS DA SANTA CEIA.....81

3.1 SOBRE O IMAGINÁRIO E O SIMBOLISMO.....82

3.2 O IMAGINÁRIO SOBRE O PÃO.....89

3.2 O IMAGINÁRIO SOBRE O VINHO.....95

4 EM VOLTA DA MESA: HERMENÊUTICA IMAGÉTICO SENSÍVEL.....101

4.1 O RITO E A RELIGIOSIDADE NA SANTA CEIA.....111

4.2 O MINISTRANTE NA SANTA CEIA.....122

4.3 O PARTICIPANTE NA SANTA CEIA.....158

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....185

REFERÊNCIAS.....189

APÊNDICES.....194

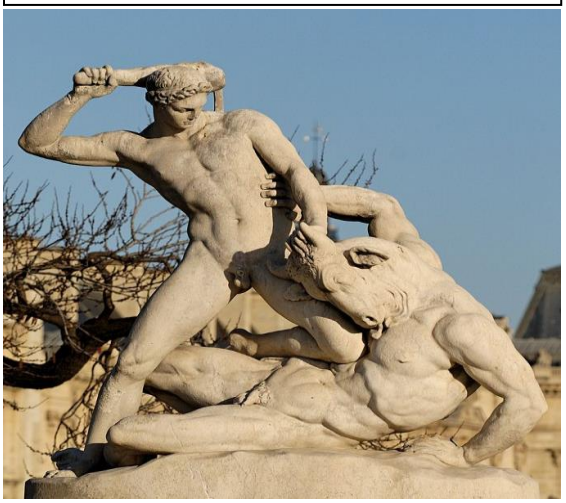
ANEXOS.....202

INTRODUÇÃO

> *As almas de todos os homens são imortais, mas as almas dos justos são imortais e divinas.*
>
> *Sócrates.*

Com a frase atribuída a Sócrates se inicia *Immortals*, (Imortais, 2011), um filme do diretor indiano Tarsem Singh, que traz para as telas do cinema uma fotografia elaborada ao estilo *300, (2007),* somada a inventividade de uma suposta mitologia grega como em *Fúria de Titãs, (2010).* O enredo escolhido trata de uma aventura na Grécia por volta de 1200 a.C., prestigiando uma releitura do mito da luta do herói Grego *Teseu*, filho de *Egeu*, com o filho de *Minos*, o *Minotauro de Creta*, personificado pelo rei *Hyperion*.

Figura 01 – 'Teseu e o Minotauro de Creta' – Tulherias – Paris



Disponível em:
https://www.epochtimes.com.br
Acesso em: 15/07/2015

Na aventura fílmica o rei *Hyperion* busca o arco de *Épiro*, feito por *Ares* no Olimpo, e que está perdido na terra. O rei humano quer o arco para libertar os Titãs aprisionados no monte Tártaro por *Zeus* e os deuses do Olimpo. Libertar os Titãs é a forma de *Hyperion* vingar-se dos deuses por não atenderem suas preces, e deixarem sua família morrer nas mãos de homens tão cruéis quanto ele se tornou. O ressentido rei se deparará com *Teseu*, um camponês que foi tutoriado desde criança disfarçadamente por *Zeus*, e que busca vingança contra *Hyperion* por matar sua mãe.

Imortais traz para a tela dos cinemas uma das narrativas da libertação de Atenas. Os nomes e personalidades associados à cultura helênica são a única relação real entre este filme e a mitologia grega. Na verdade, a obra midiática se apropria da mitologia e filosofia grega, resumida à frase de Sócrates, permitindo-nos com esse enredo citar a fala da personagem de *Hyperion* ao buscar seduzir *Teseu* aos seus intentos:

> Abrace-me Teseu, eles jamais darão a você '*um lugar a mesa'*. Mas poderá sentar a minha cabeceira. Muito depois dessa guerra terminar o meu nome ficará neste mundo para sempre. O sol jamais vai se por sobre o meu sangue Teseu. É isso que lhe ofereço: a imortalidade. (grifo meu)[1]

[1] Frase dita pela personagem do rei *Hyperion*, (Mickey Rourke), no filme de Tarsem Singh *Immortals*, 2011.

A oferta de *Hyperion* de '*um lugar à mesa'* consiste em um lugar de 'intimidade e honra' para perpetuação de um reino hegemônico, uma 'recordação gloriosa' e eterna dos seus feitos ao lado dos vitoriosos.

A imagem do lugar a mesa como sendo lugar de honra, é alimentada não só nas culturas antigas, mas igualmente no imaginário contemporâneo. Os valores da intimidade, reino e glória estão igualmente contidos nas palavras de Jesus Cristo por ocasião da instituição da Santa Ceia, rito essencial do cristianismo que foi instituído para ser perpetuamente realizado em memória de Jesus.

O que significa para os adeptos do Protestantismo Histórico a simbologia dos elementos presentes no rito da Santa Ceia? Com essa questão iniciamos a dissertação - *"A Santa Ceia e o imaginário cristão protestante: rito, símbolo e produção de sentidos",* buscando investigar os sentidos atribuídos pelos Protestantes Históricos ao rito da Santa Ceia pelo viés da Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand – (TGI).

Foto 01 – Mesa da Santa Ceia – IPT
João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Desde 2011 passei a cursar disciplinas como aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões - (PPGCR/UFPB), tendo formação acadêmica como Bacharel em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba – (UFPB) no ano de 2009, e Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – (UPM) no ano de 2012.

Meu ingresso no campo das Ciências das Religiões – (CR), se deu no Grupo de Estudo e Pesquisa em Antropologia do Imaginário – (GEPAI), em 2011, aonde iniciei minha trajetória de estudos da TGI, que proporcionam a base teórica para esta pesquisa contemplando a produção de conhecimento no âmbito da religiosidade e a compreensão da produção de sentidos através da imaginação simbólica, segundo Durand (2000).

Foi com o exercício do sacerdócio e o decurso da vida acadêmica no estudo das Ciências das Religiões que me propus a realizar esta pesquisa sobre a Santa Ceia praticada pelos adeptos do segmento religioso cristão Protestante Histórico e sua relação com as estruturas antropológicas propostas na teoria de Gilbert Durand (1997).

Através de nossa pesquisa pretendemos contribuir com a produção de conhecimento sobre religiões e religiosidades, suscitando uma reflexão com a articulação das ideias postuladas pela teoria durandiana e os aspectos fenomenológicos proporcionados no rito da Santa Ceia aos adeptos do Protestantismo Histórico de primeira geração[2], grupo representado pelas Igreja Luterana do Brasil – (IELB), Igreja Episcopal Anglicana – (IEA), e a Igreja Presbiteriana do Brasil – (IPB), comunidades de matriz teológica oriunda da Reforma Religiosa do Século XVI.

As denominações pesquisadas estão domiciliadas no município de João Pessoa, o que proporciona à comunidade acadêmica e aos programas de estudos da religião a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o fenômeno religioso em parte da população Protestante Histórica na capital da Paraíba.

Usamos a terminologia "Protestantes Históricos" com vistas a dirimir possíveis resistências ao termo análogo, "Cristãos reformados", e também buscando fugir da generalização implícita nos termos "Cristãos evangélicos" que por vezes tem sido associado na academia aos "Pentecostais", "Neo-pentecostais", "Seitas religiosas" ou grupos que se denominam cristãos, mas não têm vínculo institucional com o cristianismo professado pela Igreja Católica Apostólica Romana.

A relevância de nosso estudo está em que no ambiente do diálogo com outros campos do conhecimento, a exemplo do "teológico, filosófico, sociológico, psicológico e antropológico" conforme afirma Greschat (2005, p.159), contribuímos para ampliar a compreensão da religiosidade no segmento investigado, sendo isto interesse direto das CR, tendo em vista a complexidade que há no estudo dos ritos.

Diante da possibilidade de ampliar a compreensão quanto à temática do rito da Santa Ceia praticado entre os Protestantes Históricos, nos propomos a contribuir para a pesquisa científica nas CR, buscando "conhecer e compreender o universo espiritual e religioso" desse segmento investigado conforme ressalta Eliade (1992, p.97).

Agora que definimos a relação entre nosso objeto de estudo que é o rito da Santa Ceia praticado pelos Protestantes Históricos e o estatuto epistemológico das CR, passamos a investigar a prática do rito da Santa Ceia, na tentativa de conhecer suas implicações tanto teológicas quanto antropológicas, com vistas a compreender a relação entre os sentidos produzidos pelo rito da Santa Ceia.

[2] O Protestantismo histórico de primeira geração é formado pelas igrejas Luterana na Alemanha, por volta de 1530; seguidamente pela igreja Anglicana na Inglaterra em torno de 1534; e pela igreja Presbiteriana na Escócia, implantada por John Knox a partir de 1560, organizada nos moldes do sistema de governo genebrino aplicado por João Calvino na Suíça.

De acordo com a teologia das igrejas Protestantes Históricas, a prática do rito da Santa Ceia deve ser repetida até o retorno de Jesus Cristo, conforme ele prometeu e de forma simbólica como está relatado em 1 Coríntios 11.25: *"*[...] depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, *em memória de mim*, pois todas as vezes que comerdes o pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha."[3] (grifo nosso).

Foto 02 – Distribuição dos elementos
IPT – João Pessoa

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

No rito da Santa Ceia, o indivíduo é identificado com a mensagem da morte pessoal em Jesus Cristo e o novo nascimento espiritual. A Santa Ceia associa o cristão com a missão de Jesus Cristo, que segundo os Protestantes Históricos, morreu para que seus seguidores tenham a vida eterna. Desta forma, estes cristãos, devem pela associação com seu sacrifício, morrer para os valores terrenos.

O rito da Santa Ceia também chamada pelos Protestantes Históricos de "Ceia do Senhor", é um dos dois sacramentos ordenados por Jesus Cristo na Bíblia Sagrada, sendo o rito do Batismo o outro sacramento. Hodge (1999, p.454) afirma que: "[...] a Ceia do Senhor nasceu da Páscoa. Jesus tomou o antigo pão e o antigo cálice e lhes imprimiu uma nova consagração e um novo significado. (Mt 26.26-29). "Cristo, nossa Páscoa, é sacrificado por nós" (1 Co 5.7)"

O aspecto destacado por Hoddge (1999) na nova consagração e novo significado da Páscoa judaica dado por Jesus Cristo, associando-a com seu sacrifício pessoal e instituindo o rito da Santa Ceia para seus discípulos é um fenômeno dos quais ritos como o da refeição Pascal estão sujeitos a sofrer na forma de ressignificações segundo Vilhena (2005, p.22-23) que classifica os ritos como não sendo imutáveis, podendo ser recriados ou re-significados.

Ressaltamos também que a simbologia dos elementos da Santa Ceia encontrará na exegese bíblica o significado teológico, espiritual e institucional ministrado pelo celebrante, contudo, a promessa da vida eterna e da vitória sobre a morte e fragilidades da existência, dá ao participante da Santa Ceia nos símbolos do pão e do vinho, sentido de pertença e segurança diante das ameaças do mundo presente e da finitude.

[3] 1 Coríntios. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

Compreender o processo de enfrentamento da finitude por meio da observância a que se sujeitam os adeptos do Protestantismo Histórico ao participarem do rito da Santa Ceia, é uma tarefa instigante, o estudo dos ritos é considerado por Vilhena (2005, p.30) como precioso para vida de um grupo e permitirá ampliação da compreensão do fenômeno religioso entre os adeptos do protestantismo histórico.

As igrejas Protestantes Históricas, ao instruírem seus ministros religiosos, o fazem sob suas confissões de fé que se constituem em tratados teológicos organizados a partir de assembleias de teólogos e líderes convocados com o fim de sistematizar conciliarmente seu corpo de doutrinas. As confissões relacionadas diretamente as denominações que trabalhamos na pesquisa são o Livro de Concórdia (1580), dos Luteranos; o Livro de Oração Comum (1552) - (LOC), dos Anglicanos; e a Confissão de Fé de Westminster[4] (1646) – (CFW), dos calvinistas, subscrito pelos Presbiterianos.

O Livro de Concórdia foi organizado com o fim de estruturar o pensamento teológico da Igreja Luterana. Seus principais organizadores foram Lutero e Melanchton.

O Livro de oração comum, LOC, é o livro de orientação litúrgica e confessional da Igreja Anglicana e foi decretado pelo parlamento inglês juntamente com a decisão da participação dos leigos na Santa Eucaristia, teve seu texto concluído em 1552.

A Confissão de Fé de Westminster foi organizada nas dependências da abadia anglicana de Westminster em um período hegemônico do calvinismo na Inglaterra e foi adotada como confissão de fá dos presbiterianos.

Acerca da definição do significado do sacramento da Santa Ceia na CFW, Hodge (1999, p.443) interpreta que os sacramentos são ‘sinais’ “[...] para representar Cristo e seus benefícios [...] bem como para fazer uma diferença visível entre os que pertencem à Igreja e o restante do mundo”.

Para estes cristãos, um rito como o da Santa Ceia é um cerimonial sagrado, instituído não por homens, mas pela divindade. Fazer uso dos elementos pão e vinho funciona não como se tivessem poderes em si mesmos, mas como símbolos representativos de sua fé no sagrado, dissociando o participante do uso comum e ordinário que dá a esses elementos dos quais se serve no dia a dia.

No caso dos luteranos e anglicanos, os elementos pão e vinho funcionam como sinais de uma presença mística de Jesus Cristo, não corporalmente, mas espiritualmente, para os luteranos isso se dá apenas durante a cerimonia e para os anglicanos uma vez que pão e vinho

[4] A Confissão de Fé de Westminster é uma das mais conceituadas confissões teológicas do protestantismo. O documento escrito por teólogos chamados a sua época de puritanos, data de 1646 d.C.e tem por propósito apresentar um sistema de interpretação e exposição da bíblia através dos principais temas teológicos que se referem à doutrina reformada.

foram consagrados, sagrados o são e não devem ser desprezados, todos os elementos devem ser comidos naquela ocasião.

Em cada uma das denominações pesquisadas, o celebrante chama o devoto a examinar sua conduta para que possa comer do pão e beber do vinho como diz a Bíblia Sagrada em uma exegese das palavras do apóstolo São Paulo (1 Coríntios 11.27-28): “Por isso, aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor, indignamente, será réu do corpo e do sangue do Senhor. *Examine-se, pois, o homem a si mesmo* [...]

Proporcionar a compreensão fenomenológica deste sacramento guardado pelos Protestantes Históricos identificando os elementos da imaginação simbólica envoltos neste rito tornou-se nossa principal motivação para realização desta pesquisa.

Buscando situar o leitor em relação ao objeto e sua proposta epistêmica, que conforme afirmam Marconi e Lakatos (2012, p.228), definem a dissertação por sua “contribuição significativa na solução de problemas importantes, colaborando para o avanço científico na área em que o estudo se realiza”, entendemos que a análise do fenômeno religioso no segmento Protestante Histórico, por meio de um rito como a Santa Ceia proporciona a ampliação do conhecimento e do avanço científico sobre suas práticas litúrgicas, ritualísticas e sobre sua religiosidade.

Foto 02 – Distribuição dos elementos
IPT – João Pessoa

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Ressaltamos que na análise da prática do rito, buscamos identificar entre os adeptos de algumas comunidades do Protestantismo Histórico na cidade de João Pessoa o que se constituiu na nossa questão problema: O que significa para os adeptos do Protestantismo Histórico a simbologia dos elementos presentes no rito da Santa Ceia?

O caminho percorrido para responder a questão problema foi o da pesquisa social com abordagem qualitativa e viés exploratório, que segundo Alves (2007): “procura a situação ou fenômeno em toda sua extensão”.

Quanto à tipologia Barros e LehFeld (1986) categorizam nossa pesquisa como descritiva de campo, pois pela observação e coleta de dados fornecidos pelos sujeitos selecionados podemos contribuir para compreensão do fenômeno religioso relacionado ao segmento investigado, o que torna nosso trabalho igualmente interpretativo.

A TGI de Gilbert Durand (1997) permitiu a exploração dos objetivos específicos da pesquisa através da descrição do rito da Santa Ceia explorando o referencial da imaginação simbólica Durand (2000). A teoria durandiana proporcionou a análise dos símbolos e imagens presentes no rito da Santa Ceia identificando a atuação das estruturas de sensibilidade heroica, mística e dramática.

A metodologia de trabalho proposta na Análise Textual Discursiva – (ATD), de Moraes e Galiazzi (2011) permitiu discorrermos sobre o imaginário religioso dos Protestantes Históricos na sua participação na Santa Ceia.

Antes das visitas para o trabalho de observação participante realizamos uma exploração bibliográfica nas principais literaturas dogmáticas de cada instituição pesquisada para a descrição do rito da Santa Ceia nas denominações Luterana, Anglicana e Presbiteriana. Os trabalhos de observação participante foram marcados e autorizados pelos ministros de cada igreja visitada. Na ocasião da visita acordamos com o ministro da igreja local que abordaríamos alguns fiéis com vistas a marcar com eles entrevistas. As entrevistas objetivaram a compreensão a respeito do significado do rito da Santa Ceia tanto para o ministro quanto para sua denominação, e os fiéis de suas comunidades. Em nossa visita às igrejas pesquisadas, consideramos tanto o que Greschat (2005) destaca sobre "o nível de abstração da análise de um rito" como o da Santa Ceia, quanto o aspecto didático que é ressaltado por Vilhena (2005, p.29).

Na ocasião do trabalho de observação participante, após a realização do rito da Santa Ceia na igreja visitada, marcamos as entrevistas com seis membros comungantes da comunidade onde estivemos, selecionando aleatoriamente dois jovens entre 16 e 35 anos, sendo um homem e uma mulher; dois indivíduos adultos entre 36 e 59 anos, sendo um homem e uma mulher; e dois idosos acima de 60 anos, sendo um homem e uma mulher, permitindo assim a ampliação da visão do rito tanto no aspecto etário quanto no de gênero. Nas entrevistas buscamos coletar dados em seus discursos sobre o significado e sentido do rito da Santa Ceia na manutenção de suas espiritualidades.

O critério para inclusão de colaboradores entrevistados restringiu-se aos que sendo membros de uma das igrejas investigadas, fossem participantes do rito da Santa Ceia para verificação do fenômeno, estes são os chamados membros comungantes. Neste procedimento nos utilizamos da estratégia de escolha intencional para coleta de dados, segundo as características descritas por Barros e LehFeld (1986).

Os sujeitos da pesquisa são denominados "texto social", conforme Moraes e Galliazzi (2011), sendo analisados pelo procedimento metodológico da Análise Textual Discursiva e observados no seu ambiente de prática do rito da Santa Ceia.

As distinções analisadas foram identificadas na consulta bibliográfica em documentos que tratam da história, constituição e liturgia de cada denominação, por um apanhado geral da origem de cada do protestantismo Histórico, e pelas singularidades dos discursos de cada sujeito.

Foto 04 – Culto com Santa Ceia
1ªIPJP – João Pessoa

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Conforme mencionamos a TGI é nossa principal ferramenta de trabalho na interpretação dos dados coletados.

Durand (2002, p.18), define o imaginário como "o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens – aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano.", e para encontrar-se as criações do pensamento humano se exige laborar na relação de imagens que constitui o ideário de um indivíduo.

Durand, (2000) define a imaginação simbólica como sendo o momento "propriamente [...] quando o significado não é de modo algum apresentável e o signo só pode referir-se a um sentido, e não a uma coisa sensível". A imaginação simbólica articula-se de forma abstrata, e apenas amparados por uma teoria como a postulada por Durand (2000) será possível entendermos que a "representação simbólica nunca pode ser confirmada pela representação pura e simples do que ela significa".

Dessa forma, definir o sentido para um cristão de que o pão na Santa Ceia é 'o corpo de Cristo' e o vinho é 'o seu sangue', pelo significado informado a esse cristão, é reduzir a experiência religiosa a um aspecto estético e dogmático. Por conseguinte, destacamos também que os símbolos utilizados no rito da Santa Ceia em suas distinções, e ou, semelhanças nas denominações pesquisadas, têm, quanto ao significado das imagens simbólicas, uma transcendência que ultrapassa em certos casos nos sentidos apurados a convenção litúrgica.

No entendimento de Durand (2000, p.16), "o símbolo é como signo que remete para o indizível significado". Para Durand (2000, p.11), os símbolos eucarísticos permitem através da alegoria, a "descrição daquilo que é figurado", a materialização e libertação de um sentido meramente semântico contido em um significado, é o que o teórico trata como a "natureza do significado inacessível, *epifania*, isto é, aparição, através do e no significante, do indizível".

Sobre a liturgia Eucarística, Durand (2000, p.11) afirma que a "liturgia cristã ortodoxa, na ornamentação do iconostase ou no sacramento da Eucaristia, mostra bem que a imagem simbólica (ícone) é simultaneamente *anamnese* cujo tipo é o sacramento de comunhão.".

Sabemos que o que rito comunica, e os manuais litúrgicos orientam para a relação do celebrante e do devoto, transitará em um ambiente de associações, tradição, memória e transformação, todos perpassados pela imaginação simbólica quanto ao rito da Santa Ceia o que permite aplicar nesta pesquisa as bases teóricas do autor que utilizaremos como "lente" para compreensão do fenômeno religioso pelo viés antropológico. Esta discussão será ampliada no quarto capítulo dessa dissertação.

Convém-nos nesse momento acordar a terminologia 'estruturas de sensibilidade' definida por Ferreira-Santos e Almeida (2012), em lugar de 'estruturas antropológicas do imaginário' propostas na TGI por Durand (2002). Esta opção se justifica pelo caráter de um labor hermenêutico que vise à compreensão sensível dos sujeitos entrevistados.

As imagens envoltas no rito da Santa Ceia foram analisadas e interpretadas pelas chamadas "estruturas dominantes", Durand (1997), que são compreendidas por Ferreira-Santos e Almeida (2012, p.19) no tocante a classificação das imagens como estratégias utilizadas pelo imaginário para lidar com a questão da finitude, e para os teóricos "Nesse sentido são *estruturas de sensibilidade,* pois são motivadas tanto pelo aspecto racional, conceitual das imagens quanto por sua dimensão sensível, poética, afetual".

Para obtermos nossos objetivos buscamos situar no primeiro capítulo quem foram os precursores do público investigado na pesquisa, os adeptos do "Protestantismo Histórico", bem como a origem de sua nomenclatura. Procuramos conhecer o contexto sócio-político em que estes sujeitos atuaram e a trajetória percorrida para promoção das mudanças nos paradigmas medieval, na estratificação social ocidental, e na relação igreja/estado. O capítulo aborda o movimento da Reforma Religiosa do Século XVI e sua influência na sociedade europeia, identificando as principais personalidades pré e pós-reforma da cristandade, destacando objetivamente suas biografias e influências tanto nos adeptos de suas denominações como na sociedade, caracterizando um novo pensamento cristão que eclodiu na Europa no século XVI, aportou no Brasil no século XVIII e no final deste mesmo século na Paraíba.

No segundo capítulo discorremos sobre "O rito pascal e sua ressignificação no sacramento da Santa Ceia". Iniciamos o argumento levantando as origens do rito Pascal, tendo em vista a necessidade dessa relação pelo fato de Jesus Cristo ter instituído a Santa Ceia na ocasião do rito Pascal. Dessa forma abordamos igualmente a relação simbólica entre os dois ritos que previam um memorial a ser observado no passado pelos judeus e no futuro pelos

cristãos na forma da Eucaristia, conforme está dito em (1 Coríntios 11.24): "[...] *em memória de mim"*. As implicações da observância da Santa Ceia pelos cristãos são determinantes para compreensão do fenômeno religioso envolto nesse rito. Dessa forma, o segundo capítulo apresenta a relação simbólica entre a Páscoa e a Santa Ceia, aprofundando sobre o segundo a sua estruturação enquanto sistema simbólico originado no primeiro.

Os principais elementos signícos utilizados na Santa Ceia são o pão e o vinho. Sem eles não há o rito da Santa Ceia. No terceiro capítulo, investigamos a relação entre os indivíduos religiosos e os símbolos da Santa Ceia, pão e o vinho. Para realizarmos estes procedimentos introduzimos nosso aporte teórico referente à TGI. A "Análise Mística dos símbolos da Santa Ceia" contempla a abordagem da imaginação simbólica entre os participantes do rito da Santa Ceia e de que forma este pode ser compreendido através das estruturas de sensibilidade propostas na TGI, teorizando uma análise mística da produção de sentidos envolta no imaginário dos adeptos do Protestantismo Histórico quanto a Santa Ceia.

No quarto capítulo apresentamos o trabalho e seus resultados, este tem o título: "Em volta da mesa: Hermenêutica imagético-sensível". Nele estão as análises dos dados fornecidos pelos ministrantes e participantes do rito da Santa Ceia, onde os envolvidos expõem sua compreensão sobre o significado e atribuem sentido ao rito, recordando o sacrifício de Jesus para sua religiosidade pessoal e seu consequente enfrentamento do fato da morte. As análises originaram esquemas ilustrados com vistas a auxiliar na compreensão do fenômeno e compreensão dos sentidos atribuídos pelos entrevistados.

Assim, convido você a adentrar no ambiente das imagens inspiradas no cenáculo de Jerusalém onde a Santa Ceia foi instituída para decodificarmos a imaginação simbólica e sua relação com as estruturas de sensibilidade na prática do rito Eucarístico.

1 O PROTESTANTISMO HISTÓRICO

> *Ora, toda Igreja é funcionalmente dogmática, está institucionalmente ao lado da escrita. Uma Igreja, como corpo sociológico "corta o mundo em dois: os fiéis e os sacrílegos".*
>
> *Gilbert Durand*

> *Esses escritos são seus? Você irá retratar-se? – Se querem que eu repudie todos eles pensem no que estão dizendo. Seria como negar coisas que vocês afirmam ser verdadeiras. – Só esperamos uma resposta simples. – Se é o que desejam vou lhes dar uma resposta. "A menos que me seja mostrado através de provas claras, das Escrituras, ou por questionamento sensato, questionamento regenerado, não na sua arrogância, onde eu errei, eu não retiro nada do que disse. Minha consciência é cativa a 'Palavra de Deus', ir contra a consciência não é correto nem seguro".*
>
> *Martinho Lutero*

Para nossa compreensão acerca de quem sejam os sujeitos de nossa pesquisa buscamos brevemente analisar a Reforma Religiosa do Século XVI, também conhecida como "Reforma Protestante", que se tornou um movimento de grande influência histórica. Para tanto, delimitamos os sujeitos da pesquisa no segmento dos "Protestantes Históricos", tradicionais cristãos advindos da Igreja Católica Apostólica Romana, que tentaram promover reformas tanto institucionais quanto teológicas na igreja de Roma. Sobre a terminologia "Protestantes", Guedes (2012)[5] afirma:

> O termo *"protestante"*, (latim protestari), tornou-se alcunha para identificar aqueles que rejeitaram a autoridade papal e formaram comunidades religiosas independentes da Igreja Católica de Roma. O *marco fundante* deste termo foi à chamada *segunda Dieta de Espira,* ocorrida em 1529, presidida na ausência do Imperador Carlos V, por seu irmão, o rei Fernando, forte papista, onde se discutia revogar o edito anterior e mais tolerante de 1526 que permitia aos príncipes alemães conduzirem as questões religiosas dentro de seus respectivos territórios. Após intensos e tensos debates, Lutero, entre eles os eleitores de Frederico da Saxônia, Landgrave de Hesse, Albert Margrave de Brandenburg, Duques de Lüneburg, Príncipe de Anhalt, juntamente com os catorze deputados das cidades livres, retiraram-se temporariamente a uma sala contigua, para uma conferência, e ai formularam uma declaração que começava assim; *"Nós **protestamos** e declaramos abertamente diante de Deus e de todos os homens..."*. A partir de então, os que assim protestaram passaram a serem referidos pelos seus adversários pelo apodo de *"protestantes"*.

Nesse primeiro capítulo pretendemos compreender o cenário sócio-político e religioso em que nasceu o movimento de Reforma Religiosa do Século XVI, e quais as aparentes

[5] Texto citado do blog de estudos da história do protestantismo administrado por GUEDES, Ivan Pereira, mestre em Ciências das Religiões pela UPM – Universidade Presbiteriana Mackenzie. http://historiologiaprotestante.blogspot.com.br, Acesso em 18/07/2014.

inquietações que fizeram eclodir nesses cristãos as muitas demandas postuladas, especialmente a que se relacione com a ressignificação do sacramento da Santa Ceia. A pesquisa visa o enfoque tanto fenomenológico quanto teológico. Para tanto, refletir sobre a administração de um sacramento praticado pelo segmento reformado nos levou a investigação sobre a produção de sentidos no rito da Santa Ceia.

A investigação desses sentidos perpassa por conhecermos a trajetória das principais personalidades pré e pós-reforma fazendo-se necessário mencionar objetivamente um pouco dos acontecimentos envolvendo a vida de John Wycliffe, Jan Huss, Girolamo Savanarola, (Jerônimo Savanarola), Martinho Lutero, Huldreich Zwinglio, (Úlrico Zwinglio) e João Calvino, principais expoentes da teologia reformada, nossa intenção foi conhecer um pouco da trajetória e das ideias concebidas por estes homens sobre a Igreja de Jesus Cristo e seus sacramentos, bem sua influência histórica nos adeptos de suas denominações e na sociedade europeia no século XVI.

Ao término desse estudo, pretendemos identificar o novo modelo da religião cristã resultante dos acontecimentos que envolveram a Reforma Religiosa do Século XVI e que acabaram por caracterizar o Protestantismo Histórico.

1.1 A REFORMA RELIGIOSA DO SÉCULO XVI

Como todo movimento social a Reforma Religiosa do Século XVI não aconteceu instantânea ou repentinamente. Para falar-se de uma reforma religiosa da cristandade, há que voltar-se ao menos a quatro ou cinco séculos de trajetória anteriores a 31 de outubro de 1517, data em que Lutero afixou suas 95 teses as portas da capela do Castelo de Wittenberg[6].

Retroagiremos a Lutero para assinalar momentos de tensão do cristianismo dos séculos XI ao XIII na Europa ocidental a partir das Cruzadas, (1095-1291). As Cruzadas se constituíram por uma guerra santa contra os inimigos da Cruz, denominando-se a força espiritual da cristandade no ocidente. Nas Cruzadas, a posição hegemônica da Igreja oficial marcava que vencer pela Cruz implicava matar em nome de Deus.

O século XII viu o surgimento de novas organizações eclesiais denominadas de ordens. Estas tinham objetivo análogo ao das Cruzadas, ou seja, salvaguardar a Igreja, seu patrimônio e sua hegemonia. As ordens monásticas mais atuantes nesse momento histórico

[6] Data de 31 de outubro de 1517 a ocasião em que Martinho Lutero publicou as portas da capela do castelo de Wittenberg na Alemanha as sua 95 teses contra a venda de indulgências para libertação do purgatório, vendidas por Johannes Tetzel, promovendo assim uma denuncia a prática mercadejam-te que havia se instalado na Igreja visando à edificação de seu patrimônio e construção de suas catedrais.

são os dominicanos e franciscanos, atuantes na resolução de trazer os muçulmanos e os hereges à fé e à tutela da Igreja. Aos cistercienses coube a disseminação de uma reforma monacal para corrigir a falta de disciplina nos mosteiros.

As ordens militares transitavam na pacata e reflexiva vida monástica em uma postura dual, impondo a piedade característica da vida monacal à postura aguerrida do tríplice voto monástico, ocupando-se de armas para defesa da Igreja. Sobre o argumento de se estar defendendo a fé, a ideologia da guerra empreendida pela religião torna, a seus olhos, a política de guerra uma ética coerente, conforme Mata (2010, p.111),

> A religião pode produzir uma ética guerreira altamente coerente. A enorme difusão do culto ao deus oriental Mithras (ou *sol invictus*), introduzido em Roma pelos legionários, por um bom tempo rivalizou em importância com o cristianismo em ascensão. Os cavaleiros Templários ou os *sikhs* na Índia –cuja especialização na arte da guerra os tornou, segundo se diz, os melhores soldados das forças de ocupação britânicas – mostram que algo como um mandamento de fraternidade universal não é tão óbvio à esfera do religioso quanto se poderia acreditar. (grifo do autor).

A ordem militar dos "Cavaleiros Templários" tinham esse nome em função de sua sede que se localizava perto do templo de Jerusalém com o objetivo de protegê-la dos muçulmanos. Também dentre as ordens militares estavam os "Cavaleiros Hospitalários" que se ocupavam de cuidar dos doentes e dos peregrinos.

Os principais movimentos leigos dos séculos XII e XIII são os Albigenses, de cunho mais filosófico e os Valdenses, puritanos que em muito se assemelham à motivação missionária e ao retorno da Igreja as práticas do Novo Testamento como, diziam os reformadores. Os Valdenses tinham por principal característica a pregação do evangelho como leigos, atitude veio a ser proibida e perseguida pelo papado.

No tocante ao culto, a Igreja medieva estruturou e sistematizou sua prática litúrgica por meio da síntese escolástica, ou o Escolasticismo, que quer dizer: "o lugar onde se aprendia". Na idade média dos anos (1054-1305), sob a influência do Escolasticismo, a cristandade viu nascer o grupo que substituiria os pais da Igreja por meio do surgimento das Universidades nas dependências dos mosteiros.

Os Escolásticos buscaram racionalizar a teologia. Grande parte da sistematização da teologia Católica Romana se deve aos sistemas teológicos postulados por Abelardo (1079-1142); Alberto Magno (1206-1280); e seu principal expoente, Tomás de Aquino (1225-1274), este, denominado o "Doutor Angélico", formulador dos grandes pressupostos da teologia Católica Romana contida na sua obra, *Summa Theologiae*, ou "Suma Teológica", que

segundo Cairns (1995, p.191), se constitui no modo de vida característico da espiritualidade do homem medievo:

> A *Summa Theologiae* consiste de três mil artigos, com mais de 600 questões em três grandes seções. Ela pretendia ser uma exposição sistemática de toda teologia. Tornou-se então, a exposição clássica do sistema da Igreja Católica Romana. Os teólogos neo-tomistas de hoje estudam a grande catedral intelectual de Tomás de Aquino com mais interesse do que os estudiosos medievais. (grifo do autor)

Os pré-reformadores e o próprio Lutero denunciaram os escândalos morais e os altos impostos papais determinados pela igreja aos estados, já apontando sinais do declínio do papado, que aconteceu entre os anos 1309-1439, quando os concílios ecumênicos buscaram legar a cristandade, tratados que possibilitassem sua homogeneidade, como destaca Agnolin (2013, p.235),

> O século IV representa, portanto, o marco de uma cristandade que adquire uma forma histórica caracterizada pela unidade doutrinária e eclesiástica, fundamentada no caráter majoritário e, por consequência, necessariamente sujeita a fracionamentos minoritários que adquiriam o nome de heresias ou cismas. Adquirida no Concílio Ecumênico de Nicéia, essa forma histórica foi sustentada pela necessidade de dar ao Cristianismo das igrejas locais uma forma comum e universal: tratava-se, enfim de contê-las todas numa única igreja.

As incoerências de uma igreja piedosa nos tratados, mas pagã nas práticas, originaram um misticismo opositor do formalismo cerimonial, que buscava uma transcendência que transpusesse o racionalismo, desembocando em um período de esterilidade da espiritualidade, reduzindo os atos de culto a cerimônias friamente celebradas por alguns sacerdotes como esclarece Cairns (1995, p.202):

> O místico deseja um contato direto com Deus pela intuição imediata ou pela contemplação. Se a ênfase se coloca na união da essência dos místicos com a essência da divindade na experiência do êxtase, que é a coroação da experiência mística, estamos diante do misticismo filosófico. Se a ênfase reside numa união emocional com a divindade pela intuição, o misticismo é psicológico. O principal objetivo em ambos os casos é a apresentação imediata de Deus numa forma extra-racional em que o místico espera por Ele, *(Deus)*, numa atitude receptiva e passiva. Estes dois tipos de misticismo são vistos no século XIV. (grifo meu)

Enquanto os místicos tentavam não arrefecer o fervor de sua religiosidade não permitindo que a cristandade se resumisse a orquestração de ritualidades impessoais, homens

como John Wycliffe (1328-1384); Jan Huss (1369-1415); considerados precursores da reforma, lutaram pela ortodoxia na Igreja, buscando tornar a Bíblia acessível ao povo comum, e também, contrapondo a avareza que proliferava na Igreja.

Nutrindo um sentimento de indignação ante a cobrança de pesados impostos aos estados europeus no período denominado pelos historiadores como o "Cativeiro Babilônico"[7] (1309 à 1377), período em que o rei da França leva a sede do papado para Avignon e de lá cobra os impostos durante sessenta e oito anos. Os pré-reformadores, influenciados pelo Renascimento, questionaram a atuação da igreja na vida social europeia, portanto não é necessário argumentar a insatisfação inglesa, que ao pagar esses impostos fortalecia economicamente à França sua inimiga. Os pré-reformadores, sendo ingleses, pareciam ter um motivo a mais para fazer nutrir um sentimento contrário ao papismo que motivasse a insurgência contra a igreja Católica Apostólica Romana.

Nesse ambiente, surge o questionamento da autoridade papal, fazendo que os místicos propusessem que fosse aceito pela igreja um colegiado de líderes que pudessem representar os leigos na instituição. Diferentemente do que promoveram Wycliffe e Huss acentuando o valor da Bíblia, os concílios reformadores de 1409-1449, segundo Cairns (1995), "achavam que os representantes do povo da Igreja Romana eliminariam os líderes eclesiásticos corruptos. Os concílios não acentuaram o valor da Bíblia [...] nem procuraram a reforma pela expressão religiosa própria dos místicos".

Tornar a religião algo mais pessoal, legitimar uma liderança que fosse de fato representativa para os leigos, elevar a Bíblia como verdadeira fonte de autoridade na Igreja Romana eram anseios dos pré-reformadores em direção a uma Igreja mais democrática e eclética enquanto organismo ideológico vivo e enquanto instituição.

Pressionado ideologicamente pelos ideais relacionadas da renascença, e internamente pelo anseio de reforma tanto religiosa quanto políticas, ante a corrupção inevitável em face da relação igreja-estado. Somam-se as pressões ao papado, a tentativa dos leigos de gozar uma representatividade na autoridade eclesial fazendo frente aos corruptos que envergonhavam a imagem da Igreja entre os leigos.

O estabelecimento do Renascentismo[8], o surgimento de uma classe média emergente, e o desenvolvimento das nações-estados com seus respectivos soberanos, colocou fim à

[7] O Cativeiro Babilônico é uma alusão ao cativeiro babilônico bíblico em que o povo de Judá foi espoliado pela Babilônia de Nabucodonosor no ano 586 a.C.

[8] O Renascimento marca o declínio do paradigma medieval e o início da modernidade. A expansão geográfica pelas descobertas marítimas, o espírito inquiridor e investigativo, o intelectualismo secular, o surgimento das nações-estado com a urbanização e desenvolvimento do comércio fazendo surgir a classe média europeia, a

proteção dos senhores feudal aos clérigos. Do crescimento e desenvolvimento do comércio surge uma classe média participante das decisões que envolvessem a vida política tendo em vista seu interesse econômico direto.

Como resultado das pressões externas, internas e políticas, a fragmentada igreja no ocidente se afasta da Igreja cristã no oriente, fazendo com que a Igreja oriental permanecesse estática tanto teologicamente quanto em seu aspecto expansionista, o que se asseverou após a queda de Constantinopla para os Turcos, em 1453. Neste ambiente surge a Igreja Ortodoxa Grega sob a liderança dos patriarcas russos.

Sobre os eventos que estavam por transformar o mapa da cristandade tanto no oriente quanto no ocidente, Cairns (1995, p.220) afirma:

> Entre 1305 e 1517, as forças promotoras da mudança estavam em operação na Igreja do Oriente e na Igreja do Ocidente. No Oriente, as mudanças seriam operadas em termos de liderança e organização eclesiástica, enquanto no Ocidente, a Reforma instauraria mudanças fundamentais que não só criaram igrejas protestantes nacionais, mas provocariam uma reforma dentro da Igreja Católica Romana como forma de resolver o desafio do protestantismo.

O aparente insucesso das reformas promovidas pelos místicos, religiosos e concílios pareceu frustrar o sentimento reformista de retorno às práticas neo-testamentárias por parte da Igreja internamente. A tentativa de reforma interna através dos concílios tornaria uma questão de tempo o que viria a acontecer em 1517.

A Reforma Protestante era inevitável, haja vista a relutância em aceitar as propostas dos místicos Wycliffe e Huss, e a inflexibilidade ante os concílios reformadores, *Pisa* (1409); *Constança* (1414-1418); *Basiléia* (1431-1449); *Ferrara-Florença* (1438-1449). A resistência aos argumentos humanistas fortaleceria o questionamento acerca de qual deveria ser o papel da igreja na relação com o estado.

O apogeu econômico das nações-estados que se insurgiram contra os impostos requeridos por Roma, e o comprometimento com ideais de um passado clássico e pagão, impediam que a igreja cedesse às dinâmicas e transformações sociais que estavam ocorrendo em relação ao clero conforme analisa (Cairns, 1995). O argumento dos reformistas encontrará o apoio das elites para a questão: O que deveria ser reformado?

---

invenção da imprensa de tipos móveis, e a reforma religiosa no início do século XVI são os principais elementos que caracterizam esse período histórico.

1.1.1 Reformando o paradigma ortodoxo medieval.

As pressões para reforma da igreja ocasionaram um levante de resistência por parte do clero. As mudanças sugeridas pelos pré-reformadores, e pelos humanistas, desencadearam a violência que levou a cabo a vida de Huss, queimado na fogueira acusado de heresia em 1415, e posteriormente Savanarola e centenas de mártires.

As nações-estados se opuseram ao poder papal. As modificações na economia se transferindo de uma estrutura agrícola, para o comércio nas cidades, impulsionado pelas descobertas marítimas, despertaria a aversão às remessas financeiras para Roma, que não geravam nenhuma contrapartida de benefícios sociais, sequer, no nível de pastoreio de um rebanho que bancava o envio dessas riquezas aos cuidados dos pontífices.

No final da Idade Média, os fundamentos que sustentavam a Igreja Romana enquanto instituição hegemônica por volta de 1500 estavam ruindo. Mudanças do paradigma político, econômico, intelectual e religioso exigiram a revisão do conceito de Igreja Universal, seguindo as novas tendências da sociedade ocidental.

Foto 05 – Distribuição do vinho
IELB – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertacão SCICP

A estrutura de Igrejas nacionais, estatais, ou mesmo livres, atenderiam melhor as necessidades de estados autônomos. A relação Igreja/Estado, que perdurou por séculos no ocidente, precisava ser modificada diante de um mundo que se reformava tanto política quanto ideologicamente, isso associou o Escolasticismo a filosofia grega, no trânsito ideológico aonde as bases da teologia bíblica protestante foram lançadas.

A postura assumida pelo homem nos dias do Renascimento, período em que se dá a Reforma Religiosa do Século XVI, em relação ao homem medieval, é que o primeiro relacionava-se com doutrinas da Igreja na Idade Média, temendo a autoridade dos sacerdotes que poderiam privar-lhes das graças distribuídas por estes através dos sacramentos que eram dádivas da igreja.

Na Idade Média, doutrinas como a da ‘Transubstanciação’, referente à Eucaristia, aonde os elementos ‘Pão e Vinho’, convertem-se literalmente, após as palavras do sacerdote,

no ‘Corpo e no Sangue’ de Jesus Cristo, eram inquestionáveis. No Renascimento o homem religioso questiona: Teria realmente o sacerdote esse poder? Nesse exemplo da Eucaristia percebemos mudanças na relação fé/racionalidade.

Este posicionamento reflexivo e questionador são característicos no indivíduo religioso no Protestantismo Histórico, bem como na sua relação com o fenômeno religioso referente a um rito como o da Santa Ceia, o que justifica esse recorte histórico quanto a nosso objeto de estudo, e suas significações e produção de sentidos, tanto para ministrantes, quanto para devotos do protestantismo na contemporaneidade.

A partir de 1650 este paradigma seria novamente revisto no ocidente pela filosofia idealista alemã, resultando numa civilização secularizada e pragmática quanto à religiosidade, conforme ressalta Cairns (1995). Refletiremos sobre esse ambiente acerca da relevância do rito da Santa Ceia e sua relação com o homem moderno, pelo viés das estruturas de sensibilidade da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand, (1997).

Quando Lutero atentou nas Escrituras para o ensino de que “o homem é justificado pela fé e não pelas obras”[9] (grifo meu), e que sacramentos como a Eucaristia, tem seu valor simbólico e místico, mas não deveriam servir à igreja como moeda de troca para obter-se, bênçãos, e subserviência dos fiéis, a religião cristã passou a rever sua relação com um mundo que se reformava a partir da superação paradigma medieval.

1.1.2 Reformando o paradigma da estratificação social ocidental.

As descobertas de Colombo e outros exploradores que fizeram dos mares do planeta símiles das estradas e rotas comerciais, aconteciam à mesma época das produções literárias dos reformadores. Conforme Cairns (1995), “Lutero traduzira o Novo Testamento para o alemão em 1522, e o navio de Magalhães completava a sua volta ao mundo”, já quanto à relação igreja/estado o movimento era inverso.

Se o desenvolvimento da civilização ocidental exigiu um alargamento de fronteiras geográficas, o conceito de estado universal sucumbiria ao estabelecimento da nação-estado com poder centralizado, governo autônomo, poderio militar e sentimento nacionalista. O alcance destas características só foi possível por meio de uma atuação social ativa da religião cristã como ressalta Mata (2010, p.105):

[9] Romanos. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

> A ambivalência política da religião é, sem dúvida, um de seus aspectos mais fascinantes: em determinadas circunstâncias, ela atua como fenômeno revolucionário; em outras, como bastião da ordem e esteio simbólico de ditaduras ou de um rígido sistema de estratificação social. O cristianismo oferece um exemplo clássico. Tendo desenvolvido um antídoto razoavelmente eficaz contra suas tendências apocalípticas originais, ao longo do tempo ele harmonizou sua ética com as necessidades do poder político, aceitou a existência da injustiça social e da escravidão, atribuindo-os à "ordem natural" estabelecida por Deus. Mas, ao mesmo tempo, o cristianismo carrega dentro de si o germe de uma atitude diametralmente oposta [...] "comunismo de amor" (*Liebeskommunismus*).

A sociedade medieval não estava firmada em um sistema de castas como na Índia oriental, porém, assemelhava-se a este, tendo em vista que os indivíduos morriam na classe social em que nasciam. Na Idade Média, o filho de um servo dificilmente acenderia socialmente salvo viesse a servir na igreja. No Renascimento, a classe média mercantil transformaria não só a nobreza feudal, mas a condição social dos indivíduos.

Quando aconteceu a Reforma Protestante, por volta de 1500, o modelo supracitado foi alterado. O comércio permitiu a ascensão através dos negócios a posições sociais privilegiadas. A servidão deu lugar a uma nova classe social, composta por proprietários livres, fazendo surgir uma pequena nobreza nas cidades. Esta nobreza financiou e apoiou líderes como Lutero no movimento da Reforma Religiosa na Europa.

As transformações intelectuais do Renascentismo proporcionaram um ambiente favorável para a expansão das ideias do Protestantismo, permitindo que os teólogos, constatassem uma diferença na estrutura da Igreja primitiva em relação ao Catolicismo medieval. Os pré-reformadores viam uma necessidade de redefinir o papel da igreja na sociedade e no estado, enquanto os reformadores viram que isso seria impossível.

1.1.3 Reformando o paradigma da relação igreja/estado.

No século XVI, a uniformidade religiosa dará início à diversidade religiosa cristã. As igrejas protestantes nacionais que surgiram na Europa, substituiriam o modelo de uma igreja universal internacional por uma igreja que de fato coexistia com o estado, a exemplo das igrejas Luterana e Anglicana, comandadas pelos governantes de seus países até 1648, quando surgiriam outras denominações e maior liberdade religiosa.

Da descoberta das Américas por Colombo até a afixação das 95 teses de Lutero, nas portas da Capela de Wittenberg em 31 de outubro de 1517, atitude característica do debate de teses acadêmicas, desencadearam-se transformações na sociedade europeia, fazendo com que

a Reforma Religiosa transpusesse esta esfera e influenciasse o indivíduo religioso a um padrão dinâmico mais característico da sociedade moderna.

Existe várias formas de se enxergar a Reforma Religiosa do Século XVI, que durou dos anos 1517 a 1563, como um evento que marcou época e acabou por transformar o mapa político-religioso europeu. Este movimento pode ser interpretado sobre distintos filtros históricos conforme Cairns (1995, p.224), afirma:

> O nome e o sentido dados a Reforma são condicionados pela visão do historiador. O historiador católico romano entende-a apenas como uma revolta de protestantes contra a Igreja universal. O historiador protestante considera-a como uma reforma que fez a vida religiosa voltar aos padrões do Novo Testamento. O historiador secular, (contemporâneo), interpreta-a como um movimento revolucionário. Se se considera a Reforma somente a partir de uma perspectiva da *política* ou da administração eclesiástica, ela pode ser tida como uma revolta contra a autoridade da Igreja de Roma e seu chefe, o papa. (grifo meu).

A Reforma Religiosa do Século XVI não foi alcançada pelos pré-reformadores, que marcaram os momentos mais tensos de sua eclosão, contudo, este movimento, conforme destaca Cairns (1995), fez com que a Igreja Católica Apostólica Romana, acabasse reformando-se ao originar nela uma resistência que impedisse o desenvolvimento do protestantismo, chamada de Contra Reforma (1545 – 1563).

Através de concílios, os Católicos Romanos editaram decisões que modificariam a estrutura da Igreja cristã medieval com o fim de frear o protestantismo. Compreendemos assim que a Igreja Católica Apostólica Romana reformou-se, transformando-se em uma força missionária que atribuiu a si a conquista da América do Sul e Central pelo trabalho missionário supostamente conversor das massas colonizadas.

Conversão por meio da colonização é análogo a dizer que quando as nações-estado aderiram aos ideais da Reforma Religiosa do Século XVI, anularam a manifestação do fenômeno religioso Católico Romano nos cidadãos desses países. Sobre o fenômeno da conversão, Mata (2010 p.102) diz que a historiografia não o tem tratado como algo do qual se dê tanta atenção,

> Tradicionalmente, a historiografia dá pouca atenção ao fenômeno da conversão religiosa. Mais excitante intelectualmente foi o demonstrar a sua "impossibilidade". Falou-se muito de adesões meramente formais ao catolicismo no Brasil colonial, seja da parte de indígenas, seja de africanos, seja de judeus. Não há dúvida de que o catolicismo, sendo uma religião essencialmente prático-ritual, tornou isso possível. Inúmeros testemunhos de retorno dos batizados às antigas práticas "pagãs" entre as sociedades africanas, nas tribos germânicas e na China confirmam a precariedade

> das “conversões” em massa de que se vangloriam os missionários. Em estudo clássico sobre a religião germânica antiga, De Vries (1957, p.437) mostra que “o que permite, em muitos casos, a passagem ao cristianismo não é o sermão cristão. Antes, a questão decisiva é a de qual deus, cristão ou pagão, é o mais forte”.

A Reforma Religiosa do Século XVI na Europa ocidental alcançou majoritariamente sua parte sul. A Igreja no oriente, e os povos latinos do antigo Império Romano, não aderiram aos ideais reformados apoiados pela classe média europeia. A condição de modernidade não alcançara os orientais, que não viram razões para mudança. Sobre a Reforma Religiosa do Século XVI, Cairns (1995, p.224) destaca:

> Não é fácil aclarar o sentido do termo “Reforma”. Se for considerado apenas como um movimento religioso de criação de igrejas nacionais, seu período de duração vai de 1517 à 1648. Como, porém, a Holanda só aderiu ao protestantismo depois do concílio de Trento, parece mais correto circunscrever a parte mais importante da Reforma aos anos 1517 à 1563. Assim, a Reforma é tomada aqui como um movimento de reforma religiosa que resultou na formação de igrejas nacionais entre 1517 e 1545.

Para o historiador Católico Romano o movimento de Martinho Lutero é visto como uma heresia instigada por interesses pessoais, como casar-se e afrontar a autoridade papal. Para estes historiadores a Reforma Protestante foi herege, cismática, e destruiu a unidade teológica e eclesiástica da Igreja medieval na opinião de Cairns (1995).

Para a história geral, os fatores que interessam na Reforma Religiosa do Século XVI são pontuais. Ela é interpretada como uma briga de monges da Saxônia aonde os agostinianos discordaram dos dominicanos quanto ao tema das indulgências. Na Inglaterra, ela torna-se motivada pelo caso de amor de Henrique VIII com Ana Bolena ocasionando o divórcio com Catarina de Aragão, além do arresto das terras da Igreja Católica Apostólica Romana.

Para os historiadores marxistas, a Reforma Protestante é vista pelo filtro do determinismo econômico. O movimento tem a ver com a reação alemã para não ser explorado financeiramente pelo papado. Politicamente, a história reserva a interpretação da reforma como uma oposição a uma Igreja internacional que permitiria a criação de nações-estados tornando-a um movimento nacionalista, maquiado pela religião.

Para alguns historiadores protestantes, a Reforma Religiosa do Século XVI relaciona-se com um movimento essencialmente religioso que redescobrira os ideais do cristianismo primitivo. A Reforma Religiosa do século XVI envolve questões que não permitem

reducionismos de nenhuma espécie. Conheceremos um pouco da trajetória dos homens que levaram a cabo estas transformações político-sociais.

1.2 PRINCIPAIS PERSONALIDADES PRÉ-REFORMADORAS

O declínio da era medieval relaciona-se diretamente ao estabelecimento do paradigma moderno que passará por uma transição que acompanhará o declínio do papado desde os anos 1305 a 1517, anunciando a aurora da modernidade, com a crise instalada no papado e a via de mão dupla que impunha ao povo obediência tanto ao senhor feudal como ao papa, cria-se um conflito de interesses em distintas situações.

Pouco mais de um século antes dos eventos que marcaram a Reforma Religiosa do século XVI, várias questões religiosas, políticas e econômicas fizeram com que ideais reformistas fossem divulgados tanto por motivações religiosas, quanto por interesses particulares. O clero estava desacreditado pelos leigos em suas normas hierárquicas e éticas, e sua pesada estrutura e baixa contrapartida social levaram ao questionamento das bases da Igreja pelos leigos com o florescer da renascença.

Sérios conflitos entre França e Inglaterra, países líderes mundiais em armada e economicamente inimigos, ampliavam as animosidades entre a Inglaterra e a Igreja. O rei da França, valendo-se de sua influência sob o papa francês Clemente V, de fraca liderança e moral duvidosa, transferiu a sede do papado de Roma para Avignon, na França. Esse ato piorou as relações entre a Igreja Católica Romana e a Inglaterra, que não admitia estar financiando um papado com sede em seu maior rival politico.

Os impostos papais eram um estorbo para a organização das nações-estados. Além de altos, o serviço prestado pelos clérigos aos leigos era deficiente, mecânico e incoerente com o rigor das regras da Igreja. Diante dessa crise entre o papado e as nações-estados autônomas, nasce um movimento popular que exigia maior piedade e devoção por parte dos líderes cristãos, os “Místicos”, de onde surgem personalidades que levantam causas que desencadearão as propostas de Reforma Religiosa na Igreja.

1.2.1 John Wycliffe (1328-1384)[10]

Foi professor e tutor na Universidade de Oxford, teólogo e reformador religioso, trabalhou na primeira tradução da Bíblia para o idioma inglês traduzindo-a a partir da Vulgata Latina de Jerônimo, (Tradução livre à mão). Ele entendia que a Bíblia deveria ser à única base de doutrina da Igreja e da fé cristã. Defendia que a Escritura deveria ser um livro acessível aos cristãos, e que o homem comum pudesse ler.

Dentre seus ataques ao poder do papado e à hierarquia eclesiástica da época, estiveram tanto questões teológicas quanto políticas. É compreensível que um teólogo como Wycliffe, diante da confrontação da tradição e da influencia política do clero, conseguisse adeptos a seu posicionamento. As ideias de Wycliffe espalharam-se na Inglaterra pelos interesses da nobreza em confiscar bens e terras em poder da Igreja.

Diante da animosidade entre Inglaterra e França, Wycliffe, despertando o nacionalismo inglês, entendia que o poder da Igreja devia ser limitado às questões espirituais, e o poder temporal exercido pelo Estado representado pelo rei. Seu livro *De officio regis*, defendia que o poder real era originário de Deus, respaldando seu argumento nas palavras de Jesus Cristo: *"dai a César o que é de César"*. (Cairns, 1995).

A Igreja convocou o *Concílio de Constança*, (1414 – 1418), aonde Wycliffe foi declarado herético, determinou-se que seus escritos fossem queimados, e doze anos mais tarde, ordenou-se que seus ossos fossem exumados, queimados, e suas cinzas fossem lançadas no rio Swift.

Acerca da Eucaristia, o questionamento da transubstanciação apontava para a superação do paradigma medieval pelo Renascentismo. Sobre esse questionamento, o professor de História da Igreja, da *Bob Jones University*, Panosian (2010)[11], afirma que: “Os ensinamentos de Wycliff, que o levaram a questionar doutrinas como a da transubstanciação, a necessidade da confissão verbal, e outras, afirmaram mais uma vez a autoridade das Escrituras em lugar da autoridade da igreja como instituição”.

Movimentos reformistas como o da Boêmia, liderados pelos mártires Jan Huss e Jerônimo de Praga foram influenciados por Wycliffe como veremos a seguir.

---

[10] John Wycliffe, (1328-1384), é considerado o precursor das reformas religiosas na Igreja Católica Apostólica Romana não só na Inglaterra, mas em todo movimento da chamada Reforma Protestante desencadeados desde o século XV e consumados no século XVI.

[11] FLAMEJANTE a chama, parte 1: o inicio da reforma protestante. Family Christian Movies Com. Manaus: BV Films, 2010. 1 DVD vídeo (76 min.): DVD, son., color. Legendado. Port.

1.2.2 Jan Huss (1369-1415)[12]

Jan Huss iniciou sua vida de serviços a Igreja cantando nas missas e auxiliando os vigários nos serviços sacerdotais. Estudioso, tornou-se bacharel em Letras em 1393, e bacharel em Teologia em 1394 vindo a tornar-se mestre em Teologia em 1396. Quatro anos mais tarde foi ordenado padre em 1400. Veio a ser reitor da faculdade de Filosofia de Praga em 1401, e em 1403 reitor da Universidade Carlos.

Foi atraído pela profissão clerical tanto pela vocação quanto pela tranquilidade de servir a Igreja. Não sabia ele que viria a tornar-se um mártir por seus ideais reformadores. Huss tinha uma personalidade forte, foi ideologicamente influenciado por John Wycliffe, cujos escritos lhe foram acessíveis através de Jerônimo de Praga que havia estudado em Oxford, sede da propagação de sua ideologia confrontadora.

Suas ideias, majoritariamente as de Wycliffe, impregnaram a Boêmia, e seus seguidores eram chamados hussitas. Huss pregava o sacerdócio universal dos cristãos, e defendia que toda pessoa pode comunicar-se com Deus sem a mediação sacramental e eclesial. Esta oposição ao poder papal lhe custou à excomunhão em 1410 e condenação pelo Concílio de Constança em 1415 onde segundo Cairns (1995), morreu cantando.

O martírio de Huss acendeu a fogueira de muitos outros mártires. Antes de sua morte, Fox (2002), afirma que Huss disse ao carrasco: "Vais hoje assar um ganso (pois o nome Hus significa "ganso" em boêmio), porém dentro de um século, surgirá um cisne que não poderão nem assar nem ferver.", essa declaração é identificada pelos historiadores protestantes como uma referência a Martinho Lutero que tinha em seu escudo de armas a figura de um cisne. Fox (2002). Huss morreu privado da comunhão.

O duque da Baviera esteve solícito a Huss, buscava que ele se retratasse, ao que segundo Fox (2002), ele lhe disse: “Não. Jamais preguei alguma doutrina com más intensões, e aquilo que ensinei com meus lábios agora selarei com meu sangue”. Intolerância e violência marcam a trajetória da cristandade. Parece antagônico falar desse binômio através da História das religiões, porém Mata (2010, p.108) o ressalta,

> Para aqueles em que o interesse pela história se confunde com um gosto mórbido pela violência, a história das religiões oferece espetáculos sem igual. Em sua guerra de conquista religiosa dos saxões, sob a liderança de Carlos Magno, os cristãos

[12] Jan Hus, (1369-1415), apesar da origem humilde, tornou-se um erudito pensador e reformador religioso sendo nomeado pregador na Igreja de Belém de Praga onde desenvolveu sua trajetória a frente de instituições educacionais. O grupo religioso que recebeu de forma direta a influência de seus ensinos são os Irmãos Morávios.

> decapitaram, num só dia, 4.500 "pagãos". Apenas dez anos antes da publicação do *Discurso sobre o método*, de Descartes, uma testemunha do cerco católico à cidadela calvinista de La Rochelle relatou que os sobreviventes "não tinham já força para abrir as covas para enterrarem os mortos". Até a assinatura da Paz de Vestfália, em 1648, calcula-se que as guerras entre católicos e protestantes consumiram algo em torno de quatro milhões de vidas.

Conforme Aguiar (2011)[13], a um de seus discípulos de nome *Havlik*, que se opôs a dupla comunhão, (pão e vinho), Huss escreveu da prisão onde aguardava sua execução: "Não se oponha ao sacramento do cálice do Senhor, que foi por Ele próprio e por Seu apóstolo instituído. Nada nas Escrituras opõe-se a ele, apenas um costume que, *suponho, cresceu por negligência.* Nós não devemos seguir o costume, mas o exemplo e a verdade do Cristo". (grifo meu). Sua opinião expressa à forma errônea como a Santa Ceia era administrada pelos clérigos que privavam os leigos da participação do cálice.

Os mártires pré e pós-reformadores, vítimas da intolerância religiosa, somam as dezenas de milhares conforme Fox (2002). Questões como não subscrever as cerimonias da Igreja de Roma; não ter ao papa por cabeça da igreja; não aceitar a presença real de Cristo na hóstia; não crer na doutrina da Transubstanciação por considera-la ingênua e supersticiosa, era suficiente para que pessoas pagassem com a vida por sua insubmissão.

A Reforma Religiosa do Século XVI caracterizou-se pela contribuição da religião aos ideais do renascimento na aurora da modernidade. O mundo estava transformando-se tanto política quanto socialmente. Invenções como a prensa de tipos móveis do alemão Johannes Guttenberg, proporcionariam no ambiente religioso que o questionamento dos reformadores quanto à administração não só dos sacramentos, mas de outras questões, ecoasse por toda Europa e ocidente conforme veremos a seguir.

[13] XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. 2011, São Paulo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História.** São Paulo: ANPUH, 2011.

1.3 PRINCIPAIS PERSONALIDADES REFORMADORAS

1.3.1 Martinho Lutero (1483-1546)[14]

Martinho Lutero nasceu em uma pequena cidade alemã chamada Eisleben. Sua infância foi marcada por muitas privações até que seu pai, um camponês, enriqueceu nas minas de cobre. Lutero teve uma rígida educação, sofreu espancamentos tanto de sua mãe como no sistema escolar em que estudou em Mansfeld. Conforme sua biografia, ele chegou a levar 15 chicotadas por não declinar um substantivo em latim.

Lutero teve forte influência supersticiosa de sua mãe, tal como se sabe de sua experiência em uma tempestade em que um raio caíra próximo a ele o que o levou a fazer um voto a Santa Ana de que se sobrevivesse à tempestade se tornaria monge, o que de fato o fez no episódio que conforme Cairns (1995), seu pai intitulou como sendo "uma tramoia do diabo", tendo em vista o desejo de que seu filho cursasse direito.

Estudioso, obteve formação superior em Latim em 1501. Entrou na universidade de filosofia em Erfurt, e estudando Aristóteles, conheceu as ideias do nominalista Guilherme de Occam, versando que "a revelação era o único guia no campo da fé". Em 1502 Lutero obteve o grau de bacharel em artes e em 1505 de mestre. Em 1507 foi ordenado e em 1508 ensinava teologia na Universidade de Wittenberg.

Figura 02 – Venda de indulgências na Saxônia por Johannes Tetzel

Disponível em:
http://veja.abril.com.br/saladeaula
Acesso em: 15/07/2015

Lutero foi influenciado pelos escritos dos místicos pré-reformadores, dos pais da Igreja, e pela teologia agostiniana, porém, conforme Cairns (1995), a paz interior que não encontrara nem nos ritos, nem nos atos ascéticos, encontrou na leitura de Romanos 1.17, "*O justo viverá pela fé".* Sua crítica à estrutura da igreja começaria com o sistema de indulgências, de 1518 a 1521, vindo a romper com o Catolicismo Romano.

[14] Martinho Lutero, (1483-1546), natural de *Eisleben*, na região da Saxônia na Alemanha, cidade que teve seu nome modificado para *Lutherstadt Eisleben* em sua homenagem. É considerado o grande nome da reforma. Em 1505 Lutero ingressa no Mosteiro Negro de *Erfurt*, nome conhecido em virtude das vestimentas pretas dos monges agostinianos que ali se enclausuravam. http://historiologiaprotestante.blogspot.com.br, Acesso em 18/07/2014.

Ao publicar suas 95 teses em 31 de outubro de 1517 contra a venda de indulgências nas portas da capela de Wittenberg, na controvérsia com Johannes Tetzel, este utilizou sua influência com os dominicanos para calar Lutero. A partir deste evento, os ideais dos pré-reformadores pouco mais de um século antes seriam os de Lutero. Ele incitou os príncipes alemães à independência da nação e atacou a hierarquia de Roma.

O monge agostiniano defendia que os príncipes poderiam reformar a igreja se necessário, e que o papa não poderia interferir nos negócios civis. Também ensinou que todo cristão tem o direito de escolher seus sacerdotes e interpretar as Escrituras. Em 1520, ele questionaria o sistema sacramental, conforme Cairns (1995, p.237),

> Em outubro, Lutero publicou "O Cativeiro Babilônico", no qual, mais incisivo, desafiava o *sistema sacramental* de Roma. O primeiro documento fora um ataque à hierarquia, mas este atingia o centro do sistema romano – os sacramentos como meios de graça quando ministrados pelo sacerdócio. Lutero contrapunha a validade exclusiva da Ceia do Senhor e do Batismo [...] o terceiro panfleto, "Sobre a Liberdade do Homem", atingia diretamente a Teologia da Igreja Romana, ao afirmar o sacerdócio de todos os crentes como resultado da fé pessoal em Cristo. As posições estavam por demais claras. Lutero atacara a hierarquia, os sacramentos e a teologia da Igreja Romana e ainda apelava para uma reforma nacional.

Lutero é considerado um herói nacional na Alemanha, respeitado por príncipes, camponeses, senhores e humanistas. Foi, contudo, um herói de difícil relacionamento interpessoal. Suas atitudes o afastaram de outros líderes da reforma como no caso do rompimento intransigente com Zwinglio sobre a questão da Santa Ceia no Colóquio de Marburg, eles discordaram em apenas 1 das 15 proposições teológicas que discutiram.

Foto 06 – Distribuição da hóstia – IELB – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Essa se tornou igualmente sua controvérsia com o calvinismo, que não necessariamente concordava com o zwinglianismo quanto à compreensão do papel do corpo de Cristo na Ceia do Senhor. Para Zwinglio a Ceia era um memorial da morte de Cristo. Lutero discordou intransigentemente do conceito de memorial simbólico, o que o levou a estabelecer a doutrina denominada de "Consubstanciação".

Na Consubstanciação, há a presença física de Cristo na comunhão, embora a substância do pão e do vinho não se alterasse. Cairns (1995), citando o argumento de Lutero, diz que "[...] assim como o ferro permanece ferro embora fique vermelho cereja quando aquecido, a substância do pão e do vinho não muda, mas dentro e fora dos símbolos há uma presença física e real de Cristo"[15].

1.3.2 Huldreich Zwinglio (1484-1531)[16]

Zwinglio era filho de um abastado pai fazendeiro, e teve a oportunidade de receber uma boa educação para o sacerdócio ao frequentar a Universidade de Viena. Transferindo-se em 1502 para a Universidade da Basiléia, se formou bacharel em artes em 1504 e mestre em 1506. Glarus foi sua primeira paróquia e sua teologia escolástica passou a ser pautada na Bíblia através da influencia de Desidério Erasmo de Roterdã.

Mais tarde, de 1512 a 1516, Zwinglio serviu ao poder papal como capelão dos mercenários suíços que serviam a força armada do papado. Como patriota que era só concordava com o serviço mercenário dos jovens suíços desde que prestados ao papa, posição que se modificou anos mais tarde por ver na capelania com os jovens suíços a influência maléfica e corruptora do contato com outras nações.

Tornou-se pastor de Einsieden em 1516, quando passou a se opor as indulgências, a relação com as imagens de escultura e o uso das relíquias dos santos. Em 1519 foi pastorear em Zurique onde por sua influência conseguiu proibir o serviço militar mercenário no ano de 1521. Nesse período foi acometido de peste bubônica e durante sua busca devocional conheceu os ideais de Lutero que o levaram a conversão.

A primeira causa reformada que levantou atingia os cofres da Igreja, quando passou a tratar os dízimos pagos pelos fiéis, como um ato de voluntariedade e não uma exigência divina. As ideias relativas ao dízimo e as práticas litúrgicas da Igreja na Suíça passaram a ser modificadas, o que fez com que as autoridades católicas promovessem um debate público aonde as ideias de Zwinglio enfrentariam as ideias do catolicismo.

---

[15] Lucas. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

[16] Huldreich Zwinglio, (1484-1531), conhecido por pertencer à primeira geração de reformadores, teve sua atuação mais marcante na Suíça. Filho de um Fazendeiro e juiz de *Wildhaus*, dotado de uma boa renda familiar recebeu formação sacerdotal. Tornou-se simpatizante do humanismo e teve em Desidério Erasmo de Roterdã sua maior referência. Nas ciências humanas estava seu maior interesse, na teologia sua necessidade de servir a igreja. Zwinglio serviu ao papado na Suíça como capelão e era considerado um fervoroso patriota suíço.

Para este debate Zwinglio organizou 67 artigos que versavam sobre salvação pela fé, autoridade da Bíblia, supremacia de Cristo na Igreja, casamento dos clérigos. Ao término do debate, as ideias de Zwinglio prevaleceram ganhando a condição de legitimidade. A reforma se concretizaria em Zurique em 1525 com o cancelamento das missas. (Cairns, 1995)

Similarmente a Zurique, em Berna, antes de a cidade ser conquistada pelos ideais da reforma, um debate foi convocado. Zwinglio foi convidado a organizar 10 artigos que legitimariam a adesão de Berna a causa reformada. Em 1527 as igrejas que aderiram a esses ideais organizaram um sínodo que providenciou a tradução da Bíblia para o idioma local. A influencia de Zwinglio na Basileia e cidades do norte da Suíça ocasionaram o cancelamento das missas e adesão a Reforma Religiosa do Século XVI.

Foto 07 – Distribuição da Obréia – IEAPR – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Zwinglio tentaria conquistar Genebra para sua causa, porém, uma guerra em 1531, onde fora acompanhar seus soldados como capelão, ocasionou sua morte no campo de batalha. Zwinglio é considerado o mais humanista dentre os reformadores. Conforme Cairns (1995) cabe a erudição de Zwinglio e sua influencia na Suíça alemã a alcunha de ter sido o homem que colocou os fundamentos da fé reformada nesta nação.

Sobre o entendimento de Zwinglio sobre a fé e os sacramentos, Cairns (1995, p.246), diz que para o reformador, “a fé era a parte mais importante dos sacramentos, a Ceia do Senhor era uma “comemoração” e não uma “repetição” da Expiação, pelo que o crente pela reflexão sobre a morte de Cristo recebe bênção espiritual”.

A questão da Santa Ceia afastou o zwinglianismo do luteranismo, porém, no acordo de Zurique em 1549, zwinglianos e calvinistas se uniram para sistematização teológica das Igrejas Reformadas na Suíça. A teologia de Zwinglio influenciou as convicções teológicas do jovem João Calvino.

1.3.3 João Calvino (1509-1564)[17]

João Calvino ainda criança recebeu um benefício eclesiástico na catedral *Capelania de La Gésine*, conforme Costa (2009), recebendo sua primeira educação com as crianças de uma família de nobres, a família Hangest, aonde com eles aprendeu modos e requintada educação.

A trajetória acadêmica de João Calvino nos permite entender como um homem influenciado pelo renascentismo, e com formação escolástica e humanística, seria certamente tendente à reflexão, e compreensão hermenêutica das Escrituras. Calvino queria compreender a mensagem que o texto bíblico original tinha para trazer ao homem de sua época sendo ele um humanista de formação, conforme Costa (2009).

Envolvido com os propósitos de transformação da condição humana, João Calvino antes mesmo de ser convertido ao protestantismo sofreu as perseguições impostas aos ideais da Reforma Religiosa do Século XVI o que o fez renunciar seus benefícios eclesiásticos. Sobre esta renúncia Costa (2009, p.33), afirma:

> Quando um dos seus amigos, Nicolás Cop, foi eleito reitor da *Universidade de Paris*, Calvino talvez o tenha ajudado a preparar o discurso, que foi lido na igreja dos Maturinos. Como de costume no dia 1 de novembro de 1533. Neste discurso propunha-se uma reforma na igreja. A resposta foi imediata: Cop e Calvino tiveram de fugir de Paris. Cop voltou a sua terra natal, Basiléia, e Calvino foi para outras cidades francesas. Em 1534, Calvino completou 25 anos, idade legal para ser ordenado. Este foi o momento de assumir, de fato sua fé e ofício. Assim, em 4 de maio de 1534, voltou a Noyon e renunciou aos benefícios eclesiásticos.

Algumas distinções marcam os reformadores Lutero e Calvino. O primeiro tinha em seu ministério a ênfase pela pregação, Calvino estava mais ocupado na organização de um sistema formal de teologia. A autoridade da Bíblia era um ponto em comum nestes importantes personagens da reforma, sendo que Lutero enfatizava a justificação pela fé, e Calvino a soberania de Deus.

Sobre as diferenças acerca da Santa Ceia, conforme Cairns (1995, p.251), "Lutero interpretava a consubstanciação como a melhor teologia para a Ceia do Senhor; Calvino

[17] João Calvino, (1509-1564), natural de *Noyon*, Picardia, ao norte da França, nascido em uma humilde família de cinco irmãos, filho de *Gérard Calvin* e *Jeanne Lefrane*, uma mulher devota e de família abastada que morreu quando Calvino tinha seis anos. Sua formação intelectual inicialmente deu-se através de investimentos ofertados pela igreja e por famílias da nobreza. Em Paris, recebeu, no *College de La Marche*, preparação para o sacerdócio, onde também estudou humanidades e Latim. Em seguida, Calvino foi para o *College de Montaigu*, escola menos refinada, mas que o introduziu em uma rígida formação escolástica. Ali estudou Gramática, Filosofia e Teologia até 1524.

negava a presença física de Cristo, aceitando apenas a presença espiritual de Cristo pela fé nos corações dos participantes".

A compreensão do rito sacramental da Santa Ceia para o teólogo João Calvino vai além da prática ritualística. Suas raízes epistemológicas originam-se no próprio sentido da palavra que denota o ritual. Costa (2009, p.296), fala sobre o entendimento de Calvino acerca do rito sacramental da Santa Ceia,

> A palavra *sacramentum* em si significava primariamente um depósito financeiro feito em juízo entre as partes litigantes; posteriormente, passou a significar aquilo que era separado como santo ou o juramento que os soldados prestavam ao seu comandante, envolvendo as obrigações decorrentes deste compromisso. [...] A compreensão de Calvino a respeito da Ceia envolve uma síntese do pensamento de Lutero e Zwínglio, conseguindo combinar de forma adequada a *espiritualidade* de Zwínglio com o *realismo* de Lutero sem, contudo, limitar-se à perspectiva de ambos.

Foto 08 – Presbíteros servidos pelo ministro 1ªIPJP – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Essa síntese destacada por Costa (2009), demonstra que na teologia e exegese de João Calvino quanto a realização do rito da Santa Ceia, Jesus chama a recordação de seu sacrifício em seus discípulos, ativando em suas mentes e em suas faculdades, por meio de um processo que poderíamos relacionar com a imaginação simbólica elucidada por Durand (2000), onde a presença física de Cristo, mesmo que não seja visualizada na administração do rito sacramental, através da recordação, e pela memória conforme dito no evangelho de Lucas 22.19. "[...] fazei isto em memória de mim [...]", parecem justificar um processo místico-imagético no imaginário dos participantes do rito.

Concluímos esta sessão sobre Calvino citando uma síntese do teólogo norte-americano R.C. Sproul acerca da distinção do pensamento dos principais reformadores sobre a Santa Ceia[18] aonde verificamos que estes não necessariamente harmonizavam-se com respeito à aplicabilidade das significações sobre a presença de Jesus Cristo nesse sacramento. Sproul (2010, p.20) ressalta,

[18] Lutero, Zwínglio e Calvino são considerados pela igreja cristã de orientação reformada como sendo as grandes referências da teologia reformada.

> Lutero insistia na presença física real e substancial de Cristo na Ceia do Senhor. Repetidamente, citou as palavras de Jesus na instituição da Ceia, "este é o meu corpo", para provar sua tese. Lutero não permitia que a forma verbal "é" fosse tomada em sentido figurativo ou representativo [...] Zwínglio e outros argumentaram que as palavras de Jesus, "este é meu corpo", na verdade, significavam "isto representa meu corpo". Jesus frequentemente usava o verbo ser em termos figurativos. Ele disse "eu sou a porta", "eu sou a videira verdadeira", etc. Zwínglio e outros argumentaram que o corpo de Cristo não está presente na substância real da Ceia do Senhor. A ceia seria só um memorial, com nenhuma presença dele, diferente de sua presença normal por intermédio do Espírito Santo. [...] Calvino ensinou que, embora o corpo e o sangue de Cristo permaneçam no céu, eles se "tornam presentes" espiritualmente a nós por meio da sua natureza divina onipresente. Onde quer que a natureza divina de Cristo esteja presente, ele está verdadeiramente presente. Este argumento é consistente com o ensino do próprio Jesus de que estava "indo embora", mas que permaneceria conosco. Quando o encontramos no momento da Ceia do Senhor, temos comunhão com ele.

1.3.4 Henrique VIII (1509-1547) e Eduardo VI (1537-1553)[19]

Vale ressaltar que Henrique VIII teve um reinado de trinta e oito anos, marcando o início das reformas políticas e eclesiásticas envolvendo a relação entre a Inglaterra e a igreja de Roma. Essas mudanças alcançariam o reinado de três de seus filhos, Eduardo VI, filho de seu terceiro casamento; Maria Tudor, filha de seu primeiro casamento; e Elizabeth, filha de Ana Bolena, esta, pivô de seu divórcio com Catarina de Aragão, a primeira esposa, e causa da sua ruptura definitiva com a igreja romana.

Dentre os atos políticos de Reforma Religiosa na Inglaterra, promulgados por Henrique VIII, configurando a ruptura com a igreja de Roma, estava o "Ato de Supremacia" de 1534, em que segundo Cairns (1995), "o rei era o único chefe supremo na terra da Igreja da Inglaterra", sendo este o golpe final na ruptura com Roma que não aceitou ter o rei inglês com autoridade maior que o papa.

As reformas e estabelecimento da hegemonia da monarquia inglesa se deram com o fechamento dos mosteiros em 1536, e o arresto das propriedades da igreja romana em favor do rei. Apesar dos laços político-econômicos estarem desfeitos, teologicamente a Igreja inglesa era Católica Romana na doutrina afirma Cairns (1995):

> A aprovação dos Seis Artigos pelo Parlamento, em 1539, foi a evidencia de que Henrique VIII apenas desatara o laço eclesiástico entre a Igreja da Inglaterra e

[19] A Reforma Religiosa do Século XVI na Inglaterra, governada pelo rei e pelo parlamento dos Tudor(s), durou de 1529 a 1536. Dentre os procedimentos reformados estão o estabelecimento do culto em Inglês retirando a celebração em latim; a participação da congregação no culto; a participação dos leigos na Santa Eucaristia.

> Roma; estes artigos reafirmavam a *transubstanciação*, *a Comunhão sob uma espécie*, o celibato e a confissão auricular. Em teologia, a Igreja da Inglaterra continuava fiel a Roma. Henrique fizera concessões à reforma, em 1536, ao promulgar os Dez Artigos e ao autorizar uma tradução inglesa da Bíblia. A Grande Bíblia, publicada em 1539 como uma revisão do trabalho de Tyndale e Coverdale, foi chamada também de "Bíblia Acorrentada", porque era acorrentada aos púlpitos de muitas igrejas [...] Quando finalmente Henrique morreu, a igreja inglesa era uma igreja nacional dirigida pelo rei, mas católica romana na doutrina. A Bíblia, porém estava à disposição do povo em sua própria língua. O filho de Henrique, Eduardo, executou a fase religiosa da Reforma que seu pai começara como um movimento eclesiástico, entre 1527 e 1547.

Foto 09 – Santa Ceia Anglicana
IEAPR – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

O filho de Henrique VIII com Jane Seymour assumiu o trono da Inglaterra aos nove anos de idade e viveu até os dezesseis anos apenas. Seu tio, o Duque de Somerset, irmão de Jane, além de ser simpatizante da liberdade religiosa também o era do protestantismo. Ele persuadiu Eduardo VI a introduzir mudanças que vieram a tornar as decisões políticas de seu pai Henrique VIII em uma reforma religiosa para a Inglaterra.

No último tópico deste capítulo falaremos sobre a nova cristandade após o estabelecimento da Reforma Religiosa do Século XVI na Europa sua chegada ao Brasil e ao nosso campo empírico, a cidade de João Pessoa.

1.2 PRINCIPAIS NAÇÕES QUE ADERIRAM A UMA IGREJA REFORMADA

Em 1648, as igrejas nacionais já estavam praticamente estabelecidas na Europa e o Protestantismo Histórico surge na "aurora da modernidade". Na luta contra um crescente secularismo na Europa ocidental do século XVI. Este movimento religioso causou influência tanto política, quanto social e econômica na transformação do paradigma medieval com o fim do controle de uma igreja universal romana.

Figura 03 – A religião na Europa por volta de 1648, e cidades importantes da reforma

Acervo: O cristianismo através dos séculos
Fonte: CAIRNS (1995, p.289)

O mapa da religião cristã fica assim constituído: Na Alemanha e Escandinávia, o domínio é do luteranismo. Ao centro da Europa, entre o Catolicismo Romano e o luteranismo, mais especificamente na Suíça, Escócia, Holanda, França, Hungria e Irlanda, estão às adesões ao calvinismo. O anglicanismo se estabeleceu na Inglaterra. Os radicais anabatistas eram fortes na Holanda e espalharam-se pela Europa, opondo-se a união entre igreja e estado, favorecendo a formação de igrejas livres. No sul da Europa, manteve-se a fidelidade a Igreja Romana, e no oriente a Igreja se tornou Ortodoxa.

Ainda que a formação das igrejas nacionais não aponte para uma conversão massiva da população, as mudanças no paradigma medieval pelos ideais da Reforma Religiosa do Século XVI podem ser vistos como estando além de uma adesão social. Sobre a experiência da conversão integral Mata (2010, p.103) afirma:

> Mas existiu também, bem o sabemos, a experiência da conversão integral. Ela não é uma mera adesão a uma divindade mais eficaz, mas envolve uma experiência de renovação integral do ser. Deve ser de caráter estritamente individual, portanto. Devemos aos psicólogos norte-americanos o primeiro tratamento competente dessa questão. Baseando-se na análise de conversões ocorridas nos Estados Unidos do século XIX, especialmente nos meios metodistas, William James mostrou que a conversão pode ser repentina ou gradativa, e que geralmente é fruto da angustia da condição de "pecador". O mais importante, para nossos fins aqui, é ressaltar a tremenda descarga de energia psíquica que envolve e é suscitada pela conversão. Vive-se uma verdadeira metamorfose. A partir daí, "atinge-se um novo nível de

> vitalidade espiritual, um nível relativamente heroico, em que coisas impossíveis tornam-se possíveis [...] A personalidade é transformada, o homem renasce".

Um segundo grande momento da transformação doutrinal do cristianismo pode ser atribuído à organização das doutrinas e credos protestantes de 1530 a 1648. Os credos ecumênicos foram organizados de 325 a 451 e aceitos tanto por Católicos Romanos, quanto por Ortodoxos e Protestantes. Os credos ligados às igrejas de nossa pesquisa são O Livro de Concórdia (1580), e a CFW (1646), além do LOC, que contém os 39 artigos de Thomas Cranmer e o Quadrilátero de Lambeth como documentos da fé anglicana.

De forma sucinta descreveremos sobre a adesão ao Protestantismo Histórico nas nações europeias, passando pela América do Norte, até sua chegada ao Brasil e especificamente a cidade de João Pessoa, bem como sobre as distintas administrações do rito da Santa Ceia nos lugares aonde as igrejas oriundas do Protestantismo Histórico se estabeleceram.

A orientação teológica legada pelas igrejas estabelecidas nessas nações (Luterana, Anglicana, Presbiteriana), orienta a compreensão sobre a presença de Cristo nos elementos pão e vinho no rito da Santa Ceia, podendo ser compreendida de forma Mistica, Simbólica e Espiritual-simbólica entre os adeptos do segmento protestante histórico.

1.2.1 O Protestantismo Histórico na Alemanha

Foto 10 – Ministro Luterano celebrando a Santa Ceia – IELB – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Os germânicos aceitaram melhor a ideia de um cristianismo de retorno às práticas do Novo Testamento. A tradição mística da religião estava mais presente na Alemanha que na Espanha e Itália, sendo os alemães e holandeses quem promoveram os anseios por uma Reforma Religiosa na Igreja. Lutero, não subscrevia a presença literal de Cristo nos elementos da Santa Ceia, mas uma presença real, mística e espiritual.

Ao desentender-se com a população camponesa alemã, Lutero os dividiu entre os Anabatistas e os Calvinistas. O catecismo calvinista de Heidelberg tornou-se o credo oficial de várias igrejas alemãs. No calvinismo o entendimento da presença de Cristo na
Santa Ceia é apenas simbólico, diferentemente do entendimento do luteranismo que é o da consubstanciação, ou seja, a presença real, porém mística de Cristo nos elementos.

1.2.2 O Protestantismo Histórico na Suíça

Como território mais livre da Europa, a Suíça veio a ser o lugar onde as ideias do protestantismo floresceram em função de seu espírito democrático. Cada cantão pôde aceitar a forma de religião que quisesse, amparados pelos respectivos dispositivos legais desse regime de governo. Essa liberdade ideológica produziu na Suíça três tipos de teologia protestante, zwingliana, calvinista e menonita.

Zwinglio foi seguido pelos cantões de fala alemã do norte; Calvino pelos cantões do sul, a partir de Genebra; e os radicais anabatistas foram liderados por Menno Simmons, fundador dos Menonitas. Majoritariamente o sentido da presença de Cristo na Santa Ceia nas igrejas suíças no início do protestantismo era o sentido simbólico, porém, há o sentido meramente memorial por parte dos Menonitas, que não veem a Santa Ceia nem como sacramento nem como rito, mas como uma recordação.

1.2.3 O Protestantismo Histórico na França

O desenvolvimento do protestantismo na França é atribuído tanto ao surgimento do humanismo bíblico, motivando o conhecimento dos fatos do passado, e o estudo da Bíblia no texto original, quanto à entrada dos escritos de Lutero na França. Em 1523 o Novo Testamento foi traduzido para o francês a partir da Vulgata Latina por Jacques Lefèvre (1455-1536). Meaux tornou-se a cidade centro do ensino dos humanistas visando um movimento da Igreja Romana em direção à Igreja do Novo Testamento.

A conversão de Calvino foi um fator determinante para a Reforma Religiosa na França. Sua habilidade como escritor, e sua articulação no treinamento de pastores franceses em Genebra tornou o protestantismo popular em sua terra natal. Os calvinistas franceses foram chamados Huguenotes. Eram habilidosos no comércio e politicamente organizados segundo Cairns (1995). Na França a compreensão da presença de Cristo nos elementos da Santa Ceia é majoritariamente simbólica dada à influência do calvinismo.

1.2.4 O Protestantismo Histórico na Hungria

Grande parte da população húngara professa a fé no Protestantismo Histórico, em parte, pelos húngaros que foram estudar em Genebra e em Wittenberg, a partir de 1550, como também pela tradução do Novo Testamento para o idioma "magiar" por Erdosi. No final do século XVI, parte do povo e da nobreza húngara era protestante.

A Hungria estabeleceu a tolerância religiosa, em 1681, e a liberdade religiosa, em 1848. Dada a formação dos teólogos húngaros ser tanto em Genebra como em Wittenberg, tanto o sentido simbólico do calvinismo, quanto místico do luteranismo que se referem à presença de Cristo na Santa Ceia pode ser encontrado na Hungria.

1.2.5 O Protestantismo Histórico na Escócia

Uma das contribuições da Reforma Religiosa do Século XVI para a relação entre Escócia e Inglaterra foi a pacificação entre estes países, mesmo havendo luta entre episcopado e presbiterianismo. Escócia e Inglaterra na relação política-religião eram bem distintas. Na Escócia a política foi dominada pela religião, enquanto na Inglaterra a religião tornou-se serva dos interesses políticos. A administração do país por clãs favoreceu o trânsito das ideias reformistas pelos escritos de Lutero

Foto 11 – Ministro Presbiteriano entregando os cálices – 1ª IPJP – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

A Escócia tornou-se presbiteriana, com uma igreja organizada em presbitério, sínodos, uma assembleia nacional e um governo eclesiástico aos moldes de Genebra, dada à influência de Calvino na teologia de John Knox (1513-1572). A classe média aliou-se a Knox contribuindo para Reforma Religiosa.

O parlamento oficializou na Igreja escocesa a "Confissão de Fé de Westminster" (1647), que orienta o entendimento da presença de Cristo nos elementos da Santa Ceia como sendo simbólico.

1.2.6 O Protestantismo Histórico na Irlanda

A relação entre colonização e protestantismo não permitiu que a Reforma Religiosa fosse bem sucedida na Irlanda. As tensões entre a Irlanda nativa e os ingleses geraram um poderoso ódio que se mantém até hoje. Na Irlanda a intolerância entre cristãos têm resistido desde a reforma em 1557. Lutas por terras ocasionaram uma Irlanda violentamente dividida entre Protestantes no norte e Católicos no sul

A opressão inglesa em 1700 fez muitos irlandeses emigrarem para América do Norte. Em 1750 plantaram o presbiterianismo nos Estados Unidos, tendo Pittsburg como seu centro de divulgação e proliferação doutrinaria. Na Irlanda do norte, majoritariamente presbiteriana, a relação com os elementos pão e vinho, e a presença de Cristo na Santa Ceia é simbólica.

1.2.7 O Protestantismo Histórico na Holanda

A Reforma Religiosa do Século XVI na Holanda está associada à revolta política dos Países Baixos contra o papado e a dominação espanhola apoiada pela Inglaterra Elisabetana segundo Cairns (1995). O luteranismo esteve associado ao grupo dissidente por ocasião da revolta religiosa, mas não agradou em razão da sua obediência passiva. O Anabatismo se tornou muito influente na Holanda até 1540. De natureza mais democrática, o calvinismo foi melhor assimilado pelos holandeses enquanto forma de governo.

A Holanda era a terra de Erasmo de Roterdã e tornou-se o único país conquistado pelo Protestantismo Histórico após a Contra-reforma. O governo religioso holandês tornou-se presbiteriano tendo por base o consistório, as classes e o Sínodo que adotaram a Confissão Belga e o Catecismo de Heidelberg como modelos teológicos da Igreja Reformada Holandesa que orientam a compreensão simbólica quanto a presença de Cristo nos elementos essências, pão e vinho na administração da Santa Ceia.

1.2.8 O Protestantismo Histórico na Inglaterra.

A Reforma Religiosa do Século XVI na Inglaterra nada tinham a ver com o protesto religioso contra o controle papal e monástico. Em 1532, o clero inglês foi forçado pelo Parlamento a aprovar a “Submissão do Clero” ao rei, anulando o casamento de Henrique VIII com Catarina de Aragão, e permitindo a ele se casar com Ana Bolena sendo aceito como

chefe da Igreja Anglicana. Henrique VIII rompeu com o papado, mas permitiu que teologicamente a Inglaterra permanecesse Católica Romana.

Coube a Eduardo VI, seu filho, as decisões que caracterizaram a Reforma Religiosa inglesa, instituindo o uso do Livro de Oração Comum - LOC, como manual de liturgia da igreja inglesa. O jovem rei subscreveu o credo de Thomas Cranmer e John Knox, com 42 artigos, que se tornou o credo da Igreja Anglicana, Eduardo VI determinou em 1547 que os leigos tomassem o cálice na comunhão. (Santa Ceia). No anglicanismo a presença de Cristo na Santa Ceia tem um sentido Espiritual-simbólico.

1.2.9 O Protestantismo Histórico no Brasil.

A Contra Reforma católica trouxe missionários a América Latina, e o catolicismo iberiano atendeu ao apelo do batismo de indígenas e a sede pelo ouro das terras descobertas por Colombo. Já a chegada do protestantismo ao Brasil, está ligada à colonização anglo-saxônica na América do norte, motivada por uma rota marítima ocidental para Ásia, comércio de matérias primas, absorção da população excedente na Europa e a conversão de nativos ampliando a dominação protestante segundo Cairns (1995).

O ministro e professor protestante Elbén M. L. Cézar cita na sua obra *História da Evangelização do Brasil*, dois desafios missionários separados por três séculos. O de Pero Vaz de Caminha, católico, a Dom Manuel I, e o de Henry Martyn, protestante. Cézar (2000, p.14) cita:

> Os dois desafios são sintomáticos: enquanto Caminha, em 1500, talvez com 50 anos, menciona a necessidade de vir de Portugal algum clérigo para batizar os índios. Martyn, em 1805, com 24 anos, menciona a necessidade de vir, de qualquer lugar, algum missionário para pregar a doutrina da cruz.

Por razões econômicas e religiosas, os franceses tentaram construir no Brasil a 'França Antártica'[20], capitaneada pelo aventureiro Nicolás Durant de Villegaignon, ora católico, ora protestante. A empreitada francesa foi vista por Portugal como invasão, porém, antes de ser reprimida por Mem de Sá, Villegagnon trouxe 300 imigrantes um ano e três meses depois da primeira expedição ao Brasil, em 07 de março de 1557.

[20] Nome dado pela empreitada francesa no Brasil por ocasião da colonização portuguesa. A intenção era a de ter em terras brasileiras uma representação do império francês. No século XVII esta empreitada foi levada a cabo no Rio de janeiro por Nicolás Durand de Villegagnon.

O primeiro culto reformado brasileiro aconteceu em 10 de março de 1557, no forte Coligny, na ilha de Serijipe, hoje 'Ilha de Villegagnon'. No dia 21 de março de 1557 organiza-se a primeira Igreja Evangélica do Brasil com a celebração da Santa Ceia no modelo calvinista. Cézar (2000, p.38) destaca que, "Entre a primeira missa católica e a primeira celebração eucarística reformada houve um espaço de apenas 57 anos".

1.2.10 O Protestantismo Histórico em João Pessoa

Os protestantes históricos chegam à Paraíba no século XVII, período denominado pela história de "Invasão Holandesa". Com a expulsão dos holandeses da então *Província da Parayba*, não restou nenhum vestígio da religião reformada por estas terras por mais de dois séculos. O Protestantismo Histórico chega à cidade de João Pessoa no século XIX através da Igreja Presbiteriana.

Foto 12 – A Santa Ceia na Igreja Presbiteriana – 1ª IPJP – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Na vinda do reverendo Ashbel Green Simonton (1833-1866) ao Brasil, a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, ou PCUSA, estava unida. Com os conflitos da 'Guerra Civil' norte-americana, os presbiterianos sulistas formaram sua própria denominação, a PCUS. Em 1873, esta igreja enviou para o nordeste brasileiro o missionário John Rockwell Smith que se fixou em Pernambuco. (MATOS, 2009).

O reverendo Smith chegou à cidade do Recife em 15 de janeiro de 1873, e três anos mais tarde, em companhia do *colportor*[21] Francisco Philadelpho de Souza Pontes, foram os protagonistas das conferências evangelísticas em agosto e setembro de 1876 na *Parayba* nas dependências do então "Teatro Santa Cruz", localizado na antiga *Rua das Mercês*, atualmente Praça 1817, conforme Ribeiro (2003).

No dia 21 de dezembro de 1884 é organizada a *"Egreja Presbyteriana da Parayba"* na residência do tenente, veterano da 'Guerra do Paraguai', Minervino

[21] *Colportores* eram os evangelistas que vendiam a Bíblia Sagrada de porta em porta nas cidades por onde pousavam.

Ribeiro Pessoa Lins, localizada no encontro entre a *Rua da Ponte,* atual Rua da República e a *Rua das Convertidas,* atual Avenida Maciel Pinheiro, especificamente ao lado da Praça da Pedra.

No *Diário da Parahyba*, de 13 de maio de 1885, em sua página 6, na 'Coluna Livre – Ao Público', Ribeiro (2003, p.28) cita o seguinte registro em língua portuguesa brasileira da época:

> O Rvd. J.R. Smith inaugurou uma Egreja presbyteriana na capital da província da Parahyba, baptisando na ocasião 5 adultos e uma creança, e transferindo um membro da egreja parahybana com 7 membros. Isto teve lugar no dia 21 de dezembro de 1884. *A noite do mesmo dia foi celebrada a Santa Ceia, pela primeira vez alí n'este século, comungando 11 pessoas.* (grifo meu).

Igualmente na imprensa da época, no *Almanach da Parahyba,* de 1909, Ribeiro (2003, p.29) encontra outra nota similar:

> Celebram-se exercícios religiosos todas as quintas-feiras às 7 horas da noite e todos os domingos as 11 horas do dia e 7 horas da noite e escola dominical as 10 horas do dia. *Distribui-se o Sacramento Eucarístico todos os primeiros domingos de cada mês.*(grifo meu).

Tendo em vista estes registros públicos serem de um trabalho presbiteriano, a primeira Santa Ceia na então cidade da Parahyba, atualmente João Pessoa, foi celebrada no modelo calvinista, em uma residência aonde participaram 11 pessoas orientadas a compreender a presença de Cristo nos elementos pão e vinho como sendo simbólica e dando ao rito a solenidade de um Sacramento. No capítulo que segue buscaremos conhecer a origem do rito da Santa Ceia por meio de sua relação e aproximações com o rito da Pascal e suas representações.

2 O RITO PASCAL E SUA RESSIGNIFICAÇÃO NO SACRAMENTO DA SANTA CEIA

> *Com efeito o ritual, quer seja o da grande festa cíclica Sigui dos dogon ou o dos funerais e do fim do luto como o ritual dos antigos mexicanos, tem o único papel de domesticar o tempo e a morte e de assegurar no tempo, aos indivíduos e à sociedade, a perenidade e a esperança.*
>
> *Gilbert Durand*
>
> *A circuncisão e a Páscoa eram sacramentos da "Velha Aliança" ou "Velho Testamento"; o batismo e a Ceia do Senhor são os sacramentos da "Nova Aliança" ou "Novo Testamento".*
>
> *Johannes Geerhardus Vos*

A refeição pascal foi instruída por Moisés, e é uma cerimonia essencial na lei mosaica de acordo com o relato bíblico. Segundo Born (1986), a cerimonia previa um cordeiro assado inteiro no fogo, sem ossos quebrados, conforme os costumes nômades. A refeição foi comida com pressa, por isso o pão era sem fermento, (ázimo), sem oportunidade de fermentar a massa. As ervas amargas simbolizavam o sofrimento deixado no Egito e apontavam para as provas rumo à terra prometida. Eles deveriam comê-la prontos para marchar, lombos cingidos, sandálias nos pés, e cajado na mão conforme relato bíblico do livro do Êxodo 12.1-13[22].

A forma como a Páscoa e a Santa Ceia são tratadas na maioria das igrejas Protestantes Históricas, rejeita as teses da religião natural, ensinada por teólogos como Julius Wellhausen (1844-1918). Para o protestantismo, a refeição pascal é um sacramento da antiga aliança, ainda que tenha sofrido alterações rituais históricas, a exemplo da 'reforma deutoronômica' do rei hebreu Josias, 2 Reis 23.21-23.

Neste capítulo exporemos a relação de ressignificação do rito judaico da Páscoa com o rito cristão da Santa Ceia, abordando as origens desses ritos, bem como o simbolismo e sistematização do rito da Santa Ceia para os cristãos no Protestantismo Histórico.

[22] Êxodo. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

2.1 A ORIGEM DO RITO PASCAL

O nome Páscoa deriva de *pesah*, e segundo Harris et. al (1998, p.1223) e outros etimólogos ortodoxos, esta palavra significa "passar (por cima/por alto) [...] o misericordioso ato em que um poder destruidor passa por cima sem danificar". Segundo a Bíblia, o que distinguiu os egípcios dos israelitas na noite do juízo divino foi o sangue do cordeiro morto. Onde o anjo destruidor via o sangue aplicado na porta das casas indicando a morte do cordeiro, não entrava para tirar a vida do primogênito daquela casa, conforme Êxodo 12.13. **"**Quando eu vir o sangue passarei por sobre vós"[23].

A páscoa judaica é uma refeição familiar de recordação da passagem dos judeus da condição de escravidão no Egito para condição de povo liberto rumo à terra prometida. Segundo HARIS et al.(1998), o contexto histórico da Páscoa pode ser encontrado na Bíblia nos livros de Êxodo, capítulo 12; Números 28. 16-25; Levítico 23.5-8; e em Deuteronômio 16. 1-8[24]. Fontes relevantes como a do historiador judeu do primeiro século da era cristã, Flávio Josefo, confirmam a aceitação destes relatos bíblicos entre os judeus, segundo Maier (1992, p.51):

> Moisés les dijo a su Pueblo que se prepararan para la partida. Mandó que en cada casa se matara un cordero en sacrificio, y que su sangre fuera rociada sobre los postes de las puertas. Luego debían asar el cordero y comerlo, y cualquier parte del mismo que quedara debería ser quemada. Aquella noche Dios pasó por la tierra de Egipto, y el primogénito de cada casa egipcia murió. Pero pasó por alto cada casa marcada con la sangre, de manera que ninguno de los israelitas murió. En conmemoración de *'este acontecimiento'*, los hijos de Israel han celebrado una fiesta anual llamada Pascua, porque Dios pasó por alto sus casas cuando visito a los egipcios con la plaga. (grifo meu).

A Páscoa inicialmente tinha um caráter familiar, era uma refeição em família, e segundo os costumes judaicos, a cerimonia, o rito Pascal, era administrado pelo chefe da família. Com a reforma deuteronômica do rei hebreu Josias, o cordeiro deveria ser morto no templo por um sacerdote, e depois de assado em um espeto de romãzeira nas casas de Jerusalém conforme a lei, e comido após o pôr do sol.

A refeição pascal era feita em um quarto ou cômodo com tapetes em volta de uma mesa típica da cultura judaica, ou seja, baixa, diferentemente da tradicional a imagem que

---

[23] Êxodo. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.
[24] **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

conhecemos do afresco de Leonardo da Vinci, *L'Ultima Cena* ou *Il Cenacolo*. Os grupos em volta da mesa deveriam ser de 10 a 20 pessoas, de acordo com o tamanho da família e dos peregrinos ligados a ela.

2.1.1 O Rito Pascal

A refeição dividia-se em quatro partes marcadas por 'quatro copos de vinho' que indicavam os alimentos que deveriam ser comidos e suas significações sempre orientados pelo chefe da família. Nessa dinâmica ritual prescrita nos 'quatro copos de vinho' lembramos o arquétipo da intimidade que Durand (2002) identifica como 'trajeto antropológico', bem como a referência à angústia relativa às 'faces do tempo' que veremos mais detalhadamente no capítulo que segue. O primeiro copo era administrado da seguinte forma, segundo Born (1986, p.261) cita:

> Começava-se enchendo o primeiro copo de vinho e água; aquele que presidia à mesa formulava duas bênçãos, a primeira sobre o vinho ("Louvado sejas tu Javé, nosso Deus, rei do mundo, que criaste o fruto da vinha"), e a segunda sobre a festa ("Louvado sejas tu, Javé, nosso Deus, rei do mundo, que deste a Israel teu povo dias de festa, para alegria e comemoração. Louvado seja tu, Javé, que santificas Israel e os tempos")

Uma vez que a bênção era proferida pelo que presidia a mesa o primeiro copo de vinho era tomado com os pães ázimos e as verduras, que tinham seu significado esclarecido pelo presidente da mesa que distribuía o alimento a todos os presentes após ter lavado as mãos, provado pessoalmente das comidas, e pronunciado uma ação de graças, após esta ação de graças colocava-se o cordeiro assado na mesa onde em seguida ministrava-se o segundo copo de vinho, conforme relata Born (1986, p.261),:

> O segundo copo era misturado; explicava-se o sentido da Ceia pascal e o simbolismo dos ritos da festa, em relação com a saída do Egito, e cantava-se a primeira parte do Hallel (Sl 113 e 114,1-8); bebia-se o copo. Depois de outra lavação das mãos e uma oração de louvor a Deus comia-se o cordeiro pascal, com ervas amargas e pães ázimos imersos no hãrõset (uma mistura de várias frutas).

Outras comidas podiam acompanhar este prato a gosto do anfitrião. Durante esta cerimonia as pessoas conversavam e era dada as crianças a oportunidade de perguntar ao

presidente da mesa sobre os significados do que elas estavam fazendo como relata o texto bíblico do (Êxodo 12.26):

> E acontecerá que, quando vossos filhos vos disserem: Que rito é este? Respondereis: É o sacrifício da páscoa ao Senhor, que passou por cima das casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu aos egípcios, e livrou as nossas casas. Então o povo inclinou-se, e adorou[25].

Terminados os atos litúrgicos relativos ao segundo copo de vinho ministra-se o terceiro copo, chamado 'copo da ação de graças' conforme relata Born (1986, p.261),:

> Então seguia-se o terceiro copo de vinho, chamado "copo da ação de graças" (1 Cor 10,16), por causa da ação de graças pronunciada nesta hora sobre a Ceia pascal. Na hora do quarto copo cantava-se a segunda parte do Hallel (Sl 115-118), em que se exprimia a esperança da restauração messiânica. Assim era o ritual da Ceia pascal no tratado de Pesahim de Mixná.

Foto 13 – Distribuição dos elementos da Santa Ceia Anglicana –
IEAPC – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Nos dias de Jesus Cristo no Novo Testamento, estas prescrições eram observadas e muito provavelmente Jesus Cristo as realizou na sua última páscoa com seus discípulos aproveitando os momentos que antecipavam a entrega dos pães ázimos e o que seguia ao alimentar-se do cordeiro no terceiro copo, o 'copo da ação de graças', para instituir o rito da Santa Ceia, guardado como rito sagrado pela igreja cristã.

2.1.2 O Rito Pascal enquanto sistema simbólico.

Para Durand a estrutura do rito da Santa Ceia em sua liturgia estaria harmonizada com a estrutura mística da imagem, sendo ela uma das partições do Regime Noturno. O arquétipo

[25] Êxodo. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

da taça, da descida do alimento para o lugar de intimidade, insere-se nas posturas de harmonização e aconchego que irão negar ou eufemizar o fato da morte.

A crítica bíblica defenderá que a Páscoa é uma festa anterior a Moisés, e de caráter pastoril. Israel, ao entrar em Canaã, sai de uma condição nômade e retorna a sua condição sedentária no sentido de radicação e domicilio fixo, diferentemente do que o era nos dias em que andava com seus rebanhos no deserto. Born (1985, p.1132) cita:

> Muitos pensam que de origem a Páscoa foi a festa das primícias de um povo de pastores, que no começo da primavera oferecia as primícias do rebanho à divindade, fonte de fertilidade. Para poderem celebrar essa festa no deserto, os israelitas teriam querido sair do Egito com seus rebanhos (Êx 3,18; 7,16). O sacrifício teria sido oferecido seja ao deus lunar (de noite, com lua cheia, por volta do equinócio da primavera), seja ao deus da casa ou da família.

Este entendimento da crítica bíblica resulta do abandono da 'Teologia do Antigo Testamento'[26] no início do século XX, descrita por Smith (2001, p.33) como "A morte da teologia do Antigo Testamento e o triunfo da *Religionsgeschichteschule*"[27], a 'Hipótese Documentária',[28]defendida pelo teólogo alemão Julius Wellhausen, em sua obra 'Prolegômena da história de Israel'. Smith (2001, p.35) assim a descreve:

> A obra de Wellhausen [...] dá ênfase à variedade de teologias no Antigo Testamento e negava destaque a sua unidade. Outra causa foi a reação contra os estudiosos mais antigos que enxergavam no texto suas pressuposições teológicas em quantidade excessiva. Nesta nova era os estudiosos tentavam ser totalmente objetivos em sua abordagem das Escrituras. O terceiro fator que causou a morte da Teologia do Antigo Testamento foi a falta generalizada de interesse na teologia *per se* no início do século XX. Os estudiosos do Antigo Testamento voltaram sua atenção antes para o estudo da arqueologia, das línguas semíticas e das religiões comparadas. (grifo do autor).

Os teólogos que optaram por uma hermenêutica de abordagem histórico-crítica interpretam que o '*pesah*' e a 'festa dos ázimos' eram duas festas de dois povos com costumes

[26] Em seu comentário do Antigo Testamento Smith (2001) esclarece que "O termo "Antigo Testamento" é um termo cristão. Os judeus não usam esse termo; usam "Bíblia hebraica", "a Bíblia", "a Escritura", ou "Tanakh", acrônimo derivado do nome das três partes da Bíblia hebraica: *Torah, Nebi'im* e *Kethubim* (Lei, Profetas e Escritos)".

[27] Esta teología oriunda na Alemanha, e que tem em Rudolf Otto (1869-1937) um de seus representantes, inclina-se a uma exegese histórico-crítica, e se dissocia das abordagens dogmáticas.

[28] Wellhausen entendia que a religião do Antigo Testamento desenvolveu-se a partir da religião natural. Dessa forma, o texto chamado sagrado não era resultado de uma experiência epifânica, mas o desenvolvimento de crenças e costumes de um povo assimilando elementos de outros povos e culturas.

distintos que aconteciam na mesma época e que foram posteriormente sincretizadas. Born (1985, p.1130) cita:

> Originariamente o pesah e a festa dos ázimos eram duas festas distintas (ainda em Êx 34,18.25; 23,15; cf. 12,1-14.15,20; Lev 23,5s). A primeira dessas festas tinha relação com a vida dos nômades, a segunda com a dos agricultores sedentários (Dt 16,1.9; Êx 23,14-17). Como ambas as festas caiam na primeira lua cheia da primavera, foram mais tarde unidas, e celebradas em memória do êxodo (Êx 12,1-20.21,28; 23,15; 34,18; Dt 16,1-8), porque, conforme a tradição, esse se dera na primavera. Os ritos da festa eram relacionados com acontecimentos do êxodo.

O rito pascal seguia a ordem dada de acordo com as prescrições da lei mosaica no Pentateuco, onde se lê que os judeus deveriam imolar um cordeiro macho, de um ano, sem defeitos físicos, para alimentar seus familiares e marcar os umbrais de suas casas com o sangue do animal sacrificado. Born (1985, p.1131) afirma:

> O cordeiro pascal era morto no dia 14 de Nisan, *(março/abril)*, mas comido depois do pôr do sol; portanto para os judeus, nas primeiras horas do dia 15 de Nisan. No dia 15 começava a festa dos ázimos (massôt) que durava sete dias [...] Pão levedado e fermento não podiam ficar em casa [...] Devia-se fazer uma reunião de caráter religioso, conforme *Dt 16,8* no 7º dia [...] proíbem qualquer trabalho nesses dias; *Lev 23,8* prescreve que todos os dias seja oferecido um holocausto [...] Esta festa é uma comemoração da libertação do Egito. (grifo meu)

Foto 14 – Elementos da Santa Ceia na mesa. IPT – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

A celebração pascal deveria ser passada de geração em geração pelo memorial da páscoa. Para Durand, o rito tem como função reviver o mito. Esse sistema é acessado pela 'função transcendental' da imaginação simbólica, tornando possível, segundo Durand (2000), a preservação dessa cerimônia do judaísmo até os nossos dias. Pitta (2005, p.36) entende que na TGI, para se abordar o simbolismo, é necessário "ter sempre em mente a dimensão da ambiguidade, fundamental por fazer com que a "essência dialética do símbolo" se estenda sobre diversos planos, exercendo uma constante reequilibração".

As funções da imaginação simbólica em Durand (2002) proporcionam a reequilibração do indivíduo no âmbito biológico, psicossocial, antropológico e transcendental. O plano

transcendental acessado em um sistema simbólico dinâmico como o envolto no rito pascal, torna-se, conforme Pitta (2005, p.38), [...] “dizer o indizível”, a imaginação simbólica tem uma função transcendental, ou seja, ela permite que se vá além do mundo
material objetivo e que se crie o que Bachelard chamava de um “suplemento da alma”, ou seja, ela nutre a alma de modo que a mesma tenha elementos suficientes para transcender.

Sobre a função transcendental envolta no rito pascal, o teólogo norte-americano Tomas Ascol identifica os benefícios proporcionados pela imaginação simbólica, na prática “memorial”, acessada pela imaginação ativada em um processo didático de sedimentação dos valores rituais em uma família hebreia. Sobre a imaginação Ascol (2005, p.50) afirma:

> A palavra imaginação não é usada em Deuteronômio 6, mas o uso da imaginação é essencial. Seu filho lhe perguntará: “Que significam os testemunhos, e estatutos, e juízos que nós seguimos?” (veja Dt 6.20) Para responder a esta pergunta, o pai precisa engajar a imaginação do filho em eventos do passado, como a escravidão no Egito e a audaciosa e dramática libertação através do braço forte de Deus. Estas histórias por acaso poderiam ser contadas de forma a impressionar as crianças sem que fosse feito uso da imaginação? Desenvolver a imaginação de seus filhos irá ajudá-los a enxergar aquilo que *não é visível aos olhos*. (grifo meu).

Partimos do pressuposto de que o que não é visível aos olhos não o deixa de ser percebido pelos demais sentidos, logo pode e deve transcender, proporcionando o enfrentamento do fato da morte eufemizando seus efeitos. Transpondo esta temática para a nossa pesquisa, ao fazer uso de elementos da Páscoa na instituição da Santa Ceia, Jesus Cristo usa elementos significantes do rito judaico para instituição do rito cristão, através de um processo que acessa as funções da imaginação simbólica, conforme Durand (2000). O protestantismo reconhece a associação entre Páscoa e Santa Ceia, como destaca Berkhoff (1999, p.650-651):

> O novo testamento atribui à Páscoa uma significação típica, 1 Co 5.7, e, assim, vê nela não somente uma rememoração da libertação do Egito, mas também um sinal e selo da libertação da escravidão do pecado, bem como da comunhão com Deus no Messias prometido. Foi em conexão com a refeição pascal que Jesus instituiu a Santa Ceia. Utilizando elementos presentes naquela, Ele efetuou uma transição muito natural para esta.

Ampliaremos na sessão que segue esta discussão identificando na relação Páscoa/Santa Ceia a compreensão necessária para a ação ordenada das estruturas de sensibilidade que proporcionam em um indivíduo o enfrentamento do fato da finitude.

2.2 A RELAÇÃO SIMBÓLICA ENTRE A PÁSCOA E A SANTA CEIA

Ao instituir a Santa Ceia Jesus Cristo faz uso de uma cerimonia impregnada de emoção e valor simbólico tanto para ele quanto para seus discípulos. Para ele, pelo fato dos elementos pão e vinho simbolizarem o sacrifício que brevemente se disporia a fazer. Para seus discípulos pela recordação que traziam de suas refeições cerimoniais com seus familiares em torno da mesa e sobre a instrução dos seus pais.

Para um oriental, a 'mesa' é referencial de comunhão, e este sentido constitui-se em um dos valores ensinados no rito da Santa Ceia para os cristãos no protestantismo. Desta forma, argumentamos que os sentidos implicados neste sacramento, no Luteranismo, Anglicanismo e Presbiterianismo, permitem uma série de significações que transcendem os sistemas organizados entorno do rito da Santa Ceia pelos teólogos dessas denominações. Considerando a origem dos ritos, Borau (2008, p.13) diz que: "Quando o símbolo é exterior e socialmente aceito, transforma-se em ritual ou cerimônia religiosa realizada através de palavras, de movimentos e de actos simbólicos preestabelecidos"[29].

Foto 15 – Congregados recebendo sacramento IEAPR – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

A forma como o rito da Santa Ceia é administrado nos segmentos do protestantismo que acabamos de nomear, é caracterizada por algumas alteridades, tanto em seus pressupostos teológicos, quanto nos procedimentos realizados pelos celebrantes, influenciando a forma como os participantes interpretam os significados envoltos no rito e lhe conferem sentido pela imaginação simbólica na experiência com o *numinoso*, conforme Otto (2007).

O teólogo João Calvino tinha a seguinte compreensão, tanto sobre a relação sígnica dos fiéis com os elementos, quanto acerca da administração do rito da Santa Ceia pela igreja e celebrantes, conforme Costa (1999, p.300) afirma:

> Calvino fez uma analogia entre o alimento físico e o espiritual, mostrando que aquele que é fundamental para a manutenção de nosso corpo, Deus, como Pai providente, nos tem dado como "testemunho de sua bondade paternal". Porém, assim como é espiritual a vida em que nos há regenerado, é preciso que também seja

[29] BORAU, Jose Luis Vazquez. **Obra completa.** Lisboa: Paulus, 2008.

> o alimento que deve nutrir-nos e confirmar-nos nela. [...] Ele sustentou que a Ceia deveria ser celebrada semanalmente e que todos os membros deveriam participar do pão e do vinho.

Ainda que os Protestantes Históricos façam parte da religião cristã, o termo "religião" não é uniformizado em nenhum segmento. Compreender a trajetória de uma "religião" demanda uma jornada por estruturas complexas, haja vista a pluralidade de crenças e convenções que envolvem seus adeptos tanto social quanto fenomenologicamente, tornando-se difícil encontrar uma uniformidade quanto ao termo 'Religião Protestante Histórica'. Consideraremos a seguir algumas particularidades acerca do estudo das religiões tendo em vista que dentro do Protestantismo Histórico são constatadas distinções que não nos permitem uniformizar no estado da pesquisa o procedimento de todos os celebrantes e sujeitos.

2.2.1 A relação da religiosidade com o ritualismo.

Ao verificar em nossa pesquisa bibliográfica nos documentos históricos e dogmáticos das instituições Luterana, Anglicana e Presbiteriana, constatamos a razão das distinções na compreensão dos entrevistados dessas igrejas acerca da Santa Ceia. Esta distinção se dá pela orientação doutrinária ensinada em cada um desses segmentos. Constatamos um acentuado nível de abstração nos discursos e práticas dos sujeitos em relação ao rito da Santa Ceia, conforme observa Greschat (2005, p.157-158):

> Portanto, a articulação sobre temas religiosos dá-se em níveis diferentes de abstração, cuja identificação ajudará tanto o leitor quanto o cientista da religião que está prestes a trabalhar com um determinado assunto [...] No nível da nossa própria experiência somos testemunhas de um rito. Observamos o que os fiéis e os sacerdotes fazem, ouvimos suas palavras e canções, [...] Os fiéis dizem-nos como o rito é experimentado segundo seu ponto de vista. Relatam o que experimentam, sentem ou apreciam quando participam de um rito.

Funcionalmente a "religião" proporciona a possibilidade de o indivíduo relacionar-se com o transcendente, sacralizando ambientes, posturas e um tempo onde o mesmo transponha o ambiente hodierno e dê um significado sagrado a seu *ethos*, ou mesmo confira por convenção esta posição a alguém, sujeitando nessa condição suas vontades e escolhas. Sobre a origem do termo "religião", Hock (2010,p.20) esclarece:

> Mesmo o berço da cultura ocidental, a Grécia clássica, não conhece um termo que corresponda ao nosso termo religião: *eusébeia* designa temor e respeito, porém não se dirige apenas aos deuses, mas também a seres humanos, (pessoas veneráveis), ou objetos, (valores ou normas comprovados), *latreia* pode se referir a um serviço cúltico, mas em primeiro lugar designa um serviço prestado, num sentido muito geral e profano, e *threskéia* descreve um ato concreto no sentido do cumprimento de um mandamento.

Qualquer tentativa de uniformização semântica que tente abarcar o sentido de "religião" a partir da palavra ou conceito de "*religio"* ou *"religare"*, categorizado pelas práticas do cristianismo europeu e influenciado pela tradição judaico-ocidental, está longe de satisfazer a amplitude do que seja uma "religião", resultando em reducionismo. Sobre a dificuldade de uma uniformização do termo, Hock (2010, p.17) acrescenta que:

> Um dos problemas na definição do termo "religião" reside no fato de que o próprio termo nasceu num contexto cultural e histórico muito específico – num primeiro momento, pertence à história intelectual ocidental. O mais tardar quando tentamos aplicar o termo religião, como termo universal, a fenômenos em outros contextos históricos culturais, surgem dificuldades inesperadas.

Diante da necessidade de manifestar o sagrado ou relacionar-se com o transcendente por parte dos adeptos das religiões, os ritos tornam-se a âncora em que o indivíduo religioso se percebe intimamente comprometido com a divindade, compartilhando e servindo-se dos bens subjetivos de natureza espirituais ofertados por sua participação ritual em suas comunidades religiosas. A participação no rito funciona na mente humana como uma chancela de aprovação da divindade onde essa interação remete aos ritos religiosos primitivos observáveis como fenômeno no século XXI, conforme descreve Otto (2007, p.159):

> Os ingênuos [os humanos primitivos] pensam que vulcões, picos de montanha, lua, sol e nuvens têm vida, não por causa de uma teoria ingênua de que tudo tem "alma" ("pantelismo"), mas seguindo exatamente o mesmo critério que nós aplicamos quando reconhecemos algo vivo fora do nosso próprio eu vivo, ou seja, quando e na medida em que ali julgamos perceber ação e atuação – se com razão ou não, dependerá de observação mais detida.

Para os Protestantes Históricos a Santa Ceia é um sacramento da nova aliança. No Novo Testamento está escrito que em uma refeição cerimonial com seus discípulos, a Páscoa, Jesus Cristo instituiu a Santa Ceia. O rito Pascal, com a instituição da Santa Ceia, através de

Jesus Cristo, ganha uma nova significação no entendimento da comunidade cristã, passando a ser percebido como “meio de graça”, conforme Andrade (1999, p.67):

> A Santa Ceia é um dos Sacramentos instituídos pelo Senhor Jesus. Foi instituída por ocasião da “Festa da Páscoa”, na noite em que Judas traiu o Mestre. É para o crente em Cristo Jesus, um sublime privilégio poder participar da Ceia do Senhor. A Ceia é um meio de graça e em virtude disso o crente é alimentado espiritualmente quando participa dignamente.

Por esta razão Jesus Cristo transfere todos estes significados para o sentido não só do seu ideal de vida, mas para o rito que passava a instituir representando uma nova aliança entre ele e seus discípulos, que como ele mesmo disse, foi feita em seu sangue, ou seja, em seu sacrifício. Este era o entendimento da ressignificação do rito pascal com o sacramento ensinado pelos apóstolos, como podemos ver na epístola aos Coríntios,

> [...] e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim[30].

Foto 16 – Consagração do cálice – IEAPC – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Assim, quando Jesus Cristo pronuncia sua bênção sobre o ‘pão’ como representação do seu corpo oferecido como sacrifício pelos pecados e o ‘vinho’ significando o derramamento do seu sangue em favor dos que ele se comprometeu a salvar pela fé, ele está dando um novo sentido ao rito do sacrifício do cordeiro pascal. No sacramento da Santa Ceia, Jesus Cristo identifica o sacrifício que estava por fazer como sendo o cumprimento da promessa de redenção final dada aos israelitas na antiga aliança feita por Deus com os judeus.

Quando realizam o rito sagrado da Santa Ceia, conforme ensinam os cristãos protestantes históricos, Jesus Cristo se faz presente entre eles não só no ato sacro, mas

[30] 1 Coríntios. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

essencialmente no partir do pão e beber do cálice. O protestantismo histórico preserva este entendimento acerca de uma presença real de Cristo nos elementos pão e vinho, no caso dos luteranos. Pelo entendimento dos anglicanos, há uma presença místico-espiritual de Jesus na obréia, (hóstia), e no vinho. No entendimento calvinista, está a compreensão de uma presença representativa de Jesus nos elementos essenciais pão e vinho. Sobre este entendimento no calvinismo, Costa (2009, p.296) afirma:

> A compreensão de Calvino a respeito da Ceia envolve uma síntese do pensamento de Lutero e Zwínglio, conseguindo combinar de forma adequada a *espiritualidade* de Zwínglio com o *realismo* de Lutero sem, contudo, limitar-se à perspectiva de ambos.

Na teoria durandiana o imaginário religioso dos fiéis que participam do rito da Santa Ceia conforme Durand (2002) pode antecipar na função 'fantástica transcendental' o que os cristãos chamam de mortificação, que é estar morto para os valores terrenos. As questões que envolvem a temporalidade humana são motivos mais que legítimos para o cultivo da religiosidade. Sobre o temor da finitude, Tillich (1996, p.16) afirma:

> O sentimento de ser aniquilado pela presença do divino é o que expressa mais profundamente à relação em que se encontra o homem diante do sagrado. E esse sentimento perpassa todo ato de fé legítimo e todo estar possuído em última instância.

O medo da morte eterna ou da condenação pelo divino é interpretado em Durand (2002) como eufemização da morte na TGI, ou das 'faces do tempo'. No regime noturno das imagens a questão da finitude torna-se a grande questão e temática transcendental que aflige e angustia o ser humano e, particularmente, o indivíduo religioso.

2.2.2 A relação do ritualismo com a sacramentalidade.

O tempo em que ocorre a administração da Santa Ceia faz o participante do rito dissociar-se do modo de vida comum distinguindo o sagrado do profano. Os ambientes, objetos ou estados, na esfera do sagrado, dissociam-se pelo valor e comprometimento dado pelo indivíduo religioso aos lugares, materiais e disposições comuns do cotidiano. Sobre esta dicotomia na relação com o sagrado, Eliade (1992, p.12) afirma:

> O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades "naturais". É certo que a linguagem exprime ingenuamente o *tremendum*, ou a *majestas*, ou o *mysterium fascinans* mediante termos tomados de empréstimo ao domínio natural ou a vida espiritual profana do homem.

A imaginação envolta na morte de cruz de Jesus é de valor significativo para produção de sentidos no rito da Santa Ceia. Cada vez que o rito é administrado por um celebrante, e recebido por um devoto, na tradição do Protestantismo Histórico, cumpre-se a ordem de Cristo para que a memória do seu sacrifício seja celebrada perpetuamente até a sua volta. Na teologia do protestantismo, o rito da Santa Ceia não se reveste de um sentido de multiplicação do sacrifício de Jesus, mas o torna presente aos homens de todos os tempos. Sproul (2009, p.20) assim descreve o fenômeno:

> Quando o encontramos, *(Cristo)*, no momento da Ceia do Senhor, temos comunhão com ele. Ao encontrarmo-nos em sua presença divina, somos conduzidos misticamente à sua presença humana, porque sua natureza divina nunca se separa de sua natureza humana. A natureza divina nos dirige ao Cristo que subiu ao céu e na Ceia do Senhor podemos provar um pouco do céu. (grifo nosso)

A Santa Ceia também é chamada de Eucaristia, e etimologicamente significa ação de graças ou "festa". O caráter de ressignificação dado por Jesus à refeição pascal permite a teólogos como Sproul (1999) associar o rito da Santa Ceia a uma antecipação da promessa vindoura do estado de glorificação eterna a que os cristãos chamam 'Céu'.

Na Santa Ceia, Jesus assume o papel que tinha o cordeiro pascal apresentando-se como o Cordeiro de Deus, imaculado, (sem pecado), perfeito, (sem defeito), que veio satisfazer as demandas da justiça de Deus, substituindo os sacrifícios inadequados que os judeus ofereciam reiteradamente para remissão de seus pecados em seu sistema ritualístico sacrificial. Sobre a relação simbólica entre o cordeiro do sacrifício pascal e sua personificação em Jesus Cristo no imaginário apostólico na cristandade, Born (1985, p.298-299) afirma:

> Desde sempre a ceia pascal foi uma ceia sacrifical; para "matar" usam-se os verbos que indicam um sacrifício (zãbah: Êx 12,27; Dt 16,2.4-16; θυω: Lc 22.7; Ant 3,10,5; sãhat: Êx 12,6.21, 2 Crôn 30, 15.17, etc.) Depois da reforma deuteronomistica o animal era morto pelos levitas, no templo; o sangue era derramado ao pé do altar, e a gordura queimada sobre o altar (2 Cron 35,11; Jub 49,19s), exatamente como nos sacrifícios de ação de graças, e nos sacrifícios para expiar erros e culpas (Lev 3,3-5; 4,18s; 7,2s, etc.) É com razão, portanto, que S.

> Paulo vê no cordeiro uma figura de Cristo: "o nosso cordeiro foi morto, que é Cristo" (1 Cor 5,7): o sacrifício do cordeiro lembrava a libertação da escravidão.

Como vítima da expiação[31], Jesus selou nova e definitiva aliança de Deus com os que cressem no seu sacrifício. Ele diz no evangelho: "Semelhantemente, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este é o cálice da nova aliança no meu sangue derramado em favor de vós[32]". Como na antiga aliança feita com Moisés no Monte Sinai, a nova aliança instituída por Cristo no cenáculo também seria marcada por derramamento de sangue, no caso, o sangue do próprio Jesus Cristo.

Foto 17 – Consagração do cálice
IPT – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertacão SCICP

Assim como o rito pascal acessava a função 'imaginativa e memorial', Jesus Cristo determina para seus discípulos que seu sacrifício seja lembrado. Para os Protestantes Históricos, o rito da Santa Ceia deve fazê-los imaginar a Jesus Cristo oferecendo-se pessoalmente na comunhão de seu corpo e sangue, e o indivíduo cristão tornando-se um com Ele.

Ao refletir sobre a relação existente entre mitos, símbolos e rito, Borau (2008, p.13) afirma que:

> O mito, ou ideologia das sociedades aracaicas *define-se como uma linguagem* ou um discurso universal em que tudo está incluído, até mesmo a desordem, em que aparecem os deuses, os homens, os animais e as plantas, os génios, os seres fabulosos e alguns princípios metafísicos personificados: o caos, o vazio, a força, etc. Assim, o mito na sua essência constitui um bem coletivo *essencialmente transmissível*, dando lugar a uma liturgia própria do grupo que o recita. O mito informa a estrutura à liturgia, cujo fim essencial é o de reproduzir determinadas sequências míticas corporizando-as. [...] Se o rito não fosse exterior, não poderia ser expressão da experiência. É precisamente no símbolo que se expõe aos outros, embora de forma imperfeita, aquilo que não pode ser comunicado de outra forma. (grifo meu).

[31] BORN A. Van Den, et al. **Dicionário enciclopédico da Bíblia.** Vozes: 1985. "Cristo é o cordeiro, morto na cruz, para libertar os homens da escravidão do pecado".
[32] Lucas. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

A função imaginativa simbólica permite a preservação e transmissão de um mito por meio de uma liturgia, ou rito, que acaba se constituindo na linguagem do mito. No entendimento da teologia do protestantismo, a Santa Ceia é um sacramento, ou seja, transcende um rito. Dessa forma pode se inferir que a Santa Ceia realiza-se na dinâmica de um rito que enquanto linguagem mítica remonta ao sentido da celebração do banquete nas sociedades arcaicas, onde se celebravam vitórias, assumiam-se alianças e selavam-se pactos. As imagens exploradas nas alegorias bíblicas para referir-se ao estado de consumação da carreira da humanidade e cumprimento das promessas de Deus estão muitas vezes ilustradas na imagem do *eranos*, o banquete na idade antiga.

Está implícito que o mito fundante do banquete vem a originar a mensagem da 'mesa de comunhão' e 'lugar de intimidade', onde não se assentam se não os que foram convidados para o banquete, onde se cumprirão as promessas de bênção prescritas ao estado eterno dos cristãos. Um rito não é necessariamente um sacramento, contudo, para os cristãos no protestantismo, seus dois sacramentos, 'Batismo' e 'Santa Ceia', são celebrados em uma dinâmica litúrgica ritual, e como tal, o rito em que se processa o sacramento serve como instrumento para manutenção da ortodoxia do devoto que dele participa, conforme entendimento de Costa (2009, p.29):

> Atribuo aos sacramentos o ofício de confirmar e aumentar a fé, não porque considere que tenham em si a virtude necessária e perpétua para fazerem isso, mas porque foram instituídos por Deus para essa finalidade. No mais, produzem eficazmente o esperado efeito quando o Mestre interno, instruidor do espírito, lhes acrescenta a sua virtude, único poder capaz de penetrar o coração e sensibilizar nossos afetos e possibilitar a entrada dos sacramentos em nosso ser interior.

A morte de Cristo na cruz é apresentada no protestantismo como um ato substitutivo da vida daqueles que mereciam a condenação pelos seus pecados. Os que creem são salvos da condenação da morte quando Cristo ocupa seu lugar na cruz. Cerimonialmente Jesus Cristo ocupa o lugar do homem substituindo o cordeiro pascal. Por essa razão Ele é chamado pelo evangelista João de 'o Cordeiro de Deus'[33].

O castigo merecido foi sofrido por um homem inocente, Jesus. Assim como com o cordeiro pascal, cerimonialmente perfeito e sem mácula, (defeito). No protestantismo o sacrifício de sangue de Jesus Cristo dá ao cristão a segurança do perdão e da purificação, pois o sacrifício de Jesus foi aceito pelo legislador que é Deus. Essa é a simbologia tipificada por

[33] BORN A. Van Den, et al. **Dicionário enciclopédico da Bíblia.** Vozes: 1985. "Também em Jo, Cristo, morrendo na cruz, é apresentado como o verdadeiro cordeiro (19,14.37; cf Num 9.14; Jo 1,29.36; 1 Pdr 1,19".

Jesus Cristo na sua associação com o cordeiro pascal, estabelecendo o elo entre estes ritos essenciais nos seus respectivos sistemas religiosos, o judaico e o cristão. Conheceremos agora algumas particularidades do rito da Santa Ceia, sacramento da Nova Aliança, enquanto sistema simbólico.

2.3 A SANTA CEIA COMO SISTEMA SIMBÓLICO

O símbolo passou a ser estudado em diversos campos de conhecimento de forma disciplinar e sistemática com Gastón Bachelard (1884-1962). Até então se falava das funções da imaginação simbólica de forma muito pontual dentro de cada campo do conhecimento que se dispusesse a fugir da objetividade positivista estabelecida no século XIX.

O estudo dos sistemas simbólicos requereria uma ruptura com os pressupostos positivistas. Gomes (2011, p.18) aponta que para formação de uma postura coerente com o "paradigma bachelardiano", se faz necessário o acolhimento da 'revolução científica' que se caracteriza por uma abordagem não positivista que Bachelard (1996, p.29) nomeia de "espírito científico". Esta abordagem dialoga com o conceito das estruturas de sensibilidade em Durand (2002) e possibilita uma exploração sensível dos fenômenos.

Selecionando os símbolos como objeto de análise, Pierre Bourdieu[34] (1989, p.7-8), enxerga que nas produções simbólicas há igualmente estabelecidas relações de poder ao afirmar que "[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem". Falar de sistemas simbólicos relacionados ao cristianismo inevitavelmente implicará em transitarmos pelos campos das tradições, teologias, hierarquias e relações de poder estabelecidas e legitimadas nas denominações que pesquisamos.

A Santa Ceia em sua administração demonstra esta estrutura a partir da própria relação da execução do rito. Para que o rito seja celebrado se faz necessária a legitimação da instituição. É necessário que o sacerdote que o celebre seja um ministro ordenado pelas autoridades da Igreja. O devoto necessita estar filiado por meio de ritos de iniciação, e ser devidamente provado ética e moralmente segundo os padrões não só da instituição, mas também da comunidade para poder participar da Santa Ceia.

[34] Para Bourdieu (1989) as análises estruturais por instrumentos metodológicos e define os sistemas simbólicos "como instrumentos de conhecimento e comunicação, que só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados".

Há por traz de um rito como o da Eucaristia uma ‘estrutura estruturante’, definida por Bourdieu (1989, p.8) como:

> [...] universos simbólicos, mito, língua, arte, ciência, como instrumentos de conhecimento e de construção do mundo dos objectos, como “formas simbólicas” [...] Com Durkheim, as formas de classificação deixam de ser formas universais (transcendentais) para se tornarem (como implicitamente em Panofsky) em *formas sociais*, quer dizer, arbitrárias (relativas a um grupo particular) e socialmente determinadas. Nesta tradição idealista, a objectividade do sentido do mundo define-se pela concordância das subjectividades estruturantes (senso = consenso) (grifo do autor).

Foto 18 – Benção na Santa Ceia – IELB – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Desse modo, Bourdieu (1989) compreende que o sistema simbólico inserido no rito da Santa Ceia está passivo de análise estrutural tanto na sua tradição, quanto na sua teologia e relações sociais. Teólogos como Lutero, Zwinglio e João Calvino sistematizaram a doutrina bíblica dos sacramentos, com a finalidade de que os mesmos sejam praticados de forma coerente. Neste trânsito de ideias dos reformadores as estruturações teológicas estão a serviço da instituição e perdem seu referencial sacro.

Os sacramentos nas Igrejas Protestantes Históricas são vistos como instituídos não por homens, mas pela divindade, em uma relação com o *numinoso,* (transcendente) (grifo nosso). Não exercem um papel mágico, ou tem poderes em si mesmos, mas como símbolos representativos da fé dos fiéis no sagrado, dissociam o participante do comum, e o consagram e comprometem com o divino. O devoto ao participar da Santa Ceia, igualmente reconhece e legitima a autoridade da Igreja e do sacerdote. Sobre o ideário individual de cada participante nos ritos, Vilhena (2005, p.38) afirma:

> O rito como construção humana, nasce e fala precisamente das necessidades, buscas, esperanças, angústias, ilusões, enraizadas na história de cada ser humano em particular e na história coletiva. [...] Estudar o rito é estudar o ser humano na cultura da qual participa com suas cosmovisões, seus costumes, sua vida social, sua vida material, sua história.

Quando o ministrante de uma igreja do Protestantismo Histórico convida o participante a celebrar os méritos de Cristo pela lembrança do seu sacrifício, ele o faz com vistas a convocar ele mesmo e os participantes em sua ética a viver de acordo com os ensinos de Jesus Cristo. Sobre o valor de analisar o sistema simbólico envolto em um rito como o da Santa Ceia, Vilhena (2005, p.35) ressalta que,

> Não basta assistir aos rituais, ler suas descrições, ouvir falar sobre o que acontece durante a ação que neles se desenrola para que possamos, de fato, nos inteirar da riqueza de que são portadores, do sentido que os anima, da qualidade das experiências que nele são vividas. De antemão, somos sabedores de que o rito não pode ser decodificado jamais, que não nos é possível mergulhar nas profundidades a que remete, que muito do que lhe é próprio permanecerá indevassável a nossos olhares, pois que é indevassável o mistério que o habita e constitui, tais como são indevassáveis os recônditos da interioridade humana e da vida social.

Para a teologia das igrejas Protestantes Históricas, o cristianismo é mais que um conjunto de práticas ritualísticas, constituindo-se em uma forma de viver, um *ethos* coletivo. Bourdieu (1989, p.10) ressalta que:

> Os símbolos são instrumentos por excelência da "integração social": enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação [...] eles tornam possível o *consensus* acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração "lógica" é a condição da integração "moral".

Foto 19 – Ministro servindo-se na Santa Ceia
IEAPR – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Em Bourdieu (1989, p.10) verificamos, ainda que omitida, uma contribuição transcendental do que ele chama de *"experiência doxa"* nos símbolos estruturantes para a reprodução da ordem social, permitindo o consenso, produto do senso, tornando-se legítima a condição de poder existente tanto no sacramento, quanto na instituição que o detém e em seus administradores uma vez que permitida e

aceita pelos religiosos que conferem este poder às instituições e personagens que as administram, desta forma, quem não subscrever a estrutura destas instituições, que saia delas, não sendo obrigado a permanecer.

Assim, doutrinariamente se propõe aos fiéis nas igrejas do Protestantismo Histórico, a exemplo do que ocorre na instrução da CFW, ressaltada por Hodge (1999, p.480), que o valor memorial do sacramento da Santa Ceia tem projeção e aplicação perpétua para os fiéis, porém, enquanto cerimônia memorial,

> Neste sacramento, Cristo não é oferecido a seu pai, nem de modo algum se faz sacrifício real para remissão de pecados dos vivos ou dos mortos; *mas apenas a comemoração* daquela única oferenda que ele fez de si mesmo na cruz, *uma vez por todas*, e por meio dela uma oblação espiritual de todo louvor possível a Deus [...] de modo que o único sacrifício de Cristo, o qual é a única propiciação por todos os pecados dos eleitos. (grifo meu).

A declaração lida acima da CFW ensina que o rito da Santa Ceia deve ser comemorado nas Igrejas do Protestantismo Histórico e relembrado pelos fiéis. Ele deve ser celebrado pelos ministros da Igreja de forma coletiva. A estruturação desse sistema estabelece a legitimidade da relação social entre os fiéis e os representantes da instituição, os ministros celebrantes conforme argumenta Bourdieu (1989, p.10):

> As ideologias, por oposição ao mito, produto colectivo e colectivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções.

O estabelecimento das relações de poder cria uma ambivalência entre as condições necessárias para participação ou privação dos indivíduos para Santa Ceia. Há vários fatores que influenciam a piedade dos fiéis e que acabam por influenciar diretamente suas condutas. Desde os dias dos reformadores, o apelo a uma vida piedosa soava como uma chamada a manter-se a coerência entre o discurso e a prática Calvino (2006, p. 156) afirma:

> Na Ceia [temos] uma veemente exortação a viver santamente e, sobretudo, a manter a caridade e o amor fraternal entre nós. Pois se na Ceia somos feitos membros de Jesus Cristo, sendo incorporados e unidos a ele, nossa cabeça, há razão mais que suficiente para que nos conformemos à sua pureza e inocência, e mui especialmente

> que tenhamos entre nós a caridade e a concórdia que deve reinar entre os membros de um mesmo corpo.

Foto 20 – Congregado servindo-se da Santa Ceia – IEAPR – João Pessoa

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

O rito da Santa Ceia para os Protestantes Históricos é um meio de graça que permite ao adepto reiteradas oportunidades de renovar seus votos e compromissos através da sua regra de fé que é a Bíblia Sagrada. Vilhena (2005) diz que "Quando e onde quer que nos deparemos com um grupo humano organizado em sociedade, ali encontraremos práticas rituais". Na teoria este conceito harmoniza-se com a proposta de vivenciar a Bíblia Sagrada como "regra de fé e prática" das igrejas Protestantes Históricas, sem, contudo, garantir que essa seja uma prática uniforme.

Sobre o valor da adoração à Bíblia no culto cristão, Borau (2008, p.126) cita:

> Os autores da *Bíblia* cristã escolheram o termo *hagios*, que significa "santo" para expressar o sagrado. [...] para os Cristãos, o sagrado faz referência ao sagrado do Deus vivo, que se torna presente graças à intercessão de Jesus Cristo. E isto é feito de um modo especial graças à liturgia, lugar de encontro entre eternidade e o tempo. Entre a terra e o céu estabelece-se então uma espécie de canal de comunicação no qual se encontram a acção do Senhor e o canto de louvor dos fiéis. A Liturgia une os dois santuários, o templo terreno e o céu infinito, Deus e o Homem, o tempo e a eternidade (*v. A vida moral enraizada na liturgia*). (grifo do autor).

O rito da Santa Ceia para os Protestantes Históricos apresenta-se como uma "comunhão", onde a associação individual do fiel com seus irmãos se manifesta através do partir do pão e do beber do cálice conforme exegese bíblica das palavras do apóstolo Paulo: "Porque nós, embora muitos somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão"[35]. Durand (2011) chama o culto às Escrituras[36] como sendo o arrefecimento do posicionamento iconoclasta ocidental do imaginário cristão protestante,

[35] 1 Coríntios. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

[36] Esta é a leitura estética que Gilbert Durand faz do culto e liturgia protestantes. Na sua interpretação o protestantismo tirou as imagens das paredes dos seus lugares de oração e o colocou nas letras das composições musicais.

defendendo que as imagens relacionadas aos louvores musicalizados aproximou o imaginário no culto cristão no protestantismo. Durand (2011, p. 22) afirma:

> Todavia, devemos assinalar que, no meio protestante, este iconoclasmo, no sentido estrito da "destruição de imagens", diminui de intensidade com o culto às Escrituras e também à música – Lutero, que também era músico, colocava a Senhora Música (*Frau Musika*) imediatamente atrás da teologia! De passagem, podemos observar que, nas grandes religiões teístas com um iconoclasmo bem solidificado como no Islamismo e Judaísmo, a necessidade de uma representação relaciona-se tanto à imagem literária quanto à linguagem musical.

Em nossa pesquisa percebemos esta influência transpondo séculos, ao ver que os Protestantes Históricos na cidade de João Pessoa se reúnem 'em volta da mesa' da Santa Ceia em uma cerimônia repleta de imagens musicais que preparam para a representação dos símbolos pão e vinho. A Santa Ceia enquanto sistema simbólico responde à força das relações de poder, vista em Durand (2011) como iconoclasmo próprio dos monoteísmos, permitindo a expressão sensível através do recurso musical. Durand (2011, p.23) ressalta:

> Henry Corbin, protestante francês e grande estudioso do Islamismo, não se enganou neste ponto. O Islamismo compensava a proibição das imagens pintadas ou esculpidas com poetas de primeira grandeza [...] Como ponto de comparação com essas "imagens" dos monoteísmos judeu e muçulmano, que poderíamos denominar "espirituais", podemos citar a imensa exegese musical – e tão poética! – da obra de Johann Sebastian Bach (1685-1750), o maior compositor protestante. Bach, músico protestante tardio da Reforma, manteve intactas a inspiração e a teoria estética de Lutero. Os textos e as músicas de suas duzentas cantatas e "Paixões" são testemunhas magníficas da existência de um "imaginário" protestante de uma profundidade incrível mas que se destaca na pureza iconoclasta de um lugar de oração do qual as imagens visuais – os quadros, as estátuas e os santos – foram expulsos.

Concluímos este capítulo revisando as origens do rito da Páscoa, cerimônia fundante da Santa Ceia, sendo a Páscoa uma ressignificação da Santa Ceia. Também refletimos sobre o rito da Santa Ceia enquanto sistema simbólico e sua articulação com as relações sociais de poder. Sobre esta articulação, Bourdieu (1989, p.12-13) distingue a relação entre os sistemas simbólicos e os meios de produção conforme segue:

> Os "sistemas simbólicos" distinguem-se fundamentalmente conforme sejam produzidos e, ao mesmo tempo, apropriados pelo conjunto do grupo ou, pelo contrário, produzidos por um corpo de *especialistas* e, mais precisamente, por um campo de produção e de circulação relativamente autônomo: a história da transformação do mito em religião (ideologia) não se pode separar da história da constituição de um corpo de produtores especializados de discursos e de ritos

> religiosos, quer dizer, do progresso da *divisão do trabalho religioso*, que é, ele próprio, uma dimensão do progresso da divisão do trabalho social, portanto, da divisão em classes, e que conduz, entre outras consequências, a que se *desapossem* os laicos dos instrumentos de produção simbólica. (grifo do autor).

No entendimento de Bourdieu (1989), os sistemas simbólicos podem ser transformáveis à medida das necessidades e interesses dos seus produtores, e das relações de poder que desenvolvem com seus subordinados. Bourdieu (1989, p.14) afirma que "[...] o poder simbólico não reside nos "sistemas simbólicos" em forma de uma "illuctionary force", mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem poder e os que lhe estão sujeitos".

Foto 21 – Obréias sobre a mesa da Santa Ceia
IEAPC – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

No que envolve a Santa Ceia enquanto sistema simbólico produzido no Protestantismo Histórico, o rito em questão é derivado da ressignificação histórica do movimento da Reforma Religiosa do Século XVI, rompendo com a estrutura hegemônica dominante do Catolicismo Romano, e sob esse prisma, enxergar-se-ia a Santa Ceia como um rompimento com o judaísmo, contrariando o sentido do rito para a cristandade de orientação reformada, que o enxerga na verdade como sendo uma ressignificação distintiva entre uma 'Aliança' outrora tipificada, para uma 'Nova Aliança' cumprida em Jesus Cristo.

O poder dos sistemas simbólicos para Bourdieu (1989) está em que estes "devem sua força ao facto de as relações que neles se exprimem só se manifestarem neles em forma irreconhecível de relações de sentido", ou seja, importa para a preservação de um rito o sentido que ele tenha para um determinado grupo, daí a relevância da ressignificação teológica da presença de Cristo nos elementos da Santa Ceia no tocante à questão transubstancialista.

Pela hermenêutica produzida no Protestantismo Histórico, no estabelecimento de suas comunidades origina-se um sistema simbólico, que ressignifica dentro da própria cristandade o rito eucarístico. No capítulo que segue ampliaremos esta discussão abordando os aspectos

tanto simbólicos quanto ritualísticos (litúrgicos) que permitem identificar o imaginário cristão protestante nos símbolos essenciais utilizados no rito da Santa Ceia, o pão e o vinho.

3 ANÁLISE MÍSTICA DOS SÍMBOLOS DA SANTA CEIA

> *Vamos deter-nos, por agora, nessa definição, nestas propriedades e nesta sumária classificação do símbolo como "signo que remete para o indizível e invisível significado e, deste modo, sendo obrigado a encarnar concretamente esta adequação que lhe escapa, e isto através do jogo das redundâncias míticas, rituais, iconográficas, que corrigem e completam inesgotavelmente a inadequação".*
>
> *Gilbert Durand*

> *O outro sacramento instituído pelo Senhor e por ele dado à igreja cristã é o pão santificado pelo corpo do Senhor Jesus Cristo e o vinho santificado pelo seu sangue, como os antigos costumavam falar. E nós lhe chamamos Ceia do Senhor, ou Eucaristia, porque por ele somos alimentados e fortalecidos espiritualmente pela benignidade do Senhor, e, de nossa parte, lhe rendemos graças por sua bênção.*
>
> *João Calvino*

Neste capítulo, investigaremos a relação entre os indivíduos religiosos e os símbolos da Santa Ceia, o pão e o vinho, buscando compreender a relação entre os conceitos de significado e sentido no uso desses símbolos nas estruturas do imaginário. Conceituamos que significado é o que 'se diz sobre algo', a definição atribuída a um termo ou assunto, palavra, frase, texto; aquilo que alguma coisa quer dizer, é a forma representativa e ideológica e sua relação com a forma linguística do signo que é um conceito.

O sentido vai além, se relaciona com o que se pensa; um ponto de vista; o que algo representa para um indivíduo ou um grupo; o sentido é mais amplo, transcende e denota um valor, é a relevância que se dá a algo, e no caso de nossa pesquisa, é a transcendência a que me submeto ao participar do rito da Santa Ceia.

Para realização de uma análise imagético-sensível dos sentidos atribuídos ao rito, recorremos aos referenciais da imaginação simbólica, em Durand (2000) e à aplicação da TGI, com vistas a identificar quais os sentidos atribuídos pelo segmento Protestante Histórico aos elementos essenciais, pão e vinho, na realização do rito da Santa Ceia sob o viés das Estruturas Antropológicas do Imaginário.

A TGI preconiza a organização das Estruturas Antropológicas do Imaginário em dois regimes de imagens que serão influenciados em cada pessoa através do seu trajeto antropológico. Segundo Durand (2002) existem estruturas para organização destas imagens, as quais o teórico denomina de 'protocolo das imagens'. No regime diurno será encontrada a estrutura heroica. No regime noturno as estruturas são particionadas, formando uma a

estrutura mística, não no sentido de mistério religioso, e a estrutura sintética, que busca harmonizar os contrários.

Para abordarmos estes procedimentos apresentaremos um pouco de nosso aporte teórico referente à TGI. Vale ressaltar que foi Bachelard (1884-1962), filósofo e poeta francês, um de nossos referenciais de produção, quem sinalizou as primeiras tentativas para organizar um estudo sistematizado e interdisciplinar sobre simbologia.

Além de Bachelard, outros se notabilizam como fundadores da noção do imaginário como o historiador das religiões, mitólogo, filósofo e romancista Mircea Eliade (1907-1986); o filósofo, teólogo e professor Henry Corbain (1903-1978); o antropólogo, sociólogo e filósofo Edgard Morin (1921).

Ao expor a análise a qual denominamos ‘mística’, nos propomos a apresentar a relação entre a TGI e os símbolos eucarísticos, visando compreender as funções da imaginação simbólica que segundo Durand (2000) essas funções se relacionariam com os elementos essenciais utilizados no rito da Santa Ceia, pão e vinho, na dinâmica da ‘função fantástica’. E o que é a ‘função fantástica’? É a função da imaginação, que dá esperança, diante da morte e do tempo, as ‘faces do tempo’. Para Durand (2002) tudo irá acontecer no campo da ‘fantástica transcendental’, da ‘imaginação’. Segundo o teóricocitado, o *cogito ergo sumo*, a famosa frase de Descartes, 'Penso, logo existo', é o Imaginário, é a imaginação. quanto ao fato da finitude e da angústia existencial.

3.1 SOBRE O IMAGINÀRIO E O SIMBOLISMO

Iniciamos aqui a relação da TGI com o rito da Santa Ceia, afirmando que para compreender as imagens se faz necessário compreender o homem e o exercício de sua faculdade de dar significado, relacionado aquilo que é potencialmente imanente, e de atribuir sentido, como enunciação de um ato em relação ao mundo em que está inserido. Cassirrer (1994, p.359) definirá o homem como *animal symbolicum*, compreendendo que “Na linguagem, na religião, na arte e na ciência, o homem não pode fazer mais que construir seu próprio universo – um universo simbólico”.

Durand (2002) terá na ‘imaginação’ o eixo central de sua teoria, chamando-a de ‘função fantástica’, ou “fantástica transcendental”, dedicando todo um capítulo a ela em “*Les Structures Anthropologiques de L’imaginaire*” (1992), abordando a tese: “A função da fantástica, ou da imaginação, é dar esperança diante da morte e do tempo”. Conforme Durand (2002, p.404):

> O sentido supremo da função fantástica erguida contra o destino mortal é assim o *eufemismo*. O que quer dizer que há no homem um poder de melhoria do mundo. Mas essa melhoria também não é a vã especulação "objetiva", uma vez que a realidade emerge ao seu nível e a criação, a transformação do mundo da morte e das coisas no da assimilação à verdade e a vida. Todos aqueles que se debruçaram de maneira antropológica, quer dizer, simultaneamente com humildade científica e largueza de horizonte poético, sobre o domínio do imaginário estão de acordo em reconhecer à imaginação, em todas as suas manifestações (religiosas e míticas, literárias e estéticas), esse poder realmente metafísico de erguer as suas obras contra a "podridão" da Morte e do Destino. (grifo do autor).

Foto 22 – Distribuição dos elementos
IEAPC – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Em Durand (2002), a abordagem das estruturas simbólicas contemplará a ambiguidade e a multiplicidade de relações que podem ser estabelecidas entre os símbolos e o tempo. No regime diurno, na face do tempo, os símbolos que estão ligados à animalidade são chamados de *teriomórficos;* quando se relacionarem com a noite, escuridão, ou trevas, as imagens serão denominadas *nictomórficas;* e quando está ligada à queda, são os *catamórficos.* Durand encontrou em suas pesquisas o que ele denominou "isomorfismo", que permite, mesmo a despeito das disparidades, a conjectura de uma 'constelação de imagens', capaz de identificar as angústias relativas ao tempo e à finitude.

Estes símbolos foram divididos em dois regimes chamados diurno e noturno, organizados por Durand (2002, p. 57) com base em estudos no campo da reflexologia:

> A partir daqui podemos estabelecer o princípio do nosso plano, que, considerando essas notáveis convergências da reflexologia, da tecnologia e da sociologia, será fundamentado ao mesmo tempo sobre uma vasta bipartição entre dois regimes do simbolismo, um *diurno* e o outro *noturno*, e sobre a tripartição reflexológica. (grifo do autor).

Durand entendeu que a bipartição entre o regime diurno e noturno, e a tripartição nas estruturas de sensibilidade, corresponderia às estruturas heroica, mística e dramática nos

regimes. Dessa forma Durand (2002), atribuirá ao ‘Regime Diurno’ a constelação de três categorias de imagens, ligadas aos símbolos ascensionais, espetaculares e os manipulatórios, com o fim da oposição ao fato aterrorizador das ‘faces do tempo’, ou seja, a morte.

O Regime Diurno é marcado pela estrutura de sensibilidade heroica, ligada às armas, ao enfrentamento, à agressividade, à luta contra a angústia existencial, convertendo a experiência da dor em vitória, a exemplo da cruz cristã, um símbolo socialmente estabelecido como morte, vergonha, vexame e maldição conforme afirmam as Escrituras: “Maldito todo aquele que for pregado no madeiro”[37], pelo Regime Diurno da imagem este símbolo seria ressignificado como ascensional.

Foto 23 – Culto com Santa Ceia IEAPC – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

A *coincidentia oppositorum* característica do Regime Diurno proposto por Durand (2002) vem a constituir-se no assumir de uma postura antitética, onde a cruz converte-se em símbolo de vida, orgulho, vitória e bênção, para os cristãos que acolheram sua mensagem e ressignificação. É quando o símbolo assume o caráter antifrásico e permite à cristandade recordar o sacrifício de Jesus Cristo cantando como exemplo:

Sim eu amo a mensagem da cruz,
Seu triunfo meu gozo será!
Pois um dia. Em lugar de uma cruz.
A coroa Jesus me dará![38]. (grifo meu)

No Regime Noturno da imagem existe um posicionamento oposto ao do Regime Diurno. É a convergência, o acolhimento e resignação, aceitação da mortalidade enxergando-a como certeza de renovação e renascimento. O Regime Noturno será dividido em duas estruturas, a mística e a sintética. Ao definir o Regime Noturno, interpretando Durand, Gomes (2011, p.83) afirma:

> No regime noturno [...] em que se exorcizam os ídolos mortíferos do Cronos, tem-se na *estrutura mística do eufemismo:* Da antífrase, imperativo biopsíquico ligado à deglutição, os *schémes* da descida e da interiorização, os *arquétipos* da taça e seus

[37] Gálatas. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.
[38] Estrofe do hino eucarístico 266 - Rude Cruz, do hinário presbiteriano Novo Cântico, dos compositores G. Bennard e A. Almeida.

> componentes simbólicos e os *símbolos* da inversão e da intimidade; Da hipotipose, imperativo biopsíquico ligado à sexualidade, os *schémes* rítmicos e seus matizes cíclico e progressista, os *arquétipos* da roda e da árvore e os *símbolos* cíclicos, dialéticos e messiânicos.

O Regime Noturno promove um nível de enfrentamento das faces do tempo não pela luta, mas pelo eufemismo, caracterizado pela ambiguidade residente nos grupos simbólicos regidos pelos reflexos digestivo e cíclico visando à superação do medo e à valorização do destino e da morte. Durand (2002, p.58) cita:

> [...] o Regime Noturno subdivide-se nas dominantes digestiva e cíclica, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do hábitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora, a segunda agrupando as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e os dramas astrobiológicos.

Foto 24 – Ministração do pão Santa Ceia
IEAPC – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Caracterizaremos os símbolos segundo Durand pelo princípio do 'método de convergência das imagens', agrupando-os em *Schéme,* Arquétipo, Símbolo e Mito. Estas categorias não estão dispostas de forma linear e sequencial, indicando conforme Pitta (2005) que não há anterioridade nem primazia de uma sobre a outra. O *schéme* ganhou em Durand (2002, p.60) o termo genérico "esquema", um 'símbolo funcional' o qual ele define por "[...] generalização dinâmica e afetiva da imagem, constitui a factividade e a não-substantividade geral do imaginário". O *schéme* é anterior à imagem, relacionando-se gestos e representações no inconsciente humano. Os arquétipos são para Durand (2002) as "substantificações dos esquemas", sendo igualmente as representações dos *schémes*, unindo o imaginário com a razão. Quanto ao símbolo, este se relaciona com o signo. Em *Estruturas Antropológicas do Imaginário*, Durand (2002, p.58) opta por uma abordagem muito geral fugindo do sentido convencionado de "sinal contingente de um significado". Tendo em vista esta opção do autor, ampliaremos em nossa pesquisa o leque de teóricos que tratarão do mesmo assunto no que diz respeito aos símbolos.

Quanto ao mito a TGI o define como narrativa que agrupa os símbolos, arquétipos e *schémes.* No mito está a narrativa fundante, original, uma forma de contar aquilo que não se dispunha de evidência para provar. Com base em Durand, Gomes (2011, p.81) afirma:

> O mito é aquele conjunto de imagens, portanto diverso e plural, que permanece como um "invariante móvel" na história de uma dada sociedade. [...] O mito em Durand não é linguagem, mas estrutura do inconsciente que se constitui da seguinte forma: as imagens aglutinam-se no imaginário, em torno de núcleos organizadores da simbolização, que são polarizados. Em cada núcleo, ou polo, há uma força homogeneizante, ordenadora de sentido, que organiza semanticamente as imagens, configurando-as miticamente.

Para Durand o mito é estrutura fundante, presente em todos os lugares, do mito derivam-se os ritos. Em 'aproximações ao imaginário', Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 48) descrevem esta relação:

> O mito é uma forma de conhecimento. Remonta aos primórdios da humanidade, constitui-se por meio de uma narrativa simbólica e aparece como a primeira formulação da experiência de existir no mundo. [...] Apesar de constantemente atacado, o mito sobrevive na linguagem, na ideologia, na ciência, nas instituições, na história, na magia, nos ritos, na religião, no senso comum [...]

Foto 25 – Distribuição do pão Santa Ceia – IEAPR – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

A presença do mito na realização do rito da Santa Ceia, nosso objeto de estudo, nos conduz à busca de uma possível relação entre o rito e o *schéme* da descida, da intimidade, elemento essencial para que um participante da eucaristia se perceba identificado com Jesus Cristo através do ritual. A narrativa simbólica da instituição da Santa Ceia encontrará no objeto do 'terceiro copo' de vinho do rito Pascal o arquétipo da taça. As palavras do messias, Jesus Cristo, no momento do serviço destinado a este copo de vinho da refeição Pascal são:

"Este é o meu sangue derramado por vós para remissão de pecados. E digo que não beberei desse fruto da videira até que o venha beber novo convosco no reino de meu Pai."[39]

A narrativa da instituição da Santa Ceia poderia ser relacionada na TGI, como símbolo tanto de intimidade quanto de inversão, no contexto do anúncio de um sacrifício vicário, que resultaria na segurança de uma promessa de vida eterna após a morte de Jesus Cristo. Desta forma, a articulação entre o passado relacionado ao rito Pascal, o presente-passado em Jesus Cristo quando da instituição da Santa Ceia.

O presente para o fiel de uma igreja do protestantismo que participe da celebração da Santa Ceia no século XXI se encontraria na, TGI, em uma articulação da narrativa mítica. Ferreira-Santos e Almeida (2012, pp. 48-49), argumentam:

> Porque o mito fornece os sentidos necessários para o homem se situar no mundo, é à base das produções simbólicas do imaginário. É a potência criadora e mediadora da vida individual e coletiva, está na base das atividades psíquicas, das narrativas biográficas, rege a vida social, as formulações ideológicas, as narrativas históricas etc. Nesse sentido, o mito é "a articulação entre *arché* (passado) e o presente vivido em direção a *télos* (devir) através da narrativa dinâmica de imagens e símbolos.

O rito da Santa Ceia permite esta compreensão na TGI, e aqui não chamamos a Santa Ceia de mito, mas no rito enxergamos a articulação necessária para a preservação histórica do mesmo até os nossos dias por meio de uma *práxis* ritual em que se exige imaginação, recordação, memória. "Façam isso em memória de mim" [40], disse Jesus. O que deveria então ser feito? Seus discípulos deveriam recordar seu sacrifício.

Imaginar, transportar-se de modo imaginativo ao cenáculo de Jerusalém, onde a última refeição Pascal de Jesus Cristo com seus discípulos seria ressignificada pela instituição da Santa Ceia em que no ato de comer estaria a deglutição, o tomar a substância vinho remontando ao arquétipo da taça, ativando involuntariamente o processo biopsíquico da interiorização e da intimidade mística com a pessoa de Jesus Cristo, proporcionando através do rito da Santa Ceia uma articulação entre o passado, o presente e o futuro, estabelece a relação entre o imaginário e os símbolos essenciais da Santa Ceia, pão e vinho, e estes elementos tem essa função simbólica. Ferreira-Santos e Almeida (2012, p. 56) afirmam que:

---

[39] Mateus. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

[40] Lucas. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

> O imaginário se expressa por processos simbólicos. [...] Dessa forma, o significado, na imaginação simbólica, não pode ser aprendido pelo pensamento direto, pois se dá no processo simbólico, o que faz com que o símbolo dependa da recorrência, ou seja, da repetição, para que ultrapasse sua inadequação por meio de aproximações acumuladas. [...] De modo geral, o conhecimento expresso pela imaginação simbólica é que permite re(a)presentar as particularidades das situações localizadas no tempo, acepção sócio-histórica; na existência, acepção psicológica [...] a mediação que o símbolo opera cumpre uma função: "ele é a *'confirmação' de um sentido para uma liberdade pessoal*". (grifo do autor).

Ampliaremos esta discussão no capítulo que se segue dedicado às análises e busca da aplicação de uma hermenêutica imagético-sensível explorando os discursos dos colaboradores de nossa pesquisa em suas entrevistas. Por hora esclarecemos que na ortodoxia dos adeptos do Protestantismo Histórico, os elementos pão e vinho são utilizados para um propósito sagrado, segundo as doutrinas desse segmento religioso.

Foto 26 – Santa Ceia em Igreja Protestante Histórica – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertacão SCICP

Pão e Vinho representam o corpo e o sangue de Cristo. Utilizando-se dessa alegoria, Hodge (1999, p. 479) afirma: "O pão representa sua carne, e o vinho representa seu sangue. Recebemos o símbolo com a boca física; recebemos a carne e o sangue simbolizados pela fé, contudo de forma real". Aqui, Hodge (1999), baseia sua afirmação nas palavras de Jesus: "Quem come minha carne e bebe meu sangue tem a vida eterna [...] Porque minha carne é verdadeiramente comida, e meu sangue é verdadeiramente bebida" [41].

O papel litúrgico dos elementos pão e vinho no rito da Santa Ceia não objetiva a nutrição do corpo humano, esses símbolos representam sim uma nutrição mística, espiritual dos que professam a fé cristã. Esta é a ideia apresentada na CFW por Hodge (1999, p.477) ao citar: "para perpétua memória do sacrifício de si mesmo em sua morte, para selar todos os benefícios provenientes desse sacrifício em relação aos verdadeiros crentes, para sua nutrição espiritual (dos crentes) e crescimento nele", (Cristo). (grifo nosso).

Dessa forma, o rito da Santa Ceia nas igrejas do Protestantismo Histórico se torna sagrada não pelos elementos nele utilizados, sua sacralidade dá-se por ter sido ordenada por

[41] Lucas. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

Jesus Cristo e pelo significado do rito para a cristandade e para cada devoto individualmente. Um dos aspectos a ser ressaltado quanto à exegese das igrejas do Protestantismo Histórico com relação aos elementos utilizados nesse rito, é que os elementos devem ser apenas uma recordação, conforme afirmado na CFW segundo interpretação de Hodge (1999, p.480):
"[...] a adoração dos elementos, a elevação deles ou carregá-los em procissão para serem adorados, e a conservação deles para algum fim religioso, são todos contrários à natureza deste sacramento e à instituição de Cristo".

A instituição da Santa Ceia teve por fim tão somente a lembrança do sacrifício de Cristo, foi para isso que Jesus Cristo ordenou esse sacramento, para que a Igreja recordasse as consequências da sua entrega voluntária ao sacrifício no Calvário, e renovasse sua esperança no presente para a promessa futura. Este processo permite a esse rito em sua decodificação na 'função fantástica' promover a eufemização da morte nas faces do tempo.

3.2 O IMAGINÁRIO SOBRE O PÃO

Foto 27 – Ministração do Pão
IPT – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

O pão no rito da Santa Ceia é um símbolo utilizado para o propósito sagrado conforme ensinado na doutrina das igrejas de orientação reformada, representando, conforme o relato bíblico, o corpo de Cristo. Um símbolo é representação que revela um sentido para um indivíduo, um grupo ou uma cultura, a forma como esta representação se materializa é através dos ritos. Nesse contexto, o elemento "pão", utilizado no rito da Santa Ceia, pode ser visto como o alimentar-se da própria vida de Jesus Cristo ofertada por sua morte sacrificial, como disse o apóstolo Paulo: "Porque nós, embora muitos somos unicamente um pão, um só corpo; porque todos participamos do único pão".

No contexto judaico o pão era um elemento de essencial para religiosidade, Ribeiro (2012, p.53-54) assim destaca sua importância:

> Quando Jesus escolheu o pão como símbolo de si mesmo (Lc 22:19), ele sabia que o pão é um dos alimentos mais importantes na manutenção da vida. Ele mesmo se autoproclamou o pão da vida (Jo 6:35). Em boa parte das culturas do mundo, as pessoas comem pão de um tipo ou de outro. O pão é um símbolo religioso presente desde o Antigo Testamento, logo rico em significado para o povo judeu [...]

Para compreender a relação entre o imaginário e o elemento eucarístico "pão" na Santa Ceia, precisamos ter conhecimento de qual inicialmente era a intenção de Durand para o estabelecimento de uma relação entre imagens comuns em distintos contextos culturais através do que ele denominou de 'trajeto antropológico', que seria o método em que ele organiza imagens similares em distintas culturas.

Cada cultura estabelece uma relação com a imagem de acordo com sua sensibilidade em seu meio social. Para Durand (2002, p.41), o 'trajeto antropológico é "a incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social". Da busca dessas imagens resulta o conceito em Durand (2002) de que "[...] o símbolo é sempre o produto dos imperativos biopsíquico pelas intimações do meio".

Essa definição do símbolo em Durand é curiosa e evidente tanto na relação da cultura judaica, onde emerge o rito da Santa Ceia instituído por Jesus Cristo, quanto na relação que o segmento do anglicanismo estabelece entre o símbolo em si, é chamado de sacramento. Costa (2009, p.298) cita a materialização do sacramento:

> Os sacramentos são sinais visíveis que representam uma realidade espiritual, sendo-nos concedidos para ajudar nossa fé – como pedagogos – em sua limitação, propiciando um recurso material para exemplificar uma realidade mais ampla e profunda, selando uma promessa que sempre lhes precede; sendo como colunas de nossa fé apoiadas sobre a Palavra, que é o fundamento. Eles nada acrescentam à Palavra, mas nos conduzem sempre de volta a ela, atestando a sua fidedignidade.

No Protestantismo Histórico o que deve ser reverenciado no rito da Santa Ceia, é a lembrança do que o pão, o sinal, representa, ou seja, o sacrifício do corpo de Jesus Cristo. É isso o que Costa (2009) atribui como função dos elementos na ortodoxia dos fiéis. Nem os elementos em si, ou a suposta dignidade do ministro oficiante, podem ou devem acrescentar virtude ao sentido da Santa Ceia. Não cabe nenhuma outra reverência além da que está dita nas Escrituras. Sobre a materialização do sentido no sacramento eucarístico, Costa (2009, p.302) afirma:

> [...] o sacramento é composto de três partes: 1) o sinal visível; 2) a graça interna que o acompanha; 3) a unidade entre o sinal e a coisa significada – neste ponto, temos a essência do sacramento. "O sinal externo torna-se um meio empregado pelo Espírito Santo na comunicação da graça divina".

O Pão é mencionado por Cristo como sendo a representação do seu corpo, se constituindo em uma ilustração do alimento espiritual de que o corpo de Cristo (igreja), necessita para nutrir-se e se desenvolver. Sobre este assunto Ribeiro (2012, p.54) cita:

> A conhecida oração do pai-nosso, tão preciosa para os cristãos (Mt 6:11), refere-se à necessidade diária da alimentação, demonstrando a continuidade do simbolismo do pão como elemento que concede a vida dentro do cristianismo. O pão não só constitui o alimento comum a grande parte da humanidade, como também pode ser encontrado em toda a parte do mundo, nas mais diversas formas e receitas. Esse fato foi de extrema importância para o seu uso pelo cristianismo.

Notemos que nessa citação está descrito, o fato da universalidade do alimento pão, que ao ser tomado para uma finalidade sagrada, como de fato ocorre em distintas culturas, a exemplo do próprio totemismo[42], que em Durkheim é uma das manifestações religiosas mais primitivas do mundo.

A refeição sagrada seria *arché* para associação entre o corpo e a divindade. Alimentar-se do próprio Deus é a mensagem arquetípica encontrada no ato litúrgico de comer o pão, e este mesmo passa a fazer parte do corpo do comungante após ter sido deglutido. Este ato de alimentar-se, para Durand, remonta à funcionalidade dos símbolos de intimidade em um trajeto interior da matéria que resulta em transformação tanto da matéria ingerida quanto do temor da morte, convertendo-se em esperança da ressurreição, negando a existência destruidora da matéria através da assimilação da representação mística do Regime Noturno. Sobre o alimento sagrado no totemismo, Ribeiro (2012, p.55) afirma:

> Por outro lado, o comer do pão ou do corpo do deus remete-nos aos rituais totêmicos aonde o alimentar-se do corpo do ancestral divinizado atribuía ao participante da refeição os poderes e demais atributos da divindade. [...] O termo "sacramento totêmico" foi cunhado por Robertson-Smith (1907, p. 405), referindo-se exatamente a essa prática observada entre os povos de religiões totêmicas, numa possível correlação com o sacramento eucarístico cristão. Frazer (1993, p. 488-491) registra a refeição ritual realizada pelos astecas, que anualmente ingeriam, sob o comando do rei, um pão especial que simbolizava o corpo do deus Uitzilopochtli. Frazer, apesar

[42] O totemismo estabelece uma relação com um parentesco ancestral em um grupo social. A religião totêmica é mais encontrada na Oceania e na sua relação com o sagrado, no clã, estão elementos da vida animal e plantas, onde estes seriam os totens.

> de ter sido um dos maiores entusiastas do totemismo e de ter registrado essa ocorrência, discorda do termo "sacramento totêmico" devido ao fato de que, em muitas das civilizações em que ocorria a refeição totêmica, o totem não era considerado um deus, mas apenas o ancestral. Soma-se a isso o fato de essa absorção anual do animal ou planta totêmica só ser observada na Austrália.

O pão constitui-se na alegoria tanto da manutenção e sustentação da vida quanto na aproximação através da comunhão entre o humano e o divino de forma transcendental. Ribeiro (2012, p.54) cita a passagem bíblica em que Jesus é interpelado por populares com a seguinte afirmação: "Bem-aventurado aquele que comer pão no reino dos céus" (Lc 14:15)[43]. A interpretação bíblica de algo bem aventurado aproxima-se da dupla felicidade, ou seja, Ribeiro (2012) crê que "[...] está contida a crença judaica do pão como símbolo de vida e mesmo de vida eterna".

O imaginário concernente ao pão remonta à representação arquetípica dos banquetes em volta das grandes mesas palacianas. Para Nasser (2006, p.44-45), "Arquétipo é uma energia psíquica muito antiga, presente no inconsciente coletivo, que se projeta para nós, no ego, através de mitos, sonhos e heróis. Ele nos acompanha há muito tempo e chega até nós, provavelmente, por meio de nossa memória biológica". É exatamente aqui que o rito da Santa Ceia, como memorial apropriado por Jesus Cristo, torna-se o mais importante rito da cristandade, quando acessado na memória biológica. Ao ressaltar o valor do símbolo para a saúde tanto da religião quanto da sociedade, Mardones (2006, p. 10) destaca sua função social:

> A recuperação do símbolo torna-se, portanto, tarefa de humanização. Se quisermos superar o estreitamento racional e vital que conduziu a barbárie do século XX, e que está presente na exclusão social de um sistema único do funcionamento globalizado do mercado, teremos que, entre outras coisas, recuperar a capacidade de superar esse instrumento desumanizador [...] Na época sociocultural e histórica atual, uma proposta de recuperação do símbolo não pode deixar de ser uma demanda prática: trata-se de uma proposta contracultural e crítica.

Toda religião é um universo simbólico, e segundo Mardones (2006, p.8) "a fé é uma vida que se nutre do universo simbólico religioso". O pão enquanto símbolo comunica a necessidade de alimentar-se da vida (ideais) de Jesus Cristo e isso só o pode ser feito pela fé.

---

[43] Lucas. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

O teólogo João Calvino, ao falar nas *Institutas*[44] sobre a controvertida relação entre comer o pão e a fé nos seus dias, demonstra de que forma os Protestantes Históricos deveriam relacionar-se com a função simbólica do elemento pão. Calvino (2006, p. 13) afirma:

> Assim como alimentar-se do pão, não apenas para ele, dá nutrição ao corpo, assim também é necessário que a alma seja feita verdadeiramente participante de Cristo, para ter sustento para vida eterna. Entretanto confessamos que esse comer se faz unicamente pela fé, não se podendo imaginar nenhum outro meio. [...] Agostinho, que os nossos oponentes, (Igreja Romana), trazem como seu advogado, não escreveu noutro sentido que comemos o corpo de Cristo crendo nele senão para demonstrar que este comer vem da fé. (grifo meu).

O símbolo constitui uma conexão que auxilia o homem a transcender, e o elemento que permite este trânsito imaginário é a linguagem que ativa os processos denominados em Durand (2002) de biopsíquicos. Na prática do rito, a linguagem acaba constituindo-se em um conjunto de sinais, gestos e sons que induzem o fiel a uma postura de busca pela experiência sagrada tornando-se meio para as relações entre os humanos e a divindade.

Vejamos no exemplo do próprio rito investigado, onde Jesus Cristo, na instituição da Santa Ceia afirma: "Isso é o meu corpo [...] façam isso em memória de mim"[45]. Jesus utiliza o pão como uma representação do seu corpo, em linguagem metafórica. A informação acerca dessa relação permitirá a compreensão da linguagem simbólica empregada por Jesus. Nasser (2006, p. 20) esclarece:

> Na linguagem conotativa, e a partir dela, podemos compreender a linguagem simbólica, a palavra gera associações com imagens, conceitos, emoções e ações que transcendem, isto é, vão além de seu significado imediato, explicitando algo indizível como no exemplo *Maria é uma flor*. [...] a linguagem denotativa apresenta a palavra no seu significado padrão, enquanto a linguagem conotativa apresenta associações que o significado o da palavra origina. No uso lógico, a denotação representa uma extensão e a conotação, uma intensão.

Dessa forma, a linguagem simbólica é essencial para a transcendência do *homo religiosus*, e, portanto, a dimensão simbólica da religiosidade não pode ser perdida. É por isso que o rito da Santa Ceia nunca poderá ser virtualizado, dado ao sistema representativo que ele demanda e que exige a operação dos cinco sentidos no homem. Mardones (2006) ressalta a

---

[44] Obra magna de João Calvino e que veio a tornar-se uma importante fonte de consulta da teologia dos reformadores.

[45] 1 Coríntios. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

importância da recuperação simbólica para cristianismo, alegando que sua evocação sugestiva do mistério oportuniza a transcendência, tornando-se vital para o cristianismo, não permitindo a automatização de processos que resultarão em meras encenações coreográficas rituais. Mardones (2006, p.11) afirma:

> Um cristianismo sem vitalidade simbólica será um cristianismo talvez com alguma força institucional, mas sem capacidade de inquietação e sugestão. Será filho do ritual, mas sem oxigênio renovador nem impulsionador. Terá a consistência da organização, da boa administração e da burocracia e até da sofisticada conceituação teológica, mas carecerá do dinamismo e da alegria que apontam para o Mistério e vivem dele. Teremos uma fé inflexível, carente da esperança e do futuro, da celebração e da festa, da amplidão do sentido e da expansão da existência.

Assim, compreendemos a vitalidade que os símbolos legam na manutenção e preservação do rito da Santa Ceia. Para Mardones (2006, p. 15) “O símbolo é a linguagem da transcendência. Tem a capacidade de ser exposição, no sensível, de nossos vislumbres do Mistério”.

Muita controvérsia foi gerada acerca da presença de Jesus Cristo nos elementos da Santa Ceia especialmente sobre o significado do pão, como no caso da questão transubstancialista entre Católicos Romanos e Reformados. O que está proposto na doutrina da transubstanciação, onde se afirma que o pão transubstancializa-se na carne de Jesus Cristo literal e o vinho no sangue real de Cristo, é repudiado enquanto doutrina pelo protestantismo. Fontes históricas atribuem a exegeses dessa natureza a acusação que recaiu sobre os cristãos no primeiro século de serem antropófagos.

O corpo físico de Jesus Cristo foi totalmente material desde sua ressurreição como afirmado no Protestantismo Histórico, logo, seu corpo não pode estar repartido em todos os lugares da terra, o que no protestantismo seria inconciliável intelectualmente, negando todos os nossos sentidos elementares, a audição, visão, olfato, tato e principalmente o paladar, sentidos estes que Lutero atribuiu como característica singular do rito da Santa Ceia, o qual ele disse que alcançava o homem de forma integral, ou seja, em todos os seus sentidos. Na sessão que segue falaremos dos usos representativos do vinho, segundo elemento essencial no rito da Santa Ceia.

3.3 O IMAGINÁRIO SOBRE O VINHO

O vinho não foi objeto de controvérsias na mesma medida que o pão quanto a seu significado entre os teólogos do Protestantismo Histórico. Os três segmentos pesquisados em nossa dissertação, Luteranos, Anglicanos e Presbiterianos, têm no vinho a representação essencial do sangue de Cristo derramado para remissão de pecados de forma duplamente substitutiva, tanto do sacrifício do cordeiro pascal e do sangue de outros animais do sistema sacrifical judaico, quanto substitutivo do ser humano condenado pelo pecado.

A Santa Ceia, como já o dissemos, foi instituída na ocasião de uma refeição pascal de Jesus Cristo com seus discípulos na noite em que ele foi traído por Judas Iscariotes. Sabe-se pela Bíblia Sagrada que a Páscoa, (*pesah),* foi a libertação do povo hebreu da escravidão pelos Egípcios, mas para que isso acontecesse, o castigo pela desobediência às ordens dadas ao faraó egípcio por Deus através de Moisés, veio sobre os primogênitos do povo do Egito e sobre o primogênito do Faraó que era uma representação divinal na cultura egípcia.

A CFW, capítulo 29, sessão 5, ensina sobre os elementos da Santa Ceia, tanto o pão, abordado na sessão anterior quanto o vinho, que "[...] em substância e natureza, estes elementos conservam-se verdadeira e somente pão e vinho como eram antes". (ANDRADE, 1999, p.68). A afirmação de (ANDRADE, 1999) baseia-se na forma como o Protestantismo Histórico trata os elementos no rito da Santa Ceia. A Confissão de Fé de Westminster segundo Hodge (1999, p.480), afirma:

> Os elementos exteriores deste sacramento, devidamente separados para os usos ordenados por Cristo, têm tal relação com o Cristo crucificado que, verdadeiramente, contudo só em um sentido sacramental, são às vezes chamados pelo nome das coisas que representam, a saber, o corpo e o sangue de Cristo; se bem que, em substância e natureza, ainda permanecem sendo real e somente pão e vinho, como eram antes.

Enquanto que a base da doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana quanto aos elementos da Eucaristia estão prescritas na transubstanciação quando Jesus Cristo afirma: "Isto é o meu corpo" e em seguida: "Isto é o meu sangue", o Concílio de Trento, sessão 13ª. Cânones 1-4 formulou, e regulou, ensinando à cristandade católica romana o seguinte:

> [...] a totalidade do pão é transformada no corpo literal, e a totalidade da substância do vinho é transformada no sangue literal de Cristo [...] de tal sorte que são o genuíno corpo, sangue, alma e divindade de nosso Senhor. E assim, ele é objetivamente apresentado, comido e bebido por cada recipiente, crente e descrente,

> indiferentemente; e assim ele permanece antes e depois da comunhão, seu próprio corpo e sangue, Deidade e humanidade, recluso num vaso, carregado, elevado, adorado [...] (CONCÍLIO DE TRENTO *In* CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER, 1999, p.483)

Para os teólogos do Protestantismo Histórico, a partícula "é" utilizada por Jesus Cristo ao dizer: "Isto é [...]", tem o sentido conotativo de "representa", é como dizer no tocante ao sangue: " - É símbolo do meu sangue", ou ainda: " – Imaginem que neste copo está meu sangue". Sobre a função representativa do símbolo, Nasser (2006, p.25) afirma:

> Os símbolos são assim, representam algo, estão no lugar de um sentimento, de uma pessoa, de um momento. E, enquanto o alimentarmos, ele continuará vivo. [...] A linguagem simbólica vai além do nome que identifica o objeto, ampliando seu valor, dando-lhe novo conceito e direção. A linguagem simbólica, portanto, é usada quando se esgotam as expressões comuns, quando o desconhecido está presente.

Foto 28 – Ministração do Vinho
IPT – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

O Protestantismo Histórico, em seu corpo de doutrinas, ainda que reservadas interpretações distintas entre os primeiros reformadores, Lutero, Zwinglio e Calvino, entende que se este sentido afastar-se dessa exegese confundirá a teologia do sacramento, fazendo o *sinal*, idêntico ao significante (meio de graça). Se essa hermenêutica for levada a cabo ela contradirá os sentidos mais elementares do participante do rito da Santa Ceia, que cheira, degusta e sente o pão e o vinho, que ouve as palavras do celebrante quanto ao pão e vinho, e vê o elemento na hora de degluti-lo.

Para Tillich (1996, p.30), "o que toca o homem precisa ser expressado por símbolos", o teólogo deixa clara a necessidade de quem usar essa terminologia esclarecer o que quer dizer, pois "Símbolos e sinais têm uma característica essencial em comum: eles indicam algo que se encontra fora deles". Tillich (1996, p.31).

Ao falar sobre os símbolos de intimidade, Durand (2002) dedica uma larga abordagem às refeições rituais, especialmente sobre as chamadas 'bebidas sagradas', abordando sua

relação com os esquemas cíclicos e com os atos ritualísticos Durand (2002, p. 260) afirma:

> O símbolo da bebida sagrada está carregado de significações múltiplas, uma vez que está ligado aos esquemas cíclicos da renovação, ao simbolismo da árvore, do mesmo modo que aos esquemas do engolimento e da intimidade. [...] Nesta simbiose simbólica da bebida, da taça e da árvore vemos um interessante exemplo de captação de uma significação em proveito de um simbolismo diferente: por intermédio da beberagem sagrada, o arquétipo da taça vai ligar-se às mitologias arborícolas. [...] O simbolismo alimentar é nitidamente contaminado pelas imagens cósmicas e cíclicas da origem agrária; o vinho "floresce" tal como a vinha, é um ser vivo de que o vinhateiro é responsável e guarda.

O simbolismo envolto no elemento do vinho tipificado pela cor carmesim do sangue, remonta na cultura judaica ao fato de que no sangue está a vida do homem. Derramar o sangue no contexto judaico significa perder a vida, e na modernidade, o rito sacrifical com derramamento de sangue está segregado e rotulado como crença primitiva e mitológica. Não é estranho ouvir pessoas que saíram de religiões que fazem uso de práticas sacrificais, indagarem como o Deus do Judaísmo e no Cristianismo pôde aceitar sangue para ser adorado.

Foto 29 – Ministração do Vinho
IEAPR – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Para Eliade (1992, p.65) "Um símbolo religioso transmite sua mensagem mesmo quando deixa de ser compreendido em sua totalidade, pois um símbolo dirige-se ao ser humano integral, e não apenas a inteligência". Desta forma a representação simbólica do vinho como elemento de pagamento pela morte para manutenção da vida torna-se um ato de significativa relevância para os que se usam dessa alegoria.

O cristianismo reivindica para si o status da 'verdade absoluta', e no seu desenvolvimento histórico, já com os pais da igreja, foi perdendo o interesse pelo simbolismo arcaico.

Eliade (1992) entendeu que assim como para os apologetas que conseguiram ver nos símbolos um acervo riquíssimo de mensagens que mostravam o sagrado através de ritmos cósmicos, as 'bebidas sagradas' semíticas e cristãs, e as beberagens pagãs.

Já para Durand (2002), esta prática indica um estado primitivo da religiosidade que no seu entendimento de influenciou o sistema simbólico judaico-cristão. Ocorre na rejeição a esta abordagem teórica o que Eliade (1992, p.68) afirma quanto à *práxis* cristã:

> É certo que para o crente, o novo significado eclipsou os outros: só ele valorizava o símbolo, transfigurava-o em revelação. Era a ressureição do Cristo que importava, não os "indícios" que se podiam ler na vida cósmica. Contudo, subsistia o fato de que a nova orientação era, de certo modo, condicionada pela própria estrutura do simbolismo; poder-se-ia dizer até mesmo que o símbolo aquático esperava a realização de seu sentido profundo pelos novos valores trazidos pelo cristianismo. A fé cristã está suspensa de uma revelação histórica: é a encarnação de Deus no tempo histórico que assegura, aos olhos do cristão, a validade dos símbolos. Mas o simbolismo aquático universal não foi abolido nem desarticulado pelas interpretações históricas (judaico-cristãs) do simbolismo batismal. Em outras palavras, a História não conseguiu modificar radicalmente a estrutura de um simbolismo arcaico. A História acrescenta continuamente significados novos, mas estes não destroem a estrutura do símbolo.

Foto 30 – Distribuição do Vinho – 1ª IPJP – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

A prática ressignificada do rito Pascal na Santa Ceia por ocasião da bebida do cálice de vinho pode ser interpretada pela lógica durandiana com o isomorfismo das valorizações maternas do leite natural, alimento para o corpo e acolhimento para a alma que padece da fome infante que ameaça a existência. No trajeto antropológico em Durand acontecerá uma relação imediata com o arquétipo da 'bebida sagrada' do vinho que ligar-se-á nos místicos a este isomorfismo. Durand (2002, p.261) afirma que:

> O vinho é símbolo da vida escondida, da juventude triunfante e secreta. É por isso, e pela cor vermelha, uma reabilitação tecnológica do sangue [...] o papel sacramental do consumo dos "vinhos" não só para os semitas, cristãos e sobretudo mendeanos, como também para os indígenas da América do Sul e para os germanos.

Existe uma relação direta entre o vinho e as bênçãos de Deus na Bíblia. No Salmo 104.14-15 lê-se "[...] de sorte que da terra tire o seu pão, e o vinho, que alegra o coração do homem". Da mesma forma ele está relacionado também a Deus agradar-se do homem como

em Eclesiastes 9.7 “Vai, pois, come com alegria o teu pão e bebe gostosamente o teu vinho, pois Deus já de antemão se agrada das tuas obras”.

Igualmente a palavra ‘vida’ e a palavra ‘vinho’ tem relação entre si na cultura neosumeriana conforme Ribeiro (2012, p.59) cita:

> Como descendentes históricos do judaísmo, os cristãos em geral não deixam também de receber a herança dos significados do vinho vinda do povo de Israel. Este, por sua vez, sofreu a influência das civilizações vizinhas, como os sumérios. A palavra “vinho”, em neossumeriano, contém um elemento que significa vida, existindo no panteão sumero-acadiano uma deusa chamada “vinho do céu” ou “mãe do vinho”, que representa ao mesmo tempo o vinho e a vinha.

Foto 31 – Presbítero servindo a Santa Ceia
IPT – João Pessoa - PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertacão SCICP

Concluindo este capítulo ressaltamos que em Durand o símbolo representa dizer o indizível, possuindo vida em si mesmo. Jesus Cristo se fez metaforicamente representar no pão e no vinho da celebração da Santa Ceia onde o pão representa seu corpo e o vinho o seu sangue, ambos igualmente associados por metáfora assim como Jesus o fez de si mesmo. Nasser (2006, p.23) afirma que “Uma metáfora é quando os atributos ou qualidades de duas coisas de natureza diferentes são iguais e, por causa disso, podemos afirmar que uma é a outra”.

Entretanto, não queremos afirmar que o pão e vinho na Santa Ceia são Jesus ou nele transubstanciam-se, porém ressaltamos o conceito de João Calvino a respeito do papel dos elementos no sacramento da Santa Ceia e sua finalidade, quando Calvino (2006, p. 7) afirma:

> Portanto, a finalidade principal do sacramento não é simplesmente apresentar o corpo de Jesus Cristo, mas simbolizar, significar e confirmar a promessa na qual Jesus Cristo nos diz que sua carne é “verdadeira comida” e seu sangue é “verdadeira bebida”, pelos quais somos sustentados para a vida eterna.

O sentido ao qual o reformador refere-se é o espiritual, em que segundo Calvino (2006) Jesus Cristo simboliza e sela a promessa de fazer a seus discípulos participantes da

vida eterna, para isso eles deveriam relembrar seu sacrifício, e o fariam por meio do rito da Santa Ceia, conforme Nasser (2006, p.24) “O símbolo nasce com o esplendor da vida, mas para desenvolver-se precisa ser alimentado. [...] Rememorar e celebrar o que o símbolo representa dá a ele mais vida. É para isso que também servem os rituais – rememorar algo para vivê-lo novamente”.

No capítulo que segue realizaremos o processo de ATD das entrevistas de celebrantes e participantes da Santa Ceia no luteranismo, anglicanismo e presbiterianismo que colaboraram para nossa coleta de dados, aplicando o paradigma durandiano em seus discursos.

4 EM VOLTA DA MESA: HERMENÊUTICA IMAGÉTICO SENSÍVEL

> *O símbolo é, pois, uma representação que faz aparecer um sentido secreto.*
>
> *Gilbert Durand*

> *Nestas palavras, temos a instituição da Ceia do Senhor.*[46] *Os gregos chamam o sacramento de 'musterion': um mistério. Há nela um mistério de maravilha e um mistério de misericórdia. "A celebração da Ceia do Senhor é a comemoração da maior bênção que o mundo já desfrutou".*
>
> *Thomas Watson*

Neste capítulo abordaremos a aplicação da TGI pelo percurso hermenêutico realizado através da ATD, proposta por Moraes e Galiazzi (2011)[47] para interpretação do fenômeno religioso relacionado aos discursos dos participantes do rito da Santa Ceia. Iniciaremos situando o leitor de forma mais ampla com os elementos necessários para conhecimento da Teoria Geral do Imaginário. Em seguida apresentaremos os regimes do imaginário, aspecto da TGI que exploramos para aplicação da teoria ao *corpus* da pesquisa interpretando-os.

Após a apresentação da TGI ilustramos um gráfico denominado o 'Estado Geral da Pesquisa', que tem o intuito de situar toda a teia hermenêutica que nos permitiu a aplicação do método da ATD, escolhido para realização da análise de nosso objeto. Para a composição desse gráfico e dos que dele se derivam, contamos com o suporte do software *Atlas.ti*[48], ferramenta especializada em pesquisa qualitativa há mais de vinte anos no mercado, e que permitiu uma maior amplitude em nosso olhar enquanto pesquisador auxiliando-nos no trabalho de interpretação dos dados coletados no *corpus* da pesquisa.

O capítulo reserva um momento para situar o leitor com as características da relação entre o rito da Santa Ceia e a religiosidade dos protestantes históricos em seus respectivos segmentos investigados, o luteranismo, anglicanismo e presbiterianismo, para em seguida

---

[46] Enquanto comiam, tomou Jesus um pão, e, abençoando-o o partiu, e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo. A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei de todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados. (Mateus 26.26-28).

[47] A Análise Textual Discursiva (ATD) é proposta pelos professores Roque Moraes (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) e Maria do Carmo Galiazzi (Universidade Federal do Rio Grande). A ATD se propõe a organizar metodologias de trabalho com o discurso analisando dados de natureza qualitativa com o fim de produzir novas compreensões sobre fenômenos e discursos.

[48] O *Atlas.ti 7* é uma ferramenta de análise individual que organiza dados de projetos em pesquisas de natureza qualitativa proporcionando uma maior eficiência, precisão e desempenho na análise de dados. O software proporciona armazenamento, visualizações de recorrência de palavras, acesso analítico rápido, preciso e intuitivo para utilização e interpretação do "*corpus"* da pesquisa. A ferramenta proporciona ainda a exploração do material através da construção de redes semânticas e suas relações com os códigos principais criados pelo pesquisador organizando gráficos que visualizam panoramicamente o estado geral da pesquisa. A ferramenta *Atla.ti 7* pode ser consultada em http://atlasti.com/

analisarmos os dados coletados pelas entrevistas entre ministrantes e congregados acerca do rito da Santa Ceia.

A coleta de dados originou documentos primários que foram transcritos tanto na observação participante, *in loco*, nas igrejas, quanto nas entrevistas realizadas com pessoas que participam do rito da Santa Ceia, compondo assim o *"corpus"* de nosso trabalho. Estes documentos constam dos relatórios de observação participante realizada nos templos, onde fizemos registro por anotações, foto e vídeo da realização do rito da Santa Ceia, e a segunda parte são as transcrições dos áudios das entrevistas tanto aos ministros celebrantes do rito da Santa Ceia, quanto dos fiéis congregados.

Os documentos que compõem o *"corpus"* nos permitiram apurar uma vasta gama de conceitos e sentidos relacionados à religiosidade dos Protestantes Históricos, originando a produção do texto que compõe nossa 'Dissertação Científica'[49]. Nossos procedimentos metodológicos buscaram identificar nos discursos dos colaboradores pelas entrevistas, o pressuposto de nossa pesquisa, que é a relação entre as estruturas de sensibilidade do imaginário com os símbolos essenciais pão e vinho, e a prática do rito da Santa Ceia. Propondo uma formação científica não previsível, nem cativa aos pressupostos do positivismo acadêmico, o mestre Bachelard (1996, p.19) ressalta:

> Eis, portanto, a tese que vamos sustentar: o espírito científico deve formar-se contra a Natureza, contra o que é, em nós e fora de nós, o impulso e a informação da Natureza, contra o arrebatamento natural, contra o fato colorido e corriqueiro. O espírito científico deve formar-se enquanto se reforma.

Tendo em vista o desafio de Bachelard (1996) escolhemos trabalhar com o nosso *"corpus"* enxergando os nossos entrevistados como textos sociais que colaborariam corroborando para a compreensão do fenômeno religioso e resposta de nossas inquietações. Nosso leitor poderia se perguntar: 'Mas afinal, a ATD analisa o quê? O que caracteriza a ATD? A ATD é uma análise de discurso? Ou a ATD é uma análise de conteúdo? Moraes e Galiazzi (2011, p 160) partem das mesmas questões sintetizando seu método de trabalho conforme segue: "Análise de Conteúdo, Análise de Discurso e Análise Textual Discursiva constituem metodologias que se encontram num único domínio, a Análise Textual".

[49] MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Obra completa.** São Paulo: Atlas, 2012. As metodólogas em questão diferenciam "Dissertação monográfica" de "Dissertação científica" sendo esta "[...] tratamento escrito, original, de assunto específico, com metodologia própria e resultante de pesquisa pura ou aplicada". A nossa dissertação assume-se nessa categorização.

Passamos agora a apresentar no (Esquema 01) a teoria durandiana, onde no topo de tudo está o trajeto antropológico, formando a imagem através do schéme. As dominantes reflexas fazem emergir o schéme que alimentou o arquétipo, transformado simbolicamente, e narrado pelo mito.

No trajeto existem dois polos motivadores para Durand, aonde nenhum tem alternância nem prioridade sobre o outro. Estas motivações podem acontecer independentemente do local em que se está, estamos falando de objetividade e subjetividade, tanto na cultura, como no espaço. O trajeto antropológico desperta e motiva o símbolo, essa motivação acontece tanto na intimação subjetiva, como na objetiva do elemento cultural. Gomes (2011, p. 81) afirma que:

> Durand amplia o conceito de mito colocando-o como componente fundamental do "trajeto antropológico", que nada mais é do que relação, trajetividade, entre os polos biopsíquico (pulsões subjetivas) e sociocultural (intimações do meio). O trajeto põe em relação uma representação ou atitude humana, aquilo que vem do psicofisiológico, e o que vem da sociedade e da sua história, impedindo "epistemologicamente", a dominância de um sobre ou outro.

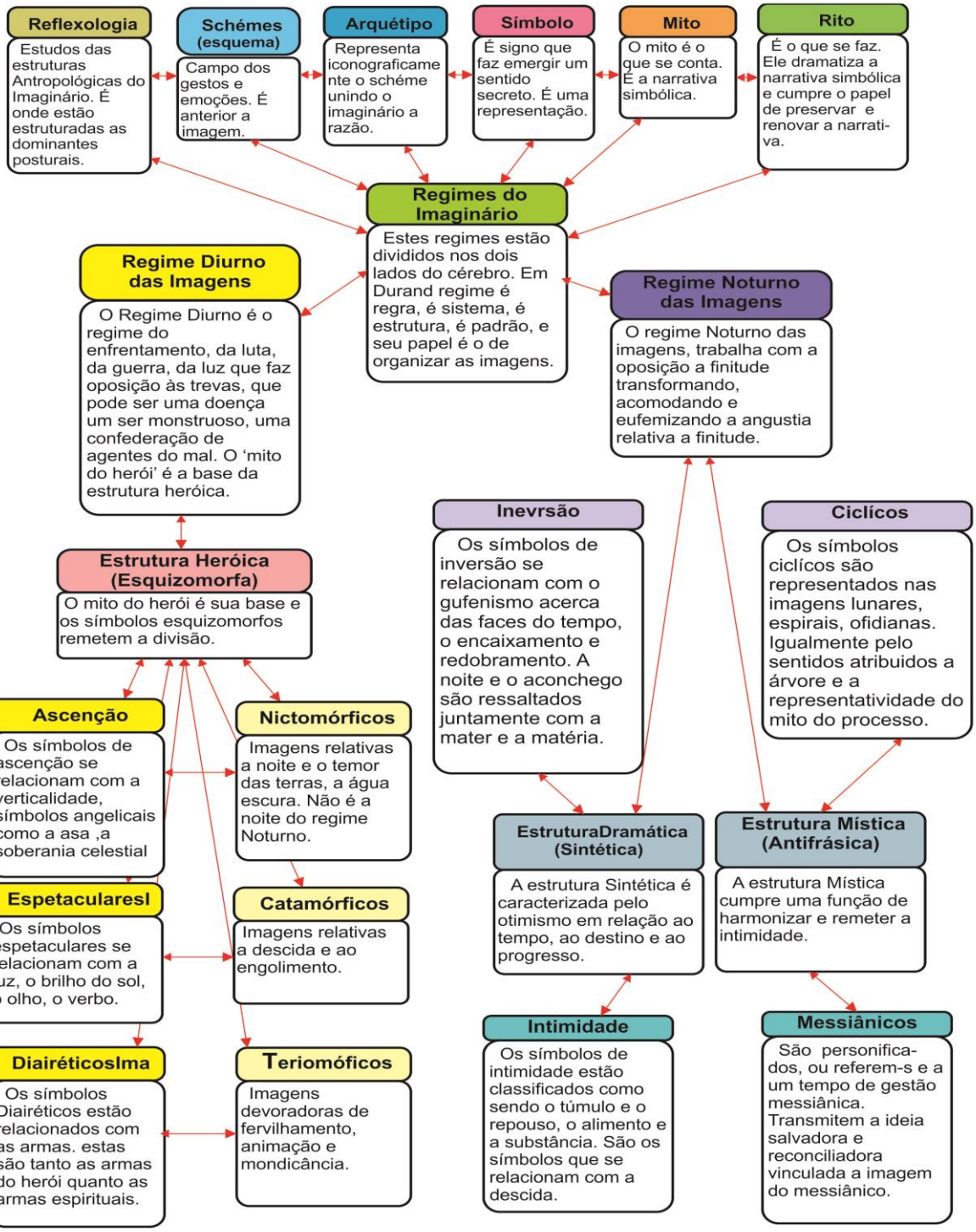
Ao definir a relação entre o imaginário e o trajeto antropológico Ferreira-Santos e Almeida (2012, p.77) afirmam: "O imaginário é fruto, portanto, de um processo contínuo de trocas entre o que é próprio da espécie humana, de sua subjetividade, e o que está em seu entorno, sejam as relações sociais, sejam os aspectos geográficos, históricos, ideológicos ou cósmicos (naturais)".

O trajeto antropológico relacionado ao Regime Diurno das imagens, caracteriza-se pelo heroísmo e enfrentamento. Nesse regime estão os símbolos de ascensão que remetem a verticalidade, o levantar-se; os símbolos espetaculares, relativos ao brilho e a luminosidade; e os símbolos diairéticos, ou seja, as armas para a luta. A outra divisão de símbolos da estrutura heroica é a dos símbolos nictomórficos, que remetem a escuridão e o medo; os símbolos catamórficos, relacionados ao pavor da queda; e os símbolos teriomórficos, que são imagens devoradoras e monstruosas.

Quanto ao Regime Noturno que pode ser despertado no trajeto antropológico de um indivíduo ocorre uma bipartição nas estruturas, a estrutura dramática, reserva os símbolos da inversão, responsáveis pela eufemização da morte; os símbolos da intimidade remetem a acolhida e descida resignada. Na estrutura mística se processam os símbolos cíclicos, que aludem ao mito do progresso; e os símbolos messiânicos, que originam as imagens de

salvação. Abaixo apresentamos o (Esquema 01) que ilustra os elementos constituintes da Teoria Geral do Imaginário:

Esquema 01 – A Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand (1997)



O Esquema 01 apresenta a Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand (1997) e sua estruturação sígnica, seus 'Regimes das Imagens', as 'Estruturas de Sensibilidade', 'heroica, mística e dramática', associadas aos seus 'Sistemas Simbólicos' e respectivas classificações de imagens.

Criado com ferramenta de pesquisa ATLAS.ti 7.- Ilustrado por Erika R. A. Mendonça.

Conforme apresentamos, o trajeto antropológico é administrado por dois regimes que processam as imagens no ideário do homem, dai serem concebidas como estruturas de sensibilidade, pois dizem respeito aos sentimentos humanos, ora na luz, ora na escuridão, hora no dia, ora na noite, e a tese durandiana dos regimes conclui que as imagens estão divididas nos dois lados do cérebro.

Para Durand (2002) regime é regra, é sistema, é estrutura, é padrão, e, seu papel é o de organizar as imagens. Nessa organização o Regime Diurno se caracterizará pela estrutura heroica, inserida em um tempo em que as literaturas bebem na psicologia, na literatura, e em várias fontes de conhecimento místico com diversos saberes envoltos, transitando em vários campos do saber. Quanto aos regimes do imaginário, Durand (2002, p.64) define:

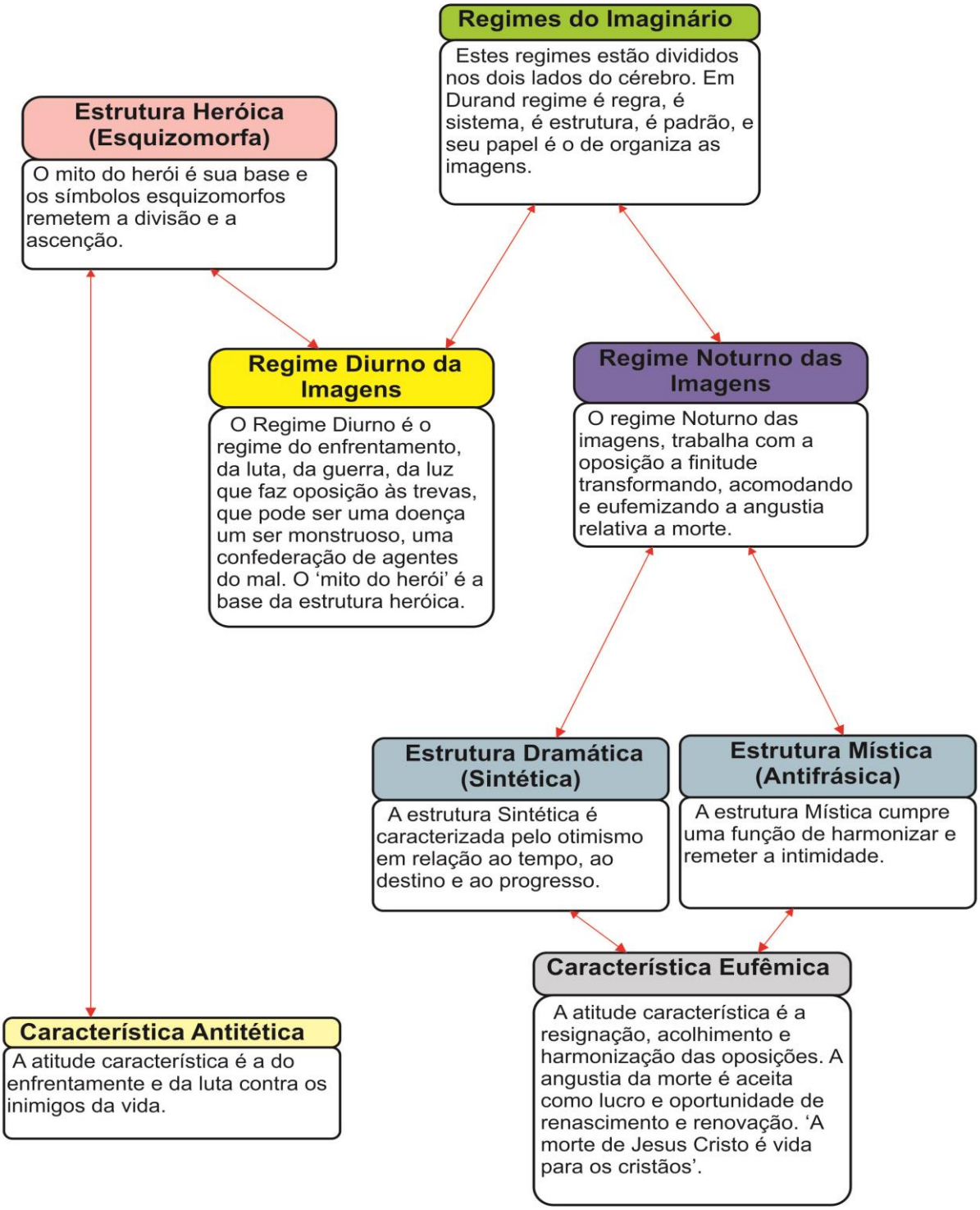
> Esses agrupamentos de estruturas vizinhas definem o que chamaremos um *Regime* do imaginário [...] De momento, contentemo-nos em definir uma estrutura como uma forma transformável, desempenhando o papel de protocolo motivador para todo um agrupamento de imagens e suscetível ela própria de se agrupar numa estrutura mais geral a que chamaremos *Regime.* (grifo do autor).

No Regime Diurno a dominante reflexa se relaciona com a verticalidade, a postura do que está ministrando, a posição vertical. A postura gera símbolos relacionados à altura, símbolos ascensionais, de elevação, de alguém que se coloca de pé para governar, comandar, triunfar e vencer. Tudo isto estará relacionado ao símbolo da ascensão no trajeto antropológico de uma pessoa. É a ascensão do guerreiro diurno que se levanta, gerando os símbolos espetaculares relacionados a luz, a grande separação, as trevas.

A postural da descida é antitética a anterior. Quem recebe ordens baixa a cabeça, está se resignando, por vezes sendo humilhado, rebaixado, por isso se inclina. Na linguagem cinematográfica ou audiovisual está no enquadramento *plongé*, (para baixo). Essa atitude gera os símbolos característicos do Regime Noturno, é como quando alguém fez muita coisa e se desgasta fisicamente, se inclina, está cansado, diz a expressão: está ‘morto de cansado’. É a imagem que ninguém, a da queda ou da finitude. A pessoa começa a descer, perde o vigor para enfrentar o destino e a morte, então ele gera símbolos de acomodação e descida.

Na página que segue apresentamos o (Esquema 02), um quadro ilustrativo que demonstra as relações entre os Regimes Diurno e Noturno do Imaginário (Estruturas de Sensibilidade), e suas características antitéticas ou eufêmicas.

Esquema 02 – Regimes das Imagens na Teoria Geral do Imaginário - TGI

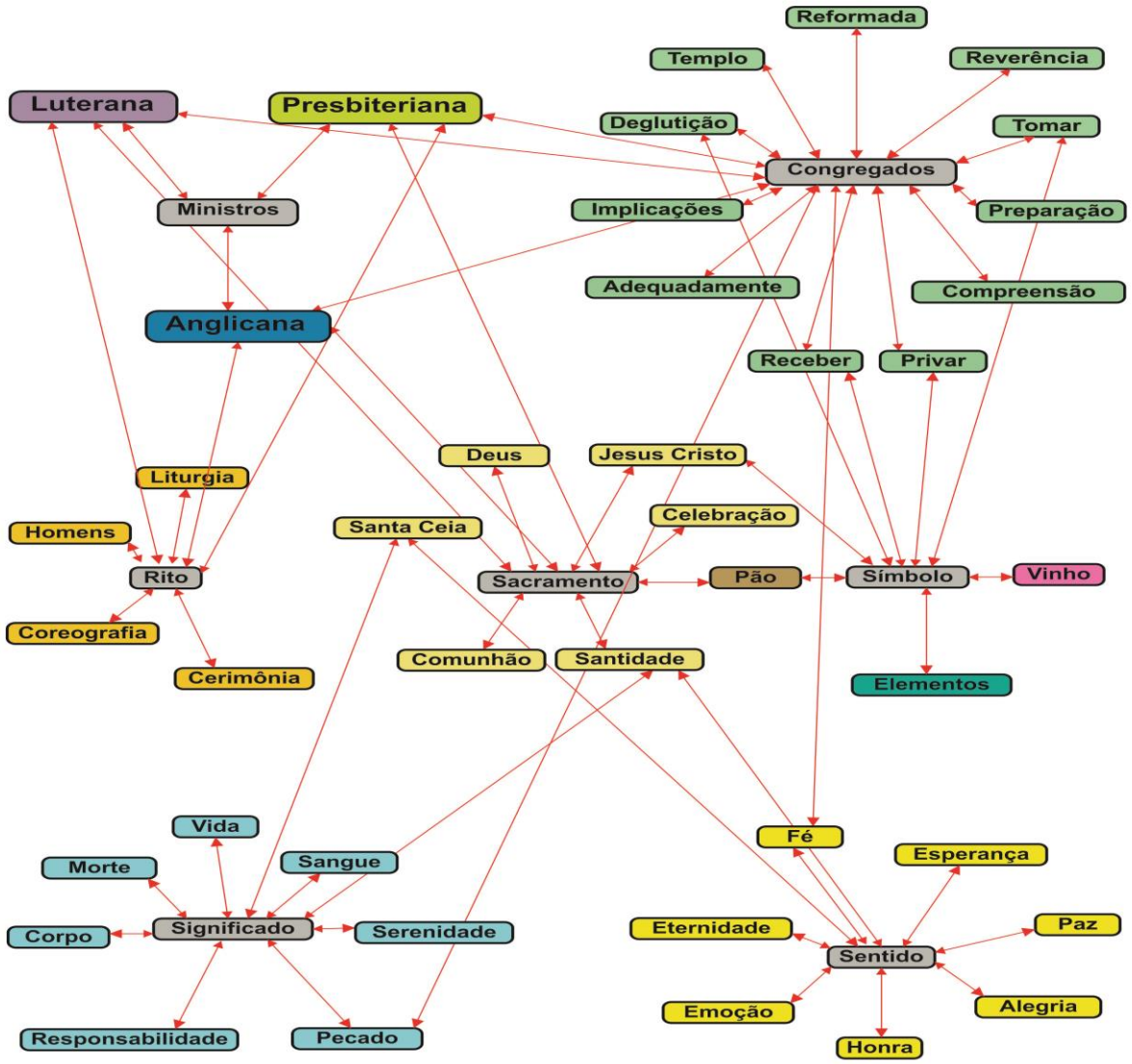


O Esquema 02 ilustra a rede conceitual que envolve os 'Regimes do Imaginário' com suas respectivas 'Estruturas de Sensibilidade' heroica, mística e dramática e suas características que se volta ou para a antítese ou para a eufemização.

Criado com ferramenta de pesquisa ATLAS.ti 7. - Ilustrado por Erika R. A. Mendonça

Uma vez exposta esta breve apresentação da teoria da imagem (TGI), e de suas Estruturas de Sensibilidade, não presumimos haver contemplado todo arcabouço teórico envolto no paradigma durandiano. Apenas fizemos uma apresentação com vistas a familiarizar nosso leitor quanto à semântica e definições relativas à TGI, teoria que usamos como lente para análise de nosso objeto de estudo. Passamos agora ao (Esquema 03), o 'Estado Geral da Pesquisa', que tem o intuito de situar toda a teia hermenêutica que nos permitiu a aplicação do método da ATD, escolhido para realização da análise de nosso objeto.

Esquema 03 – Estado geral da pesquisa



O Esquema 03 ilustra a teia hermenêutica envolvendo a relação dos sujeitos da pesquisa, 'ministros/congregados', com o objeto, 'rito/símbolo/sacramento', ocasionando a produção de 'significados e sentidos'.

Criado com ferramenta de pesquisa ATLAS.ti 7. - Ilustrado por Erika R. A. Mendonça

A teia hermenêutica ilustrada no (Esquema 03) permite relacionar os processos aplicados para análise do *"corpus"*, enxergando as quatro divisões apresentadas pela ATD para análise. Os primeiros códigos principais são respectivamente, 'Ministrantes e Congregados', sujeitos que estão ligados as 'denominações investigadas' e os 'processos' que ambos os sujeitos participam relacionados à Santa Ceia. Acerca do valor dos sujeitos na contribuição para compreensão do fenômeno religioso, e da atuação do pesquisador para compreensão desses processos relatados, Moraes e Galizzi (2011, p. 169) afirmam:

> O processo da Análise Textual Discursiva tem fundamentos na fenomenologia e na hermenêutica. Valoriza os sujeitos em seus modos de expressão dos fenômenos. Centra sua procura em redes coletivas de significados construídos subjetivamente, os quais o pesquisador se desafia a compreender, descrever e interpretar. São processos hermenêuticos.

O segundo grupo de códigos relaciona-se com o 'O Rito, o Sacramento, e os Símbolos', (o objeto), a estes estão interligados os ministros e congregados, as respectivas denominações em que o rito é realizado, além dos elementos essenciais, o pão e o vinho, onde ocorre a 'Imaginação Simbólica' através da função 'Fantástica Transcendental', de acordo com a teoria durandiana. Para procedermos com essa intercessão entre a TGI e a metodologia aplicada na ATD, Moraes e Galiazzi (2011, p. 180) nos apresentam sua definição da metodologia afirmando que:

> A análise textual é uma metodologia que pretende desafiar os pontos de vista do pesquisador a partir de perspectivas de outros sujeitos envolvidos na pesquisa. Nesse conjunto de vozes incluem-se teóricos, autores de produções anteriores sobre os mesmos fenômenos.

O terceiro grupo de códigos é o dos 'Significados e Sentidos' apurados nas entrevistas. Estes se referem à produção de sentidos envolvendo a percepção descrita dos participantes em seus respectivos discursos sobre o significado da Santa Ceia, onde tanto ministros como congregados buscam explicar o significado do rito da Santa Ceia, relatando os sentidos que o rito produz em suas práticas de vida e religiosidade.

Cada código citado está rodeado de palavras ora escolhidas por nós com o fim de extrair a opinião e relato dos entrevistados, ora levantadas pelos colaboradores e expressadas de forma recorrente em seus discursos. Os códigos estão diretamente ligados aos objetivos

específicos da pesquisa, que concorrem para a busca da solução da questão problema ou objetivo geral da pesquisa.

Dessa forma trabalhamos com o levantamento dos dados por meio de pesquisa bibliográfica, e realizamos cinco trabalhos de observação participante nas igrejas investigadas, além de trinta e cinco entrevistas semiestruturadas, das quais selecionamos como documentos primários, os cinco relatórios de observação participante e vinte entrevistas escolhidas de acordo com o nível de interesse no conteúdo das respostas dos colaboradores entrevistados.

O material excedente, que não será utilizado nessa análise, será posteriormente aproveitado para publicação de artigos e apresentações de trabalhos em eventos ligados à área das Ciências das Religiões e afins. Ao iniciar o processo de tratamento de dados, começamos pelo que Moraes e Galiazzi (2011) chamam de 'Unitarização', que se constitui de leitura e desconstrução dos textos do *"corpus"*, com vistas a que a partir de um conjunto caótico de unidades de vários discursos, possam ser reagrupados em unidades originais. Acerca da 'Unitarização' Moraes e Galiazzi (2011, p. 172) explicam:

> O processo de unitarização pode ser entendido como o movimento de um sistema de ideias organizado para o caos, produzindo-se um conjunto desordenado e caótico de unidades relativas aos fenômenos investigados. Essa desorganização visa criar as condições para o surgimento de novas formas de organização. A desorganização do material do "corpus" corresponde à criação de um espaço criativo, de auto-organização, capaz de dar origem a combinações originais. O caos criado pela unitarização faz emergir as condições para o funcionamento da auto-organização.

Lançamos todos os dados dos nossos documentos primários no programa *Atlas.ti 7*, software especializado em pesquisas acadêmicas de caráter qualitativo, e que possui suporte para treinamento em Inglês e Espanhol. Para iniciar o processo de análise, destacamos as principais unidades de palavras relacionadas com as perguntas realizadas aos entrevistados, o que nos permitiu apurar uma grande quantidade de conceitos recorrentes que não havíamos mensurado em nosso trabalho de campo.

O *Atlas.ti 7* selecionou essas unidades que utilizamos no processo de categorização, composto pelos 'Códigos Hermenêuticos' ministros/congregados; rito/sacramento/símbolo; significado/sentido, códigos estes que contemplam o alcance dos objetivos geral e específico da pesquisa. Moraes e Galiazzi (2011, p.178) ressaltam a importância desse procedimento destacando que "A análise textual propõe-se a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada dos

materiais textuais investigados, constituindo exercício rigoroso de procura de novos sentidos e compreensões".

A segunda etapa da análise constituiu-se da 'Categorização', ou construção de 'códigos hermenêuticos', que são 'famílias semânticas', palavras que se relacionam com os códigos principais foram associadas aos respectivos' códigos hermenêuticos' criados com base nos objetivos da pesquisa. Vejamos abaixo como estão dispostas as palavras recorrentes em seus respectivos códigos:

a) A família semântica do código 'Ministros' ficou com as palavras (Luterana, Anglicana e Presbiteriana);
b) A família semântica do código 'Congregados' conta com as palavras (adequadamente, Anglicana, compreensão, deglutição, fé, Luterana, implicações, pecado, preparação, Presbiteriana, privar, receber, reverencia, templo e tomar);
c) A família semântica código 'Rito' consta das palavras (Anglicana, cerimonia, coreografia, homens, liturgia, Luterana e Presbiteriana);
d) A família semântica do código 'Sacramento' ficou com as palavras (Anglicana, celebração, comunhão, Deus, Jesus Cristo, Luterana, Presbiteriana, Santa Ceia e santidade);
e) A família semântica do código 'Símbolo' conta com as palavras (deglutição, elementos, Jesus Cristo, pão, privar, receber, Santa Ceia, tomar);
f) A família semântica do código 'Significado' ficou com as palavras (corpo, morte, pecado, responsabilidade, sangue, Santa Ceia, santidade, seriedade, vida);
g) A família semântica do código 'Sentido', consta das palavras (alegria, emoção, esperança, eternidade, fé, honra, paz, Santa Ceia, santidade);

Na metodologia empregada a 'Descrição' passa a ser a terceira etapa do processo. Ao entrarmos no processo de análise, já trouxemos conosco uma estrutura prévia de categorias que intencionamos investigar, quando isso acontece, Moraes e Galiazzi (2011) chamam estas de categorias *a priori*.

A descrição desse arranjo permite o mapeamento e distinção do alcance dos objetivos geral e específico, proporcionando através do trabalho descritivo, a organização da ilustração do 'Estado Geral da Pesquisa', (Esquema 03). Moraes e Galiazzi (2011, p.127) assinalam duas formas em que as categorias podem vir a ser organizadas:

> Expressada de outras formas, a análise textual discursiva pode localizar-se em qualquer ponto de dois extremos: num deles se assume teorias *a priori*, aquelas com as quais o pesquisador entra no processo de análise, que ajudam a definir as

> categorias e encaminham a interpretação; no outro constrói as teorias no processo, emergindo as categorias e a teoria no decorrer da análise. Quando assume esta segunda perspectiva, o pesquisador não se impõe um olhar teórico explícito antes de se envolver na análise. Nesse caso, as categorias construídas dentro do processo de análise constituem a estrutura das teorias emergentes do processo analítico.

A última etapa do processo é então a da 'Interpretação' dos dados agrupados pela 'Unitarização' que originaram os códigos hermenêuticos que compuseram a 'Categorização' e permitiram a construção da teia hermenêutica identificada no processo de 'Descrição'. Na 'Interpretação' procedemos com a produção de novos textos, escritos a partir dos documentos primários, que foram originados pelo trabalho de observação participante e a aplicação das entrevistas. Moraes e Galiazzi (2011, p. 100-101) concebem a interpretação como processo de construção de novas teorias:

> Interpretar pode tanto significar o avanço de teorias já existentes, como a construção de novas [...] isso pode resultar em avanços nas teorias iniciais. Nesse sentido, a interpretação é parte do movimento de teorização e transformação de concepções teóricas assumidas *a priori*, que as novas pesquisas possibilitam ampliar, aprofundar e reconstruir [...] o momento interpretativo, ainda que derivando da descrição e se prendendo à realidade empírica, constitui abstração e afastamento da realidade imediata investigada [...]

Passamos agora a situar o contexto religioso dos sujeitos entrevistados através da exposição da relação dos ministros e congregados com o rito da Santa Ceia e seus símbolos e igualmente com suas respectivas instituições religiosas, as igrejas Protestantes Históricas.

4.1 O RITO E A RELIGIOSIDADE NA SANTA CEIA

Na ocasião da análise dos dados fornecidos pelos entrevistados sobre sua compreensão acerca do significado dos símbolos e rito da Santa Ceia, momento em que estes sujeitos em suas entrevistas atribuem um sentido pessoal ao rito, ao recordar o sacrifício de Jesus Cristo através da prática ritual, buscamos compreender o consequente enfrentamento do fato da morte, que na teoria durandiana é definida como 'faces do tempo', acessadas pela função 'fantástica transcendental' na imaginação simbólica, e constatada nos discursos dos religiosos que se submeteram a nossa pesquisa.

Conforme mencionado na introdução, o rito investigado foi observado entre os adeptos do luteranismo, anglicanismo e presbiterianismo, comunidades conhecidas como oriundas da

Reforma Religiosa do Século XVI, sediadas na cidade de João Pessoa. Para estes segmentos do Protestantismo Histórico, a Santa Ceia é um cerimonial sagrado, de natureza mística, e que deve remeter o devoto a uma predisposição ao *numinoso*, estado ressaltado por Otto (2007) em sua tese como experiência transcendental com o sagrado.

Antes de iniciar a análise propriamente dita, gostaríamos de esclarecer ao leitor algumas modificações que se fizeram necessárias nos nossos procedimentos para o estabelecimento do presente estado da pesquisa.

Em nosso projeto propusemos fazer visitas às comunidades religiosas, para realização da observação participante na ocasião da realização do rito da Santa Ceia. Estabelecemos que visitaríamos duas igrejas de cada uma das denominações que elencamos como colaboradoras, porém, este procedimento não foi possível pelo fato de a denominação Luterana ter apenas uma igreja sediada na cidade de João Pessoa.

Assim, realizamos o procedimento em cinco igrejas das denominações pesquisadas, sendo uma Luterana, duas Anglicanas e duas Presbiterianas, realizando o trabalho de observação participante, (Apêndice B), procedendo com anotações e registro fotográfico e de vídeo da realização do rito da Santa Ceia.

Igualmente justificamos a não realização das entrevistas ao término dos cultos de Santa Ceia por ocasião do trabalho de observação participante como havíamos proposto em nosso projeto. A razão foi esta condição ter se tornado um empecilho para que as pessoas colaborassem com as entrevistas, a maioria delas, alegando a inconveniência do procedimento, o que nos fez optar pela marcação de entrevista semiestruturada, (Apêndice E), de acordo com a anuência e disponibilidade de cada entrevistado, (Apêndice C), em suas residências ou locais de trabalho.

Outra modificação nos procedimentos se deu quanto à retirada do ‘questionário para ministros’, acatando a orientação de nossa banca de qualificação. Este procedimento foi substituído pela entrevista semiestruturada, (Apêndice D), com a finalidade de uniformizar o procedimento de coleta de dados quanto ao rito. As entrevistas objetivaram a compreensão a respeito do significado do rito da Santa Ceia tanto para o ministro quanto para sua denominação e os fiéis de suas comunidades.

Passamos agora a conhecer as particularidades da realização do rito da Santa Ceia nas instituições investigadas com vistas a situar o leitor nos respectivos discursos dos celebrantes e comungantes entrevistados, para em seguida apresentar e discorrer sobre seus discursos através da ATD.

4.1.1 A Santa Ceia no luteranismo

As lideranças reformistas não objetivavam a instalação de novas igrejas cristãs, Cairns (1995). A terminologia ‘reforma’ foi ganhando força gradualmente a partir do surgimento de igrejas autônomas ligadas às lideranças políticas locais das nações que resistiam ser espoliadas pelo papado. A tentativa frustrada dos apelos dos pré-reformadores e dos concílios reformadores para transformações na igreja cristã reforçou uma diversidade religiosa antiga na cristandade, que data desde os dias apostólicos, quando foram necessárias epístolas visando corrigir tendências autônomas na igreja primitiva.

Mesmo não objetivando fundar uma igreja com o seu nome, o que só aconteceu após a sua morte, Martinho Lutero gradualmente desenvolveu teses, como fruto de questionamentos, e organizou juntamente com Felipe Melanchton, um sistema teológico que em alguns aspectos se contrapunha ao sistema da Igreja Católica Apostólica Romana, originando a Igreja Luterana que nasce como igreja nacional na Alemanha, com apoio do principado local, ampliando-se depois aos países escandinavos.

No Brasil a Igreja Luterana está representada por dois segmentos, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil, e a IELB. A região sul do Brasil é onde se concentra mais fortemente o luteranismo em função da imigração alemã.

Uma das razões da existência de dois segmentos do luteranismo no Brasil se dá em função do entendimento de como deveria ser administrada a Santa Ceia. Na cidade de João Pessoa há apenas uma igreja luterana que faz parte da ramificação dissidente, a IELB. Em um de seus livretos doutrinários, o ministro luterano Kretzchmar, (s.d. p.11) afirma o que segue:

> A CEIA DO SEHOR - **Os luteranos ensinam que** o corpo e o sangue de Jesus Cristo estão verdadeiramente presentes em, com e sob o pão e o vinho no sacramento da Santa Ceia e que são recebidos por todos os que comem e bebem a mesa do Senhor; que o corpo e o sangue de Cristo são recebidos pelos cristãos para perdão dos pecados, fortalecimento de sua fé e crescimento na piedade; *que a Santa Ceia deve ser dada somente àqueles que professaram a sua fé cristã.* (grifo meu).

Faz parte da orientação cristã na IELB que a Santa Ceia seja servida de forma fechada, apenas aos membros da congregação. Em uma reedição revisada e contextualizada do mesmo livreto doutrinário de Kretzchmar, (s.d. p.10) com redação reformulada pela equipe da editora ‘Hora Luterana’, o texto destaca:

> **O que é a Santa Ceia? O que ela oferece? -** Os luteranos ensinam que o corpo e o sangue de Jesus Cristo estão verdadeiramente presentes no sacramento da Santa Ceia **juntamente com o pão e o vinho;** que a Santa Ceia *não é um ato simbólico*, mas um meio pela qual Jesus oferece perdão e fortalecimento da fé; que o corpo e sangue de Cristo são recebidos pelos cristãos para perdão dos pecados, fortalecimento da sua fé e crescimento na piedade; *que aqueles que participam da Ceia sem se arrepender dos seus pecados e sem fé em Jesus Cristo não recebem as bênçãos divinas prometidas por Deus*. (grifo meu).

As modificações no texto do mesmo folheto doutrinário, publicado pela editora, "Hora Luterana", que teve sua publicação original em 1965, havendo sido escrito pelo mesmo autor, o ministro luterano Karl Kretzchmar, além de ressaltar que o segmento não vê o sacramento como 'ato simbólico', demonstra na edição mais recente uma orientação doutrinal 'menos excludente' apelando ao auto-exame do participante, que propriamente a uma atitude normativa da igreja de não permitir a participação de pessoas que não sejam da comunidade.

A IECLB, primeiro ramo do luteranismo que chegou ao Brasil em 1834 com a finalidade de oferecer assistência espiritual aos imigrantes alemães residentes em nosso país, demonstra uma compreensão mais ecumênica da Santa Ceia. Ao citar o Catecismo de Lutero diz que "*Quando as pessoas* se reúnem para celebrar juntos a Santa Ceia, conforme foi instituído por Cristo, em qualquer lugar, Ele mesmo está presente nesse ato sacramental de comer e beber, oferecendo-lhes remissão dos pecados, vida e salvação". (grifo meu). Notamos que o destaque para 'as pessoas' na citação em questão não limita a entrega dos elementos apenas aos luteranos.

Na Confissão de Augsburgo (2005, p. 14) em seu artigo X, e de conformidade com os artigos XXII e XXIV, ressaltam o conceito de presença real de Cristo nos elementos,

> "Da Ceia do Senhor se ensina que o verdadeiro corpo e o verdadeiro sangue de Cristo estão verdadeiramente presentes na ceia sob a espécie, (forma) do pão e do vinho e são nela distribuídos e recebido. Por isso também se rejeita a doutrina contrária".

Nota-se que apesar de a declaração de fé das duas correntes do luteranismo no Brasil ser praticamente idênticas e adotadas pelas respectivas ramificações, o entendimento sobre quem possa participar do rito da Santa Ceia distingue-se. Foi esta distinção que ocasionou a ruptura institucional entre a IECLB e a IELB no Brasil, fato que foi destacado por alguns dos entrevistados neste capítulo.

O Livro de Concórdia, documento organizado pelos teólogos luteranos nas primeiras décadas do surgimento do luteranismo buscou conciliar as vertentes ideológicas de uma igreja nascente em ambiente beligerante. Jung (1964, p.55) definiu a natureza religiosa dos germânicos da seguinte forma:

> [...] como o protestantismo se tornou o credo dos povos germânicos ávidos de aventuras, com sua curiosidade, vontade de conquista e inescrupulosidade características, é possível que seu caráter específico não fosse compatível com a paz da igreja, pelo menos a longo prazo. É como se eles ainda não estivessem em condições de suportar um processo de salvação e submeter-se a uma divindade tornada visível na imensa construção da igreja.

A Igreja Luterana teve em Lutero e Melanchton seus maiores teólogos e também aqueles que severamente divergiam nessa matéria, fazendo com que a paz da nova igreja fosse frustrada, até a organização do Livro de Concórdia de 1577, só publicado em 1580. Conhecendo a exclusividade característica do espírito nacionalista alemão que andava lado a lado com a Igreja Luterana, e iniciando suas considerações sobre o regime conciliar questionando qual deveria ser o entendimento da comunhão no luteranismo, o Livro de Concórdia (1978, p.59) destaca:

> [...] a igreja, durante toda a sua existência, tem identificado a comunhão de altar com a comunhão de igreja, chegando ao ponto de negar o reconhecimento de comunhão para aqueles cuja doutrina era inaceitável. Uma outra questão, de certa forma relacionada e de considerável interesse em certas partes da comunidade cristã, é a pergunta se a Santa Ceia deveria ser entendida como um meio para o estabelecimento da comunhão ou como um objetivo da comunhão.

A Igreja Luterana enfrentou sérias “controvérsias quanto à Ceia do Senhor”, Cairns (1995, p.241), suscitando desunião política e religiosa ao ponto de os príncipes alemães acreditarem que toda problemática da união na Alemanha seria resolvida se o luteranismo não fosse tão fragmentado. Na cidade de João Pessoa, o luteranismo chegou no ano de 1985.

4.1.2 A Santa Ceia no anglicanismo

Pode ser dito que o resultado do movimento reformista originou quatro tipos de organizações religiosas e caminhos de fé, o luterano, o anabatista, o reformado e o anglicano.

O Protestantismo Histórico na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos fez estas nações aderirem ao anglicanismo como sendo seu sistema religioso preferencial.

A reforma da Igreja na Inglaterra teve forte viés político e eclodiu como já mencionado neste estudo no reinado de Henrique VIII, vindo a consolidar-se com seus filhos Eduardo VI e Elizabeth I. O movimento tomou ares vigorosamente conservadores, podendo ser comparada ao movimento luterano na Alemanha. Cairns (1995, p.266) resume essa reforma conforme segue:

> Sem um líder religioso forte, como Calvino ou Lutero, ela (a Reforma Religiosa), foi controlada pelo rei, que se tornou o chefe da igreja nacional. Por essa razão, ela começou como um movimento político, prosseguiu como um movimento religioso, terminando no governo da rainha Elizabeth, em meados do século XVI. Devido a enorme extensão da colonização britânica, ela se expandiu por todo o mundo. (grifo meu).

A grande expressão da resistência reformadora contra a herança do catolicismo romano está no movimento puritano inglês que teve projeção tanto entre os congregacionais, quanto entre presbiterianos e metodistas. Este movimento foi banido da Inglaterra e ao voltar ao país no reinado de Elizabeth I, não consegue estabelecer-se, uma vez que a regente preferia uma via que alinhasse o pensamento calvinista com a ritualidade católico-romana.

Assim caracteriza-se o hibridismo cerimonial do anglicanismo, muito parecido cerimonialmente com a Igreja Católica Apostólica Romana, porém com teologia destacadamente reformada.

É no reinado de Elizabeth I, em 1553, que o Livro de Oração Comum – LOC, uma vez revisado, passa a ser utilizado na Inglaterra como livro litúrgico das igrejas anglicanas. O LOC padrão foi o confeccionado pelo Arcebispo da Cantuária, Thomas Cranmer, na época da reforma protestante inglesa. A partir deste livro várias províncias anglicanas espalhadas mundo afora confeccionaram seus próprios LOC(s). No Brasil, este trabalho foi realizado pela Diocese do Recife.

O LOC oferece aos ministros anglicanos 11 modelos cerimoniais da Santa Ceia sendo os ritos eucarísticos de I a VI regulares, ou seja, celebrados unicamente pelos presbíteros. Diáconos e Ministros Locais possuem 2 modelos de cerimônia os quais eles só poderão oficiar, conforme informado pelos ministros entrevistados em nossa pesquisa, se os elementos pão e vinho tiverem sido consagrados antecipadamente por um presbítero. Há ainda um modelo de ‘Santa Eucaristia’ a ser ministrada para os enfermos, outro modelo para funerais, e

o modelo da primeira eucaristia para os batizandos, totalizando 11 cerimônias eucarísticas orientadas pelo LOC.

A Igreja Anglicana não produziu uma confissão de fé específica. Através de e-mail trocado com um colega de curso do GEPAI, sendo ele um ministro anglicano, nos relatou o que segue:

> [...] a reforma inglesa teve uma característica muito específica; deu-se a partir de sua liturgia e não a partir de uma confissão de fé. A Inglaterra se reformou com a entrega da Bíblia na língua inglesa e do LOC nas mãos do povo. O LOC teve a função de disponibilizar também a liturgia na língua do povo que, até então, celebrava com o uso do missal romano, em latim. A Igreja da Inglaterra e a experiência mundial do anglicanismo que dela surgiu, adota os credos antigos (Apostólico e Niceno) como sua confissão de fé bastante, mas também professa sua fé reformada, concordando com as confissões de fé produzidas na época da reforma. Curiosamente, a Confissão de Fé de Westminster foi uma confissão de fé feita em uma abadia anglicana, a abadia de Westminster, durante um período de hegemonia calvinista na Inglaterra. O que chegou mais próximo a uma confissão de fé reformada foi o que chamamos de "Os 39 Artigos de Religião", também escritos pelo arcebispo da Cantuária Thomas Cranmer[50].

Sobre as orientações gerais aos ministros, dispostas no LOC (2008, p. 135) com respeito à Santa Ceia, na sessão ‘Rubricas Gerais’, cita-se:

> 1. Recomenda-se a cada comungante, particularmente ao presidente, uma cuidadosa **Preparação** devocional antes da celebração. 2. O **Presidente**, que deve ser um Presbítero Ordenado, dirige a celebração. Compete-lhe em exclusivo: dizer a Saudação inicial, a Oração do Dia, a Declaração de Perdão, a Paz e a Bênção; tomar o Pão e o Cálice, e repô-los sobre a Santa Mesa; dizer a Oração Eucarística, partir o Pão consagrado e, em cada celebração, receber o Sacramento, antes ou depois do povo, como entender. Pode delegar a outros Ministros as restantes partes da celebração [...] 7. Os **Gestos** do presidente serão os tradicionais, com obrigação de tomar o Pão e o Cálice e repô-los sobre a Santa Mesa, antes da Oração Eucarística. 9. Deve guardar-se **Silêncio** antes da Confissão, bem como depois de cada Leitura Bíblica, do Convite para a Oração dos Fiéis, da Oração Eucarística e da Comunhão. 10. Se não houver o **Ministério do Sacramento**, o Ministro deverá utilizar-se das formas prescritas para Oração Matutina ou Vespertina, podendo estas ser presididas ainda por leigos ou Diáconos, omitindo-se, neste caso, a Declaração de Perdão e a Bênção. (grifo do autor).

Como podemos verificar nas orientações do LOC, os atos relativos à liturgia que se relacionam com a Santa Ceia são de exclusividade de um ‘Presbítero Ordenado’, constituindo-se em prerrogativas exclusivas desse ministro deferir as responsabilidades da celebração a outros ou não. Quanto ao que os fiéis devem conhecer acerca dos sacramentos,

[50] BRANCO, Gustavo Leite Castelo. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <alexandremendonca.ipb@gmail.com.> em: 08 jul. 2014.

deveres e compromissos a serem assumidos com a congregação, pode se ter no ‘Catecismo Anglicano’, organizado por Thomas Cranmer, nos ‘39 artigos sobre a religião’, e no ‘Quadrilátero de Lambeth’ os símbolos de fé, por assim dizer, dos anglicanos. Acerca do entendimento dos sacramentos, o Catecismo Anglicano no LOC (2008, p.622-623) ensina:

> **Pergunta:** Quantos Sacramentos instituiu Cristo em sua Igreja? **Resposta:** Só dois, que são geralmente necessários para a salvação, a saber, o Batismo e e Ceia do Senhor. **Pergunta:** Que queres dizer com essa palavra Sacramento? **Resposta:** Quero dizer um sinal externo e visível de uma graça interna e espiritual, que se nos concede, instituído pelo próprio Cristo, como meio de recebermos essa graça e como penhor que nos assegure dela. **Pergunta:** Quantas partes há num Sacramento? **Resposta:** Duas; o sinal externo e visível, e a graça interna e espiritual.

Para um anglicano os sacramentos maiores são o Batismo e a Santa Ceia, estes são um sinal externo de uma fé interna e espiritual que foram instituídos pelo próprio Jesus Cristo para lhes ofertar graça. Sobre a Santa Ceia em específico os anglicanos ensinam no artigo XXVIII dos ’39 artigos de religião’ que consta no LOC (2008, p.632) o que segue:

> A Ceia do Senhor não é só um sinal do mútuo amor que os cristãos devem ter uns para com os outros; mas antes é um Sacramento da nossa Redenção pela morte de Cristo, de sorte que para os que devida e dignamente, e com fé o recebem, o Pão que partimos é uma participação do Corpo de Cristo; e de igual modo o Cálice da Bênção é uma participação do Sangue de Cristo. [...] *O Corpo de Cristo é dado, tomado, e comido na Ceia*, somente dum modo celeste e espiritual. E o meio pelo qual o Corpo de Cristo é recebido e comido na Ceia é a Fé.

Outra característica marcante no anglicanismo é a hierarquia. O anglicanismo além de representar uma instituição, pode ser considerado um sistema de governo, seu modelo é o episcopado, dai ser chamada Igreja Episcopal Anglicana. O chefe da Igreja Anglicana é o Rei da Inglaterra, e não um clérigo, essa característica aproxima a igreja da monarquia.

A hierarquia na Igreja Anglicana constitui-se em um valor a ser observado tanto por celebrantes quanto por fiéis. O LOC (2008, p.9) afirma que “a liturgia é algo inato a todas as igrejas, porém, a beleza singular da liturgia cristã deve estar fundamentada primeiramente em sua cristocentridade, igualmente em sua racionalidade, e por fim em sua solenidade”, algo que é característico no anglicanismo. A chegada do anglicanismo na Paraíba data de meados da década de 1980 através do trabalho missionário da diocese do Recife – PE.

4.1.3 A Santa Ceia no presbiterianismo

Por presbiterianismo concebe-se um sistema representativo eleito democraticamente por uma assembleia de cidadãos livres. Ulrich Zwinglio, João Calvino e John Knox são os nomes de maior proeminência na história e teologia do presbiterianismo. Nascimento (2011) atribui a Zwinglio a alcunha de "pai do protestantismo reformado". Em função da morte trágica de Zwinglio, ainda muito jovem, em um campo de batalha, tem-se em João Calvino o sistematizador da teologia Zwingliana. Ao categorizar a influência do presbiterianismo nascente na Europa, Nascimento (2001, p.65) afirma:

> Os seguidores do movimento iniciado por Zwinglio e estruturado por Calvino se espalharam imediatamente por toda Europa. Na França eles eram chamados de huguenotes; na Inglaterra, puritanos, na Suíça e Países Baixos, reformados; na Escócia, presbiterianos.

O presbiterianismo toma forma na Escócia não encontrando espaço para desenvolvimento livre na Inglaterra, os presbiterianos escoceses migram para a colônia inglesa na América do Norte onde o protestantismo reformado se desenvolveria com autonomia na opinião de Nascimento (2001). Mais tarde, no século XVIII, nos Estados Unidos, um avivamento levou os presbiterianos a interessar-se por missões estrangeiras.

No ano de 1859, um jovem missionário norte-americano decide vir para o Brasil como parte do movimento missionário da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, seu nome é Ashbel Green Simonton[51], o fundador do presbiterianismo em terras brasileiras. Seu ministério no Brasil, conforme cita César (2000, p. 88), "durou apenas sete anos".

Participar de uma Igreja Presbiteriana é estar sujeito a um governo eclesiástico que segundo Hodge (1999, p.536) nega e contrapõe afirmativamente:

> Que todo o poder eclesiástico está no clero; Que o ofício apostólico é perpétuo; Que cada congregação individualmente é independente. A declaração afirmativa desses princípios é: Que o povo tem direito a uma parte substancial no governo da igreja; Que os presbíteros, que laboram na palavra e na doutrina, são os mais proeminentes oficiais permanentes da Igreja, e todos pertencem à mesma ordem; Que a Igreja externa e visível é, ou deve ser, no mesmo sentido que uma parte menor está sujeita

[51] CURSO PREPARATÓRIO PARA A PÚBLICA PROFISSÃO DE FÉ. Igreja Presbiteriana do Brasil, [s.a.], 39p. A Igreja Presbiteriana do Brasil é uma das denominações protestante histórica mais antiga em terras brasileiras, tendo chegado através trabalho do missionário estadunidense Ashbel Grenn Simonton (1833-1867) natural de West Hanover, que aportou no porto da capital do Império na cidade do Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859. Simonton faleceu no Brasil aos 34 anos de idade.

> a uma maior, e a maior está sujeita ao todo. Não é defendendo um desses princípios que faz um homem presbítero, mas sua defesa de todos eles.

Na exposição de Hodge (1999), sobre o poder delegado aos presbíteros pela assembleia no presbiterianismo, estabelece-se que as funções de liderança eclesiástica são concedidas por meio da eleição democrática, e que deve existir uma liderança compartilhada no tocante à administração eclesial entre Presbíteros Docentes e Presbíteros Regentes.

No que diz respeito à administração da liturgia e dos sacramentos, este oficio é prerrogativa do Presbítero Docente, consagrado para este fim, e administrado de forma partilhada sob sua orientação. No aspecto administrativo do sacramento, tanto presbiterianos, quanto luteranos e anglicanos conferem essa dignidade a um ministro ordenado para este fim, conforme orientação do documento presbiteriano, Manual Litúrgico (1999, p.19) onde se lê:

> Reconhecemos duas funções no presbiterato: uma, é o do presbítero docente, que é o pastor, cuja função (privativa) é: "Administrar os sacramentos; invocar a bênção apostólica sobre o povo de Deus; celebrar o casamento religioso com efeito civil; orientar e supervisionar a liturgia da Igreja de que é pastor". (grifo nosso).

No tocante à Eucaristia, o presbiterianismo sustenta as doutrinas calvinistas. O rito da Santa Ceia tem relação associativa direta com o rito Pascal. Concebido como sacramento, o rito da Santa Ceia é um correspondente na 'Nova Aliança' ao sacramento da Ceia Pascal na antiga aliança. Sobre este entendimento, o Curso Preparatório para Pública Profissão de Fé da Igreja Presbiteriana do Brasil (s.a., p.39) afirma:

> Temos afirmado que os dois sacramentos do Antigo Testamento, a circuncisão e a páscoa, são essencialmente iguais aos do Novo Testamento, batismo e ceia do Senhor, pois o conteúdo espiritual é o mesmo. Tanto a circuncisão quanto o batismo falam da aliança que Deus estabeleceu com seu povo, uma aliança que consiste de promessas espirituais tais como a regeneração, união com Cristo, remissão dos pecados e consagração a Deus.

No presbiterianismo o rito da Santa Ceia é tratado como um dos seus sacramentos, e reconhecido como sendo o único ordenado por Cristo para que fosse perpetuado até a sua volta. Os ministros no presbiterianismo são instados a celebrar a Santa Ceia para o bem dos fiéis, e não para cumprimento de uma ordem litúrgica conforme citado em seu Manual Litúrgico (1999, p.29): "O sacramento da Comunhão, ou Ceia do Senhor, deverá ser

celebrado quando o ministro e os presbíteros regentes de cada igreja julgarem mais conveniente para edificação dos fiéis [...] Pão e vinho são os elementos usados neste sacramento".

Concluímos este capítulo descrevendo a ordem litúrgica da Santa Ceia no presbiterianismo, conforme lemos em seu Manual Litúrgico (1999, p.29-37):

> Depois de cantado um hino apropriado à ocasião, o ministro principiará a cerimônia da celebração da Ceia do Senhor, descobrindo os elementos e lendo as palavras da instituição deste sacramento em algum dos evangelhos ou em I Coríntios 11.23-30 [...] se o ministro julgar oportuno, poderá explicar e aplicar a passagem [...] Acabadas as instruções, o ministro consagrará os elementos para o sacramento, por meio da oração e ações de graça [...] O ministro, então, tomando o pão, o partirá na presença do povo [...] Aqui o ministro distribuirá aos presbíteros o pão [...] O ministro tendo os presbíteros de volta, diante da mesa, poderá distribuir o pão com eles ou poderá deixar para fazê-lo juntamente com o cálice. Depois de distribuído o pão, o ministro tomará também o cálice [...] Aqui o ministro entregará as bandejas aos oficiais da distribuição [...] Aqui, se o ministro achar próprio, exortará aos comungantes falando-lhes: Da natureza e da utilidade deste sacramento; da graça de Deus, manifestada em Jesus Cristo; da sua obrigação de servir ao Senhor; da obrigação que têm de andar conforme com a vocação com que foram chamados; e de que, como eles têm professado ao Senhor Jesus Cristo, devem andar com ele, e produzir boas obras [...] Concluída a distribuição do cálice, o ministro o distribuirá aos presbíteros para que tomem. Nunca se esquecer de perguntar se algum comungante foi esquecido. Após, o ministro poderá convidar a Igreja a pôr-se de pé para uma oração. Depois de um cântico, o ministro invocará a bênção apostólica.

O fato de estar convencionado nas comunidades presbiterianas de que os sacramentos devem ser ministrados pelos ministros ordenados das suas comunidades, o entendimento do calvinismo ressalta a humanidade do oficiante e o fato de que ele é apenas o administrador de uma graça externa proveniente de uma fé interna.

Tendo em vista que o presbiterianismo não reconhece que todo poder eclesiástico esteja no clero, conforme destaca Hodge (1999), o ofício do presbiterato regente e docente é para o presbiterianismo uma honra para o serviço. O presbiterato é uma vocação apenas distinta em funções docente e regente, e estas funções nivelam seus signatários em responsabilidade e ordem, ilustrados no serviço pela mesa da comunhão.

Nas sessões que seguem realizaremos ATD como método hermenêutico aplicado ao *corpus* das entrevistas tanto a ministrantes quanto a congregados das igrejas protestantes históricas que colaboraram com nossa pesquisa, aplicando o paradigma durandiano na análise de textual de seus discursos.

4.2 O MINISTRANTE NA SANTA CEIA

A forma como o Protestantismo Histórico entende o papel dos seus ministros quanto à administração dos sacramentos pode diferenciar-se de acordo com a hermenêutica e exegese adotada pelas assembleias de teólogos que organizaram suas confissões de fé; porém, como vimos na sessão anterior, é comum entre o luteranismo, o anglicanismo e o presbiterianismo que os ministros celebrantes atuem como oficiantes exclusivos dos sacramentos.

Diante da singularidade do rito da Santa Ceia está convencionado no Protestantismo Histórico que os sacramentos são prerrogativa dos ministros, porém, estes não têm em si nenhuma graça especial para dar dignidade ao sacramento enquanto ministros, como ressalta Costa (2009, p.297) quanto ao ensino de Calvino acerca desse tema:

> Não se deve receber o sacramento como procedente da mão que o administra, mas como proveniente da mão do próprio Deus, por quem sem dúvida nos é enviado, pode-se concluir que o oficiante não acrescenta nem diminui coisa alguma da dignidade do sacramento [...] Com isso, refutamos e destruímos o erro dos donatistas, que avaliavam e entendiam a virtude e a eficácia do sacramento pela dignidade e capacidade do ministro.

No entendimento do reformador, absolutamente nada no homem pode influenciar na graça que os elementos e a mensagem da Eucaristia têm para passar aqueles que dela participam. A Santa Ceia é por si mesma um meio de consagração para vida dos que dela participam compreendendo seu significado e atribuindo sentido ao sacramento.

O entendimento do Protestantismo Histórico quanto à humanidade do oficiante e o fato de que ele é apenas o administrador de uma graça externa proveniente de uma fé interna, deve encorajar os membros comungantes[52] à compreensão dos sentidos e significações subjetivas que permeiam a mente e o imaginário não só de cada cristão participante do rito da Santa Ceia, mas também de seus ministros celebrantes.

Na busca da compreensão para a produção desses sentidos vimos na pesquisa qualitativa uma abordagem apropriada para aplicação aos discursos com que nos depararíamos ao longo da pesquisa. Moraes e Galiazzi (2011, p. 11) defendem essa abordagem e ressaltam seu uso para as análises textuais:

[52] Membro comungante é aquele que não está privado nem por disciplina nem por motivo de consciência de participar da Santa Ceia em suas respectivas comunidades religiosas.

> Pesquisas qualitativas têm se utilizado cada vez mais de análises textuais. Seja partindo de textos já existentes, seja produzindo o material de análise a partir de entrevistas e observações, a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação. Não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão, reconstruir conhecimentos existentes sobre os temas investigados.

Analisar o significado de um rito como a Santa Ceia para o segmento do protestantismo nos permitiu transitar em um ambiente onde a multidisciplinaridade e a diversidade exigiram que encontrássemos aspectos distintivos, tanto no campo do conhecimento objetivo quanto no âmbito da religiosidade entre os ministros e os celebrantes da Santa Ceia.

Orientamos nosso trabalho de observação participante algumas vezes pelo conhecimento empírico das ciências das humanidades, apropriando-nos enquanto cientistas das religiões de suas abordagens. Considerando a pertinência epistemológica da teologia nos diálogos com a religião institucional, filosofia e sociologia, Teixeira (2008, p.301-302) ressalta:

> O discurso teológico distingue-se do religioso: há entre os dois uma continuidade de conteúdo, mas uma descontinuidade de método [...] A distinção com respeito à filosofia da religião refere-se ao objeto formal. O que confere pertinência ao saber teológico é a reflexão "à luz da fé", enquanto que para o filósofo esta reflexão se dá "a luz da razão" [...] O discurso sociológico trata a religião *sub specie temporis*, deixando em aberto "a questão de se e como ela também poderia ser vista *sub specie aeternitaris".* Já a teologia não pode prescindir de sua positividade específica, no caso da teologia cristã, a instância identificadora que confere pertinência teológica é a mediação hermenêutica. É ela que confere a positividade cristã à teologia: "uma positividade que não plaina no ar, de modo abstrato. Ela se encontra inscrita, testemunhada, traduzida e deposta no conjunto dos escritos canônicos da Comunidade eclesial: são as Escrituras cristãs".

Sabendo da multiplicidade de sentidos que na prática encontraríamos nos discursos relacionadas à Santa Ceia, fomos motivados pela compreensão do fenômeno religioso no grupo Protestante Histórico, no tocante ao sentido que estes sujeitos atribuem aos elementos pão e vinho na ortodoxia do protestantismo quanto ao rito da Santa Ceia.

Alcançar estes objetivos com vistas a divulgar o resultado dessas investigações requereria um método de análise que abarcasse esta compreensão tanto nos aspectos distintivos de seu conteúdo, quanto na singularidade dos discursos dos sujeitos.

A metodologia da ATD, Moraes e Galiazzi (2011, 12) chamou a nossa atenção pelo seguinte argumento:

> [...] a análise textual discursiva pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção de compreensão em que novos entendimentos emergem a partir de uma sequência recursiva de três componentes: a desconstrução dos textos do *"corpus"*, a unitarização; o estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; o captar emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada.

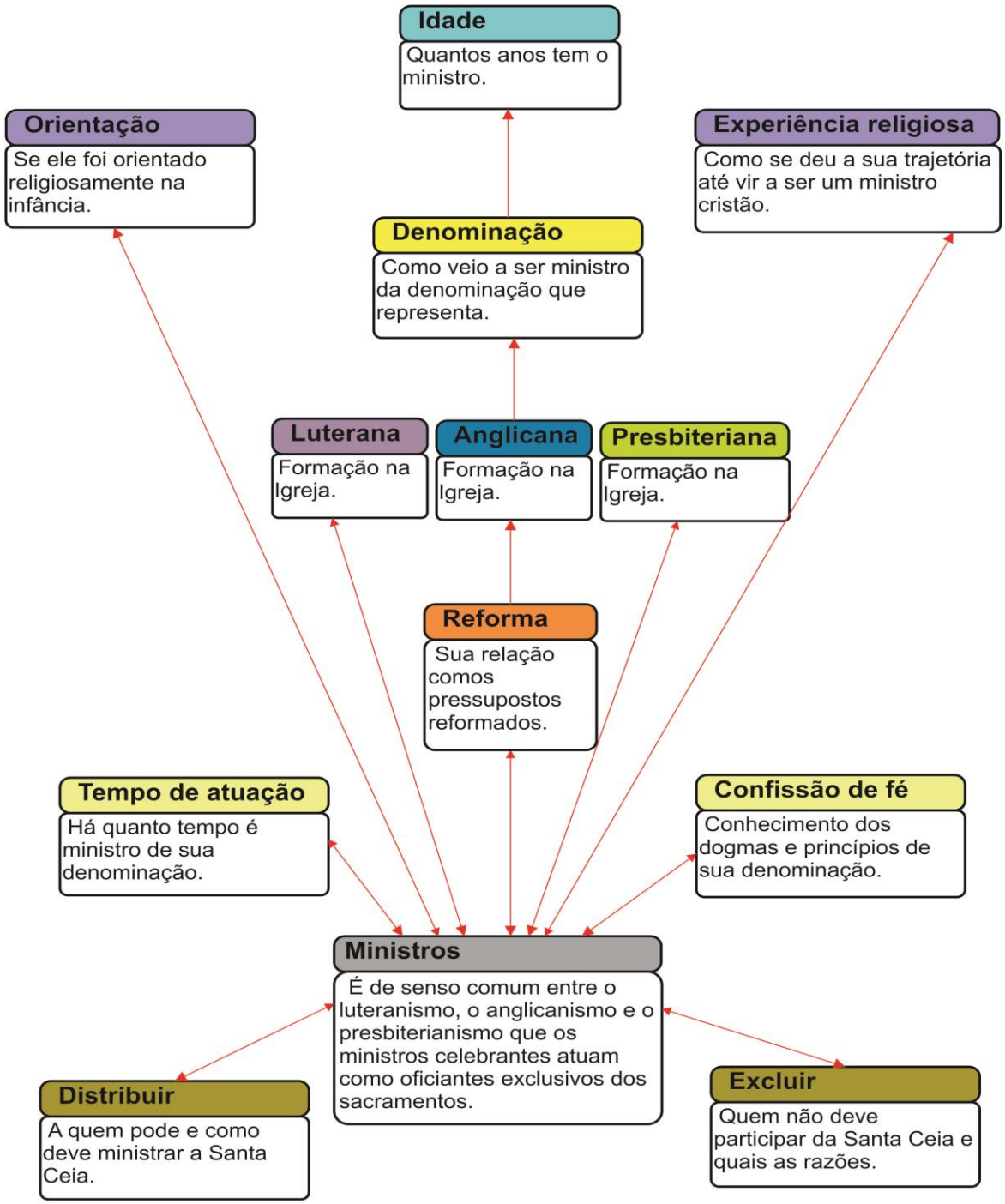
Procederemos agora a esse processo da ATD em nosso *"corpus"*, ou seja, nossos documentos primários, que constam dos registros dos trabalhos de observação participante nas igrejas em que acontecia, durante a visita, a prática do rito da Santa Ceia, bem como as transcrições das entrevistas semiestruturadas dos cinco ministros que colaboraram com nossa pesquisa e celebram o Sacramento da Santa Ceia nas igrejas luterana, anglicana e presbiteriana.

Com vistas à preservação do seu anonimato os chamaremos respectivamente de "Ministros reformados 1, 2, 3, 4, 5"; relacionando-os apenas a sua denominação. Consideremos na teia que segue quais os elementos primários que buscamos levantar na entrevista aos ministros. Estes constam da idade dos ministros; orientação e experiência religiosa de cada ministro individualmente. Como este ministro veio a escolher trabalhar com esta denominação a que pertence. Como se deu seu processo de formação para vir a ser um ministro nessa denominação. Qual a sua relação com os pressupostos da Reforma Religiosa do Século XVI. Há quanto tempo o ministro está na denominação. A partir dessa última pergunta os inquirimos sobre seus conhecimentos doutrinários e litúrgicos acerca da relação estreita entre os conceitos Rito e Sacramento.

Por fim, reconhecendo a prerrogativa de exclusividade que os Ministros Luteranos, Anglicanos e Presbiterianos têm de administrar em suas congregações o rito da Santa Ceia, buscamos igualmente conhecer sua relação com os fiéis a quem servem e orientam, com suas respectivas denominações, e sobre o significado e sentido da Santa Ceia para eles enquanto celebrantes do rito, e na administração dos elementos essenciais pão e vinho conforme esquema que segue na próxima página.

4.2.1 A Teia Hermenêutica entre os ministros e o fenômeno investigado

Esquema 04 – Ministros e sua rede semântica.



O Esquema 04 mostra a teia hermenêutica ilustrando a rede semântica entre os ministros e sua experiência religiosa na sua denominação e na relação com o os fiéis.

Criado com ferramenta de pesquisa ATLAS.ti 7. - Ilustrado por Erika R. A. Mendonça

A rede semântica envolta na atuação dos ministros religiosos movimenta-se entre o binômio sacerdócio e devoção. As entrevistas abordam a formação religiosa que o ministro recebeu de sua família. Igualmente as perguntas feitas a eles perpassam pelo relato de sua experiência religiosa, que vai da sua formação familiar, e estabelece-se na formação de sua identidade, sendo atestada por sua vocação. Esse processo exigiu que os ministros falassem de suas experiências religiosas no decurso de sua vida até vir a ser ordenados ministros das denominações que representam.

O segundo momento das entrevistas lançava mão de perguntas que permitissem que o ministro descrevesse os significados envoltos em seu oficio sacerdotal e as razões desses relacionadas a suas confessionalidades sendo esta a justificativa no (Esquema 04) para o destaque dos códigos semânticos ‘reforma’, ‘tempo de atuação’ e ‘confissão de fé’.

Perguntamos sobre sua identidade reformada pelo fato de os ministros serem representantes de um movimento que firmemente se opôs ao cerimonialismo da igreja romana, confrontou seu corpo de doutrinas, principalmente a interpretação que davam ao papel dos elementos signícos da Santa Eucaristia. As perguntas relativas ao ‘tempo de atuação’, enquanto ministro objetivaram aferir a familiaridade dos entrevistados tanto com o seu ofício sacerdotal, quanto com o tempo relacionado a sua experiência religiosa. O código semântico ‘confissão de fé’ exigiu que no trabalho de descrição do rito, os ministros nos proporcionassem conhecer a sua familiaridade com o rito da Santa Ceia e seu discernimento sobre os significados envoltos no rito.

Toda essa estrutura das perguntas de nossa entrevista visou ao conhecimento no que se refere ao ‘trajeto antropológico’ dos ministros entrevistados. É o trajeto antropológico que provoca as imagens nos indivíduos. Nesse trajeto se formam as imagens do capital pensado dos sujeitos, permitindo detectar o trajeto antropológico das imagens tanto as que trabalhamos, quanto as que verificamos.

A entrevista semiestruturada permitiu que informações dadas pelos entrevistados gerassem novos questionamentos que foram emergindo através da curiosidade pelas histórias dos respectivos trajetos antropológicos de cada ministro. Considerar o tipo de imagem que nossos entrevistados geraram tornou-se essencial para bons resultados em nossa análise qualitativa, conforme Moraes e Galiazzi (2011, p.16) ressaltam:

> [...] análise textual discursiva parte de um conjunto de pressupostos em relação à leitura dos textos que examinamos. Os materiais analisados constituem um conjunto de significantes. O pesquisador atribui a eles significados a partir de seus conhecimentos, intenções e teorias. A emergência e comunicação desses novos sentidos e significados são o objetivo da análise.

Por meio da ATD, associada ao conceito de trajeto antropológico da TGI, pudemos compreender as imagens relativas ao imaginário dos ministros acerca de suas vidas, esperanças, visão de mundo, enfrentamentos e lutas, acolhimento, batalha, resignação, imagens que só sendo inquiridas permitem conhecer o trajeto antropológico de um indivíduo, permitindo enxergar o que encontramos nos ritos eucarísticos de cada denominação investigada.

4.2.2 A Teia Hermenêutica dos ministros relacionada aos conceitos rito e sacramento

A teia hermenêutica que segue analisa a relação entre a administração do rito, que em Durand é um meio por onde se preservam as narrativas simbólicas, e a sacralidade atribuída aos elementos essenciais da Santa Ceia, seus respectivos significados e significantes administrados pelos ministros entrevistados.

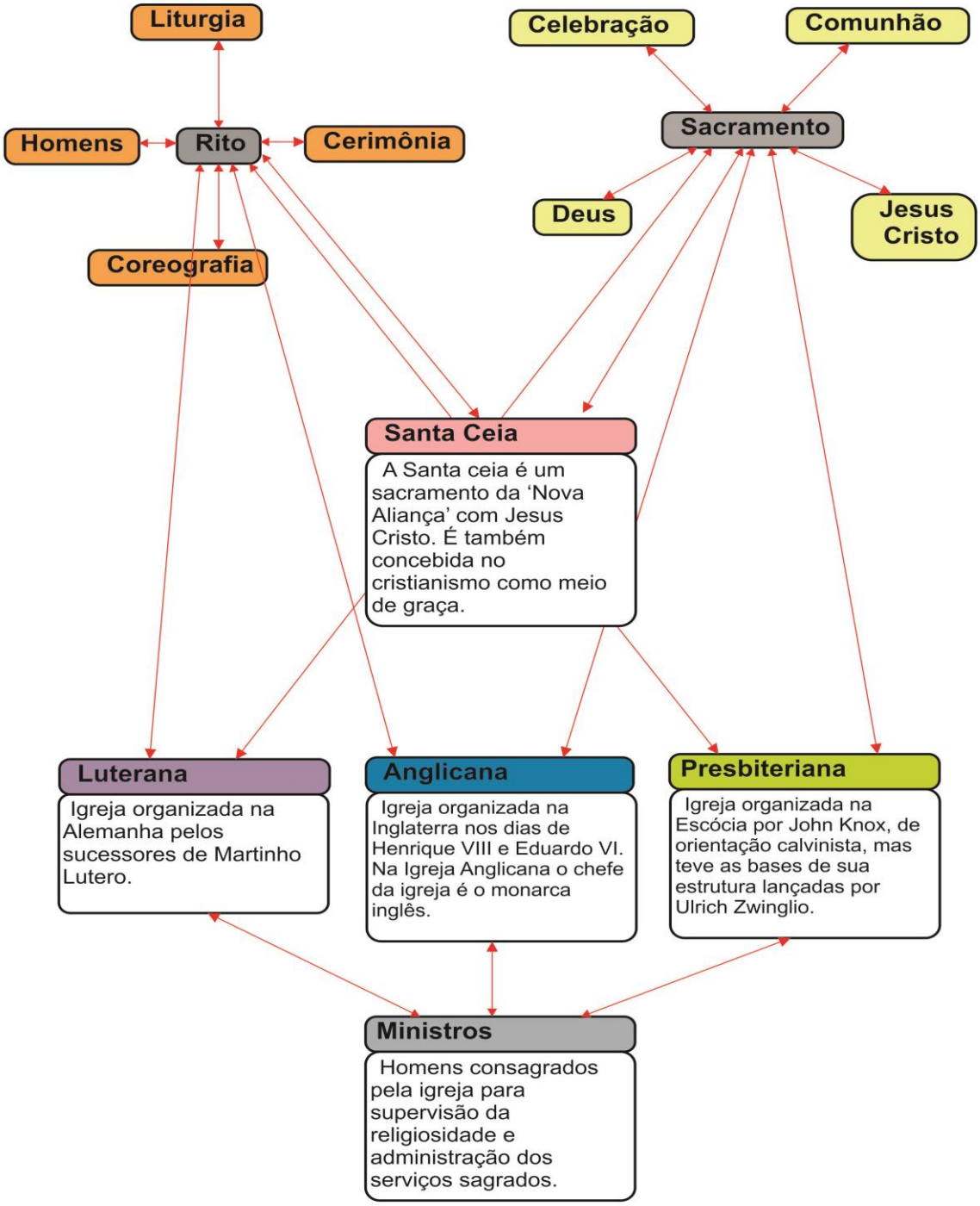
Ao abordar este aspecto do oficio religioso dos ministros do Protestantismo Histórico, nos deparamos com dois conceitos praticamente análogos, onde verificamos que os próprios manuais de teologia sistemática do protestantismo, bem como os documentos oficiais de fé das denominações investigadas, (Confissão de Augsburgo, LOC e CFW), abordam como se se fossem conceitos sinônimos, que são as palavras rito e sacramento.

Iniciaremos nossa discussão descrevendo o (Esquema 05) que ilustra o estado relativo à questão conceitual que levantamos. Notemos que no (Esquema 05) o código hermenêutico ‘Ministros’ está circundado respectivamente pelos códigos de cada denominação investigada, a luterana, anglicana e presbiteriana.

Há dois outros códigos hermenêuticos que se relacionam com a identidade doutrinária relativa aos ministros, sua origem ideológica na ‘Reforma’ Religiosa do século XVI e suas respectivas confissões de fé que são seus documentos teológicos. No mesmo (Esquema 05) o código ‘distribuição’ está relacionado à cerimônia administrada pelos ministros, envolvendo critérios próprios de inclusão e exclusão para que se possa participar do rito da Santa Ceia em cada denominação.

Acima dos códigos relacionados aos ministros das denominações investigadas, figuram os códigos hermenêuticos ‘rito’ e ‘sacramento’, ligados a aspectos singulares que os diferenciam de denominação para denominação. Vejamos algumas particularidades nos dois conceitos conforme o (Esquema 05) que segue.

Esquema 05 – O Ministro e a relação com os conceitos rito e sacramento



O Esquema 05 ilustra a teia hermenêutica acerca relação dos ministros com seu ofício enquanto celebrante dos sacramentos, e os aspectos similares e distintivos destes dois conceitos aparentemente análogos. Rito e sacramento.

Criado com ferramenta de pesquisa ATLAS.ti 7. - Ilustrado por Erika R. A. Mendonça

O rito da Santa Ceia tem sido historicamente transformado. Ele tem seu nascedouro na ressignificação que Jesus Cristo faz da Páscoa judaica em relação ao seu corpo e sangue que seriam oferecidos em sacrifício para redenção do homem. O rito da Santa Ceia originalmente é uma ressignificação (NASSER, 2006). No início da era cristã ele era chamado de 'partir o pão', Lucas 24.35; Atos 2.42,46; Atos 20.7,11. Esta nomenclatura foi modificada nas epístolas paulinas a exemplo do visto em 1 Coríntios 10.21[53] onde é chamada de 'mesa do Senhor'; e finalmente em 1 Coríntios 11. 20-21,25,33[54] passou a ser chamada de 'ceia do Senhor', sendo que todas estas nomenclaturas referiam-se à mesma cerimônia de recordação do sacrifício de Jesus Cristo.

A Igreja Cristã passou a fazer uso da cerimônia buscando obedecer à vontade expressa por Jesus Cristo, adaptando sua forma de lidar com o rito e com os elementos de acordo com a sua teologia particular, mas basicamente o que se preserva é a ordem da distribuição e as palavras da instituição conforme está nos evangelhos e na epístola aos Coríntios.

A narrativa da instituição da Santa Ceia recorda os elementos da narrativa simbólica que caracteriza o 'mito' sendo preservada na repetição histórica da cerimônia. Bierlein (2003, p.19) afirma que: "[...] o mito é a primeira tentativa tateante de explicar como as coisas acontecem, o ancestral da ciência. Também é a tentativa de explicar *por que* as coisas acontecem, a esfera da religião e da filosofia".

Quanto aos símbolos, estes vão recebendo acréscimos, reduções ou ressignificações durante periodicamente, assim como tem acontecido nas denominações cristãs quanto à forma como lidam com os elementos, preservando sua essência, porém variando o tipo de alimento. Apenas pão ázimo, hóstia, pão ázimo e vinho, pão ázimo e suco de uvas, pão com fermento e vinho, pão com fermento e suco de uvas, e dessa forma a imaginação e o imaginário formam o símbolo.

O rito relaciona-se mais diretamente com o 'mito' pela questão de sua funcionalidade. Bierlein (2003, p. 19) cita: "O mito não é propriedade exclusiva da mente "primitiva e pré-científica". Nossas vidas hoje estão impregnadas de mitos, de seus símbolos, linguagem e conteúdo; eles fazem parte da nossa herança comum como seres humanos". Constatamos assim que a imaginação é o ponto de partida e na imaginação se busca um mundo que não é o mundo efêmero. Desta forma, segundo o Esquema 03, o rito acontece na dinâmica litúrgica, de forma cerimonial, convencionado pelos homens enquanto a sua execução sendo muito

[53] 1 Coríntios. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.
[54] 1 Coríntios. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

mais coreográfico do que resultado daquilo que está prescrito nas Escrituras sagradas, nos evangelhos.

Com o conceito de sacramento os elementos que o constituem são transcendentes e remetem à relação do participante do rito da Santa Ceia com o sagrado. A compreensão é de que o sacramento é dado por Deus tendo em vista que seus elementos estão nas Escrituras Sagradas. A instituição do sacramento foi realizada por Jesus Cristo, que afirmava ser o 'Filho de Deus', sendo esta expressão um de seus nomes messiânicos. A ideia da comunhão também está implícita no conceito do sacramento, pois só pode recebê-lo aquele que esteja em harmonia com seus irmãos e consequentemente com Deus.

Também está inserida no conceito de sacramento a ideia da santidade, que aqui não deva ser entendida como a 'santidade canônica', mas sim a santidade semântica que é a ideia de separação, consagração, preparação para a celebração, pois a Santa Ceia não é um ofício fúnebre, apesar de a história nela contada falar da morte, sua mensagem é essencialmente de vida. Nesta oposição de ideias está um elemento essencial ao Regime Diurno das imagens, que é a ideia da antífrase, que segundo Durand (2002) é a oposição antitética.

A estrutura da antífrase é o eufemismo, a antífrase eufemiza as 'faces do tempo' que é a agonia do temor da morte, esta é à base da estrutura antifrásica. Ela irá lançar mão do 'ruim' para falar do 'bom'. Transformará a maldição que resultou na morte de Jesus Cristo no fato que constitui a vitória do cristão, esta é mensagem implícita nos símbolos da Santa Ceia, o pão e o vinho, elementos representativos da morte de Jesus Cristo narrados simbolicamente no rito da Santa Ceia, uma história de rejeição, traição e morte, que resultam em uma mensagem de vida.

Passaremos agora a conhecer os discursos dos "Ministros reformados" a respeito de sua relação com o rito da Santa Ceia. Considerando aspectos que nos permitem a exploração de nosso objeto de estudo, buscaremos compreender a relação imagético-sensível, envolta nos discursos de ministros e congregados do protestantismo para a manutenção da sua ortodoxia.

4.2.3 Entrevista a um ministro presbiteriano: A Santa Ceia enquanto memorial

O "Ministro reformado 1" tem 49 anos, teve orientação religiosa católica romana por tradição familiar, antes de aderir a uma Igreja Protestante Histórica. Ele relata: "Meus pais eram católicos romanos tradicionais, mas nominais também, meus avós também". (relato oral em 30/01/2015). Ele tornou-se evangélico aos 15 anos de idade em um processo de evangelização iniciado em sua própria residência que o levou a filiar-se a uma Igreja

Protestante Histórica por meio do batismo evangélico, em dezembro de 1980. Ele afirma que tem 34 anos de fé evangélica protestante e foi ordenado pastor no ano de 1987. O ministro em questão é um homem considerado experiente em seu ofício, pois já tem 27 anos de pastorado.

Iniciamos pela descrição que este ministro faz do rito da Santa Ceia e se há diferenciação entre as terminologias Rito e Sacramento. Peço que o "Ministro reformado 1" descreva o rito da Santa Ceia na Igreja Presbiteriana e também sob sua ótica, ao que ele nos dá a seguinte descrição:

> O rito de Santa Ceia é concebido por mim e pela teologia reformada, pela teologia calvinista, como um meio de graça, um meio de fortalecimento da experiência religiosa e da fé, tanto do celebrante quanto daquele que participa nas verdades que estão envolvidas ali naquele rito. Então é um rito simbólico, é um sacramento, juntamente com o batismo, a fé reformada compreende que estes são os dois únicos sacramentos, e como sacramento ele, (o rito), é uma expressão visível de uma realidade invisível. Ao mesmo tempo é uma ordenança, não é alguma coisa opcional. Portanto é uma coisa que o próprio Senhor Jesus Cristo designou para que seja feita. Portanto é um aspecto simbólico que expressa externamente uma verdade, ou uma confissão de fé de cada um daqueles que participam, a começar do celebrante. (relato oral em 30/01/2015).

O "Ministro reformado 1" articula seu discurso entre aspectos que o identificam como devoto religioso, ora o qualificam como oficiante. Igualmente está envolto aqui o discurso institucional das comunidades Presbiterianas ao falar em nome dele próprio e da teologia reformada.

Foto 32 – Memorial simbólico da Santa Ceia – IPT – Joao Pessoa – PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Ele nos apresenta uma definição pessoal do que sejam as confissões de fé das igrejas investigadas, a saber, Confissão de Augsburgo, LOC e CFW, e como elas definem o sacramento da Santa Ceia chamando-o de "meio de graça, um meio de fortalecimento da experiência religiosa e da fé" (relato oral em 30/01/2015).

O meio de graça diz respeito tanto ao valor do rito da Santa Ceia para o ministro, quanto o fortalecimento da fé dos congregados, e celebrantes, asseverando a significação do rito como axioma de suas confessionalidades.

O rito da Santa Ceia é descrito pelo "Ministro reformado 1" como simbólico, reconhecendo assim a relação imagética daquilo que denomina como a 'verdade do sacramento', definindo a realização do rito como intrínseca ao significado do sacramento ao afirmar: "como sacramento ele, (o rito), é uma expressão visível de uma realidade invisível." (grifo meu). (relato oral em 30/01/2015).

Associar seu envolvimento pessoal na administração do rito enquanto celebrante, conjuntamente com os participantes e a fé de ambos estabelece a concordância de ideias entre o discurso do "Ministro reformado 1" e a concepção acerca dos ritos por Vilhena (2005, p. 36), revelando o valor da experiência cultural para manutenção destes:

> [...] o mundo dos ritos enraíza-se no mundo dos seres humanos, e que o mundo dos seres humanos constrói-se na cultura. Sendo assim, nem o ser humano nem o rito, podem ter existência, tampouco ser compreendidos fora da cultura, que por sua vez é construção humana e histórica.

Ao falar sobre a importância do rito da Santa Ceia, o "Ministro reformado 1" ressalta a preservação do rito como uma ordenança divina que é expressa por um ato simbólico, o que valida a experiência religiosa palpável através da relação imagética. A representação simbólica de Jesus Cristo nos elementos essenciais do rito da Santa Ceia, através de um processo imagético sensível, permitiram historicamente o prolongamento da relação com a hierofania do Filho de Deus, vindo a revelar-se ao mundo como messias para salvação da criação de Deus da fatalidade da morte eterna.

A ritualidade é igualmente um conceito análogo ao ato litúrgico no mundo religioso. Questionamos o "Ministro reformado 1" sobre a legitimidade daquilo que é coreografado, convencionado pelos homens com o que os Protestantes Históricos chamam de prescrito na Escrituras, ao que ele considerou:

> É,... Eu percebo que quando eu participo de eucaristias, que é uma outra forma de chamar a Santa Ceia, em lugares diferentes, eu percebo que algumas coisas são convencionais. Por exemplo, eu já fui pastor auxiliar da Primeira Igreja Presbiteriana de João Pessoa, e lá há todo um ritual, na volta dos elementos, por exemplo, os oficiais vêm todos perfilados, se apresentam no centro da mesa, o celebrante, o pastor que estiver celebrando, recebe bandeja por bandeja, eles se dividem à medida que vão entregando os elementos, um entra por um lado, o outro entra pelo outro, então existe toda uma coreografia que visualmente se estabelece. Da mesma forma com o ato de partir o pão, o celebrante mostra o pão levantando-o, o cálice também, então eu acho que todos esses aspectos coreográficos que eu chamaria de 'delineamento externo' do sacramento é o que eu chamaria de rito, e ai, isso depende muito de tradição para tradição porque algumas coisas estão prescritas e outras não, por exemplo, me parece que está prescrito que aquelas palavras: - 'Em

> memória de mim', devam ser repetidas para dar significado ao sacramento e ao rito. (relato oral em 30/01/2015).

Na opinião do "Ministro reformado 1" o 'delineamento externo' do rito se constitui no convencionado, coreografado, e pode ser distintos de comunidade para comunidade, como ele mesmo diz: "de tradição para tradição". Já o prescrito não, havendo aspectos do prescrito, a exemplo da fala de Jesus: "[...] fazei isso em memória de mim", Lucas 22.19, que deve ser repetido todas as vezes que a Santa Ceia for realizada indistintamente da tradição que faça uso do rito, destacando assim o valor da preservação do registro histórico que o ministro chama de 'delineamento externo' da prática do rito eucarístico.

As Igrejas Protestantes Históricos preveem em seus estatutos critérios para filiação que variam de denominação para denominação. Diante desse posicionamento, o rito da Santa Ceia prevê a legitimação tanto do oficio do ministro celebrante, quanto da participação do congregado na cerimônia.

Solicito ao "Ministro reformado 1" que possa expressar sua opinião acerca de quem estaria em condições de participar do rito da Santa Ceia em sua denominação e igreja que pastoreia, e se diante dos critérios de adesão previstos, quais seriam os necessários para que alguém possa participar de uma Santa Ceia em sua igreja, sendo ele cristão de outra confessionalidade, ou ainda que não tenha realizado os processos preparatórios para adesão das suas comunidades. O "Ministro reformado 1" afirmou crer no que segue:

> Eu creio que se uma congregação que está me ouvindo no domingo à noite, e normalmente quando é um domingo de Santa Ceia, ai vem aquela pergunta: 'Ele é especial em algum momento'? Provavelmente ele também é especial não apenas porque fica mais longo e tudo demais, mas também porque a temática daquele sermão do domingo talvez seja mais uma temática intracorpus do que uma temática de proclamação, então possivelmente não seria um sermão evangelístico, por exemplo, que eu pregaria no primeiro domingo do mês celebrando a Santa Ceia, primeiro e terceiro domingo do mês pela manhã, então, nesse sentido você tem uma congregação mista, você tem pessoas ali professas, que são membros de outras igrejas, tem outras pessoas que são congregadas, prosélitos, digamos assim, pessoas que estão se aproximando, que estão sendo atingidas pelo processo da graça de Deus, e tem pessoas que talvez estejam indo ali pela primeira vez, de outras religiões, mas que estão ali visitando aquele culto a convite de alguém e assim por diante. A minha convicção é que um meio de graça é eficaz como meio de graça, exclusivamente para os que o compreendem, aqueles que discernem espiritualmente o corpo de Cristo, porque esta é a palavra. No entanto, ele ao mesmo tempo, colateralmente, proclama verdades da graça, tanto é que o próprio Paulo, na descrição do evangelho disse: 'Porque todas as vezes que comerdes deste pão e beberdes deste cálice, anunciais [...]' esse anunciai é a palavra kerissô, 'proclamar', essa é a mesma palavra que nós utilizamos em outros contextos bíblicos para proclamação do evangelho, então, quando eu estou falando da morte e sacrifício de Cristo vicário, quando eu estou dizendo que ele está vivo, que ele ressuscitou, que

> ele instituiu aquele sacramento, e que a promessa dele é que um dia ele voltará para celebrar conosco aquele sacramento nas 'bodas do cordeiro', o que é que eu estou fazendo senão proclamando o kerigma, porque o kerigma cristão é: - Ele veio; - Sofreu, morreu em nosso lugar; - Morreu e ressuscitou; - Ele voltará e vivo está! – Esse é o kerigma cristão [...] Agora dizer que um meio de graça transmite eficazmente a graça de Deus para um descrente assim como para um crente professo, obviamente que não porque senão não haveria advertência de que ali também pode servir de juízo. (relato oral em 30/01/2015).

No entendimento do "Ministro reformado 1", o rito da Santa Ceia cumpre sua função espiritual quando é compreendido pelos participantes como um ato de espiritualidade. Assim, ele o define como um ato cerimonial para pessoas que façam parte da comunidade, ou que tenham cumprido os requisitos para o processo de adesão, ou seja, egressa de outra comunidade, e tenha sido orientada nessa comunidade.

Para o que esta visitando a comunidade, sendo de outra religião que não a cristã, ou mesmo que não tenha religião, mas está na congregação a convite, participar do rito sem compreendê-lo, não é só desprovido de sentido, é cerimonialmente indigno, ocasionando ao desavisado a ressalva do juízo divino. Quando pergunto ao "Ministro reformado 1" sobre a atuação do meio de graça a um visitante que não seja da mesma confissão que ele professa, o ministro afirma: "[...] dizer que um meio de graça transmite eficazmente a graça de Deus para um descrente assim como para um crente professo, obviamente que não porque senão não haveria advertência de que ali também pode servir de juízo.", (relato oral em 30/01/2015).

Tendo em vista o fato de que há uma estreita relação entre os conceitos Rito e Sacramento, buscamos conhecer no entendimento do "Ministro reformado 1" se haveria uma diferenciação dentre estas expressões, ao que ele nos relatou:

> Do ponto de vista teológico, a maneira como eu concebo é que o rito é a forma pela qual o sacramento se expressa. O sacramento é o simbolismo propriamente dito, ou, a concepção simbólica propriamente dita. Eu sei que outras confissões de fé protestante, como a Igreja Episcopal Anglicana, ela distingue sacramentos de ritos sacramentais, assim como a Igreja Católica Romana tem sete sacramentos eles também têm sete, só que eles dividem, sendo dois sacramentos, Batismo e Santa Ceia e cinco ritos sacramentais. Eu não conheço, não sei qual é a base teológica deles para distinguir um rito sacramental de um sacramento, mas, a grosso modo, eu compreendo o rito muito mais como a própria liturgia, a forma como o sacramento é feito, os passos, as palavras, os gestos, a coreografia, do que propriamente a essência, o simbolismo em si. É assim que eu concebo. (relato oral em 30/01/2015).

O "Ministro reformado 1" expressa em seu conhecimento empírico aquilo que pratica cerimonialmente há décadas. Ele chama o rito de "expressão", para ele é linguagem,

comunicação, o rito da Santa Ceia é a expressão do sacramento, que em seu entendimento é o simbolismo propriamente dito. O sacramento é o conteúdo, e o rito é a linguagem, a liturgia, o que ela comunica sobre o conteúdo implícito nos elementos essenciais pão e vinho.

A definição do "Ministro reformado 1" é a forma como experimentalmente ele fala, inconscientemente, da base da TGI. Para se compreender, o papel dos símbolos essenciais pão e vinho, se faz necessário o rito, (*arché),* a expressão da narrativa que leva a narrativa simbólica final que está no *arché,* o arquétipo, ou seja, está na 'fantástica transcendental' que é a 'imaginação'.

A narrativa simbólica será a base da matriz da 'fantástica', que convertida em narrativa mítica, é retomada periodicamente através do rito, retornando ao mito primordial que está lá, a base do rito é mítica, porque é uma narrativa simbólica, e a base da narrativa é o símbolo que permite que a história seja contada.

Símbolo e mito são duas coisas intercambiáveis em Durand (2002). Ao separar essas categorias, o teórico vai mostrar a função específica de cada uma, esclarecendo que o símbolo, nunca deve ser confundido com o signo. O símbolo, o signo, e a alegoria têm o seu lugar, e cada um tem uma função na imaginação simbólica segundo Durand (2000).

Por fim, peço que o "Ministro reformado 1" fale de sua relação com o rito da Santa Ceia ressaltando qual o sentido do rito para ele ao que o mesmo destaca:

> Para mim é um momento singular que me leva a uma reflexão mais profunda diante daqueles elementos e diante daquelas palavras ditas junto com aqueles elementos, do significado da morte de Cristo, da relação que eu tenho com ele, da união mística que eu tenho com ele, de modo que sempre é um momento de emoção muito profunda, mesmo na condição de apenas cristão, não como celebrante, mas que eu não dou a ele um sentido mágico, um sentido de que se eu passar um mês sem fazer isso a minha espiritualidade está comprometida. Ao mesmo tempo, eu posso fazer isso com a minha família, no seio da minha casa, se eu tirar aqueles elementos do uso comum, e dar a eles o significado que é dado na mesma maneira na congregação junto com outras pessoas. Eu não consigo ver a Santa Ceia como um sacramento mágico, em que há uma transubstanciação, em que eu sinto um arrepio, ou que uma nova energia é emanada em mim, ou que eu me aproprio de alguma energia espiritual, como se fosse uma oferenda a um deus, ou se tivesse naqueles elementos um poder mágico que transmite mais vida, mais poder, mais sabedoria, não, eu não consigo ver dessa forma, eu consigo ver que ele me transmite graça na medida em que ele me faz recordar, compenetrar-me e ser impactado por aquilo que ele significa em si, e nesse sentido ele transmite a graça que é a própria expressão do Cristo no calvário, a graça que ele transmite, é a graça que ele me expressa quando me faz recordar a morte e a ressureição de Jesus Cristo, é nesse sentido. (relato oral em 30/01/2015).

A narrativa simbólica em ação durante a preservação proporcionada pelo rito dá a oportunidade de o "Ministro reformado 1" atribuir sentido ao rito com base no significado dos

elementos, a recordação da morte de Jesus Cristo a qual os símbolos representam. A ‘fantástica transcendental’ transforma a recordação do sofrimento de Jesus Cristo em esperança no discurso em questão, isso ocorre quando o entrevistado fala: “[...] da relação que eu tenho com ele, da união mística que eu tenho com ele, de modo que sempre é um momento de emoção muito profunda, mesmo na condição de apenas cristão, não como celebrante.” (relato oral em 30/01/2015).

No que diz respeito ao sentido o “Ministro reformado 1” compreende que há uma união que denomina ‘mística’ entre ele e Jesus Cristo por ocasião do rito, bem como de que aquele momento da cerimônia para ele enquanto cristão ser diferenciado dos demais em seu uso no dia a dia, estabelecendo a relação com um tempo religioso.

Concluindo, parafraseamos o “Ministro reformado 1” ressaltando que o mesmo é categórico em não atribuir poderes mágicos, nem ao ritual nem aos elementos, tampouco não compreende que passe aos elementos, após as palavras e atos litúrgicos que realiza, nenhuma transformação em sua essência, permanecendo os mesmos pão e vinho como são. Sobre o sentido do sacramento para o ministro ele afirma: “[...] a graça que ele me expressa quando me faz recordar a morte e a ressureição de Jesus Cristo, é nesse sentido.” (relato oral em 30/01/2015). Dessa forma, o que se reveste de um sentido espiritual na concepção do ministro é o que a sua imaginação atribui ao significado dos elementos, ou seja, a morte vicária de Jesus Cristo, esse entendimento só é possível pela fé que atribui a Escritura Sagrada.

4.2.4 Entrevista a um ministro anglicano: A Santa Ceia enquanto centro da celebração

O “Ministro reformado 2” foi entrevistado duas vezes, tendo em vista que nosso primeiro arquivo de áudio foi perdido por problemas técnicos de armazenagem do dispositivo de gravação. Solicitamos uma nova entrevista ao ministro, desta feita em sua residência com aproximadamente um mês de espaço entre as duas entrevistas.

Em virtude da situação nos pareceu melhor alterar a ordem das perguntas com vistas a valorizar o interesse na espontaneidade, evitando possíveis repetições das respostas anteriores, ainda que as mesmas não estejam mais gravadas, o que não tira o caráter inédito das respostas do entrevistado.

O “Ministro reformado 2” tem 59 anos, vem de uma orientação religiosa católica. Seu pai, antes de casar-se, tinha sido frade franciscano. O ministro chegou ao Protestantismo Histórico no ano de 1990 através de um encontro de casais de uma Igreja Presbiteriana. Desse modo, o mesmo esteve por 34 anos no catolicismo, fazendo questão de dizer isso em sua

entrevista. Sua trajetória ministerial na comunidade da qual ministra iniciou com o ofício de diácono no ano de 2005, no ano seguinte, 2006, foi ordenado presbítero, que é o ofício ministerial de sua denominação. O "Ministro reformado 2" comenta sobre o rigor de sua ordenação:

> As ordens da igreja começam com o diácono, o diácono não é apenas um posto ou um cargo de eleição, mas é um chamado ministerial para o qual aquele que se sente chamado tem a sua formação acadêmica no seminário, e, mas também tem um processo canônico, de preparação, desde a preparação psicológica, indicação do seu pastor, da junta paroquial que representa a igreja, um processo bem criterioso até a ordenação. (relato oral em 10/02/2015).

O "Ministro reformado 2" está ordenado há 9 anos e tem uma trajetória de 25 anos dentro de sua denominação. Passamos agora a destacar singularidades no discurso do "Ministro reformado 2".

Solicito na entrevista realizada em 10/02/2015 que ele possa descrever o processo de realização da Santa Ceia dentro do culto da Igreja Anglicana na qual ministra, com o fim de compreender o significado do rito da Santa Ceia para ele. O "Ministro reformado 2" passa a descrever o rito:

> A ceia, nós dizemos que é o centro da celebração. Nós, o Bispo anterior que faleceu tragicamente. Ele costumava dizer do equilíbrio litúrgico que nós temos, porque enquanto tem igrejas que tem um mega altar, uma mega mesa não é? E um pulpitozinho assim, (sinal de pequeno), tem outras que tem um mega púlpito e uma mesinha assim, (sinal de pequeno), nós temos igualdade, Palavra e Sacramento em mesmo status, então isso ai já até começa a responder a parte final da sua pergunta. Mas a ceia, se dá já no meio, depois de ter passado pela boas vindas, pelo arrependimento e confissão, pela absolvição, pela liturgia, pelas leituras do Antigo e do Novo Testamento, e do Evangelho, e pela pregação, ai que vem a parte da Santa Ceia, que começa com o ofertório, aonde os fiéis entregam seus dízimos e ofertas, e ai nós celebramos a Santa Eucaristia fazendo uma anamnese e relembrando o sacrifício de Jesus, sua morte por nós, e concluindo com uma epiclese, invocando o Espírito Santo para usar aqueles elementos como corpo e sangue de Jesus. Então isso nos dá a dimensão de algo muito sagrado, algo que merece toda a reverência, significa que nós estamos, inclusive um dos responsórios que nós fazemos para que a igreja participe, é que nós participamos todos de um mesmo pão, significando que todos estamos irmanados em um só, um só símbolo de unidade que é o corpo de Cristo. Porque nós embora muitos, somos um só corpo não é? Realmente a Santa Eucaristia é para nós esse momento auge de toda a nossa celebração, (relato oral em 10/02/2015).

O "Ministro reformado 2" articula a ênfase de seu discurso no valor tanto simbólico quanto conceitual do rito da Santa Ceia, fazendo questão de repetidas vezes em sua descrição

ressaltar símbolos inanimados como algo de valor para os anglicanos, a exemplo da analogia que faz da mesa com o Sacramento e do púlpito com as Escrituras, igualmente ressaltando as virtudes da instituição em terceira pessoa.

Foto 33 – Mesa com símbolos da Santa Ceia
IEAPR – Joao Pessoa – PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

A recordação da figura de um Bispo da igreja, citado igualmente na entrevista que analisaremos do "Ministro reformado 4", remete à estrutura das relações de poder que se estabelecem na hierarquia do sistema episcopal e remontam ao que Bourdieu (1989) chama de 'estruturas estruturantes'.

Reiteradamente o ministro não fala por si, fala sempre em terceira pessoa, ou seja, pela congregação:

> "[...] nós temos igualdade, Palavra e Sacramento em mesmo status [...] significa que nós estamos [...] nós participamos todos de um mesmo pão [...] todos estamos irmanados em um só, um só símbolo de unidade que é o corpo de Cristo [...]é para nós esse momento auge de toda a nossa celebração ." (relato oral em 10/02/2015).

A Eucaristia é repetidamente citada como 'santa', é chamada no início do discurso de 'centro da celebração', e no final do discurso de 'auge de toda a celebração anglicana'. No tocante ao nosso objeto de estudo, vale destacar a ênfase no ato litúrgico envolvendo a anamnese, recordação, do sacrifício de Cristo pelos que estão participando do rito da Santa Ceia, é ação ordenada com vistas ao desenvolvimento da narrativa simbólica do sacrifício do cordeiro, para Durand o rito é a forma como se conta a narrativa mítica.

Durand (2002) compreende o rito como o meio em que a narrativa simbólica permanece viva e é preservado, se o rito deixar de ser realizado, o mito, que é a narrativa simbólica, perde a força, se enfraquece e pode vir a cair no esquecimento. Enquanto o rito da Santa Ceia for celebrado, a narrativa simbólica do sacrifício de Jesus Cristo, representada nos elementos simbólicos do pão e do vinho, se revestirá de sentido para o cumprimento da ordenança, "[...] fazei isto em memória de mim". Lucas 22.19.

A celebração anglicana tem em sua liturgia o destaque para a utilização da 'função fantástica' através dos símbolos e seus significados, proporcionando por meio da narrativa simbólica contada através do rito, elementos para que em seu trajeto antropológico, o

congregado que participa do rito da Santa Ceia encontre nas imagens que compõem o Regime Noturno da TGI, na postural reflexa, a intimação necessária para o enfrentamento da morte eufemizando em seu inconsciente os seus efeitos.

Ao final da entrevista, peço ao "Ministro reformado 2" que nos fale acerca do sentido do rito da Santa Ceia para o mesmo, e de sua importância para a manutenção da sua fé enquanto cristão, ao qual o mesmo responde:

> Tem esse significado de ter a comunhão, receber o próprio Deus, ele está ceando comigo e eu com Ele. Então é um momento de profunda reverência, profunda intimidade, de temor e tremor. Eu tenho dito que a liturgia, a nossa liturgia, por ser um pouco mais cuidada, e pela fala, não somente pelo tato, mas também pelo olfato, pelo visual, pelo ouvido, ela é uma espécie de evangelização multimídia, ela é mais pedagógica, ensina, embora muitas pessoas ainda estejam alheias a essa comunicação, mas a pretensão é que seja assim, que ela possa revelar, possa comunicar nas várias formas a nossa relação. (relato oral em 10/02/2015).

O "Ministro reformado 2" fala que para ele a Santa Ceia é estar se alimentando 'com Deus' e 'de Deus', é um momento de intimidade e confiança, mas ao mesmo tempo em que fala dessa proximidade, mantém a distância de sua condição de servo e passa a descrevê-la como um momento de 'reverência', 'temor' e 'tremor'. Sendo um homem de idade, imaginamos que este seja o arquétipo e referencial da refeição à mesa que o mesmo tinha com seus pais, em um período de nossa sociedade em que as pessoas tratavam a mesa ainda com ares de sacralidade.

Imediatamente o "Ministro reformado 2" salta de sua descrição íntima da relação com o sagrado em sua fé pessoal, e tendo a oportunidade de descrever o sentido do rito da Santa Ceia para ele, passa a novamente se reportar ao sentido do rito da Santa Ceia para a instituição que representa, fazendo emergir em seu discurso a fala institucional, exaltando a forma litúrgica de sua denominação, sua didática, e sua condução visando à instrução dos fiéis. Dessa forma, o "Ministro reformado 2" nos priva de conhecermos mais a atuação do fenômeno religioso em sua experiência com o sagrado, escudando-se por trás do discurso institucional.

4.2.5 Entrevista a um ministro luterano: A Santa Ceia enquanto ponto alto do culto

O "Ministro reformado 3" é um homem de meia idade, 51 anos, teve orientação religiosa luterana desde a infância. Ele nos contou que sua família sempre foi muito ligada a

igreja, e isso contribuiu para que ele viesse a ingressar no ministério pastoral. Quando cursou a formação colegial, chamada à época de ‘segundo grau’, o fez em uma escola luterana que era uma espécie de pré-seminário, e depois entrou na faculdade UBRA, no curso de teologia.

Dessa relação passou a estudar no Seminário Concórdia, vindo a ser ordenado após formado, isso aconteceu, segundo ele, no ano de 1985. Sua origem é de imigrantes alemães, austríacos e italianos. Ele nasceu no sul do país, onde a colônia imigrante europeia é muito grande, e acabou ocasionando a radicação da igreja a que serve no Brasil, a Igreja Luterana, ou seja, uma igreja que se radicou no Brasil para atender às necessidades relativas à religiosidade dos imigrantes europeus. O “Ministro reformado 2” está na cidade de João Pessoa há 5 anos e é por nós considerado um ministro experiente em seu ofício dado a sua trajetória de formação e atuação.

Explicamos ao “Ministro reformado 3”, nossa intensão de falar sobre o sacramento da Santa Ceia enquanto sistema simbólico, ou seja, rito. Solicito ao ministro que possa descrever o rito da Santa Ceia na Igreja Luterana na qual desenvolve seu ministério. Como ela é concebida? Qual o processo regular para que ela aconteça? Como se dá a Santa Ceia na igreja na qual ele ministra? O ministro descreve a concepção que tem do rito da Santa Ceia segundo a sua denominação:

> A Santa Ceia é entendida como sendo o ponto alto do culto. O culto todo ele tem uma liturgia, ele tem uma sequência, uma ordem normalmente que se segue, e ele acaba culminando na Santa Ceia, é a parte final do culto, depois ainda da mensagem, então ela é entendida dessa forma, como uma coisa diferenciada, ou seja, o ápice do culto, e as pessoas também entendem isso dessa forma. Culto que é culto é culto com a Santa Ceia. O culto sem Santa Ceia as próprias pessoas ficam: ‘É um meio culto’. Então, a presença, a celebração da Santa Ceia é uma coisa que é entendida como o óbvio. O culto com a Santa Ceia é isso, é a essência. É um momento em que as pessoas vão ter especialmente um sacramento que tem uma característica diferenciada. Eu sempre gosto da lembrança, de Lutero que dizia assim: ‘É a forma que Deus encontrou, que Jesus encontrou, de vir aos homens abrangendo a percepção dos 5 sentidos’. Você pega pela audição, pelo tato pelo olfato, pelo paladar. Você tem o pão e vinho, o corpo e o sangue de forma variada na percepção. Enquanto você tem só a palavra você só ouve, você só vê a pessoa fazendo a leitura, enquanto que no sacramento da Santa Ceia a pessoa tem essa riqueza toda [...] Existe o que se chama de recencial na liturgia da Santa Ceia, que são as palavras de Jesus Cristo da instituição propriamente dita, os elementos que são colocados sobre o altar e dessa forma se tem a essência, a instituição, no caso, o pastor profere as palavras, e depois a distribuição, de novo sendo proferidas as palavras no momento em que cada pessoa recebe, tanto a hóstia, o pão, quanto o vinho. Não é uma coisa absolutamente obrigatória que se tenha uma liturgia anterior, uma liturgia em que se convidam as pessoas, as pessoas reagem dizendo que elas querem receber aquilo que Deus oferece, mas não é uma coisa essencial. É tanto que tem alguns cultos em que se faz isso, outros não se faz essa parte litúrgica. A essência é essa em que se envolve as palavras de Cristo e depois a administração dos mesmos elementos como a Bíblia apresenta, o pão ázimo, que é o pão sem fermento e ainda o vinho, não suco de uva ou qualquer outra coisa, mas o vinho, a bebida com teor alcóolico. [...] Os pães são o mesmo material que a Igreja Católica também utiliza que são pequenos

> pãezinhos, eu diria assim, mini pãezinhos, são as hóstias, a gente adquire em lojas católicas. [...] No momento da distribuição é feita a consagração e depois a distribuição. (relato oral em 25/02/2015).

Ao falar do rito da Santa Ceia como sendo o 'ponto alto do culto', inconscientemente o "Ministro reformado 3" está destacando que a narrativa simbólica é o momento de maior expectativa dos fiéis em seu culto, ressaltando assim o valor do rito enquanto sistema simbólico. Na descrição desse ministro o rito da Santa Ceia é essencial para que se possa conceber que houve um culto onde os congregados fizeram parte ao cultuar. Culto sem Santa Ceia, para o fiéis, diz ele, "é um meio culto". (relato oral em 25/02/2015).

O "Ministro reformado 3" destaca igualmente o valor do 'momento', o que Eliade (1992) chama de 'tempo sagrado' quando relata: "O culto com a Santa Ceia é isso, é a essência. É um 'momento em que as pessoas vão ter especialmente um sacramento' que tem uma característica diferenciada.". Sobre o tempo sagrado, Bierlein (2003, p.31) afirma:

> O tempo sagrado é um tempo distinto para uma realidade distinta que transcende o relógio e o calendário, pois marca nossos encontros com o Eterno. Quando lemos mitos e praticamos nossa religião, fazemos uma distinção quase inconsciente que separa o tempo em sagrado e profano.

Quando o "Ministro reformado 3" descreve como ponto alto do culto luterano o rito da Santa Ceia, ele associa imediatamente o conceito de 'sacramento', ou seja, as pessoas têm a expectativa de receber os elementos essenciais pão e vinho, e serem assim tocadas em suas volições. Como se formam essas imagens do recebimento da dádiva sagrada? Formam-se através do trajeto antropológico individual de cada congregado.

Vamos tentar montar o quebra-cabeça da reflexologia na busca de compreender este fenômeno descrito por nosso entrevistado.

A ideia da reflexologia em Durand (2002) parte da existência de reflexos dominantes que são uma explicação da origem da imagem. A imagem no ser humano parte do seu trajeto antropológico, ou seja, no mundo em que o homem está inserido, no seu habitat, na sua dimensão geográfica, influenciado por questões relativas ao espaço que ocupa, o clima em que vive, tudo isso influencia o acervo de imagens que o homem irá criar.

Cada cultura tem uma forma de representar a vida, e com cada homem não é diferente. Todo congregado participante do rito da Santa Ceia tem uma história de relacionamento com o sagrado, e cada um é tocado em seus sentidos de uma forma particular. Quando o "Ministro

reformado 3" lembra em sua fala a concepção de Lutero acerca de que o homem é alcançado na Eucaristia em seus cinco sentidos, ele ressalta:

> Você tem o pão e vinho, o corpo e o sangue de forma variada na percepção [...] no sacramento da Santa Ceia a pessoa tem essa riqueza toda [...] os elementos que são colocados sobre o altar e dessa forma se tem a essência, a instituição, no caso, o pastor profere as palavras, e depois a distribuição [...] as pessoas reagem dizendo que elas querem receber aquilo que Deus oferece, (relato oral em 25/02/2015).

Foto 34 – Altar com símbolos da Santa Ceia – IELB – Joao Pessoa – PB

Fotografia: Max Brito
Acervo: Dissertação SCICP

Esta associação entre a percepção de um luterano, com o conceito interpretado por Lutero, compõe o que acontece dentro do trajeto antropológico. O trajeto antropológico faz parte do mundo em que se está inserido. A base para o alcance dessa percepção sacra dos elementos está relacionada à narrativa simbólica primordial, e a mesma é alcançada pela operação da 'função fantástica'. Bierlein (2003, p. 21) cita essa compreensão entre a ação do ser mítico e seus sentidos: "O próprio mito demonstra um uso único da linguagem. Ele usa palavras objetivas que representam coisas concretas para descrever conceitos que transcendem nossos cinco sentidos, coisas além da nossa compreensão".

O trajeto antropológico está em comunicação com o mundo através de cada contexto de vida, e é desse trajeto que se formam as imagens do homem. O "Ministro reformado 3" atribui por sua experiência a seguinte associação: "A essência é essa em que se envolve as palavras de Cristo e depois a administração dos mesmos elementos como a Bíblia apresenta, o pão ázimo, que é o pão sem fermento e ainda o vinho [...]" (relato oral em 25/02/2015).

Mas ele faz questão de ressaltar que não serve qualquer vinho, deve ter teor alcóolico porque a Bíblia fala de vinho, e não suco de uvas. Essa é a prática de um 'bom ministro luterano', filho de imigrantes italianos, nascido e criado nas comunidades imigrantes da região sul do país, e que concebe os elementos essenciais utilizados no rito da Santa Ceia como sendo 'realmente o corpo e o sangue de Cristo', ainda que não transubstanciado.

Para um luterano de raiz, uma Santa Ceia que se preze não trata o símbolo como sendo meramente ilustrativo, e esse rigor é construído pelo que chamamos aqui de trajeto

antropológico, é este trajeto que motiva e preserva o significado do símbolo. O símbolo é motivado no trajeto antropológico, é despertado pelas pulsões subjetivas, é provocado na cultura e raízes desse ministro, para ser Santa Ceia para um luterano não serve qualquer elemento representativo.

4.2.6 Entrevista a um ministro anglicano: A Santa Ceia e seu significado para o povo

Passaremos agora a conhecer o conteúdo da entrevista do "Ministro reformado 4", que é um jovem, tem 27 anos, e afirma ter vindo de um lar dito cristão. "Minha mãe, mais que meu pai, sempre me levou pra igreja. Fiz parte da igreja Betel na minha infância e na minha adolescência", (relato oral em 02/03/2015). Seus avós paternos eram católicos, mas seus avós maternos eram protestantes, porém não de uma denominação específica.

O "Ministro reformado 4" disse ter se percebido cristão depois de voltar de um período de 2 anos afastado da igreja na adolescência. Seu retorno aconteceu a uma Igreja Batista, quando afirma ter tido a percepção de ser Protestante. Ele tornou-se assíduo, passou por um período probatório, após um tempo veio a dar aulas na Escola Bíblica Dominical - EBD, e depois foi para o seminário anglicano, quando conheceu mais sobre o protestantismo e a igreja reformada.

Por ser professor de História, identificou-se com a História da Igreja Protestante, e igualmente passou a assumir-se como Protestante Histórico. O "Ministro reformado 4" conta com 25 anos de vivência em igrejas evangélicas e foi ordenado há apenas 2 anos, sendo considerado por nós um ministro em formação.

Pergunto ao "Ministro reformado 4" como se dá a relação da Igreja Anglicana, e dele particularmente com os fiéis quanto ao rito da Santa Ceia, o mesmo descreve conforme segue:

> A igreja anglicana, por ser uma igreja histórica, enfatiza mais os sacramentos. Claro que isso depende das correntes do anglicanismo não é? Nós fazemos parte de uma corrente mais carismática, então não é a mesma coisa de uma corrente católica, que ela vai valorizar ainda mais o rito e o sacramento. Mas, no meu entendimento de maneira geral, o sacramento, os sacramentos mais importantes para o anglicanismo atualmente nesta linha carismática seriam a Santa Ceia e o batismo. Seria os dois, que são chamados sacramentos maiores. Tem sacramentos menores, por exemplo o casamento, a unção com óleo, a benção da saúde [...] São sacramentos menores. Mas, esses dois sacramentos para o anglicanismo são importantes porque são ordenanças de Jesus Cristo. Então, sempre que a gente vai ministrar, por exemplo, o sacramento da Ceia, há uma liturgia e há um ritual pra ser feito, como você ministra o sacramento da Santa Ceia. E, como eu estava falando de correntes do anglicanismo, a nossa corrente por ser carismática não enfatiza tanto o processo ritualístico do sacramento e sim o seu significado. Porque a gente sabe que isso é que fica para o povo não é? Para o povo que está participando. Por que eles estão

> participando disso? Porque a Santa Ceia tem um significado muito grande pra fé deles. Então, o corpo e o sangue de Jesus Cristo. Então assim, o anglicanismo vê o sacramento da Ceia como algo extremamente importante dentro da celebração, tendo em vista o que ela significa para o fiel. Seria uma das maiores ordenanças de Jesus Cristo, a gente fazer isso em memória, para que o povo entenda porque ele se entregou, por que aquilo é o corpo dele, por que aquilo é o sangue dele. Então assim, os sacramentos para o anglicanismo são importantes porque eles significam algo importante para o povo. E falando especificamente da Santa Ceia, o significado que o pão tem, o significado que o sangue tem [...] isso é o mais importante para o anglicanismo, é preservar o significado da Santa Ceia para o povo. (relato oral em 02/03/2015).

Foto 35 – Mesa da Santa Ceia
IEAPC – Joao Pessoa – PB

Fotografia: Alexandre Mendonça
Acervo: Dissertação SCICP

O "Ministro reformado 4" inicia a entrevista enfatizando a raiz histórica de sua denominação saltando em seguida para uma diferenciação entre a linha teológica à qual a sua igreja particularmente aderiu, que é a linha chamada 'evangelical', ou carismática, em relação à ramificação mais fundamentalista do anglicanismo no Brasil, que é o segmento anglo-católico. A este segundo segmento o entrevistado atribui um maior rigor quanto à administração dos rituais e dos sacramentos. No entendimento pessoal do "Ministro reformado 4", a linha teológica que sua igreja segue concentra sua maior atenção aos chamados sacramentos maiores, que são o Batismo e a Santa Ceia. Ao mesmo tempo em que diz fazer parte de um segmento menos ritualístico, o entrevistado deixa claro em sua descrição que a liturgia e o ritual são partes essenciais para a administração do sacramento da Santa Ceia, não se atendo necessariamente à execução do processo ritual, mas ao significado do rito que estão celebrando.

O entrevistado deixa implícito que mais importante que participar de uma cerimônia é que as pessoas compreendam seu significado para alcance das expectativas de sua fé. A ênfase na nomenclatura 'sacramento da Santa Ceia' é bastante presente no discurso do "Ministro reformado 4", o que nos leva a inferir como o mesmo interpreta o processo ritualístico sob o prisma da sacralidade. Sobre isso ele afirma:

> [...] o anglicanismo vê o sacramento da Ceia como algo extremamente importante dentro da celebração, tendo em vista o que ela significa para o fiel [...] a gente fazer isso em memória, para que o povo entenda porque ele se entregou, por que aquilo é o corpo dele, por que aquilo é o sangue dele. Então assim, os sacramentos para o anglicanismo são importantes porque eles significam algo importante para o povo [...] falando especificamente da Santa Ceia, o significado que o pão tem, o

> significado que o sangue tem [...] isso é o mais importante para o anglicanismo, é preservar o significado da Santa Ceia para o povo. (relato oral em 02/03/2015).

Há duas partes do discurso acerca da relação da Igreja Anglicana com o rito da Santa Ceia: A primeira é a responsabilidade que a denominação tem de preservar o significado do sacramento e a segunda igualmente é a significação que o sacramento deve ter para as pessoas a quem o rito da Santa Ceia é administrado, como ele mesmo diz: 'o povo', deixando claro o seu envolvimento cerimonial tanto com a denominação a qual representa quanto com as pessoas com quem está espiritualmente envolvido.

Tendo em vista a ênfase inicial do discurso do "Ministro reformado 4" com a terminologia 'sacramento', pergunto ao mesmo acerca da relação rito/sacramento ser uma relação quase sinônima dentro da Igreja Anglicana ou se haveria alguma diferenciação entre essas duas terminologias, semanticamente falando. Sobre esta questão, o entrevistado afirma:

> Sim. Eu diria que o sacramento é um rito, mas nem todo rito é um sacramento. Para tradição da igreja anglicana existem sacramentos específicos. Como a gente falou de início, têm os dois sacramentos maiores, que é o batismo e a ceia. Então, o sacramento e o batismo estão dentro de um ritual que eu chamaria também de liturgia. O processo do rito e do batismo [...] o ritual, o rito para o anglicanismo, é o processo de você ministrar algo, fazer alguma ministração específica daquilo. Por exemplo, o sacramento da confissão é um sacramento que apesar de ter um procedimento pra ser feito, ele não está globalizado por um rito, como é a grande oração eucarística, porque ela tem um início, ela tem falas específicas, ela tem leituras bíblicas pré-determinadas, pré-estabelecidas pelo LOC. Eu acho que essa fala explica bem, todo sacramento tem um rito, um processo pra ser feito, mas nem todo rito é um sacramento [...] tratando especificamente do LOC, da doutrina anglicana, sacramento seriam as ministrações daquilo que é pré-determinado como sacramento. Eu destacaria a Ceia e o batismo, que são os sacramentos maiores. Você, como ministro anglicano, se estiver com o LOC na mão, se você fizer exatamente como diz o LOC, você vai estar fazendo como qualquer ministro ao redor do mundo que está utilizando o LOC vai estar fazendo. Então, tanto o rito como o sacramento tem o procedimento pré-determinado. Então assim, o rito, pré-determinado pelo LOC, é tanto quanto o sacramento há uma forma de se fazer, um jeito de ser feito, de ser ministrado. (relato oral em 02/03/2015).

O "Ministro reformado 4" mantém em seu discurso o que o LOC já orienta como característica entre os conceitos, rito e sacramento. Para ele a relação entre os dois prevê uma distinção, mas que a mesma é quase que imperceptível, dai reiteradamente a fala: " [...] o sacramento é um rito, mas nem todo rito é um sacramento [...] todo sacramento tem um rito, um processo pra ser feito, mas nem todo rito é um sacramento [...]" (relato oral em 02/03/2015).

Para o entrevistado, o rito relaciona-se mais com a liturgia, algo que está convencionado e aceito no LOC seu livro de orientação cerimonial. O "Ministro reformado 4" não diminui o valor sagrado do rito em nenhum momento, ao contrário, ele o ressalta como uma prática de ministração sagrada, frisando que o que diferencia os dois conceitos é o fato de que o sacramento está para o que é prescrito como sacramento, e que no sacramento está previsto um rito, mas que há no anglicanismo outros ritos que não são tratados como sacramentos, sendo essa a diferença primordial entre as terminologias rito e sacramento.

Outro dado investigado em nossa pesquisa diz respeito à prática religiosa do celebrante, e sua relação com os símbolos essenciais administrados na Santa Ceia que são o pão e o vinho. No anglicanismo o significado dos elementos tende a uma maior valorização do fenômeno religioso quanto à sacralidade dos elementos.

Perguntamos ao "Ministro reformado 4" sobre a questão da consagração das obréias e do vinho, dos elementos utilizados na Santa Ceia, e a respeito da consagração de uma obréia, se de fato está convencionado de que ela não deve ser reconsagrada. Se eles colocariam a obréia à parte, para que em outra ocasião, em que outras obréias venham a ser consagradas, elas não se misturem as novas para não passar por uma reconsagração. O entrevistado responde da seguinte forma:

> É assim, porque no LOC, na verdade os elementos devem ser consumidos naquele rito, naquela celebração. Baseado um pouco no que Jesus falou de que os discípulos consumiram tudo. [...] a Ceia é como uma releitura da Páscoa. Então assim, os elementos devem ser consumidos no rito. Aquilo são elementos consagrados, eles são sagrados porque eles são separados para um fim específico. Então, é muito estranho algo que significa tanto você de repente deixar lá solto e vir alguém e comer. Ou se consome tudo ou a gente tem essa prática de guardar. Existe o ministério que é o 'Sodalício do Altar', é a pessoa que é responsável por isso, por montar a mesa, por cuidar da consagração e de tudo isso. Então, essa pessoa recolhe se tudo não for consumido para que em uma celebração posterior possam usar os elementos consagrados. (relato oral em 02/03/2015).

O rigor cerimonial e a exploração da simbologia são características a ser ressaltadas no anglicanismo. Para um anglicano, os elementos consagrados não podem ter outro destino que não a deglutição pelos fiéis ou pelos sacerdotes, no caso de excederem a quantidade de participantes do rito. A justificativa é categórica "é muito estranho algo que significa tanto você de repente deixar lá solto e vir alguém e comer. Ou se consome tudo ou a gente tem essa prática de guardar.", (relato oral em 02/03/2015).

Na intenção de constatar esse rigor cerimonial da instituição na fala dos celebrantes, insistimos nos questionamentos acerca da relação de ambos os ministros anglicanos

entrevistados com base no procedimento sugerido por Moraes e Galiazzi (2011, p. 106) com vistas à compreensão do fenômeno:

> Atingir uma produção escrita de qualidade exige envolvimento e impregnação aprofundados nos fenômenos sobre os quais se escreve [...] Somente esta impregnação intensa possibilita criar as condições de emergência do novo e do original.

Diante das informações dadas pelo "Ministro reformado 4", buscamos compreender se a razão deste rigor ritualístico de consumir todo o alimento, pão e vinho, e não guardar para que o mesmo não seja 'reconsagrado', seria apenas uma associação com o que acontecia com o rito Pascal, que previa que todo o alimento da refeição cerimonial da *Pesah* deveria ser consumido ao ponto de não sobrar nada. Ou se haveria algum resquício do ensino romanista de onde os anglicanos são oriundos, e que preveem uma veneração da hóstia. Sobre a justificativa para este tratamento cerimonial dos elementos, o entrevistado afirma:

> [...] eu acredito que a gente não pode desmerecer o sacramento da Ceia. Apesar de a formação protestante ser muito forte, especialmente dentro de mim, isso não me isenta da responsabilidade de ver o sacramento de uma forma mais ligada realmente ao lado místico. Porque a fé trabalha um pouquinho com essa coisa de inexplicável, daquilo que a gente não pode pegar, tocar ou explicar de maneira geral. Então assim, o corpo de Cristo, a obréia no caso, e o vinho, o suco de uva, representam algo que a gente deve sempre relembrar que Jesus Cristo fez. Então, de uma maneira geral a presença de Jesus Cristo está ali. Eu diria que não só nos elementos, se não o elemento se torna mais importante que o rito, mais importante que a comunhão e o partilhar. Mas a presença de Jesus Cristo se faz presente ali no ambiente, nos elementos. (relato oral em 02/03/2015).

O primeiro valor ressaltado no discurso do "Ministro reformado 4" é o da reverência ao sacramento. Lembramos que a Igreja Anglicana ensina que há dois sacramentos maiores, e isso quer dizer maior em importância e sentido. Os elementos são vistos pelo entrevistado como parte de uma união mística, dai ser justificado o entendimento orientado no LOC, de que da presença real de Cristo nos elementos essenciais, pão e vinho, é de natureza 'Espiritual-mística'.

Já no que se refere a como deveria ser a estrutura desses elementos, diferentemente do que ocorre com o rigor cerimonial do luteranismo, o ministro diz que os elementos podem ser um pão comum, ou com fermento, sem a obrigatoriedade de ser a obréia, e o vinho pode ser trocado por suco de uvas, e que isso, para ele enquanto ministro não é problema. Que ele

celebraria o sacramento com outros elementos que não a obréia e o vinho porque apesar de sagrados, os elementos são representativos, eles são sagrados a partir do momento que são consagrados para o fim específico da celebração da eucaristia. O elemento não pode ser mais importante que a coisa significada, ou seja, segundo o "Ministro refirmado 4", mais importante que o próprio rito.

A narrativa simbólica envolta na Santa Ceia produz todo um *ethos* que será mencionado pelo entrevistado, contudo, vale lembrar que Durand (2002) compreende a narrativa simbólica de um evento, do qual participantes de qualquer época têm a oportunidade de reviver, como que fazendo parte do mito primordial. No tocante à relação entre o mito e a religião, Bierlein (2003, p.20) afirma: "O mito é um ingrediente essencial em todos os códigos de conduta moral. As regras para vida sempre derivam sua legitimidade das suas origens no mito e na religião.".

Outra temática de nosso interesse no que diz respeito ao fenômeno religioso proporcionado pelo rito da Santa Ceia entre os anglicanos diz respeito à concepção que estes religiosos têm quanto a uma dupla produção de sentidos na Santa Ceia quando solicitamos que tracem uma 'possível diferença' entre os conceitos significado e sentido aplicados a Santa Ceia. Sobre esta questão o entrevistado afirma:

> No meu entendimento, no que diz respeito à celebração da Santa Ceia não, não faço. Claro que a gente pode fazer uma distinção no sentido, pra mim, de direção, não é? Por exemplo, a fé cristã nos dá um sentido porque ela nos dá uma direção de como a gente deve viver. E significado é o que a vida significa, é o significado que a vida tem diante de Deus. Mas, para eucaristia não, pra mim todas elas são conciliáveis e são sinônimos. Porque tanto ela tem um sentido, porque representa a morte de Cristo por mim e por todos nós, como ela traz significado porque a gente entende. Nós entendemos quem nós somos, para onde nós vamos, isso traz um significado pra nossa vida, da mesma forma que traz sentido. A vida faz sentido porque há um direcionamento que é dado por Cristo e enfim, se tratando de sentido da vida maior, pra onde nós vamos, quem nós somos, nós sabemos que somos em Cristo. Por isso que pra mim elas são sinônimos, por exemplo, sentido e significado. (relato oral em 02/03/2015).

Ao falar a respeito desse entendimento, o "Ministro reformado 4" afirma não entender que haja diferença entre os conceitos significado e sentido. Já quanto a sua relação pessoal como cristão com o rito da Santa Ceia, da qual o celebrante participa tanto como ministrante, quanto como participante, pergunto ao "Ministro reformado 4" qual o sentido da Santa Ceia para ele. O ministro anglicano descreve essa relação:

> A Santa Ceia representa pra mim o cristianismo. Toda vez que eu participo da Santa Ceia eu me lembro, como eu disse do sacrifício de Jesus Cristo. E o que o cristianismo em si significa pra mim é a Santa Ceia. Até uma vez eu celebrando a Santa Ceia, porque é difícil desassociar, mas veio ao meu coração isso muito forte... de como a Santa Ceia representa uma fé, de um Deus que primeiro fez o sacrifício de se tornar homem, que já não foi fácil entrar na nossa pele, e depois um sacrifício do Deus que morreu por amor de mim, não é? Quem somo nós? Então, a Ceia representa pra mim a morte de um Deus por amor de mim. Quando eu olho pra mim e vejo a quantidade de coisa que eu tenho pra ajeitar dentro de mim [...] Quando eu olho pra humanidade, por exemplo, atualmente e eu vejo em que situação nós chegamos, aonde nós chegamos. Chegamos sim em lugares bons, construímos sim muita coisa boa, mas como o mal ainda está impregnado na humanidade, quando eu olho para o pão e para o vinho, eu vejo um Deus coberto de amor e de graça. Que se entregou, entregou seu filho e se entregou. Morreu por amor dessa humanidade. Então assim, sempre que eu participo da Santa Ceia ela representa pra mim um Deus de amor, um Deus que morreu por mim. (relato oral em 02/03/2015).

A forma como o "Ministro reformado 4" descreve o sentido da Santa Ceia para ele remete ao transcendente que os elementos naturalmente comunicam. Ele fala de provisão, benevolência, favor, sacrifício e entrega todas estas ações associadas no imaginário do entrevistado, remetem as estruturas antropológicas do regime noturno da imagem que é o regime da conciliação dos opostos, a resignação e aceitação pelo acolhimento.

O paradigma durandiano sustenta que o pensamento do homem se dá no campo do símbolo. O homem se comunica e forja uma imagem, um conceito a partir do símbolo, e os elementos da imaginação simbólica, Durand (2000). É no campo simbólico, que a narrativa procura explicar uma origem, os mitos estão sempre buscando explicar os questionamentos do homem cabendo ao rito a sua preservação.

Durand define a narrativa simbólica como a tentativa de dar explicações e isto é estar sempre no campo do mito. O que faz com que as imagens geradas pela narrativa da refeição no cenáculo de Jerusalém gerem estes sentidos de intimidade proporcionados pelo rito da Santa Ceia se ninguém esteve presente naquele momento em sua origem? Bierlein (2003, p.20) afirma que "O mito é uma expressão única da linguagem que descreve as realidades além dos nossos cinco sentidos. Ele preenche o hiato entre as imagens do inconsciente e a linguagem da lógica consciente".

A narrativa simbólica está ligada à cultura, e vem sendo retransmitida ao indivíduo religioso por meio de remanescentes ancestrais. No entendimento do Protestantismo Histórico uma pessoa só desenvolve uma relação ao nível da descrita pelo "Ministro reformado 4" se for 'chamado' pelo *numinoso*, respondendo a esse chamamento por fé. Quem viu como se deu a origem do universo? Cientistas? Religiosos? Quem estava lá? Como estas informações chegaram a nós? A partir de que nasceu essa narrativa?

A narrativa vai sempre ressurgir de forma simbólica, ela é o mito, ao contrário do que está no senso comum, não é falácia, invenção ou necessariamente mentira, é apenas a forma de expressar uma tentativa de explicação da origens, "o mito nada mais é do que uma narrativa simbólica" para Durand (2002). A narrativa da Santa Ceia representando o sacrifício vicário de Jesus Cristo nos evangelhos, revivida no rito da Santa Ceia, preserva o desejo de Jesus Cristo que seus discípulos através desse rito relembrem o sacrifício dele.

Concluindo os relatos das entrevistas em que a descrição do rito da Santa Ceia é feita por cada ministro das denominações investigadas, conheceremos a experiência religiosa no tocante a Santa Ceia do "Ministro reformado 5**"**, que tem 48 anos e afirma ter vindo da religião católica onde permaneceu até os 15 anos.

Toda sua família era católica, e ele foi o primeiro a ter passado por uma conversão que se iniciou em uma igreja pentecostal, mas que logo o fez transferir-se a uma igreja protestante histórica, no caso, a Igreja Presbiteriana. Ele diz ter sido convertido em um culto na Assembleia de Deus aos 18 anos, porém, com pouco tempo, através de um amigo que era da denominação onde hoje é ministro, passou a fazer parte dessa igreja e nela foi batizado.

Seu primeiro oficio ministerial foi como diácono, depois foi enviado ao seminário; iniciou sua carreira ministerial em Belém do Pará e já teve a oportunidade de pastorear 3 Igrejas Presbiterianas em um decurso ministerial que já dura 20 anos.

4.2.7 Entrevista a um ministro presbiteriano: A Santa Ceia enquanto tempo sagrado

O "Ministro reformado 5" é um homem vivido na vida religiosa e pode ser considerado um ministro experiente por ter atuado no ministério transcultaral na Amazônia, Sertão nordestino e em grandes cidades como Campina Grande e João Pessoa. Solicitamos que este possa descrever passo a passo o rito da Santa Ceia quando ele o realiza na Igreja Presbiteriana. O que acontece no rito desde o seu início até o seu desfecho? O "Ministro reformado 5" nos dá a seguinte descrição:

> Bem, primeiro a gente prepara a congregação para um momento de contrição para poder participar daquele momento. Então a gente faz a leitura bíblica, orientando sobre aquele momento. Falando da importância daquele momento, levando a todos a um momento de oração silenciosa, oração introspectiva, para se analisar, e cada um ser levado à consciência do que realmente é importante, e que segundo a bíblia, a gente precisa estar de maneira digna para participar daquele momento. Em seguida a gente faz a leitura dos textos próprios relacionados aos elementos do pão e do vinho, e instruí a igreja quanto aqueles elementos, quanto ao que eles significam para nossa tradição reformada, e aí em seguida a gente faz a distribuição do primeiro elemento o pão, e em seguida do vinho. Na conclusão a gente segue a orientação da bíblia

> quanto ao significado de como Jesus fez e está registrado no evangelho de cantar um cântico. Então, esse momento é sempre seguido de um hino apropriado para o momento [...] Antes da distribuição a gente comunica que aquele momento é aberto a todos que professam a fé evangélica, de uma igreja genuinamente evangélica. A Ceia do Senhor, ela é do Senhor para aqueles que professam a fé evangélica. Então se você não está em comunhão, não deve participar, essa é a nossa instrução. (relato oral em 11/03/2015).

O "Ministro reformado 5" relaciona o momento do rito da Santa Ceia como um 'tempo sagrado', diferenciado, do qual as pessoas devam ser instruídas, reflitam sobre a cerimônia, compreendam o significado envolto nos elementos essenciais de conformidade com a orientação do que ele chama 'tradição reformada', para então receber os elementos. No tocante aos que devam participar do sacramento, o "Ministro reformado 5" é categórico:

> Antes da distribuição a gente comunica que aquele momento é aberto a todos que professam a fé evangélica, de uma igreja genuinamente evangélica. A Ceia do Senhor, ela é do Senhor para aqueles que professam a fé evangélica. Então se você não está em comunhão, não deve participar, essa é a nossa instrução. (relato oral em 11/03/2015).

Na concepção do "Ministro reformado 5", o rito da Santa Ceia é uma cerimônia solene da qual só devam participar pessoas que estejam em conformidade com as regras estabelecidas pela instituição. O discurso institucional é bastante evidente em várias falas de sua entrevista, porém agora lanço mão da reflexão acerca do 'tempo sagrado' em que as pessoas deveriam parar para refletir como diz o entrevistado, "no que realmente é importante", (relato oral em 11/03/2015).

Perguntamos ao "Ministro reformado 5" se de forma geral os membros de sua congregação se comportam de maneira diferente nos dias em que se realiza o rito da Santa Ceia, e se igualmente a frequência no culto aumenta ou diminui por pessoas se privarem de vir participar do rito. O entrevistado afirma:

> Sim, há uma preocupação maior quanto a participar daquele momento ali, até mesmo pela instrução que é dada pelo pastor no momento da ceia. Ele diz que o homem deve examinar quanto a haver algum pecado ou alguma falta. Então a gente percebe que quando é o dia de ceia até a presença nela aumenta um pouco das pessoas da igreja e há essa preocupação eu percebo [...] Há casos de pessoas que às vezes deixam de vir para a igreja porque se sentem na condição de não poder participar da ceia, se sentem de forma imprópria não é? Tem sim, exatamente pela importância do momento, as pessoas preferem não vir. A grande maioria prefere vir participar, mas há aquelas que se acham em falta com Deus, elas preferem se abster de vir. (relato oral em 11/03/2015).

No rito da Santa Ceia o que realmente é importante é a recordação do sacrifício vicário de Jesus Cristo simbolizado pelos elementos pão e vinho. A celebração memorial acontece como reiteradamente cita o "Ministro reformado 5" em um 'momento', é o 'tempo sagrado' em que a função 'fantástica transcendental', ou seja, a 'imaginação' é acessada pela dinâmica do rito, revivendo a narrativa simbólica.

Todo processo de criação, de produção do homem, tem que ser imaginado, tudo vai partir da imaginação, e o que ele constrói revela um imaginário por trás. Refletir no significado dos elementos pão e vinho, dando sentido ao sacramento, sem banalizá-lo, corresponde a lançar mão da esperança diante da finitude. Para um cristão, é renovar-se espiritualmente quando se participa do rito da Santa Ceia.

Considerando as implicações do ato cerimonial do rito da Santa Ceia e o valor que se dá ao mesmo no Protestantismo Histórico, sendo chamado de uma 'ordenança', um sacramento da 'Nova Aliança' pergunto ao "Ministro reformado 5" se ele vê algum prejuízo em que o sacramento da Santa Ceia seja chamado de rito, e se ele consegue diferenciar rito de sacramento. Pergunto também se o rito seria uma convenção humana, diferentemente do sacramento. Vejamos o que disse o entrevistado:

> É, eu acho que há essa diferença não é? O sacramento não é apenas um ritual, como uma liturgia é, [...] agora pode com tempo a gente mesmo encarar como um ritual, e aí perde todo o significado e toda a importância, eu acho que está certíssimo, se for um sacramento ele não pode ser como um rito, mas é algo como dado pelo próprio Jesus, para o benefício da igreja, e memorial da própria morte dele, como assim foi à páscoa. Seria como deixado pelo próprio Jesus, é isso mesmo, eu acho que é a criação do próprio homem. (relato oral em 11/03/2015).

Percebemos que embora haja todo um rigor para que alguém possa estar apto a receber o sacramento na Igreja Presbiteriana, e a participar da comunhão, o entendimento do entrevistado, quanto ao conceito de 'participar de um ritual', lhe causam a impressão de participar de algo meramente repetitivo, e quando isso acontece o ritual torna-se morto e sem significado, sem discernimento.

Ele vê o rito como sendo algo que o homem cria, e até este ponto o entrevistado faz uma leitura acertada do rito, concorda com o conceito de convenção, porém, ao dissociar o valor do sacramento em detrimento do rito, o "Ministro reformado 5" estará inserido em uma dinâmica ritual aonde os processos de uma narrativa simbólica serão narrados pelo rito.

É o rito que legitima a tradição, permitindo que a mesma não venha a se pois a função do rito é de preservação, e é essa função que permite que o memorial da Santa Ceia esteja preservado há mais de dois mil anos. Na antropologia o homem é descrito como um ser '*míticus*', e todo mito é simbólico por ser 'narrativa simbólica'. Convencionou-se na sociedade ocidental de que o mito é sinônimo de mentira, invenção, especulação, divagação. Vejamos como Bierlein (2003, p.19) descreve a relação do homem comum o discurso mítico:

> Para o homem comum, contudo, a palavra *mito* traz à mente mentiras, fábulas ou falácias que muitos tomam por verdades. [...] um especialista em saúde fala sobre a necessidade de eliminar "os mitos comuns sobre a AIDS". Nesse contexto, *mito*, é usado para significar "uma concepção errônea" – neste caso, até mesmo uma falácia perigosa.

Reiteramos uma vez mais que a Santa Ceia enquanto sacramento da 'Nova Aliança' não é um mito. No ambiente sagrado ela é uma ordenança, uma prescrição para as comunidades cristãs. O ato litúrgico de realizar a Santa Ceia é realizado por meio de um rito, é nessa articulação que surge o discurso mítico que é a narrativa simbólica, e onde está a base de tudo.

Antes da escrita veio a oralidade, e para que as prescrições fossem perpetuadas as histórias, tradições e significados foram transmitidas pela tradição oral, é nesse ambiente que emerge a representação ritualística, com vistas à preservação da narrativa simbólica. Dessa forma concebemos que o ato ritualístico não desqualifica o sacramento, ao contrário, o rito permite a preservação da produção de sentidos necessária para a manutenção dos sacramentos.

Pedimos ao "Ministro reformado 5" que pudesse fazer, caso assim o visse, uma distinção acerca da relação dos conceitos significado e sentido. Levando em consideração de que alguns ministros têm a esperança de que tudo aquilo que ensinam as pessoas elas assimilem, solicitamos do entrevistado que ele expressasse sua opinião sobre estes conceitos, significado e sentido, ao que o ministro nos respondeu:

> [...] às vezes as pessoas tem essa visão, de que se consagrou ali não é? Ficou algo intocável. Eu acho que não. [...] assim, a vida cristã é tão, [...] (pausa), anela uma libertação grande que assim sabe, [...] (pausa), a gente se fechando, esse ritual, essa religião que mata a gente, eu quero que você seja como eu sou, [...] se não está fazendo como eu estou então não é crente. Quando na verdade a adoração é individual. Claro que coletivamente, na comunidade, ou no culto comunitário, a gente deva obedecer a certas ordens de culto não é? Mas uma coisa é você, por exemplo, estar na ceia, e você sente naquele momento ali na ceia de, por exemplo: - Vamos trocar aqui o pão. - É um momento que não tem problema nenhum

> entendeu? De agravo, eu não vejo entendeu? Há esse perigo de as pessoas entenderem, no sentido que você falou que aquele pão se torna místico, sagrado, não pode, eu creio que não, acabou o momento ele volta a ser pão normal ali viu? (relato oral em 11/03/2015).

Fotografia: Alexandre Mendonça
Acervo: Dissertação SCICP

Foto 36 – Culto com Santa Ceia – 1ª IPJP – Joao Pessoa – PB

Por ocasião da pesquisa de campo, no trabalho de observação participante, percebi que um grupo de jovens da igreja do "Ministro reformado 5" trocava os elementos pão e vinho entre si, sem que isto estivesse sendo orientado pelo celebrante.

Por essa razão insistimos na sua compreensão dos conceitos de significado e sentido, porque entendemos que quanto ao fenômeno religioso ninguém tem controle absoluto. Significado é o que se diz sobre algo. Um ministro eleva um pão ou uma peça de pão ázimo e diz: - "Isso aqui é o corpo de Cristo". Depois eleva um cálice e diz: "Isso é o sangue de Jesus Cristo". O ministro está dando significado a esses elementos, mas este significado vai além no sentido para a pessoa que recebe os elementos mesmo vendo de forma esclarecedora a ministração, o participante para o ato litúrgico.

Concluindo a entrevista com o "Ministro reformado 5" peço que o entrevistado fale qual o sentido da Santa Ceia para ele enquanto cristão. Ele nos dá a resposta que segue:

> Seguindo as próprias orientações de Jesus e de Paulo, é um momento de lembrar, [...] é o mesmo significado da páscoa no antigo testamento não é? Lembrar da libertação do Egito, da escravidão, de Deus acima de tudo. A gente perceber qual é a nossa posição em cristo não é? Então a ceia, ela lembra o que eu fui, e o que eu sou hoje em cristo, lembra o sacrifício dele. As pessoas às vezes entendem assim, que a ceia é um momento triste aquela coisa, mas também é um momento de alegria, Ele ressuscitou, é um momento de alegria porquê? Eu sou nova criatura. Então é o momento da gente pensar, refletir sobre o que ele fez, sobre a obra salvífica na minha vida. É o momento de refletir sobre isso, aí eu entendo que é aquele momento de examinar-se a si mesmo, eu entendo que é um momento de você pensar em como está sua vida cristã, depois que você entende o que Ele fez na sua vida. Se você está de fato andando de conformidade com os preceitos dele, se de fato você é filho dele na verdade, assim eu entendo. Mas é um momento de lembrar o que ele fez, e lembrar de quem eu sou hoje por causa d'Ele sabe. É um momento de alegria

> apesar da tristeza da morte, mas é um momento de alegria, de dizer que ele nos libertou e poder comemorar. (relato oral em 11/03/2015).

Ao falar sobre o sentido da Santa Ceia para ele pessoalmente, o "Ministro reformado 5" faz uso do modelo do discurso institucional relacionando o sentido do rito às instruções bíblicas, alegorizando com o rito Pascal que originou a Santa Ceia. Assim como ele relaciona o rito Pascal do passado que originou o rito da Santa Ceia que ele pratica no presente, ele faz uso dessa alegoria para relacionar sua vida antes da fé que professa hoje.

Conforme Durand (2002), o trajeto antropológico faz parte do mundo em que todo o indivíduo religioso, seja ele ministro religioso ou não, está inserido. Quando identificamos o trajeto antropológico no discurso do "Ministro reformado 5"? Quando ele remonta a seu passado que considera transformado e periodicamente revisado a cada participação no rito da Santa Ceia.

Enquanto sujeito, esse ministro está em marcha, ele está em comunicação com o mundo, mas precisa rever, conforme afirma: "Se você está de fato andando de conformidade com os preceitos dele, se de fato você é filho dele na verdade, assim eu entendo". (relato oral em 11/03/2015). É o trajeto antropológico que lhe permite revisar os valores que vão se formando em seu imaginário religioso atual, as imagens do homem religioso que se declara nova criatura, o trajeto motiva sua relação com os símbolos pão e vinho, é despertado por suas pulsões subjetivas, é provocado por essas pulsões.

Algo interessante que o entrevistado ressalta é a dupla mensagem contida no rito, a ambiguidade entre a tristeza da morte em oposição à alegria da ressureição e da vida. Antes ele se declara um tipo de pessoa no passado, e agora ele afirma que o rito da Santa Ceia o faz lembrar da nova criatura que ele se considera no presente.

Quando Jesus diz: "[...] fazei isto em memória de mim", Lucas 22.19[55]. Ele institui o legado do rito da Santa Ceia e sacraliza os elementos. Nos regimes das imagens, esses elementos, pão e vinho, têm uma dupla leitura, através da promessa de vida e vitória sobre a morte que Jesus Cristo passaria. Nesse momento Jesus é o herói que enfrentará e vencerá a morte. Ao mesmo tempo você tem nos símbolos pão e vinho, e em toda a liturgia do rito da Santa Ceia, o eufemismo do acolhimento da morte de Cristo como símbolo de vida, porque

[55] Lucas. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

conforme anunciado no texto do apóstolo Paulo na epístola de 1 Coríntios 11.26[56]: "[...] anunciais a morte do Senhor até que ele venha." A vitória da vida cristã está no fato da morte sacrificial de Jesus, a sua morte concede vida aos fieis.

Há também no discurso do "Ministro reformado 5" a alusão aos momentos de intimidade, característicos do Regime Noturno da imagem, o símbolo de descida, da deglutição que encontrará abrigo e acolhimento no ventre. O momento do rito da Santa Ceia para ele "[...] é o momento da gente pensar, refletir sobre o que ele fez, sobre a obra salvífica na minha vida. É o momento de refletir sobre isso, aí eu entendo que aquele é momento de examinar-se [...] como está sua vida cristã". (relato oral em 11/03/2015).

Para Durand o trajeto antropológico motiva o símbolo e pode produzir sentido pela cultura, pela base social, pela questão objetiva da experiência de vida. Uma questão subjetiva a bem da verdade, dadas às intimações subjetivas.

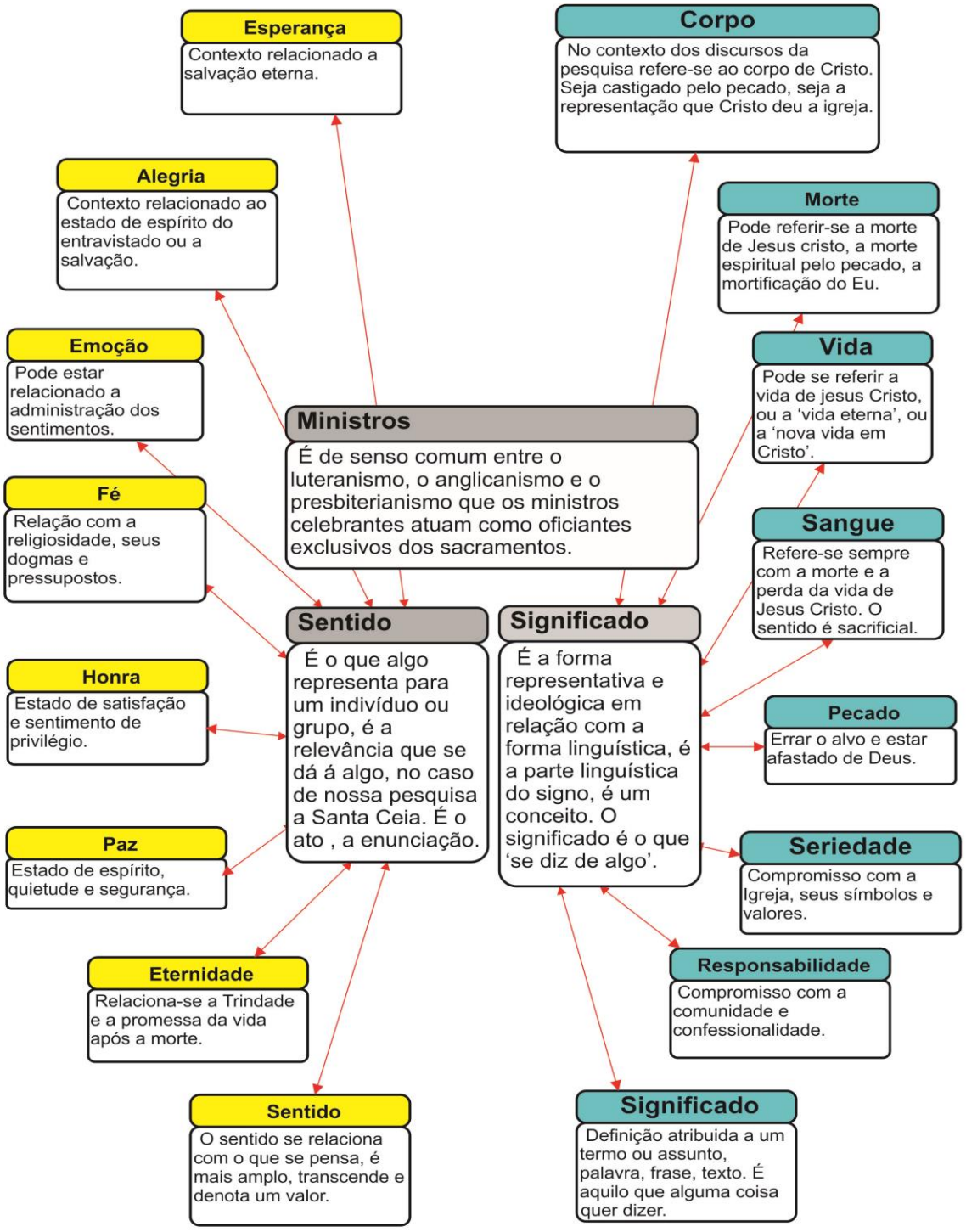
O trajeto antropológico desperta o símbolo nos movimentos relativos ao que vejo, o que compartilho e o que sinto. É esse trajeto antropológico que determinou as imagens de intimidade geradas pelo rito da Santa Ceia na relação do "Ministro reforma 5" com os símbolos essenciais que compõem o rito eucarístico. O ministro do evangelho é na tradição das igrejas do Protestantismo Histórico um mensageiro, um arauto, o ministro Puritano inglês do século XVII, Thomas Watson dizia que: "Os pastores batem na porta dos corações dos homens. O Espírito Santo vem com a chave e abre a porta".

4.2.8 A Teia Hermenêutica do ministro e os conceitos de significado e sentido da Santa Ceia

Um ministro do protestantismo é tratado em sua denominação como um mensageiro de Deus. A ética exigida a um ministro em uma igreja do Protestantismo Histórico demanda sinceridade. É-lhe exigido como homem não ter uma mensagem própria, mas apenas o lugar de onde fala, 'transmitir a mensagem de Deus', para tanto, pesa sobre o mesmo o dever da honestidade e de não manipular a espiritualidade dos fiéis. Vejamos a ilustração do (Esquema 06) que aborda a relação entre os ministros e a produção de sentidos na Santa Ceia pela teia hermenêutica que segue.

[56] 1 Corintios. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

Esquema 06 – O Ministro e a produção de sentidos na Santa Ceia



O Esquema 06 ilustra a teia hermenêutica envolvendo a relação dos papéis do ministro enquanto celebrante e religioso. Enquanto ministro cabe-lhe o esclarecimento da mensagem simbólica do rito da Santa Ceia. Como indivíduo religioso, o direito a sua experiência pessoal com a transcendência, com o *numinoso*.

Criado com ferramenta de pesquisa ATLAS.ti 7. - Ilustrado por Erika R. A. Mendonça

Na função de mensageiro entre os homens e os deuses, Hermes é um embusteiro e enganador, criado a forma do imaginário humano, conforme o arquétipo falível da conveniência, pragmatismo e egoísmo hedonista dos homens. Bierlein (2003, p.41) assim o define: “Seu nome significa “pilar” ou “falo”. Filho de Zeus com uma ninfa chamada Maia, ele é o deus das encruzilhadas e do comércio, o padroeiro das viagens e dos ladrões, e o mensageiro dos deuses. Ele é retratado como tendo os pés alados, e é um embusteiro astucioso”. Um ministro do protestantismo histórico é também um mensageiro, porém, nem de longe ele pode se parecer com Hermes, pois pesa sobre ele a responsabilidade de instruir acerca do rito da Santa Ceia de acordo com os pressupostos de fé de sua denominação.

O ministro deve igualmente ser um homem religioso, e o mesmo irá sujeitar-se a atuação do fenômeno servindo como ponte e transeunte do transcendente na administração do rito. A realização do rito da Santa Ceia permite a atuação da imaginação simbólica entre os fiéis através da ‘função fantástica transcendental’, mas esta função não deve ser explorada pelo ministro como meio de manipulação de sentidos.

Cabe aos “Ministros reformados”, diante de um rito sugestionável como o da Santa Ceia, permitir a mente do indivíduo religioso o emergir do fenômeno proporcionando ao participante usufruir o mais legitimamente possível das virtudes da imaginação simbólica. Peterson (1994, p.41) afirma que: “A imaginação é a capacidade de fazer conexões entre o visível e o invisível, entre o céu e a terra, entre o presente e o passado, entre o presente e o futuro”. A leitura de Peterson (1994) aponta para as características da atuação da ‘função fantástica transcendental’, agindo nos elementos constituintes do rito da Santa Ceia, promovendo simultaneamente o enfrentamento e acolhimento da finitude.

Ao final deste capítulo realizaremos conexões entre os ‘códigos hermenêuticos’ que se relacionam com as falas dos congregados que participaram de nossa pesquisa, objetivando ilustrar os dados coletados em seus discursos, aplicando sobre os mesmos a interpretação imagético-sensível proporcionada pela TGI.

4.3 O PARTICIPANTE NA SANTA CEIA

Com vistas à preservação do anonimato dos colaboradores, os nomearemos “Cristão comungante” associada à numeração ordinal 1, 2, 3, 4 e etc. sem contudo estarem dispostos nessa ordem em nosso texto. As citações de suas falas serão coletadas à medida que se verifique o diálogo entre a experiência empírica e as citações teóricas que temos apresentado no decorrer de nossa dissertação, com vistas a promover o diálogo entre o argumento teórico e

a experiência dos sujeitos, e assim apresentar a relação entre o imaginário Cristão protestante, e a relação imagético-sensível com os símbolos essenciais da Santa Ceia, pão e vinho, em seus significados e produção de sentidos.

Em nossa última divisão da análise inverteremos a ordem que utilizamos relativa aos ministros, onde apresentamos as respostas dos ministros, para em seguida aplicarmos a TGI. Dessa feita apresentaremos as relações da TGI com o rito da Santa Ceia, e a confirmação desses elementos nas respostas dos participantes das igrejas que colaboraram com nossa pesquisa na tentativa de estabelecer conexões entre seus discursos e a TGI. Para tanto nos utilizaremos também de quadros demonstrativos que ilustrarão a estrutura da análise objetivando a compreensão das respostas dos entrevistados.

Quando um cristão se prepara para participar do rito da Santa Ceia, está diretamente implícita a atitude de revisão do seu padrão de vida. É essencial a dinâmica do rito, a recordação do que aconteceu na narrativa dos evangelhos onde repetidamente se diz que "na noite em que Jesus Cristo foi traído, ele tomou o pão [...]". A partir desse momento se inicia a narrativa do simbolismo e ressignificação que Jesus Cristo promove sobre o rito Pascal. Os quatro evangelistas, Mateus, Marcos, Lucas e João iniciam essa narrativa, acrescentando as informações dele ter sido entregue pelas autoridades judaicas para ser condenado por supostas transgressões de suas leis religiosas.

É nesse aspecto essencial que o mito se distancia do relato bíblico, mas se aproxima de seu método. Bierlein (2003, p. 19) cita sua descrição sobre o mito. "Esta é a nossa primeira pista sobre a natureza do mito. É a primeira forma de ciência, especulação sobre as origens". Aqui está claro para o teórico que o mito é especulação, uma tentativa de explicação em razão da ausência do registro escrito, porém, transmitido pela tradição oral. Ao ampliar a explicação, Bierlein (2003, p.19) cita:

> É uma história da *pré*-história, nos dizendo o que teria acontecido antes da história escrita. É a mais antiga forma de literatura, frequentemente uma literatura oral. O mito dizia aos povos antigos quem eles eram e qual era a maneira correta de viver. O mito era, e é ainda, a base da moralidade, dos governos e da identidade nacional.

A narrativa bíblica é um registro escrito, os eventos que marcaram a vida, morte e ressureição de Cristo não estão apenas registrados nos documentos oriundos da cristandade, escritores contemporâneos dos dias de Jesus, como é o caso do historiador judeu do primeiro século, Flávio Josefo (38 – 100 a.D.), cita em 'A História dos Judeus', que os "cristãos

cantavam a Jesus, a quem diziam que havia ressuscitado". Nesse aspecto, a definição de mito em Bierlein (2003) se distancia da narrativa simbólica da história de Jesus Cristo, não a caracterizando como mito, contudo, se assemelha a articulação do mito em sua dinâmica sendo preservado pelo rito da Santa Ceia enquanto sacramento da cristandade. Acerca da função social do mito enquanto linguagem, Gomes (2011, p.71) afirma:

> Ao se pensar no mito como linguagem, há pelo menos dois modos de conceber a sua função social. Uma primeira como sistema semiológico a serviço da ideologia burguesa e uma segunda como sistema simbólico que remete à transcendência e à universalidade".

Voltando aos relatos bíblicos, os judeus armaram para a condenação e morte de Jesus Cristo ser a mais cruel das condenações da sua época, a morte por crucificação. Contudo, de acordo com a teologia cristã, sua entrega era na verdade um ato espontâneo de sacrifício para reaproximação do Pai Criador com suas criaturas, a humanidade, separada de Deus pelos seus pecados. É com base nessas narrativas, e na descrição do apóstolo São Paulo na primeira epístola aos Coríntios no capítulo 11 que se organizam os aspectos comuns e distintivos do rito da Santa Ceia para os Protestantes Históricos.

4.3.1 Quanto à dignidade do participante do rito da Santa Ceia

No entendimento do Protestantismo Histórico, ninguém é feito melhor por participar do rito da Santa Ceia, ou pior por não participar, porém, crê-se que as pessoas podem sair desse rito mais vazias do que antes de participar dele, no sentido da insensibilidade à mensagem do rito eucarístico quanto a suas transgressões e faltas. O apóstolo São Paulo alerta sobre uma condição de indignidade que pode advir ao que participar do rito da Santa Ceia sem discernimento. Na sua primeira carta aos Coríntios 11.27, ele diz: "[...] aquele que participar indignamente será culpado do corpo e do sangue do Senhor.".

O "Cristão comungante 3", do gênero feminino, congrega na Igreja Presbiteriana e tem 52 anos. Ela opina acerca das pessoas participarem da Santa Ceia sem discernimento do seu significado e afirma:

> Eu uma vez conversei com uma pessoa que eu tenho muito carinho, muito respeito. E disse para ele: naquele momento em que a palavra do Senhor diz: - examine-se, pois, o homem a si mesmo e coma. - Ele não diz "não coma", ele diz "coma". Mas, se a gente não fizer esse processo de examinar, saber que a gente não merece, que a

> gente precisa pedir perdão sempre, a cada momento, por tudo, por omissões, por tudo que a gente faz ou deixa de fazer que seja contrário a palavra do Senhor. E a gente não tem a seriedade desse momento de examinar, a gente anda como zumbi, porque diz assim "Por isso que muitos [...]". Como se a gente tivesse morto nos pecados e delitos e a gente anda como zumbi. E eu estava dizendo para o pastor Agnaldo: "Querido, eu me angustio de ver quantas vezes à gente não leva a sério esse simbolismo, esse momento da Santa Ceia, da eucaristia". E a gente faz de qualquer forma e a gente fica como se tivesse num torpor, numa coisa que [...] Eu creio que há um prejuízo enorme. (relato oral em 06/02/2015).

De conformidade com os pressupostos cristãos, alguém pode tornar-se réu da cerimônia por não compreender o signo e seu significado; por não produzir em si sentido algum, fazendo do rito uma mera coreografia cerimonial, e sendo enquadrado no cristianismo com uma atitude vexatória.

O conceito de dignidade cerimonial é paulino. O apóstolo afirma em sua epístola que trata da temática da eucaristia, ser dever de cada um seriamente "examinar-se", como expresso na primeira carta aos Coríntios 11.28[57]. A passagem bíblica orienta sobre quais devem ser os interesses e propósitos de alguém ao dispor-se a participar do rito da Santa Ceia. A ética cristã, no tocante ao rito da Santa Ceia, sugere ao devoto questionar suas origens; compromissos e ideais de fé; coerência entre a conduta e os seus ideais de vida.

Se o participante usufruir dos elementos sem entendimento, sem sentido, conforme afirma São Paulo na Bíblia em primeira Coríntios 11.27 "[...] sem discernir o corpo e o sangue do Senhor", como já mencionado, sem ter feito um exame franco de consciência e disposto suas faculdades tanto para receber como para ofertar devoção, perdão, e arrependimento por suas faltas, de acordo com as orientações das palavras dadas por Jesus Cristo por ocasião da instituição da Santa Ceia, ele não irá usufruir dos benefícios prometidos por quem instituiu a Santa Ceia.

O "Cristão comungante 4" tem 67 anos, é presbiteriano de tradição familiar, tendo servido como Presbítero em sua igreja por 30 anos. Pedimos que ele fale da atitude que as pessoas deveriam ter ao participarem da Santa Ceia. Ele opina:

> É como eu estava te dizendo, ela é importante demais, é um momento de reflexão, ela é um momento de reflexão onde a gente, eu particularmente busco fazer uma rápida introspecção, da minha vida e me colocar diante de Deus, aquilo que eu lembrar na hora eu já vou pedindo perdão por aquele pecado para poder ter ao menos a mínima condição de me achegar assim não é? Há condenação para quem não se arrepender nem se humilhar, eu temo, e procuro me lembrar daquilo e me arrepender para que eu possa participar. (relato oral em 15/03/2015).

[57] 1 Coríntios. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

A Confissão de Fé de Westminster fala de qual deve ser a postura dos participantes do rito da Santa Ceia, explicando o conceito de dignidade referido nos evangelhos e na epístola paulina aos Coríntios, relacionando o rito da Santa Ceia com a pessoa e sacrifício de Jesus Cristo, exigindo uma postura ética por parte do homem, advertindo-o a respeito de receber os elementos de forma irreverente, sem entendimento ou como diria Eliade (1992), profana. O comentarista da CFW, Hodge (1999, p.486), ressalta:

> Os que comungam com dignidade, participando externamente dos elementos visíveis desse sacramento, também pela fé, íntima, real e sinceramente, não carnal e fisicamente, mas espiritualmente, se alimentam de Cristo crucificado e recebem a todos os benefícios de sua morte; não estando o corpo e o sangue de Cristo, corporal ou carnalmente nos elementos pão e vinho, nem com eles, nem sob eles, mas estão real e espiritualmente, presentes à fé dos crentes nessa ordenança, como estão os próprios elementos em relação aos seus sentidos externos [...] Ainda que os ignorantes e ímpios recebam os elementos externos desse sacramento, contudo não recebem a coisa por ele significada; com sua indigna participação, porém, tornam-se réus do corpo e do sangue do Senhor, para sua própria condenação[...]

O rito da Santa Ceia para o Protestantismo Histórico não é um culto para recordação de um morto. Se assim o fosse contrariaria a própria semântica da palavra sinônima Eucaristia, que quer dizer: "Festa". Sobre este significado e sua práxis, (VILHENA, 2005, p. 24), diz: "Celebrar é tornar célebre para todo o grupo de familiares e amigos". Sobre o exercício da observação dos indivíduos nos rituais, Vilhena (2005, p.21) acrescenta:

> [...] o rito é entendido também como ação ordenada. Como toda ação está orientada para a consecução de um objetivo, para uma finalidade, assim também nos ritos estão contidas destinações que podem ser mais ou menos inconscientes, explícitas ou implícitas.

No discurso teológico do Protestantismo Histórico, participar do rito da Santa Ceia, traz ao devoto benefícios espirituais reais, o que faz com que este "memorial" não seja um ritual vazio. Não é a forma ou mesmo a pessoa que administra o rito que o tornam sem efeito, mas a atitude do participante. Esse universo de significações envolto no rito da Santa Ceia para as igrejas do Protestantismo Histórico tem raízes histórico-culturais profundas. Sobre esse aspecto, Vilhena (2005, p.36) afirma:

> [...] o mundo dos ritos enraíza-se no mundo dos seres humanos, e que o mundo dos seres humanos constrói-se na cultura. Sendo assim, nem o ser humano nem o rito podem ter existência, tampouco ser compreendidos fora da cultura, que por sua vez é construção humana e histórica.

Dessa forma, ao oficiante cabe esclarecer e administrar os significados do rito da Santa Ceia; no que diz respeito ao participante, cabe a este envolver-se com entendimento e fé na mensagem contida no rito da Santa Ceia, para que, uma vez beneficiado pelos valores da prática significada dos elementos, estes tenham um sentido experiencial transcendente, assumindo um caráter fenomenológico rico em sentidos e orquestrados pelas funções da imaginação simbólica, Durand (2000).

4.3.2 Quanto aos processos imagético sensíveis atuantes no participante da Santa Ceia

Conforme cita Teixeira (2008, p.303), "[...] a fé constitui um princípio essencial de inteligibilidade da teologia que torna indispensável o trabalho hermenêutico que rompe com toda e qualquer dogmatização dessa teologia". O aspecto fenomenológico foi observado na análise dos sentidos atribuídos pelos sujeitos participantes de nossa pesquisa sobre suas experiências com o rito da Santa Ceia. Acerca da concepção cristã em sua relação com o sagrado, Otto (2007, p.33) afirma:

> Para toda e qualquer ideia teísta de Deus, sobretudo para a cristã, é essencial que ela defina a divindade com clareza, caracterizando-a com atributos como espírito, razão, vontade, intenção, boa vontade, onipotência, unidade da essência, consciência e similares, e que ela portanto seja pensada como correspondendo ao aspecto pessoal-racional, como o ser humano o percebe em si próprio de forma limitada e inibida. No divino, todos esses atributos são pensados como sendo "absolutos", ou seja, como "perfeitos". Trata-se, no caso, de *conceitos* claros e nítidos, acessíveis ao pensamento, à análise pensante, podendo inclusive ser definidos. [...] E a religião que os reconheça e afirme é, nesse sentido, uma religião racional. (grifo do autor).

Verificamos tanto em nosso trabalho de observação participante, quanto nos discursos dos entrevistados, o que já suspeitávamos mediante nossas leituras durante o processo de pesquisa bibliográfica. A proeminência das imagens do Regime Noturno nos discursos dos sujeitos participantes do rito da Santa Ceia.

Em suas pesquisas, o teórico identifica dois Regimes que administram e organizam as imagens. Um deles é denominado Regime Diurno, este sugere o enfrentamento da angustia do

tempo e da morte, as ‘faces do tempo’, através das armas de combate ativadas nas dominantes reflexas. O outro sistema ele denomina de Regime Noturno, sugestionado pelo schéme da descida, do acolhimento, da resignação, da noite, escuridão e conciliação dos opostos.

Considerando o argumento de Durand (2002), pedimos ao “Cristão comungante 5”, uma senhora de 64 anos, membro da Igreja Anglicana, que ela expresse se enxerga na Santa Ceia uma mensagem de enfrentamento da morte. A este pedido nossa colaboradora afirma:

> Enfrentar a morte? Se há uma mensagem? Com certeza. Jesus enfrentou. Se ele enfrentou a morte, ele nos livrou, quer dizer, ele tomou sobre si aquela, aquele peso que seria nosso. Não é? Ele enfrentou. Para que nós não enfrentássemos. E ele fez porque ele quis, entendeu? Ele fez por vontade própria. Ele não foi obrigado a fazer isso. Ele fez porque ele quis de livre e espontânea vontade, ele se deu, em nosso lugar, por amor, ai eu pergunto, e nós? Teríamos essa condição? Só através de Jesus Cristo, porque como ele disse, por nós mesmos. Nosso pastor diz muito assim, ele diz: 'Nós cremos, que nossa vida aqui, que quando nosso corpo morre, volta para aquele que deu'. Nós cremos que a vida é eterna. Mas muita gente é tão apegada as coisas do mundo, mesmo às vezes sendo crente se desespera. (relato oral em 15/04/2015).

Os regimes permitem certo trânsito volitivo, não sendo totalmente inflexíveis, porém, relativamente estáveis no tocante à imaginação. Aos regimes, Durand (2002) denominou de estruturas, organizadas em torno de schémes, esclarece Pitta (2005, p.22-23): “Gilbert Durand percebe no material que estuda duas intenções fundamentalmente diversas na base da organização das imagens [...] O primeiro é o regime diurno caracterizado pela luz [...] O segundo é o regime noturno caracterizado pela noite que unifica pela conciliação.

4.3.3 Quanto aos discursos dos participantes da Santa Ceia

Das igrejas que colaboraram com nossa investigação, apenas a Igreja Luterana dos Bancários realiza o rito da Santa Ceia todos os domingos e em todos os seus cultos. As duas Igrejas Presbiterianas investigadas realizam o rito da Santa Ceia nos cultos do primeiro e terceiro domingos do mês; na Igreja Anglicana Paróquia da Ressureição o rito da Santa Ceia é realizado a cada quinze dias; e na Igreja Anglicana Paróquia da Comunhão, levando em consideração que a mesma tem três cultos a cada domingo, eles dispuseram as celebrações do rito da Santa Ceia relacionando-o à ordem dos cultos, primeiro domingo do mês o rito acontece no primeiro culto, o da manhã; segundo domingo do mês o rito é celebrado no segundo culto, o da tarde; terceiro domingo do mês, a Santa Ceia é realizada no terceiro culto, o da noite.

Nas entrevistas que realizamos com os congregados da igrejas de nossa pesquisa, mais de 90% dos entrevistados afirmaram que um culto onde acontece o rito da Santa Ceia é para eles um culto diferenciado em seu significado, e que é comum ser um culto com presença maior dos congregados da comunidade, destacando também a solenidade e o momento de introspecção que estão reservados ao culto onde acontece o rito da Santa Ceia.

O "Cristão comungante 4" afirma categoricamente que a atitude de auto-exame para participar da Santa Ceia é muito pessoal, mas que todos deveriam ter em conta que não há pecado que Cristo não tenha perdoado. Ele respeita a decisão de quem se abstém do sacramento e opina:

> É complicado [...] porque deixar [...] agora me lembrei de nossa lição do dia de hoje sobre os salmos que diz: 'Feliz aquele que confessa o pecado' [...] Então se você vê o salmista, ele confessa o pecado, se arrepende e Deus perdoa. Não há [...] a lição diz: 'Não há pecado que Deus não perdoe'. Então o momento da ceia é um momento de pedir perdão. Então se você pede perdão com inteireza de coração então não tem porque não participar não é? Então tem algumas coisas que são subjetivas, aquilo como Paulo diz que você deve ter comunhão com o irmão. Você nunca vê, parar alguma coisa, e alguém ir lá e pedir perdão a um irmão para poder participar da ceia, mas eu acho que é uma condição íntima não é? (relato oral em 15/03/2015).

Sob vários aspectos, a religião motiva as ações do homem e sua espiritualidade lhe sugerindo posturas a assumir quanto a seu papel enquanto indivíduo religioso. A expressão 'auto-exame' veio a ser um elemento recorrente nos discursos dos entrevistados, ocasião em que os mesmos definiam razões deveriam modificar suas posturas e ações. Algo nesse indivíduos religiosos os fazia questionar: Por que que razão eu pratico esse rito? Qual ascese ele me proporciona com vistas a minha existência nessa e em outra vida?

Os ritos em geral orquestram as respostas a esses questionamentos existenciais. Eliade (1998, p.36) faz a seguinte descrição da função dos ritos:

> Teremos ocasião de ver que, consistindo sempre o rito na repetição de um gesto arquetípico realizado *in illo tempore* (no princípio da história) pelos antepassados ou pelos deuses, se tenta "ontificar", por intermédio da hierofania, os atos mais vulgares e insignificantes. Pela repetição, o rito *coincide* com o seu "arquétipo", e o tempo profano é abolido.

O tempo do culto onde acontece o rito da Santa Ceia é sim diferenciado e repleto de sentidos proporcionados pelo imaginário dos participantes. Durand (2004) esclarece que a principal função do imaginário é dar esperança ao homem diante de dois elementos que ele

enfrentará em seu trajeto antropológico, 'o tempo' e a 'morte', essa é a razão pela qual ele precisa dar significado a sua vida que a cada dia é ameaçada por *Cronos*, o tempo, e ameaçada pela iminência da finitude. A vida religiosa, e o 'tempo sagrado' orquestrado pelo rito da Santa Ceia, constituem um grande promotor de esperança e significado da vida social.

O "Cristão comungante 6" lida com a temática da finitude de uma forma muito resignada. Ela tem 35 anos e congrega na Igreja Anglicana. Sobre sua opinião acerca da relação imaginária com as 'faces do tempo', a morte, ela afirma:

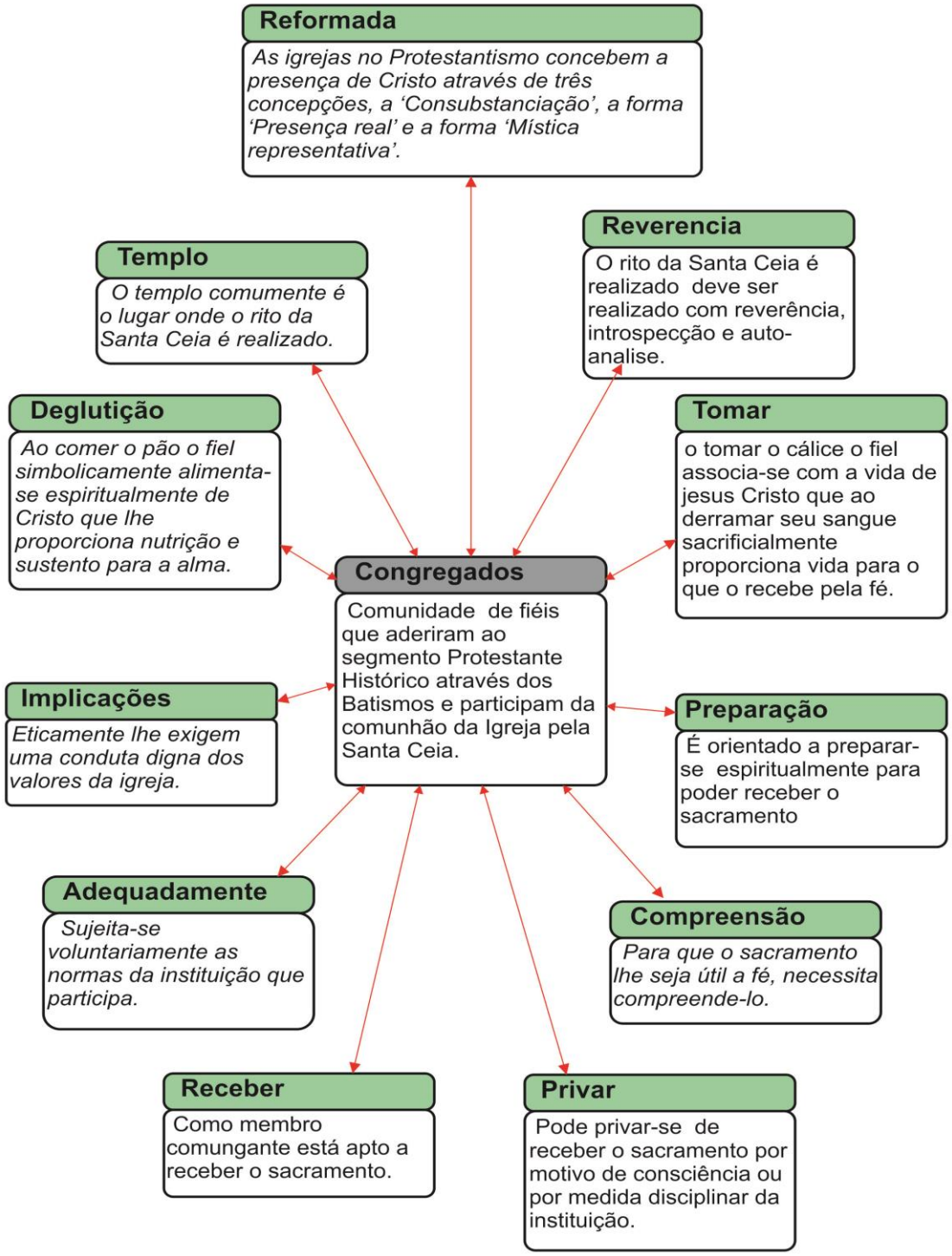
> Da gente enquanto humano? É talvez em algum momento da minha vida haja algum tempo atrás isso fizesse mais sentido por exemplo quando eu era adolescente, eu pensava muito sobre isso não é? Eu não sei, depois que eu, depois que meu filho nasceu, eu acho que ele foi um divisor de águas na minha vida sabe? Então a certeza da finitude para mim já é tão forte, e tão natural, que eu consigo ver hoje a finitude como algo assim, é plano de Deus, é divino, vai ser bom, então não me traz pesar. (relato oral em 09/04/2015).

A fala do "Cristão comungante 6" remonta a forma como o imaginário religioso se pirta no Regime Noturno das imagens. No quadro representativo que segue ilustraremos distintos aspectos da relação entre os congregados e suas posturas religiosas.

Conforme descrição da 'teia hermenêutica' ilustrada no (Esquema 07), os congregados constituem a comunidade cristã no Protestantismo Histórico, a igreja em questão, pessoas que obtiveram sua ascese a instituição por meio do Batismo, seja na comunidade, seja em outra igreja do segmento do Protestantismo.

Estas pessoas estão legitimadas externamente a participar do rito da Santa Ceia nas instituições em que elas congregam. Nestas comunidades existem distintas compreensões acerca da presença de Jesus Cristo nos símbolos eucarísticos. O luteranismo dirá que sua presença é real nos elementos, mas não física, e esta é a doutrina da 'Consubstanciação'; no anglicanismo a presença de Jesus Cristo é simbólica, porém 'real e espiritual'; no presbiterianismo, a presença de Jesus Cristo é memorial, ao que definem como sendo 'representativa'.

Esquema 07 – Os Congregados e as implicações de participar do rito da Santa Ceia



O Esquema 07 ilustra a teia hermenêutica dos elementos que compõem participação dos religiosos no rito da Santa Ceia, descrevendo as posturas assumidas de acordo com os discursos dos entrevistados nas igrejas que colaboraram com a pesquisa.

Criado com ferramenta de pesquisa ATLAS.ti 7. - Ilustrado por Erika R. A. Mendonça

O “Cristão comungante 5” expressa seu entendimento conforme ensino da Igreja Anglicana e ressalta o valor do significado em detrimento do significante, preservando, todavia, o referencial da narrativa simbólica:

> Então, na nossa denominação, quando eu vim para cá eu aprendi que o corpo e o sangue de Jesus Cristo, ou seja, o pão e o vinho, pela fé, nós estamos ali fazendo uma referência simbólica, que é o corpo de Jesus Cristo e o vinho em obediência a o que? Ao que ele deixou escrito na Palavra dele não é? Mas a gente sabe que aquilo ali são elementos externos e visíveis, que é o pão e o vinho. Ele é um elemento externo e visível. Que por trás disso, pela fé, ele nos dá uma graça invisível, que é o que? O nosso fortalecimento espiritual e a nossa comunhão com Cristo [...] Eles são elementos naturais, naquele momento em que você está simbolizando. Porque é uma simbologia. A realidade é o símbolo não é? Assim como o Senhor usava muitas coisas como símbolo para falar ao seu povo. Que por trás do símbolo tem a graça. Não só o pão e o vinho como foi usado, mas outras parábolas que ele utilizava, por trás tinha sempre o ensinamento. (relato oral em 15/04/2015).

O “Cristão comungante 5” demonstra a compreensão do valor do símbolo, que é o resultado da narrativa simbólica, proporcionada pelo rito em sua articulação de preservação da narrativa.

Ao participar do rito da Santa Ceia o (Esquema 07) remete a quatro posturas que foram descritas pelos entrevistados como praticadas por eles com vistas a participar dignamente do rito da Santa ceia. Estas posturas geraram os códigos semânticos, (implicações, preparação, adequação e compreensão). As ‘implicações’ dizem respeito a ter uma conduta ética coerente com os valores de sua igreja. Para tanto o congregado deve ver o rito da Santa Ceia como uma oportunidade para rever suas posturas e estar ‘preparado’ para este momento de auto-exame de si.

Sobre a relação com as implicações de se participar do rito da Santa Ceia, o “Cristão comungante 7”, do gênero masculino, tem 42 anos e é Presbítero na sua congregação. Falando de sua experiência como quem distribui os elementos ele cita:

> Mas tem algumas coisas interessantes, como por exemplo, você percebe que algumas pessoas não estão ali, que elas estão fazendo por fazer, estão no ambiente e está todo mundo fazendo, e é perceptível pela forma como ela se comporta durante a distribuição dos elementos. Você vê outras pessoas também que aparentam ter medo do que elas estão fazendo. Então é interessante essas duas pontas em que às vezes a gente percebe, a pessoa está ali participando porque: - ‘Ah, está todo mundo participando então eu vou participar também’, - ‘Eu não sei nem o que é isso, mas eu estou participando’, e as outras que tem um receio até de pegar o cálice, se estão fazendo a coisa errada. (relato oral em 05/02/2015).

O processo do auto-exame implica em uma ‘adequação’ de suas posturas, e a resolução de permanecer no seu procedimento, ou revisá-los e retornar aos princípios que o fizeram aderir às finalidades daquela congregação.

O “Cristão comungante 8” é da Igreja Luterana, tem 20 anos e é descendente de imigrantes. Participa do rito da Santa Ceia em sua denominação desde os 13 anos de idade. Sobre o auto-exame ele afirma:

> Eu acho que é questão de você se analisar em relação a sua condição de pecador assim. O que é que você tem que fazer para combater o pecado, se você está arrependido, se você tem aquela consciência para receber a ceia ali, porque você vai receber a ceia para se sentir reconfortado e se sentir perdoado. Mas não adianta você não estar arrependido, por isso a questão do conflito, você vai tomar a ceia mas você sabe que no fundo você tem alguma coisa não resolvida, então você não vai sair dali alimentado.

O efeito resultante da realização das três posturas anteriores só se dará se houver ‘compreensão’ da narrativa simbólica proporcionada pelo rito da Santa Ceia em uma ação consciente e voluntária de pertença relacionada à comunidade religiosa e a observância dos motivos pelo qual Jesus Cristo institui o sacramento da Santa Ceia.

O rito enquanto narrativa simbólica demanda as posturas que analisamos. É contudo, a imaginação simbólica, Durand (2000), função do imaginário, que vai se reportar a aquele momento histórico da instituição da Santa Ceia. Quando alguém imagina, essa pessoa recorda como se deram os acontecimentos, como nenhum de nós esteve lá, alguém que conheceu a história a transmitiu, para que as gerações posteriores possam perceber o que esteve por trás de onde emergiu o símbolo de algo que aconteceu. É este algo que Durand (1982), vai chamar de mito, ou 'narrativa simbólica'. Sobre a origem dos mitos, Bierlein (2003, p.20) afirma:

> O mito é uma constante entre todos os seres humanos de todos os tempos. Os padrões, narrativas e mesmo os detalhes contidos no mito são encontrados em toda parte e na história de cada pessoa. Isto acontece porque o mito é uma herança compartilhada de memórias ancestrais, relatada conscientemente de geração para geração. Os mitos podem até mesmo ser parte da estrutura da nossa mente inconsciente, possivelmente codificados nos nossos genes.

O homem é um ser influenciado diariamente pelos mitos, e como resultado, há nele uma estrutura mítica, e o mito o cerca em seu cotidiano. Sobre a profusa presença dos mitos na convivência diária com a humanidade Bierlein (2003, p.20-21) cita:

> Para dirigir na cidade, você pode precisar lidar com o *caos* (do mito grego que descreve o estado primordial das coisas antes da criação) do tráfego, [...] ou pensa em comprar tênis da *Nike* [*Niké*] (o nome da deusa grega da vitória) ou talvez praticar uma arte *marcial* (de Marte, o nome do deus romano da guerra). Sem dúvida os pneus do seu carro são feitos de borracha *vulcanizada* (de Vulcano, o deus romano patrono da metalurgia). Na sua jornada, pode passar por um *museu* (nomeado em honra às Musas, deusas da cultura na mitologia grega); talvez no próximo sábado (em inglês, *Saturday*, em homenagem a Saturno, o deus romano da agricultura) você tenha tempo para visita-lo. As notícias chegam pelo rádio. Na *Europa* (cujo nome vem de Europa, uma mortal que teve um caso com o deus grego Zeus), preparações estão sendo feitas para as *Olimpíadas* (uma restauração moderna dos jogos realizados no Olimpo, o lar dos deuses gregos), enquanto diplomatas em *Londres* (cujo nome vem de Lugh, um deus celta do sol) estão discutindo o que vai acontecer com todos aqueles mísseis *Thor* (Thor, o deus nórdico do trovão), *Titan* (titãs, os gigantes gregos) e *Jupiter* (Júpiter, o nome romano de Zeus). No escritório, um colega impulsivo pode ser descrito como *mercurial* (de Mercúrio, o mensageiro romano dos deuses). Você pode ter pensamentos *eróticos* (de Eros, o deus grego do amor sexual) sobre alguém do seu trabalho. Contudo, nesse período tão sensível ao assédio no trabalho, paquerar uma colega pode ser o seu *calcanhar de Áquiles* para sua carreira. Você pode até mesmo se preocupar com doenças *venéreas* (de Vênus, a deusa do amor romana). Oh, para o inferno com isso. (em inglês, *hell*, de Hel, a guardiã dos mortos na mitologia germânica). (grifos do autor)

O referencial da centralidade do ‘templo’ na cultura judaica tornou-se a herança para a cristandade de local de participação do rito da Santa Ceia após à legitimação da religião cristã pelo estado romano. O templo passou a ser o lugar onde a comunidade cristã deverá estar unida ‘reverentemente’ em torno dos símbolos eucarísticos para ‘participar da mesa do Senhor’, ‘partir o pão’ e celebrar a ‘Eucaristia’.

A função do símbolo eucarístico é mediadora, o símbolo não deve ser confundido com o signo, a alusão ao papel do signo se dá por ele representar a ‘o real’ no senso comum, algo do mundo concreto, do mundo real. Um semáforo comunica a mesma coisa para todas as pessoas, ele é, portanto um signo. Com o símbolo ocorre à fusão das duas partes, a união do mundo transcendente com o mundo imanente, fazendo a mediação entre o tempo sagrado que rompe com a ordem hodierna.

Ao unir essas duas partes, o símbolo cumpre seu papel transcendente, ele é o instrumento mediador que informa para a o congregado aquilo que ele vê, porém, está além daquilo que o elemento realmente é. O símbolo pode representar muitas percepções, ainda que possua uma mensagem que lhe é própria e é por ele comunicada, proporcionando uma vasta produção de sentidos ao indivíduo religioso. O “Cristão comungante 8” descreve como concebe os elementos essenciais pão e vinho:

> O significado para a gente. Para mim especificamente é que o pão é o corpo. E que o vinho é o sangue. Eu sei que tem igrejas que dizem que é apenas um simbolismo. Mas na nossa igreja a gente sempre se guia muito pela Bíblia. E no momento da ceia, quando Jesus distribui os elementos, ele disse: 'Esse é o meu corpo'. Em relação ao pão, e esse é o meu sangue em relação ao vinho. Então a gente segue isso. A partir do momento que os elementos são consagrados, a gente acredita que aquilo é o corpo e o sangue. (relato oral em 26/03/2015).

Finalizando a descrição da teia hermenêutica no (Esquema 07), 'O Congregado e as implicações de participar do rito da Santa Ceia', estão os códigos semânticos (deglutição, tomar, receber, e privar). Nesse interim, adentramos em outro aspecto da TGI que é o das dominantes reflexas. A ideia da reflexologia em Durand (2002) remete aos reflexos dominantes, que abarcam uma lógica anátomo-fisiológica da teoria da imagem. Sobre as relações estruturantes e morfológicas relativas ao individuo religioso, Eliade (1998, p.37) afirma:

> Toda uma experiência religiosa, indistinta do ponto de vista estrutural, se deve a esta tentativa feita pelo homem para se inserir no real, no sagrado, através dos atos fisiológicos fundamentais que transforma em cerimônias [...] é necessário repararmos, desde já, na tendência normal do primitivo para transformar os atos fisiológicos em ritual, atribuindo-lhes um valor espiritual. (ELIADE; 1998, p.37).

Os reflexos dominantes segundo a TGI são três, a postural da verticalidade, a digestiva, e a copulativa, que é também chamada de rítmica. Na dinâmica do rito da Santa Ceia, prevalece, como veremos ainda nessa sessão nos discursos dos entrevistados, a postural digestiva, em função da própria relação do rito com a sugestão memorial que é essencialmente alimentar. Durand (2002) relaciona a origem da imagem no ser humano à ontologia individualista, e não à cultura, ou à sociologia, ou mesmo à psicanálise. Ecoando com o conceito do paradigma durandiano, Eliade (1998, p.36) explica:

> De fato, uma das principais diferenças que separa o homem das culturas arcaicas do homem moderno reside precisamente na incapacidade em que este último se encontra de viver a vida orgânica (em primeiro lugar a sexualidade e a nutrição) como um sacramento. A psicanalise e o materialismo histórico desprezaram julgaram encontrar a confirmação mais segura das suas teses na importância do papel que gozam a sexualidade e a nutrição entre os povos que se encontram na fase "etnográfica". No entanto, a psicanálise e o materialismo histórico desprezaram o valor, diríamos até a função *completamente diferente,* em relação ao sentido moderno [...] Para o moderno não passam de atos fisiológicos, ao passo que para o homem das culturas arcaicas são sacramentos, cerimônias por cujo intermédio se comunica com a *força* e a vida que representa a própria vida.

Os reflexos são as bases anátomo-fisiológicas que Durand (2002) buscou empiricamente quanto à formação da imagem. São as posturais reflexas que vão formando a imagem no ser humano, e quando este assume uma postura ética conforme as 'implicações', 'preparação', 'adequação' e 'compreensão' que compõem sua participação no rito da Santa Ceia, as imagens definiram seu *ethos* postural, tanto na horizontal quanto na vertical, e no caso do rito da Santa Ceia isso se dá mediado pelos símbolos eucarísticos.

Atribui-se igualmente à dominante reflexa a postura de dispor-se a participar e receber o sacramento, ou a privar-se do mesmo, razão que majoritariamente os entrevistados elencaram como sendo incoerente com a natureza do rito eucarístico que é essencialmente inclusivo tanto em sua mensagem quanto na orientação do livro sagrado dos Protestantes Históricos, as Escrituras Sagradas que prevê pela orientação do apóstolo São Paulo na primeira epístola aos Coríntios 11.28[58], que diz caber ao homem "[...] examinar-se e comer do pão e beber do cálice", ao que remonta como cuidado recíproco entre o devoto e o *numinoso* Bierlein (2003, p.41) ao citar: "[...] "Nume", derivado do latino *numen,* é também "gênio", "inspiração" e "espírito protetor" (nume tutelar)". (grifo do autor).

Muitos que congregam nas igrejas do protestantismo histórico foram instruídos por seus pais desde tenra idade, tanto nas Escrituras Sagradas, quanto nas tradições de sua religião. A formação dos filhos é parte integrante do corpo de doutrinas das igrejas Protestantes Históricas, e algo que vai além do aprendizado dos aspectos cerimonial, mas relaciona-se com a própria salvação de sua descendência. Ao discorrer sobre o rigor da manifestação religiosa do judaísmo, de onde emergiu o cristianismo, que Eliade (1998, p.87) em 'Tratado de História das Religiões' cita:

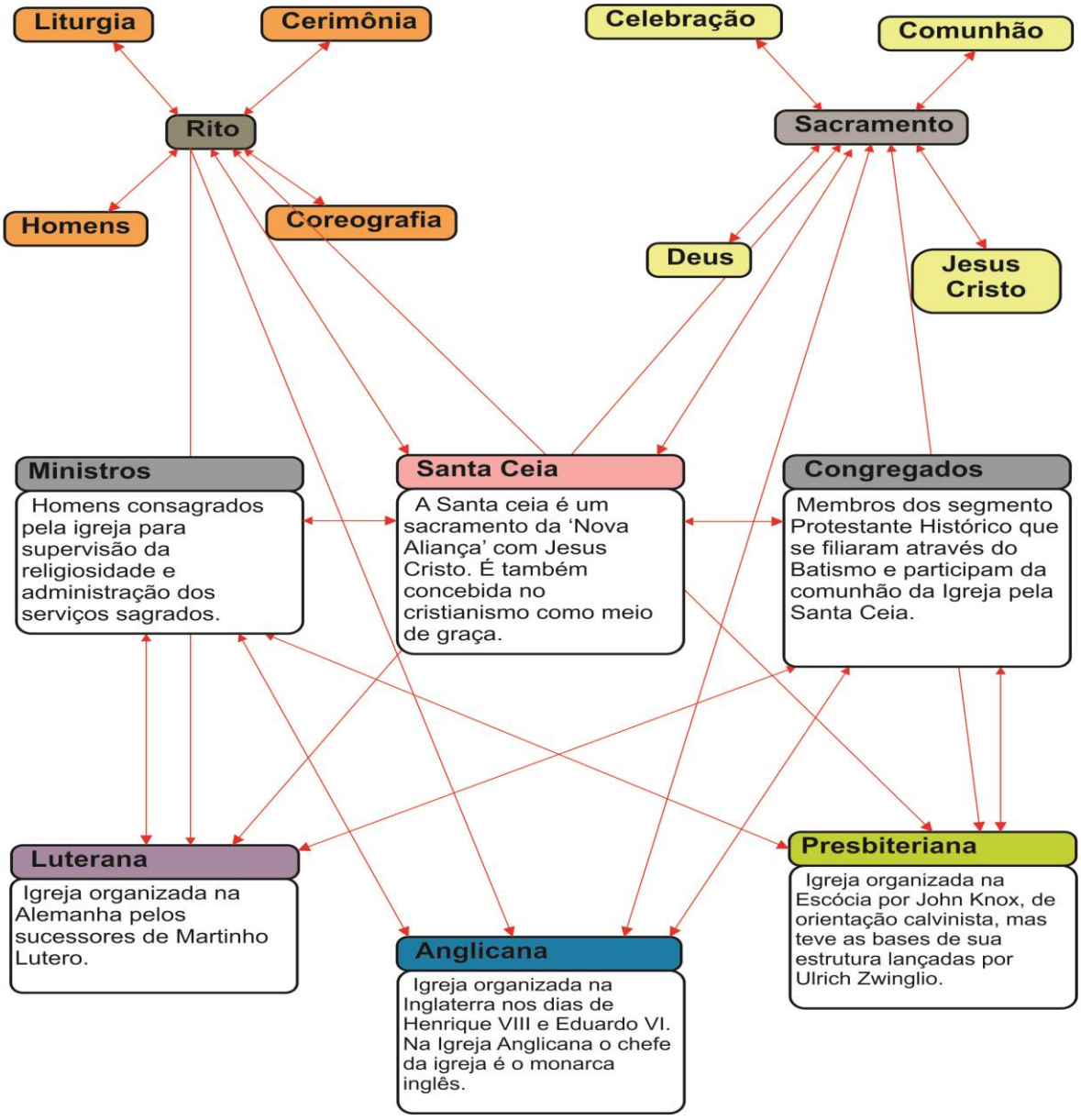
> É nesta intuição do poder de Deus como única realidade absoluta que encontram o seu ponto de partida todas as místicas e especulações ulteriores à volta da liberdade do homem e de suas possibilidades de salvação pelo respeito das leis e uma moral religiosa. A face de Deus ninguém é "inocente".

Alguns dos entrevistados de nossa pesquisa são sujeitos que em sua maioria tiveram um tipo de formação religiosa repassada por tradição familiar. Nesse processo de formação muito de sua imaginação simbólica esteve trabalhada por imagens e processos visuais em seus respectivos trajetos antropológicos que ocasionaram a sedimentação dos conteúdos que estes

[58] 1 Coríntios. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

receberam de suas denominações. Passamos agora a analisar a teia hermenêutica sobre a relação dos nossos colaboradores que congregam nas igrejas investigadas pelo (Esquema 08) e sua práxis religiosa, ilustrando as relações entre os 'congregados' e os conceitos envoltos nos códigos semânticos 'rito' e 'sacramento'.

Esquema 08 – Os Congregados e a relação com os conceitos rito e sacramento



O Esquema 08 ilustra a teia hermenêutica que envolve a relação que os participantes tem com suas respectivas denominações e com suas origens tanto institucionais quanto ideológicas. Os códigos semânticos visam demonstrar a relação dos entrevistados com os conceitos rito e sacramento.

Criado com ferramenta de pesquisa Atlas.ti 7. - Ilustrado por Erika R. A. Mendonça

Os elementos levados em consideração na análise dos congregados com relação aos conceitos de rito e sacramento no (Esquema 08), são os mesmos utilizados para os ministros, contudo visamos inteirar-nos se aquilo que os congregados têm a dizer sobre a relação rito e sacramento está ajustado ao que lhes foi transmitido em sua doutrinação pelo ministro e por sua igreja.

Sendo assim, soubemos que é transmitido pelos ministros aos congregados que a Santa Ceia é um sacramento da 'Nova Aliança' que Jesus Cristo efetuou com seus seguidores; que este rito é um meio de graça; e que o mesmo tem por mensagem o perdão de pecados; a vitória final sobre a morte; e a esperança da vida eterna, que é uma característica encontrada no seio da maioria das religiões. Sobre as características do 'mito do eterno retorno' e a esperança inata do estabelecimento eterno do 'tempo sagrado' para o homem, que Eliade (1998, p.331) afirma:

> Encontramos pois, no homem, a todos os níveis, o mesmo desejo de abolir o tempo profano e de viver no tempo sagrado. Ou melhor, encontramo-nos perante um desejo e uma esperança de regenerar o tempo na sua totalidade, quer dizer, de poder viver – "viver humanamente", "historicamente" – na eternidade, pela transfiguração da duração em um instante eterno [...] o homem aspira a um paraíso concreto e crê que a conquista desse paraíso pode se realizar *neste mundo*, na Terra, e *agora*, no instante atual. Nesse sentido, os mitos e os ritos arcaicos ligados ao espaço e ao tempo sagrado podem se reduzir, ao que parece, a outras tantas recordações nostálgicas de um "paraíso terrestre" e de uma espécie de eternidade "experimental", a qual o homem julga poder ter ainda pretensões de alcançar.

Este é exatamente o sentimento que um cristão tem com respeito a sua relação com o Criador. Este desejo foi expresso nos evangelhos na narrativa da conversa entre Jesus Cristo e um dos dois condenados que estava ao seu lado. Ao dizer a Jesus: "Mestre, lembra-te de mim quando entrares no teu reino", Jesus Cristo lhe respondeu: "Hoje mesmo estarás comigo no paraíso"[59]. Há aqui na fala reproduzida pelos evangelhos a certeza da iminência da morte, mas que está sendo acolhida com resignação e esperança, encontrando na 'função fantástica transcendental' ou função da imaginação, a eufemização da finitude.

O "Cristão comungante 9", uma jovem de 21 anos, congregada da Igreja Anglicana, ao conhecer os elementos da função fantástica expressa a conclusão que segue:

> Da morte, da morte [...] - Não a morte de Cristo, mas a morte [...] Olhe, não sei se todos poderiam parar para pensar nisso, mas talvez, porque a medida em que se fala

[59] Mateus. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

> da morte de Cristo, a gente fala da ressurreição, querendo ou não isso gera esperança, é assim como, como em um velório que se vai fazer uma pregação, tem que se falar de ressurreição, tem que se falar que Jesus venceu a morte, isso é importante, acredito que sim, talvez, possa dar uma esperança. Mas eu nunca tinha parado para pensar nisso. De gerar esse sentimento de enfrentamento da morte, não, nunca parei para pensar nisso não [...] eu não vou dizer que é uma coisa que eu já tinha parado para pensar não. Mas, vendo por esse lado acredito que sim. Gera esperança sim. (relato oral em 31/03/2015).

Quando a filosofia rompeu no período clássico e pré-clássico com o mito, a narrativa simbólica passou a tratar o discurso mítico como sendo falso e fantasioso. De acordo com a tese de Durand (2002) a palavra 'fantástica', se refere a imaginação, e no imaginário do homem, e segundo o teórico, tudo estaria no campo do fantástico.

Diante dessa constatação do estereótipo legado ao mito que Durand chama a sua teoria de ‘Teoria Geral do Imaginário’ e não ‘Teoria da Imaginação’, porque quando se fala de imaginação fala no âmbito subjetivo, abstrato, no campo do devaneio. No entendimento de Durand, falar do imaginário é tanto falar da subjetividade quanto da objetividade. A imaginação comumente revela o imaginário de uma pessoa, sua vida em sociedade, revelando sua cultura e tudo o que é mediado por ela.

O rito da Santa Ceia constitui-se para o indivíduo religioso cristão em uma oportunidade de ser encorajado por elementos de enfrentamento das faces do tempo através da comunhão transmitida pela mensagem dos símbolos eucarísticos. A 'função fantástica’ trabalha sobre o prisma da eternidade, e é por isso que ela sempre vai lutar contra a morte, é a 'função fantástica' transmutando-se em símbolo de enfrentamento, e esse símbolo está sendo repetidamente narrado pelo rito da Santa Ceia a cada vez que ele reconta a história pela narrativa simbólica.

O que Durand chama de ‘Estruturas Antropológicas do Imaginário’ é a articulação da estrutura mítica, a narrativa simbólica, aquilo que está por trás de processos que fazem o imaginário acontecer, gerando as imagens que o homem processa. O 'mito’ é preservado a cada reprodução do rito, com o tempo os símbolos podem até ser acrescentados como ocorreu com o rito Pascal,

No rito Pascal outros alimentos foram sendo inseridos naquela refeição, e que não estavam na instituição da Páscoa original, a exemplo da romã, e outros frutos da terra, a imaginação foi acrescentando elementos ao rito, mas os símbolos elementares, o pão ázimo, o vinho e o cordeiro serviram como base para a instituição do rito da Santa Ceia.

O mito enquanto narrativa simbólica cumpre seu papel de retornar a narrativa primordial que está na base mítica, e que é a base do símbolo. Símbolo e Mito para Durand são intercambiáveis. Na imaginação simbólica, Durand (2000) separa cada um deles, esclarecendo que o mito não chama para si o legado da verdade, ele é uma criação do homem diante das circunstâncias, ele não representa a realidade, é nesse aspecto que o rito será diferenciado do pressuposto cristão do sacramento.

Participar do sacramento da Santa Ceia no discurso de alguns entrevistados é aquele momento que eles não só são aceitos na mesa de Deus, mas ao se alimentarem dos elementos essenciais, Deus os está dizendo que os recebe por Cristo estar presente neles através dos elementos. Essa simbologia recorda a fala de Jesus Cristo no evangelho de São João quando diz que: "[...] meu corpo é verdadeira comida e meu sangue verdadeira bebida [...]"[60]

Pergunto ao "Cristão comungante 10", cristão anglicano, 67 anos, se ele vê relação entre o rito da Santa Ceia, como um dos chamados ritos alimentares, e a representação de alimentar-se do próprio Jesus Cristo. Nosso entrevistado responde:

> Com certeza é assim mesmo, e a Santa Ceia seria realmente um bom exemplo, quando você vê, Santa e Ceia. Ceia é no linguajar é comer, é partilhar é dividir, cear, quer dizer, no nosso Sertão cear é jantar. Mas no caso da ceia ai seria comer como um todo. Mas qual é o sentido não é? Porque o sentido ai não é o comer, mas sim é o chamado memorial ou relembrar que alguém morreu no seu lugar. Alguém inclusive que não tinha pecado e morreu no seu lugar, sendo você pecador. Então você vê que só ai tem um grande paralelo, só ai uma grande diferença não é? A ceia como um momento realmente de o alimento, mas o sentido dela, ou a troca, significado e sentido. (relato oral em 15/04/2015).

Os símbolos no rito da Santa Ceia estão organizados no Regime Noturno das imagens. Em 'Estruturas Antropológicas do Imaginário', Durand (2002, p.442) apresenta a 'classificação isotópica das imagens' onde elenca elementos recorrentes no rito da Santa Ceia, tanto narrativamente quanto representativamente classificados no Regime Noturno, é o caso dos símbolos da 'estrutura sintética': o Messias, a cruz, o sacrifício, o cordeiro.

Na 'estrutura mística', em Durand (2002, p.442), estão os conceitos: preservação, antífrase, realismo sensorial, analogia, similitude e os elementos homogeneizantes. Nos 'esquemas verbais', quanto a confundir: à descida, o possuir e o penetrar. Nos 'esquemas simbólicos': a taça, o recipiente, o alimento e a substância. E nos 'sistemas simbólicos': os engolidores e engolidos, o véu, o manto, o túmulo e o mais explícito, 'o vinho'.

[60] João. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

A estrutura mística irá opostamente relacionar-se com as ‘faces do tempo’, (a morte), através da postural digestiva. É o schéme da descida, em que o congregado se alimenta do pão e do vinho, realmente se ele é luterano, misticamente se ele é anglicano, ou representativamente se ele é presbiteriano, de acordo com o corpo de doutrinas de sua denominação que lhe foram transmitidos em seu trajeto antropológico.

Os elementos fisiológicos constituídos por símbolos alimentares permitem a transformação do objeto cósmico em paradoxo pela hierofania. Eliade (1998, p.34-35) afirma:

> [...] o *sagrado* é qualitativamente diferente do *profano*, embora se possa manifestar de qualquer modo e em qualquer lugar no mundo profano, e tem a capacidade de transformar todo objeto cósmico em paradoxo por intermédio da hierofania (no sentido de que o objeto deixa de ser ele próprio, como objeto cósmico, permanecendo aparentemente inalterado) (grifo do autor).

Conforme Eliade (1998), assim acontece com o símbolo no passo seguinte de nossa análise na TGI quanto ao processo fisiológico envolvendo os elementos pão e vinho, utilizados no rito da Santa Ceia. O alimento desce, e nessa descida ele é percebido sensorialmente pelo indivíduo, preenche a concavidade arquetípica, desce e se acomoda, aquecendo o corpo, traz prazer e satisfação. Terminada a descida ele se ajusta ao corpo, traz aconchego, nutre o indivíduo religioso, lhe comunica que estar nutrido é estar preparado para a vida pela representação digestiva.

O “Cristão comungante 8”, congregada da Igreja Anglicana, concorda com os significados proporcionados pela analogia entre o rito da Santa Ceia e o alimentar-se espiritualmente pelo sentido que ele representa. Sobre essa relação ela opina:

> Eu acredito que sim. Porque é exatamente como você disse, é como se elas realmente, é participar da mesa, é como você chamar um amigo seu para sentar na sua mesa, lá da sua casa, e participar de uma refeição. Isso gera intimidade. E esse ato realmente de se alimentar, de ingerir, o vinho, o suco enfim, e o pão, acho que faz com que as pessoas elas se sintam importantes e se sintam participantes daquilo. Ao mesmo tempo, como em uma simbologia de se alimentar do senhor mesmo. Eu acredito que sim. (relato oral em 31/03/2015).

O rito da Santa Ceia organiza as ideias do indivíduo religioso utilizando-se da dinâmica ‘narrativa simbólica’, o imaginário e a imaginação não confrontam o mundo real, ao contrário, organizam o mundo real, e lhe dão estrutura. É dessa forma que o imaginário proporciona ao congregado no rito da Santa Ceia, ao receber o sacramento, que este faça suas

escolhas, assuma novas posturas diante do auto-exame, decida entre o que lhe satisfaz, a vida desprovida de sentido se confronta com a visão de mundo que enxerga além do tangível. É dessa forma que a imaginação, "façam isso em memória de mim"[61], organiza o mundo real do *homo religiosus* a partir do seu imaginário. Ao final desta sessão ilustramos a teia hermenêutica (Esquema 7), onde os entrevistados falam de seu entendimento acerca do significado do rito da Santa Ceia para eles, e descrevem qual o sentido da Eucaristia na sua relação com o sagrado.

Nossa descrição da teia hermenêutica 'Os Congregados e a produção de sentidos na Santa Ceia' que segue após o relato do "Cristão comungante 1", (Esquema 07), conseguiu ser organizada a partir da escolha da metodologia da ATD para este processo de análise textual. A teia hermenêutica apresenta a rede semântica que envolve a decodificação de significados e a atribuição de sentidos dos congregados das igrejas oriundas do movimento da Reforma Religiosa do século XVI em relação ao memorial mais importante da cristandade, o sacramento Santa Ceia do Senhor.

O primeiro código semântico que destacamos é o que se refere aos sujeitos da pesquisa, os 'congregados', indivíduos religiosos que aderiram a instituições no século XXI que se inspiraram nos ideais do Protestantismo Histórico do século XVI. A participação destes indivíduos no rito da Santa Ceia se dá pela ascese do Batismo cristão, seja na infância, ou por ocasião de sua adesão a igreja quando adultos. O Batismo cristão é um rito comum às comunidades luterana, anglicana e presbiteriana, ou seja, todos os seus membros comungantes foram um dia batizados.

O código semântico 'congregados' se liga aos códigos 'fé' e 'pecado' em razão de ser estreita a compreensão desses elementos para explicar o significado e dar sentido ao rito da Santa Ceia. Pela doutrina cristã, Jesus Cristo, o centro da celebração do sacramento da Santa Ceia, foi sacrificialmente oferecido para o perdão dos pecados dos cristãos, que pela fé reconhecem sua entrega e confiam que Ele ressuscitou dentre os mortos. É sobre essa perspectiva que o "Cristão comungante 1", do gênero feminino, luterana, 59 anos, define o sentido da Santa Ceia para ela:

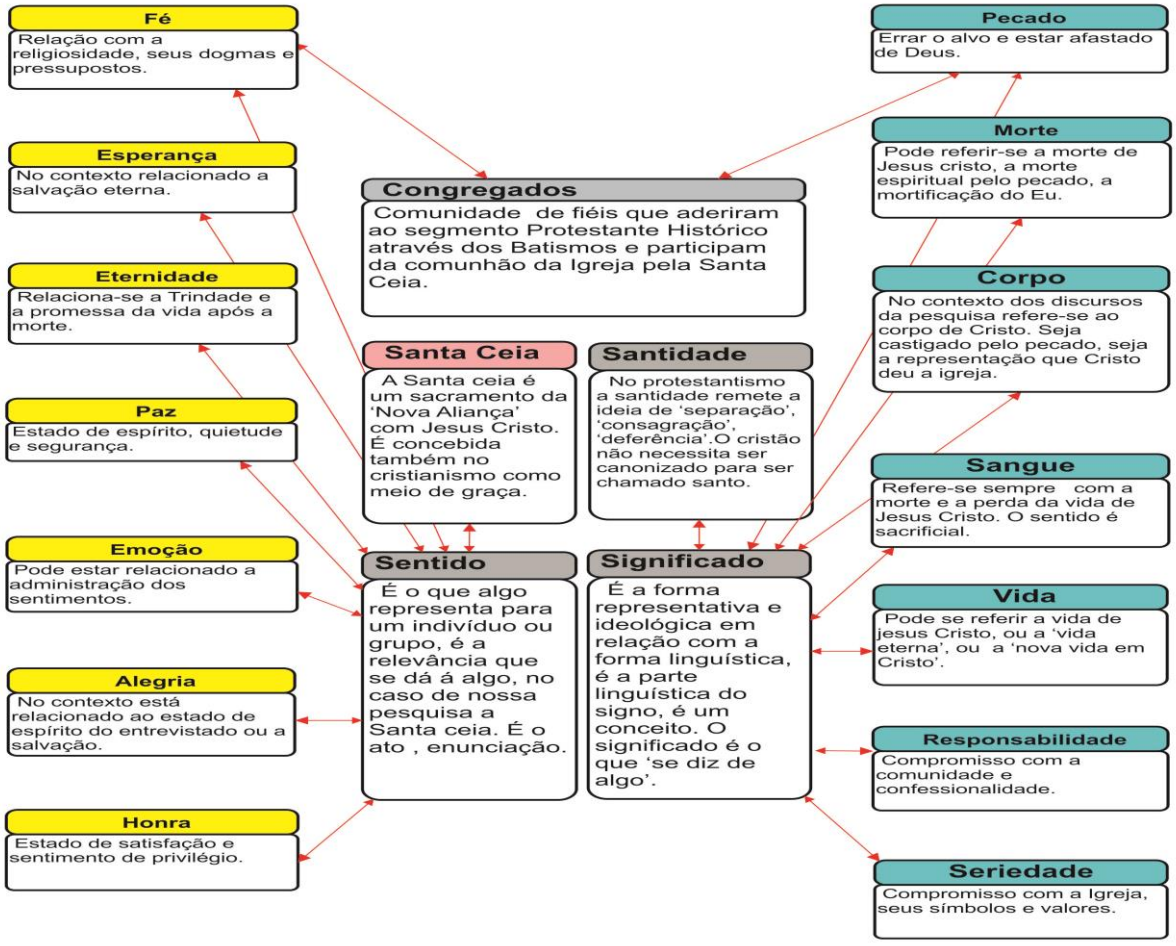
> O sentido da Santa Ceia para mim é o perdão dos pecados, porque a gente é humano e a gente peca não é? Tu tem que lutar contra ele. O fortalecimento da fé. E assim, que ele dá condição para a gente ter uma vida piedosa, uma vida de amor, conseguir transmitir o amor, ajudar ao próximo, e eu acho mais importante é a fé não é? Para manter acesa a fé da gente, até no próximo culto. A gente faz o possível para a fé

[61] Lucas. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

> estar acesa dentro da gente, não é? Eu acho que a Santa Ceia ativa isso. (relato oral em 18/03/2015).

Esta relação do congregado com o entendimento do significado do rito da Santa Ceia, os compromete com os ideais de santidade posicional, diante do preço de seus pecados que levou Jesus Cristo a ser morto por eles, desencadeando um processo imagético-sensível que se dá a partir da ordem de Jesus Cristo, de que eles deveriam recordar através do partir do pão e beber do cálice, a entrega do seu corpo como sacrifício, e o derramamento do seu sangue para que houvesse o perdão dos pecados dos seus seguidores. Vejamos pelo gráfico ilustrado pela teia hermenêutica (Esquema 09) acerca da relação dos nossos colaboradores que congregam nas igrejas investigadas e a produção de sentidos proporcionada pelo rito da Santa Ceia.

Esquema 09 – Os Congregados e a produção de sentidos na Santa Ceia



O Esquema 09 ilustra a teia hermenêutica dos elementos envoltos na participação do indivíduo religioso no rito da Santa Ceia, descrevendo passo a passo as posturas assumidas de acordo com os discursos dos entrevistados que congregam nas igrejas que colaboraram com a pesquisa.

Criado com ferramenta de pesquisa Atlas.ti 7. - Ilustrado por Erika R. A. Mendonça

Para confirmar a representação do (Esquema 09) analisamos, conforme segue, a entrevista do "Cristão comungante 2", do gênero masculino, é congregado da Igreja Anglicana, tem 31 anos. Quando perguntamos do valor que as pessoas dão a um culto com Santa Ceia, ele ressalta o valor do sacramento em função da sua experiência de conversão:

> As pessoas, elas criam um expectativa, eu também crio uma expectativa, porque assim, inclusive a minha conversão foi em uma Santa Ceia. Então, eu acho que não é nem à toa você estar falando nesse assunto. Porque naquele retiro que eu fui, lá a gente em um momento, o líder da juventude, hoje ele é também pastor ordenado, ele não era nem ordenado na época, ele estava começando o seminário, e ele era líder da juventude, e em um determinado momento ele fez o memorial da Ceia. Com um pão, um pão comum, e com suco de uva, e foi um memorial muito bonito, porque ele falou sobre tudo isso sabe, sobre o propósito de Deus, como Cristo foi perseverante e tudo mais, então aquilo mexeu muito comigo, e foi exatamente no momento da oração da Ceia, que eu pude perceber de fato o tamanho do sacrifício. Lógico que a gente ainda só sabe a pontinha de tudo, mas aquele momento da Ceia, foi onde eu me decidi. Foi esclarecedor, foi onde eu tomei uma decisão para onde eu iria e não deveria mais voltar. Para mim o momento da Ceia é muito importante. (relato oral em 06/04/2015).

Associada à compreensão das implicações que levaram a instituição do rito, está à descrição sobre a forma como se deva receber o sacramento da Santa Ceia, ou seja, o sacramento da 'Nova Aliança' no corpo e no sangue de Jesus Cristo deve ser recebido com fé, que é o elemento místico e espiritual dado aos homens e que dá sentido ao sacramento; a esperança credita ao sacramento a confiabilidade da promessa de redenção feita por Jesus Cristo aos que o recebem.

Esta igualmente associada a esse ato de fé o sentido de pertença a comunidade da fé, o que origina, segundo discurso dos colaboradores, uma satisfação que apenas pode ser definida pelas palavras de quem a experimenta. Novamente destacamos a fala do "Cristão comungante 3", mulher, da Igreja Presbiteriana, que tem 52 anos. Pedimos que ela defina o sentimento que tem em relação ao recebimento do sacramento da Santa Ceia, e sua satisfação ao recebe-lo:

> Com certeza. E é uma benção quando você realmente reconhece e sabe que é preciso deixar as coisas, mesmo que amanhã você volte a pisar, (na bola) [...] a gente sabe que infelizmente a nossa carne nos conduz a isso. Você tendo a consciência e você pedindo perdão e recebendo de Deus o quebrantamento, o perdão [...] e você participando da Santa Ceia, você se sente leve, é uma benção. E assim, aí vai uma particularidade, eu tenho muito prazer de ver o meu marido participando, é uma honra muito grande de estar ali conduzindo os elementos do Senhor e participando. É muito gratificante. (relato oral em 06/02/2015).

O estado de paz que o sacramento comunica aos participantes de que os mesmos, através da dignidade de Jesus Cristo, podem ter paz com Deus; e por fim, a constatação em praticamente todas as respostas dos entrevistados de que receber o sacramento da Santa Ceia é um momento de grande ‘emoção’, ‘alegria’ e ‘honra’, por todos os motivos que estão destacados em cada código semântico que foi destacado no (Esquema 09).

4.3.4 Quanto às relações textuais discursivas e os processos imagético-sensíveis acerca da Santa Ceia

Na literatura Durand passa a identificar a presença do ‘mito do herói’. Toda historia que se preze tem um herói protagonista e um vilão, monstro ou antagonista a ser destruído. Dai a ideia de uma estrutura heroica, onde alguém luta contra algo, contra o mal, ou um agente do mal. O Regime Diurno é o regime do enfrentamento, da luta, da guerra, da luz que faz oposição às trevas, que pode ser uma doença, um ser monstruoso, uma confederação de agentes do mal. O ‘mito do herói’ é a base da estrutura heroica organizada no Regime Diurno.

O “Cristão comungante 10”, diferentemente dos pressupostos do Regime Diurno da imagem, afirma não conceber que a Santa Ceia proporcione elementos de enfrentamento quanto à finitude. Ele cita:

> Eu não sei se eu diria um enfrentamento. Porque na verdade, por nós mesmos nós não somos capazes de nada, ele teve que fazer e pagar aquele preço justamente por isso. Aqui na nossa denominação, nós fazemos as duas ceia, fizemos a treze dias atrás na semana Santa. A gente faz a cerimonia do lava pés, então a gente começa aqui em baixo, faz a ceia judaica, aqueles elementos, o pão ázimo, as ervas amargas, tem a leitura lá do velho testamento. Depois a gente sobe, como se fosse aquela passagem lá não é? O pessoal saindo lá do Egito, nós vamos para nova, ali nós fazemos a, como sempre a gente sempre começa com um pedido de perdão, depois tem a cerimonia do, aliás, antes tem a cerimonia, a ceia sim agora cristã, a Eucaristia, depois a cerimonia do lava pés mostrando a nossa, quer dizer, como Jesus mostrou a humildade, nós mostramos também, e, eu não diria enfrentamento, porque a nossa capacidade é muito limitada, muito pequena, então nós temos que ter que sempre o mediador foi ele, haja vista que você hoje, quando você vê uma questão fúnebre, uma família, por mais cristã que a família seja, a perda de um ente querido sempre vai trazer transtornos, a tristeza o choro, não tem desespero, mas tem a dor. Porque a gente não está pronto para isso, ninguém está pronto para a morte. (relato oral em 15/04/2015).

Neste regime estão os símbolos da subida, símbolos da luz, e os símbolos da divisão entre o bem e o mal. Ele vai usar o cetro, o gládio, os dois arquétipos, que são os símbolos do herói. Pitta (2005, p.26) afirma que o Regime Diurno está “Ligado à verticalidade do ser

humano, este regime é o das matérias luminosas, visuais e das técnicas de separação e de purificação, das quais as armas (flecha ou gládio) são símbolos frequentes".

Os elementos cortantes são a espada, o machado, a faca, são os símbolos que partem, que dividem, símbolos de purificação, que separam o sagrado do profano, os rituais de purificação, a circuncisão, tudo que se dá com elementos cortantes, são símbolos da purificação, divisão, santificação.

A estrutura heroica ao gerar símbolos enfrentamento, passa a ser caracterizada como *esquizomorfa.* Quando alguém precisa enfrentar as lutas e 'matar um leão por dia' ele está produzindo imagens do Regime Diurno, para enfrentar a morte e o tempo, que surge para ele com símbolos *teriomórficos*, que são as imagens devoradoras geradas pelas faces do tempo, o enfrentamento ao ataque de *chronos*.

Apesar de constatarmos que o Regime Noturno das imagens possui maior relação com os elementos constituintes do rito da Santa Ceia, a TGI não restringe a manifestação de posturais reflexas do Regime Diurno envoltas na relação imagético-sensível dos participantes. É o que vemos no relato do "Comungante 11" tem 21 anos, e descreve a postura que assume em dias em que sabe que ocorrerá o rito da Santa Ceia em sua igreja. Ela descreve:

> Assim [...] É, toda vez que é dia de ceia a gente às vezes: 'Não vamos hoje não'. Ai no dia de ceia. 'Não. Hoje é dia de ceia, tem que ir'. Hoje é um dia assim, de se examinar, tal, só que como isso a gente não faz durante um mês, não sei o que, então a gente usa aquele domingo para ser o dia, então a gente faz questão de ir. Vamos dizer, eu faço questão de ir nos dias de ceia, no dia que vai ter a ceia. (relato oral em 13/03/2015).

A entrevistada se porta tal qual aquele que se levanta da queda e volta para a luta, para vencer a acomodação, que é o inimigo a ser derrotado na luta de que acabamos de falar. É a luta contra os símbolos *nictomórficos*. Os símbolos da noite, da escuridão, das trevas**,** que aqui não são relacionados ao Regime Noturno das imagens. Pitta (2005, p.30-31) cita:

> **hino à noite:** ao contrário da "noite diurna", na qual predomina o simbolismo da angústia, noite em que se escondem todos os perigos, a noite do regime noturno (ao contrário das trevas) vai ser a noite de paz. Nesse caso, a noite é o "avesso do dia", local de grande repouso. A noite divina. Ela é local de reunião, de comunhão. (grifo do autor).

O enfrentamento diurno se dará também pelos símbolos espetaculares, ascensionais, são os símbolos *catamórficos*, contra a queda, símbolos da subida. O herói luta contra a queda, contra a escuridão, todas essas imagens de enfrentamento estão no Regime Diurno.

No Regime Noturno a postura é oposta a utilizada no regime anterior. No Regime Noturno das imagens aceita-se as intempéries da vida e elas são acomodadas. A noite que outrora amedrontava, torna-se o lugar do aconchego, do acolhimento. O lugar de intimidade é igualmente o lugar da segurança, o abrigo, quando chega a noite o homem volta para casa, e quando os momentos são de depressão, o abrigo estará na escuridão da caverna. Ferreira-Santos e Almeida (2012, p.25) define:

> Outro símbolo importante da sensibilidade mística é a noite escura, a noite divinizada, tranquila do repouso e da comunhão, noite que é ventre, que como mar nos engole, que como túmulo nos abriga, que como mulher nos gera, feminilidade presente na percepção da natureza, na gestação da terra-fêmea, na liquidez viscosa dos conteúdos conformados por seus continentes, enfim, na homologia das imagens místicas que constelam sob o arquétipo da noite.

Determinadas atitudes e posturas simbolizam a casa, a torre de segurança, o alto refúgio, o castelo, a muralha em que o indivíduo se refugia, o seu conforto. Este lugar de acolhimento pode estar representado no abraço amigo, não só dos momentos de euforia, mas também nos momentos em que se este aterrorizado e abalado.

Há um relato de entrevista que nos chamou a atenção. Um grupo de congregados, mesmo a despeito de não ser orientado a isso, voluntariamente troca os elementos entre si significando comunhão e acolhimento. O "Cristão comungante 12" tem 25 anos, e nos descreve sua experiência:

> Normalmente eu fico prestando atenção ou se o coral vai cantar, se bem que o coral ultimamente não tem cantado. O que tem acontecido é que toca alguma música e ali eu presto atenção naquilo ali até o momento em que o elemento chega a mim e, ultimamente desde o ano passado, o pessoal que tá ali no banco comigo troca a [...] Eles trocavam, até alguns pegavam assim e me dava. Aí eu ficava [...] troquei, mas sem saber direito o porquê de eu estar trocando ali. Enfim [...] E a outra foi que em uma outra igreja, eles recebiam primeiro o pão e o vinho e eles esperavam que o pastor e que toda a igreja tivessem servida pra que eles comesse do pão e em seguida tomassem do vinho com a igreja toda junta. Então eu comecei a ver que eram atos de comunhão ou que pelo menos eles queriam passar uma ideia de comunhão com a igreja como um todo ou pelo menos com aquelas pessoas que estão ali ao seu redor [...] Pra gente é. Não só a gente tá trocando o pão pra simbolizar a comunhão da gente [...] Mas assim, é um momento que, não é que perca a seriedade do rito, da Ceia, mas que dá a sensação de que realmente você está numa mesa em comunhão com um grupo grande [...] um irmão olhou assim pra trás e me chamou pra justamente fazer a troca dos elementos com o resto do pessoal. E, pra mim, naquele momento talvez eu nem fosse participar, eu só fui porque ele realmente me chamou,

> porque eu estava em um momento onde eu precisava ficar um pouquinho a sós com Deus. E acho que foi a segunda vez dessa minha trajetória aí na Santa Ceia onde o rito fez todo um sentido, sabe? De eu me perceber pecador e aquilo ali representando tudo que Jesus fez por mim, todo pacto após aquilo que ele deixa e a lembrança do que é aquilo ali. (relato oral em 05/03/2015).

Ao acolher, acomodar, resignar, estará em atividade a divisão sintética do Regime Noturno. A postural reflexa relativa à descida entra na questão mística. Nessa ocasião com o "Cristão comungante 12" vemos em atuação elementos da postura sintética e mística cooperando para o estabelecimento do Regime Noturno da imagem. Há outro aspecto da TGI, que é o das dominantes reflexas.

Outro aspecto igualmente mencionado é de buscar a origem das imagens no 'trajeto antropológico', ou seja, no mundo de onde alguém vem e está inserido; tanto nas suas origens, quanto no seu habitat; na perspectiva do lugar onde chegar ou na dimensão geográfica em que se está, considerando a questão do tempo, espaço, clima, elementos que influenciam o tipo de imagem que as pessoas criam. Isso é bem característico das culturas, da forma de representar a vida, e dessa forma acontecerá no 'trajeto antropológico'.

O que verificamos em nossa pesquisa no tocante a análise do *corpus* é que em maior parte das entrevistas, a postural reflexa acessada pela deglutição, característica essencial do rito da Santa Ceia, deveria associar o ato de aceitação do fato da morte e a resignação diante das 'faces do tempo' como uma característica inerente do Regime Noturno. Ocorre todavia que os sentidos descritos pelos participantes do rito indicam um ato de renovação e encorajamento, o que os faz definir a Santa Ceia não como aceitação da morte, mas renovação da esperança da vida e da ressureição. Passamos a relatar os resultados obtidos em nossa pesquisa em nossas considerações finais na sessão que segue.

CONSIDERAÇOES FINAIS

> *Precisamos ter em conta essa qualidade primeira da retórica que é exprimir, quer dizer, transcrever um significado por meio de um processo significante. Ora, essa transcrição não é mais que a degradação do semantismo dos símbolos. Por isso, toda a retórica repousa nesse poder metafórico de transposição* (*translatio*) *do sentido.*
>
> *Gilbert Durand*

> *O conhecimento expresso pela imaginação simbólica é que permite re(a)presentar as particularidades das situações localizadas no tempo, acepção sócio-histórica; na existência, acepção psicológica; ou na obra de arte, acepção estética. Portanto, a mediação que o símbolo opera cumpre uma função: ele é a 'confirmação' de um sentido para uma liberdade pessoal.*
>
> *Ferreira-santos e Almeida*

Ao término de nossa jornada de busca dos sentidos envoltos no rito da Santa Ceia recordamos que nos propusemos a analisar nos discursos dos adeptos do protestantismo histórico, as imagens geradas pelo rito da Santa Ceia em seu imaginário cristão, no intuito de compreender a relação entre os sentidos gerados pelo rito e o signifcado dos símbolos essenciais pão e vinho, utilizados no sacramento, com vistas a preservação da *práxis* religiosa desse segmento do cristianismo.

Através da análise dos discursos de nosso *corpus*, foi possível verificar nos indivíduos religiosos que colaboraram com nossa pesquisa, imagens geradas a partir do imaginário dos adeptos do Protestantismo Histórico, em função de sua participação no rito da Santa Ceia, constatando nos respectivos relatos, a evidência das Estruturas de Sensibilidade, (FERREIRA-SANTOS; ALMEIDA, 2012), postuladas por Gilbert Durand (2002), que são as estruturas heroica, mística e dramática.

Utilizando-nos do referencial da imaginação simbólica de Durand (2000), constatamos o pressuposto de nossa pesquisa, que era a relação entre as estruturas de sensibilidade do imaginário no rito da Santa Ceia por meio tanto da evidência das imagens organizadas pelo Regime Noturno, como pela eufemização das 'faces do tempo', como fala recorrente nas entrevistas com os adeptos do protestantismo histórico em nosso campo empírico.

A metodologia da ATD aplicada ao *corpus*, nos discursos dos sujeitos, ampliou a compreensão de um rito repleto de sentidos para o segmento religioso investigado, tanto de ordem objetiva quanto subjetiva, através da comunicação de valores praticados por estes indivíduos em sua vivência religiosa.

Auxiliados pelo software *Atlas.ti*, ferramenta de análise qualitativa, ilustramos graficamente, as relações semânticas fornecidas pelos discursos dos sujeitos entrevistados, o que nos permitiu discorrer sobre os sentidos gerados através do rito da Santa Ceia, interpretando sua relação, com as estruturas de sensibilidade propostas na TGI, por meio de teias hermenêuticas, que permitiram ampliar a compreensão da forma como os adeptos do Protestantismo Histórico relacionam-se com o fenômeno religioso envolto no rito.

Nossa contribuição para compreensão dos sentidos atribuídos pelos adeptos das denominações (Luterana, Anglicana, e Presbiteriana), quanto à Santa Ceia, constatou a natureza cerimonial sagrada, e união mística, que os religiosos atribuem à participação consciente do rito, ocasião em que decodificam a ministração do celebrante, e discernem sobre o sistema simbólico envolto no mesmo.

Ao realizarmos o trabalho de observação participante nas comunidades investigadas, (Luterana, Anglicana e Presbiteriana), constatamos uma predisposição do *homo religiosus* ao *numinoso* (OTTO, 2007), na decodificação dos elementos relatados em seus textos sagrados. Contudo, verificamos certo nível de abstração dessas relações ao constatar distintas formas de reprodução do seu ato litúrgico, o rito, tornando a preservação da narrativa simbólica, diversificada em suas realizações, descaracterizando o conceito de identidade uniforme alegado no segmento.

O que queremos dizer com a leitura que fizemos em nosso trabalho de observação participante é que apesar dessas denominações alegarem uma identidade oriunda do movimento da Reforma Religiosa do século XVI, sua manifestação ritualística é muito diversificada, mesmo dentro da mesma denominação, apenas o binômio sagrado/profano, quanto a evidência dos elementos do tempo religioso (ELIADE, 1998), em suas práticas cúlticas, poderia ser considerado uniforme em relação ao rito observado.

Discorrer sobre o imaginário religioso dos participantes das igrejas protestantes históricas a partir das estruturas de sensibilidade sobre as imagens geradas por meio dos significados imagéticos do pão e do vinho essenciais ao rito sacramental da Santa Ceia originou nossa retórica dissertativa.

Constatar a relação entre os sentidos observados e descritos no processo da ATD, dissecando os dados coletados das entrevistas dos nossos textos sociais participantes do rito, sob o referencial do paradigma durandiano, ocasionou a resposta a nossa questão problema, sem, contudo, nos iludirmos pressupondo que esta análise esgotou o conhecimento do fenômeno religioso entre os protestantes históricos quanto a sua relação com o rito da Santa Ceia.

Olhar para prática do rito da Santa Ceia buscando compreender suas implicações tanto teológicas quanto antropológicas, e sua relação com o imaginário, nos permitiu encontrar no rito da Santa Ceia os elementos característicos da tese durandiana relativa às faces do tempo. O *modus operandi* de como o tempo se apresenta para o homem, obriga o indivíduo religioso a lidar com a angústia do tempo e da finitude através dos símbolos Eucarísticos do pão e do vinho administrados no rito da Santa Ceia, caracterizando o sacramento como elemento de enfrentamento da finitude, ainda que os religiosos não percebam esses processos.

O imaginário relativo ao rito da Santa Ceia vai estar organizado majoritariamente, (não inflexivelmente), no Regime Noturno das imagens, onde aquilo que é oposição a finitude é transformado, acomodado e eufemizado. A narrativa simbólica que relata a morte pela recordação do sacrifício de Jesus Cristo, simbolizado nos elementos pão e vinho, pela antífrase, transforma-se em esperança da vida eterna através da memória e fé em sua ressureição, proporcionando o enfrentamento da angústia do fato da morte. Para Durand (2002), as ciências da razão estão organizadas no Regime Diurno das imagens, que se opõem ao Regime Noturno, que em câmbio, organiza as imagens relacionadas à emoção, a afetividade, a sensibilidade, este tipo de imagem foi rejeitada, e tratada como não científica, coisa da 'louca da casa', a imaginação.

A narrativa simbólica é o que se diz, o rito é o que se faz, (USARSKI, 2007). A função do rito da Santa Ceia é renovar a narrativa simbólica nele envolta, trazer de volta a recordação "[...] fazei isso em memória de mim." Lucas 22.19. Quando um rito deixa de acontecer, a narrativa cai no esquecimento, quando é realizado, o rito não deixa a narrativa desaparecer. Sem o rito a narrativa perde a força, e só voltará se for renovada, se revestida de outra linguagem ritualística para voltar ao mundo real dos religiosos.

O rito da Santa Ceia está preservado porque sua mensagem hoje é tão atual quanto o foi nos dias de Jesus Cristo e isso remete à necessidade do homem não alimentar-se só do físico, mas igualmente do espiritual. O ato simbólico Pascal atravessou os séculos e foi ressignificado em Jesus Cristo, sendo sua mensagem representada nos nossos dias pelo rito da Santa Ceia.

Jesus realizou a Santa Ceia, no cenáculo de Jerusalém há dois mil anos atrás, quando nenhum dos cristãos do século XXI esteve lá. Porém, desde aquela ocasião, todos os meses, (em alguns lugares semanalmente), os cristãos espalhados no planeta Terra, se reúnem em torno do que chamam 'A mesa do Senhor', parte-se o pão, como fez o Senhor na noite em que foi traído, toma-se o cálice. O pão é multiforme, em uma igreja o pão é redondo, em outro lugar ele é quadrado. Há lugares em que o rito só é aceito com o pão com sem fermento. Em

outros o pão pode ter fermento. E dessa forma sempre voltando e renovando a narrativa simbólica preservando a mensagem do rito da Santa Ceia.

A exemplo do mito enquanto narrativa simbólica, o rito sempre irá acontecer, invocando a narrativa através dos símbolos.

Nossa pesquisa justificou-se no campo das Ciências das Religiões através da busca por identificar o fenômeno religioso entre os adeptos da religião protestante histórica por meio da participação de seus adeptos no seu mais importante rito, a Santa Ceia, sacramento que se torna âncora para os indivíduos desse segmento religioso que se percebem legitimados em sua relação com o sagrado ao praticá-lo.

O que significa para os adeptos do Protestantismo Histórico a simbologia dos elementos pão e vinho presentes no rito da Santa Ceia?

Significa que assim como um organismo necessita do alimento físico para sustentar-se e sobreviver, um cristão necessita alimentar-se de sua fé em Jesus Cristo para dar sentido a sua existência, e renovar-se enquanto ser, diante do fato de sua temporalidade. O sentido da Santa Ceia para os Protestantes Históricos é que ela é uma história de morte que lhes comunica uma esperança de vida.

Dentre as associações válidas para esta representação, ou seja, a ideia da comunhão com o Criador está à esperança da promessa das Escrituras Sagradas que diz: *"Muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus". Evangelho de São Mateus 8.1.*

REFERÊNCIAS

A CONFISSÃO DE FÉ DE AUGSBURGO. **Edição comemorativa 1530 - 2005.** São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura, 2005. 53p.

AGNOLIM, Adone. **História das religiões:** perspectiva histórico-comparativa. São Paulo: Paulinas, 2013. 384p. (Coleção repensando a religião)

ALVES, Magda. **Como escrever teses e monografias:** um roteiro passo a passo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 117p.

ANDRADE, **Estudos bíblicos doutrinários:** o tesouro teológico da confissão de fé de Westminster em 36 roteiros práticos. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999. 80p.

ASCOL, Thomas K. **Amado Timóteo:** uma coletânea de cartas ao pastor. São José dos Campos: Editora Fiel, 2005. 320p.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. 316p.

BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. **A pesquisa científica**: um guia para iniciação científica. SP: McGraw Hill, 1986, p. 87-114.

BERKHOF, Louis. **Teologia sistemática.** Trad. Odayr Olivetti. Campinas: Luz Para o Caminho Publicações, 1990. 791 p.

BÍBLIA. **Bíblia de estudo de Genebra**. Revista e atualizada. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. 1986p.

BIERLEIN, J. F. **Mitos paralelos:** uma introdução aos mitos no mundo moderno e as impressionantes semelhanças entre heróis e deuses de diferentes culturas. Trad. Pedro Ribeiro. Rio de Janeiro: Ediouro, 2011. 359p.

BORAU, José Luis Vázquez. **O fenómeno religioso.** Trad. Lara Almeida Dias - Traduvárius. Lisboa: Paulus, 2008. 314p. (Coleção Memória e Sociedade)

BORN, A. Van Den. **Dicionário enciclopédico da Bíblia.** Trad. Frederico Stein. Petrópolis: Vozes, 1986. 1591p.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989. 314p. (Coleção Memória e Sociedade)

BRANCO, Gustavo Leite Castelo. **Publicação eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por<alexandremendonca.ipb@gmail.com.> em: 08 jul. 2014.

BUYST, Ione. **O segredo dos ritos:** ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 2011. 216p. (Coleção celebrar)

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos:** uma história da igreja cristã. 2.ed. Trad. Israel Belo de Azevedo. São Paulo: Vida Nova, 1995. 512p.

CALVINO, João. **As institutas da religião cristã:** edição especial com notas para estudo e pesquisa. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. 3v.

_____. **As institutas da religião cristã:** edição especial com notas para estudo e pesquisa. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. 4v.

CASSIRRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem:** introdução a uma filosofia da cultura humana. Martins Fontes: São Paulo, 1994.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica.** 5.ed. SP: Prentice Hall, 2002, p. 63-106.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da evangelização do Brasil:** dos jesuítas aos neopentecostais. Viçosa: Ultimato, 2000. 191p.

COENEN, L.; BROWN, C. (Orgs.). **Dicionário internacional de teologia do novo testamento.** 2.ed. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. 1v.

COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **João Calvino 500 anos:** introdução ao seu pensamento e obra. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. 399p.

CURSO PREPARATÓRIO PARA A PÚBLICA PROFISSÃO DE FÉ. **Igreja Presbiteriana do Brasil**. São Paulo: Editora Cultura Cristã,[s.a.] 64p.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário:** introdução à arquetipologia geral. Trad. Hélder Godinho. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 552p. (Coleção biblioteca universal)

_____. A imaginação simbólica. Trad. Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Edições 70, 2000. 112p.

_____. Mito, e sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas. Trad. Nuno Júdice. Lisboa: A Regra do Jogo, Edições. 1983. 64p. (Ensaios nº7).

_____. **O imaginário:** ensaio acerca das ciências e da filosofia das imagens. Trad. René Eve Levié. 3.ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011. 124p. (Coleção enfoques)

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** 2.ed. São Paulo: Paulus, 200. 536p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 110p. (Tópicos)

_____. **Tratado de história das religiões**. Vários Tradutores. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 479p.

FERREIRA-SANTOS, M.**;** ALMEIDA**,** R. de. **Aproximações ao imaginário:** bússola de investigação poética. São Paulo: Képos, 2012. 176p.

FLAMEJANTE a chama, parte 1: o inicio da reforma protestante. Family Christian Movies Com. Manaus: BV Films, 2010. 1 DVD vídeo (76 min.): DVD, son., color. Legendado. Port.

FOX, John. **O livro dos mártires:** a história dos sofrimentos e morte dos cristãos primitivos e dos mártires protestantes. Vários tradutores. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 449p.

GUEDES, Ivan Pereira, **O que é Protestante?** 2012. Disponível em:< http://historiologiaprotestante.blogspot.com.br > Acesso em: 18 jul.2014

GOMES, Eunice Simões Lins. **A catástrofe e o imaginário dos sobreviventes:** quando a imaginação molda o social. 2ed. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. 176p.

_____. (Org.) **Em busca do mito:** a mitocrítica como método de investigação do imaginário. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. 112p. (Coleção ciências das religiões)

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é ciência da religião.** Trad. Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005. 167p. (Coleção repensando a religião)

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática.** Vários tradutores. São Paulo: Vida Nova, 1999. 1046p.

HARRIS, R. L.; ARCHER Jr, G. L.; WALTKE, B. K. (Orgs.). **Dicionário internacional de teologia do antigo testamento.** Vários Tradutores. São Paulo: Vida Nova, 1998. 1796p.

HOCK, Klaus. **Introdução à ciência da religião.** Trad. Monika Ottermann. São Paulo: Edições Loyola, 2010. 270p.

HODGE, A. A. **Confissão de fé de Westminster comentada.** Trad. Valter Graciano Martins**.** 2 ed. Revista e atualizada. São Paulo: Editora Os Puritanos, 1999. 596p.

IGREJA LUTERANA. **Revista teológica pastoral da Igreja Evangélica Luterana do Brasil:** uma revista para os adultos em Cristo. Porto Alegre, v.38, n.1, p. 59-71, abr/jun. 1978

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Trad. Maria Luiza Appy, Dora Marione Ferreira da Silva 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 447p.

_____. **Psicologia e religião.** Trad. Rascher & Cie. AG. Verlag. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965. 120p.

KRETZMANN, Karl, **O que ensinam os luteranos?** 34 ed. São Paulo: Hora Luterana – A Voz da Cruz, s.d. 16p.

_____. **O que ensinam os luteranos?** São Paulo: Hora Luterana, s.d. 16p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011. 318p.

_____. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7.ed. 6. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012. 280p.

LIVRO DE ORAÇÃO COMUM BRASILEIRO. **Diocese do Recife – Comunhão Anglicana.** Recife: Diocese do Recife, 2008. 639p.

MAIER, Paul L. **Josefo:** los escritos esenciales. Trad. Santiago Escuain. Michigan: Editorial Portavoz, 1992. 399p.

MANUAL LITURGICO. **Igreja Presbiteriana do Brasil.** 2 ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana,1992. 360p.

MARDONES, José Maria. **A vida do símbolo:** a dimensão simbólica da religião. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas, 2006. 264p. (Coleção espaço filosófico)

MATA, Sergio da. **História & religião.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 156 p. (Coleção História &... Reflexões, 13).

MATOS, Alderi Souza de. **Uma igreja peregrina:** história da Igreja Presbiteriana do Brasil de 1959 a 2009. São Paulo: Cultura Cristã, 2009. 400p.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. **Análise textual discursiva.** 2.ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. 244p.

NASCIMENTO, Adão Carlos. **Curso para catecúmenos:** o que você precisa saber antes da confissão de fé e batismo. 4 ed. Santa Bárbara do Oeste: SOCEP, 2001. 134p.

NASSER, Maria Celina Cabrera. **O uso de símbolos:** sugestões para sala de aula. São Paulo: Paulinas, 2006. 96p. (Coleção temas do ensino religioso).

OTTO, Rudolf. **O Sagrado:** os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Trad. Walter O. Schulupp. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópoles: Vozes, 2007. 225p.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank. (Orgs.). **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2013. 704p.

PETERSON, Eugene. **Subversive spirituality**. Grand Rapids. MI: William B. Eerdmans Publishing Co., 1994, 132p.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2005. 110p. (Coleção filosofia)

RIBEIRO, Alvares Jorge O. **História da Igreja Presbiteriana da Parahyba:** Os primórdios. João Pessoa: Gráfica e Editora Fênix, 2003. 109p.

RIBEIRO, Lídice Meyer Pinto. Reimplantes dentários. **Análise Antropológica dos Símbolos da Igreja Presbiteriana do Brasil**. São Paulo, v. 10, n. 2, p. 41-72, 2012.

SMITH, Ralph L. **Teologia do antigo testamento:** história, método e mensagem. Vários tradutores. São Paulo: Vida Nova, 2001. 448p.

SINGH, Tarsem. **Immortals.** Imagem filmes, (filme vídeo). USA, produtor. Gianni Nunnari, Mark Canton, Ryan Kavanaugh. 1 DVD (110 min.), son. Trevor Morris, color. Legendado. Port.

SPROUL, R.C. **Verdades essenciais da fé cristã.** 4 ed. 3º caderno. Editora Cultura Cristã,2010. 64p.

TEIXEIRA, Faustino. (Org.). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil:** afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2008. 351p. (Coleção religião e cultura)

TERRIN, Aldo Natale. **O rito:** antropologia da ritualidade. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2004. 448p. (Coleção estudos antropológicos)

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé.** 5.ed. Trad. Walter O. Schlupp. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1996. 90p.

USARSKI, Frank. **O espectro disciplinar da ciência da religião**. São Paulo: Paulinas, 2007. 312p. (Coleção repensando a religião)

VILHENA, Maria Angela. **Ritos:** expressões e propriedades. São Paulo: Paulinas, 2005. 160p. (Coleção temas do ensino religioso)

VOS, Johannes Geerhardus. **Catecismo maior de Westminster comentado.** Trad. Marcos Vasconcelos. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2007. 656p.

WATSON, Thomas. **A ceia do senhor.** Recife: Os Puritanos, 2015. 87p.

XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA., 2011 São Paulo. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História.** São Paulo: ANPUH, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO E ANUÊNCIA DE TRABALHO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE.

AUTORIZO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo voluntariamente a *Alexandre Mendonça da Silva*, CPF 775.516.644-91, residente à Rua Paulo Franca Marinho, 101 – Bloco B – Ap. 601 – Residencial Recanto das Artes – Bairro: Miramar, CEP. 58.032.150, João Pessoa - PB, pesquisador vinculado ao PPGCR - Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB, a realizar trabalho de observação participante na_____(NOME DA IGREJA)_____bem como coletar informações por mim fornecidas, em mídias impressas e digitais de cunho científico e cultural bem como do rito investigado na pesquisa 'A Santa Ceia e o imaginário cristão protestante: rito, símbolo e produção de sentidos.

Esta autorização inclui o uso de registro fotográfico e registro de voz, bem como as informações por mim fornecidas à *Alexandre Mendonça da Silva* assim como das reuniões registradas em vídeo de nossa comunidade em mídias impressas e digitais, independentemente do processo de transporte de sinal, suporte material, tratamento gráfico e audiovisual e reprodução e exibições, no Brasil ou no exterior, por meio de qualquer meio de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material autorizado destina-se à produção de obra intelectual, sem fins lucrativos, organizada, e de titularidade, conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

João Pessoa, _____ de _____ de 2015.

Nome: _____

CPF: _____

Endereço: _____

_____

Assinatura do ministro

APÊNDICE B – TRABALHO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE EM IGREJA

Local: Onde a comunidade se reúne.
Radicação na cidade: Tempo em que está instalada na cidade de João Pessoa.
Data da observação: Dia em que o trabalho de observação participante foi realizado.
Hora: Tempo do trabalho de observação.
Celebrante do rito: Nome do celebrante
Tempo de atividade do celebrante: Tempo de exercício do celebrante em seu ofício.
Da atividade do celebrante: Que funções o celebrante desempenha?
Rito celebrado: Descrição do rito.
Duração do rito: Tempo em que foi realizado.

TRABALHO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

1. Quem frequenta o lugar?
2. Quantos estão presentes?
3. Há pessoas com necessidades especiais?
4. Quais os grupos de pessoas presentes? (faixa etária)
5. Roteiro em ordem cronológica dos eventos no local.
6. Observar como as coisas se processam antes e também depois da cerimonia.
7. Descrever o esquema espaço-temporal dos distintos lugares onde a cerimonia é realizada.
8. Descrever a decoração, (perguntar a quem faz porque decorou daquela forma).
9. Quais os usos e a título de que se usa em outras atividades o lugar da cerimonia?
10. Em que horário a cerimonia é realizada?
11. O que o pesquisador fez?
12. O que o pesquisador ouviu?
13. O que ocasionou desconforto ou chocou o pesquisador?
14. O que agradou e admirou o pesquisador?
15. Registro e descrição do Rito da Santa Ceia.

Análise provisória do pesquisador.

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

TÍTULO DO PROJETO DE DISSERTAÇÃO: A SANTA CEIA E O IMAGINÁRIO CRISTÃO PROTESTANTE: RITO, SÍMBOLO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS.

MESTRANDO: Alexandre Mendonça da Silva
ORIENTADORA: Profª. Drª. Eunice Simões Lins Gomes

Prezado senhor(a);

Eu, Alexandre Mendonça da Silva, aluno do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, conforme credencial e declaração institucional em anexo, orientado pela Profª. Drª. Eunice Simões Lins Gomes gostaria de convidá-lo (a) para participar da pesquisa intitulada: **A SANTA CEIA NO IMAGINÁRIO CRISTÃO PROTESTANTE: RITO SÍMBOLO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS,** que tem como objetivo compreender e analisar as imagens geradas com a prática do rito da Santa Ceia nos adeptos das denominações protestantes históricas oriundas da reforma religiosa do século XVI com o intuito de identificar a relação existente entre o rito da Santa Ceia e as estruturas antropológicas heroica, mística e dramática propostas na Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand, (1997).

Nossa pesquisa pretenderá descrever sobre o referencial da imaginação simbólica o rito da Santa Ceia praticado pelos adeptos do protestantismo histórico, analisando as imagens presentes no rito a partir das estruturas antropológicas do imaginário para assim, discorrer sobre o imaginário religioso dos celebrantes e comungantes das igrejas oriundas do protestantismo histórico ao participarem da Santa Ceia.

Ressalto que esta investigação contribuirá para ampliar através da análise dos elementos comuns ao rito analisado nos respectivos sistemas simbólicos de cada instituição pesquisada, a compreensão do fenômeno religioso e consequente transmissão de conhecimento sobre a religiosidade e ritualidade praticada nos indivíduos adeptos dos segmentos religiosos oriundos da reforma religiosa da cristandade no século XVI.

Para a realização desta pesquisa, solicito sua colaboração participando de uma entrevista que nos permitira realizar os procedimentos propostos. Considerando o que reza as RESOLUÇÕES do CNS Nº 466/2012 e 196-96/2012, toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco aos envolvidos, o dano eventual que este estudo poderá ocasionar-lhe de imediato é inócuo, no máximo um possível desconforto psicológico no ato de expressar-se

quanto ao sentido que atribua ao rito analisado do qual religiosamente participa, ou mesmo relativo ao tempo de duração em que se sujeite à entrevista.

Faz-se oportuno esclarecer que, a sua participação na pesquisa é voluntária, portanto, você não é obrigado a fornecer informações e/ou colaborar com atividades solicitadas pelo pesquisador, podendo requerer a sua desistência a qualquer momento do estudo, fato este que não representará qualquer tipo de prejuízo em seu relacionamento com a instituição da qual faz parte.

Ressalto igualmente que esta pesquisa não trará nenhum dano previsível à sua pessoa, visto que sua participação consistirá tão somente em conceder a entrevista de natureza semi-estruturada ao pesquisador. Considerando a relevância da temática no campo das religiões e religiosidades, solicito a sua permissão para disseminar o conhecimento que será produzido por este estudo em eventos da área de religiões e religiosidades. Para tanto, seu nome não será divulgado nas publicações acadêmicas a que se submeterão os resultados da pesquisa e sua identidade será mantida em anonimato, bem como as possíveis informações confidenciais fornecidas.

Em sendo concedido seu aceite, você receberá uma cópia do **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,** (TCLE), e este pesquisador estará à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa do processo de pesquisa.

Diante do exposto, caso venha a concordar em participar da investigação proposta, convido o (a) você conjuntamente comigo, a assinar o presente termo em duas vias.

CONSENTIMENTO

Considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, bem como da minha participação como entrevistado, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, bem como concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos. Informo que recebi uma cópia deste termo.

Em virtude de o TCLE encontrar-se em mais de uma página, as demais serão rubricadas pelo pesquisador e sujeito da pesquisa.

João Pessoa, / / 2015.

_____

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

_____

Assinatura do Pesquisador Responsável

_____

Nome do participante (*por extenso)*

e-mail_____

Celular ( ) _____._____

Outro ( ) _____._____

Caso necessite de maiores informações sobre a pesquisa, favor entrar em contato com o pesquisador pelo telefones (083) 8847-9769 ou endereços abaixo:

- Endereço comercial (setor de trabalho): Universidade Federal da Paraíba, Campus I, Reitoria - PRA, Jardim Cidade Universitária – Castelo Branco III, João Pessoa/PB. Telefone: 3216-7577 / 3216-7411.
- Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (UFPB). Universidade Federal da Paraíba, Campus I, CE. Telefone: 8813-4916

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde – CEP/PPGCR/UFPB. Endereço: Campus I , S/N - Cidade Universitária - João Pessoa-PB. CEP: 58050-000 Fone: (83) 3216-7791.

APÊNDICE D – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

TEXTO DE ABERTURA DE ENTREVISTA PARA MINISTRO

Entrevista com _____(NOME DO ENTREVISTADO COLABORADOR_____, no dia __ de _____ de 2015, no(a)_____(LOCAL)_____, como colaboração a Dissertação: 'A Santa Ceia e o Imaginário Cristão Protestante: rito, símbolo e produção de sentidos. Entrevista concedida ao PPGCR - Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba.

1. Qual a origem de sua orientação religiosa?
2. Há quanto tempo faz parte de uma igreja de tradição reformada?
3. Como você descreveria sua relação com o rito da Santa Ceia?
4. Na sua experiência como ministro, um domingo 'sem a Santa Ceia' é diferente para os fiéis de sua paróquia?
5. Descreva suas rotinas em um dia em que esteja escalado para ministrar a Santa Ceia.
6. Descreva a simbologia envolta nos elementos Pão e Vinho utilizados como significantes na Santa Ceia.
7. Há algum ato de reverência em relação aos símbolos? Como você se relaciona com os símbolos físicos da Santa Ceia?
8. O que há de comum na Santa Ceia? Como são os elementos da Santa Ceia? (sua composição). Eles assumem uma posição sacra na liturgia?
9. Em sua opinião há algum prejuízo ou motivo para que alguém que se priva de participar da Santa Ceia? O que significaria participar desse rito sem compreender suas implicações e significantes?
10. Você enquanto ministro já precisou privar, por motivo de disciplina ou algo parecido, alguém de participar da Santa Ceia?
11. Com que idade alguém pode começar a participar da Santa Ceia? Há alguma preparação prévia ou instrução para que se possa participar?
12. Quais são os requisitos na sua igreja para que alguém participe da Santa Ceia? Alguém que esteja trabalhando na igreja e não esteja no local de celebração pode receber os elementos da Santa Ceia?
13. Em sua opinião há diferença entre rito e sacramento?
14. Todos os cristãos que sejam de outra denominação religiosa podem participar da Santa Ceia na sua denominação?
15. Você enquanto ministro participaria da Santa Ceia em uma igreja que não fosse da sua denominação? Se não explique as razões.
16. Em sua opinião há diferença entre as palavras significado e sentido? Entendendo que sim, explique qual seria esta diferença.
17. Qual o sentido da Santa Ceia para você? Contribua descrevendo-o de forma pessoal.

Análise provisória do pesquisador.

APÊNDICE E – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

TEXTO DE ABERTURA DE ENTREVISTA PARA CONGREGADO

Entrevista com _____(NOME DO ENTREVISTADO COLABORADOR_____, no dia __ de _____ de 2015, no(a)_____(LOCAL)_____, como colaboração a Dissertação: 'A Santa Ceia e o Imaginário Cristão Protestante: rito, símbolo e produção de sentidos. Entrevista concedida ao PPGCR - Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

1. Qual a origem de sua orientação religiosa?
2. Há quanto tempo faz parte de uma igreja de tradição reformada?
3. Como você descreveria sua relação com o rito da Santa Ceia?
4. Na sua experiência, um domingo 'sem a Santa Ceia' é diferente para os fiéis de sua comunidade?
5. Há algum ato de reverência em relação aos símbolos? Como você se relaciona com os símbolos físicos da Santa Ceia?
6. Descreva a simbologia envolta nos elementos Pão e Vinho utilizados como significantes na Santa Ceia.
7. O ato de ingerir os elementos remetem a uma relação de comunhão com a divindade?
8. O que há de comum na Santa Ceia? Como são os elementos da Santa Ceia? (sua composição). Eles assumem uma posição sacra na liturgia?
9. Em sua opinião há algum prejuízo ou motivo para que alguém se prive de participar da Santa Ceia? O que significaria participar desse rito sem compreender suas implicações e significantes?
10. Com que idade alguém pode começar a participar da Santa Ceia na sua denominação? Há alguma preparação prévia ou instrução para que se possa participar?
11. Quais são os requisitos para que alguém participe da Santa Ceia? Uma pessoa que esteja trabalhando na igreja e não esteja no local de celebração pode receber os elementos da Santa Ceia?
12. Em sua opinião há diferença entre rito e sacramento?
13. Na Santa Ceia a temática da morte é abordada. Este rito essencial aos cristãos proporciona estímulo para o enfrentamento do fato da morte?
14. Todos os cristãos que sejam de outra denominação religiosa podem participar da Santa Ceia na sua denominação?
15. Você participaria da Santa Ceia em uma igreja que não fosse da sua denominação? Se não explique as razões.
16. Em sua opinião há diferença entre as palavras significado e sentido? Entendendo que sim, explique qual seria esta diferença.
17. Qual o sentido da Santa Ceia para você? Contribua descrevendo-o de forma pessoal.

Análise provisória do pesquisador.

APÊNDICE F – SOLICITAÇÃO DE QUALIFICAÇÃO DE DISSERTAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões

ILUSTRÍSSIMO SR.(ª) COORDENADOR(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB

SOLICITAÇÃO

Alexandre Mendonça da Silva, aluno regular do **Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – UFPB**, inscrito sob a **matrícula 2013114165** no PPG-CR, período 2013-2, vem respeitosamente perante V.Sª, solicitar a recepção e marcação pelo colegiado do PPG-CR-UFPB de Banca Examinadora para Qualificação da Dissertação: **A SANTA CEIA NO IMAGINÁRIO CRISTÃO PROTESTANTE:** RITO, SÍMBOLO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS, sob a presidência da orientador (a) **Professora Pós Drª Eunice Simões Lins Gomes**.

Sem mais,

Pede e aguarda deferimento.

Alexandre Mendonça da Silva
2013114165

João Pessoa, 27 de junho de 2014

Recebido em 27/06/2014
PPGCR
UFPB-CE

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

PROGRAMA DE PÓS GRAGUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES – PPGCR

João Pessoa, 01 abril de 2014

O Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, em sua 71º Reunião do Colegiado Deliberativo, aprovou o encaminhamento de Alexandre Mendonça da Silva 2013114165, com o projeto de pesquisa na linha Religião, cultura e sistemas simbólicos, cuja temática é "A SANTA CEIA NO IMAGINÁRIO CRISTÃO PROTESTANTE: RITO, SÍMBOLO E PRODUÇÃ DE SENTIDOS", para submetê-lo ao Comitê de Ética em Pesquisa.

Prof. Dr. Deyve Redyson Melo dos Santos
Coordenador do PPGCR

Profº Drº Deyve Redyson
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões - DCR/CE/UFPB
SIAPE: 247868-1

MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa:	2. Número de Participantes da Pesquisa:
A Santa Ceia e o Imaginário Cristão Protestante: rito,simbolo e produção de sentidos.	35

3. Área Temática:

4. Área do Conhecimento:
Grande Área 7. Ciências Humanas

PESQUISADOR RESPONSÁVEL

5. Nome:
Alexandre Mendonça da Silva

6. CPF:	7. Endereço (Rua, n.º):		
775.516.644-91	PAULO FRANCA MARINHO MIRAMAR 601 - B JOAO PESSOA PARAIBA 58032150		
8. Nacionalidade:	9. Telefone:	10. Outro Telefone:	11. Email:
BRASILEIRO	(83) 8847-9769	(83) 32217075	alexandremendonca.ipb@gmail.com

12. Cargo:

Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.

Data: 17 . 04 . 2015

Assinatura

INSTITUIÇÃO PROPONENTE

13. Nome:	14. CNPJ:	15. Unidade/Órgão:
Universidade Federal da Paraíba		Programa de Pós-graduação em Educação

16. Telefone:	17. Outro Telefone:
(83) 3216-7140	(83) 8813.4916

Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.

Responsável: Wilson Honorato Aragão CPF: 132409864-34

Cargo/Função: Diretor/Professor

Data: 17 . 04 . 2015

Assinatura

Wilson Honorato Aragão
Diretor do CE/UFPB
Mat. SIAPE 11176381

PATROCINADOR PRINCIPAL

Não se aplica.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A Santa Ceia e o Imaginário Cristão Protestante: rito,símbolo e produção de sentidos.

Pesquisador: Alexandre Mendonça da Silva
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 42350415.5.0000.5188
Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Educação
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.078.732
Data da Relatoria: 21/05/2015

Apresentação do Projeto:
O Projeto de Pesquisa- A Santa Ceia e o Imaginário Cristão Protestante: rito,símbolo e produção de sentidos, é da autoria de Alexandre Mendonça da Silva/Orientando e da Profª Eunice Simões Lins Gomes/Orientadora/Programa de Pós- Graduação de Ciências das Religiões/CE/UFPB.

Desenho:
Ampliar o conhecimento acadêmico quanto ao fenômeno religioso entre os adeptos
do protestantismo histórico, propomos uma pesquisa de campo de natureza qualitativa com delineamento etnográfico entre ministros e adeptos do protestantismo histórico na cidade de João Pessoa, capital da Paraíba, com o fim de observar seu cerimonial mais significativo, o rito da Santa Ceia.

Objetivo da Pesquisa:
OBJETIVO: Analisar, com base em seus respectivos discursos, as imagens geradas pela prática do rito da Santa Ceia nos adeptos das denominações protestantes históricas com o intuito de identificar as possíveis relações do rito com as estruturas de sensibilidade (heroica, mística ou dramática), propostas na Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand (1997).

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** eticaccs@ccs.ufpb.br

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Compreende-se que, toda pesquisa com seres humanos envolve risco com graus variados, e, ou, eventuais conforme prevê a RESOLUÇÃO CNS196/96 item V;

Beneficios:

Considera-se que, a investigação vai contribuir para ampliar através da análise dos elementos comuns ao rito da Santa Ceia analisado nos respectivos sistemas simbólicos de cada instituição pesquisada, a compreensão do fenômeno religioso e consequente transmissão de conhecimento sobre a religiosidade e ritualidade praticada nos indivíduos adeptos dos segmentos religiosos oriundos da Reforma Religiosa da cristandade no século XVI, a saber, Luteranos, Presbiterianos e Anglicanos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O Projeto de Pesquisa em questão está bem estruturado com as informações básicas, desenho do estudo, resumo, introdução, objetivos, riscos/benefícios,orçamento, cronograma de atividadaes, referências e outros. Também está incluída a documentação solicitada pela Resolução 466/2012/CNS/MS que regulamento os protocolos de pesquisas com os seres humanos.

Os documentos e correções solicitadas foram feitas e incluídos no Projeto- questionário,

correção da assinatura na folha de rosto, organização no cronograma.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória estão coerentes com o assunto abordado.

Recomendações:

As correções sugeridas foram realizadas, o Projeto pode ser executado plenamente.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

Continuação do Parecer: 1.078.732

JOAO PESSOA, 26 de Maio de 2015

Assinado por:
Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador)

Endereço: UNIVERSITARIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO **CEP:** 58.051-900
UF: PB **Município:** JOAO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 **Fax:** (83)3216-7791 **E-mail:** eticaccs@ccs.ufpb.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIDÃO

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou por unanimidade na 4ª Reunião realizada no dia 21/05/2015, o Projeto de pesquisa intitulado: **"A SANTA CEIA E O IMAGINÁRIO CRISTÃO PROTESTANTE: RITO, SÍMBOLO E PRODUÇÃO DE SENTIDOS"**, do pesquisador Alexandre Mendonça da Silva. Protocolo 070/15. CAAE: 42350415.5.0000.5188.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à apresentação do resumo do estudo proposto à apreciação do Comitê.

Andrea M. C. Lima
Andrea Márcia da C. Lima
Mat. SIAPE 1117510
Secretária do CEP-CCS-UFPB